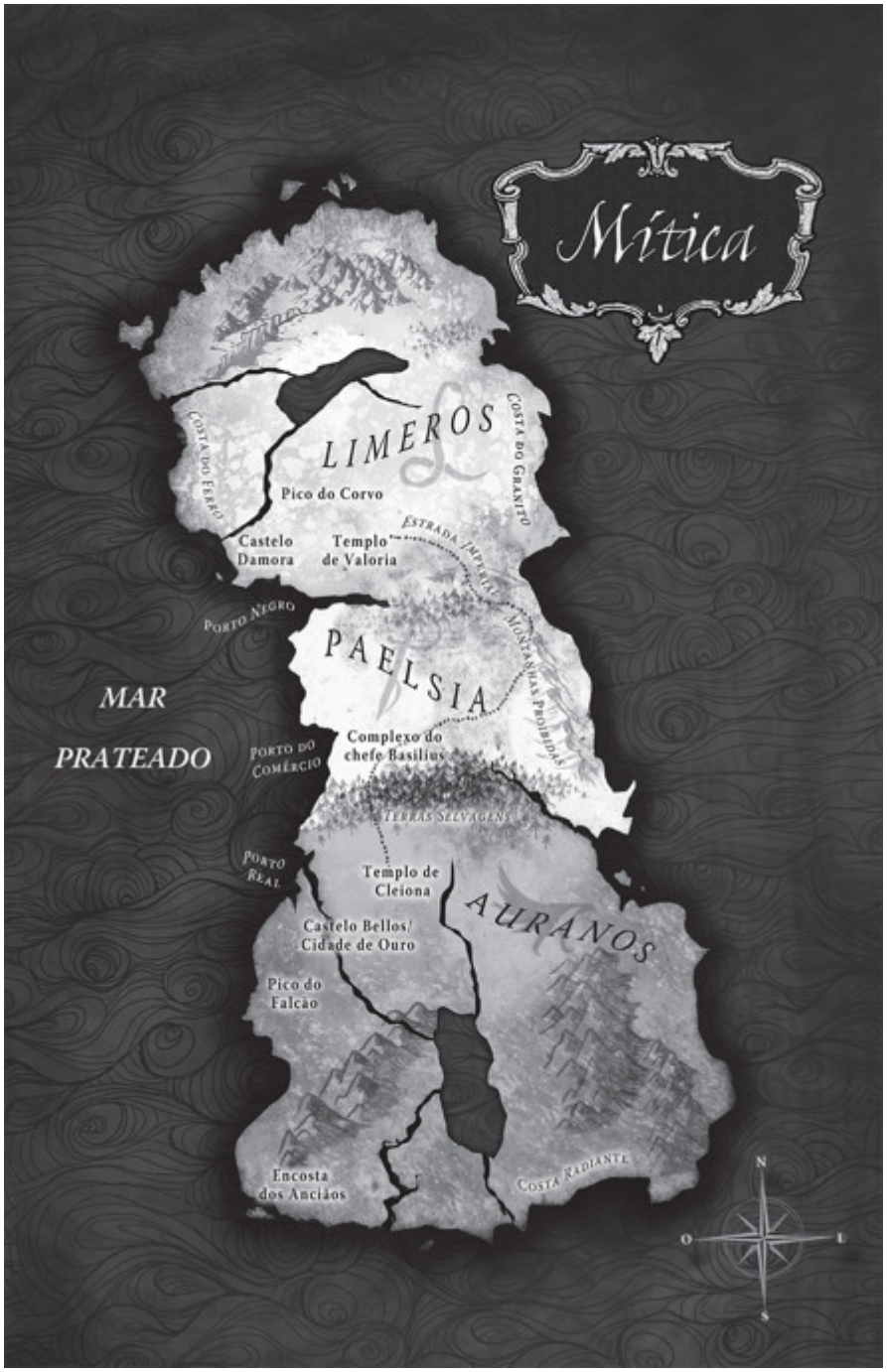
A QUEDA DOS REINOS VOL. 3



# A ASCENSÃO DAS TREVAS

MORGAN RHODES

SEGUINTE


Mítica
LIMEROS
Costa do Ferro
Costa do Granito
Pico do Corvo
Castelo Damora
Templo de Valoria
Estrada Imperial
Porto Negro
PAELSIA
Montanhas Proibidas
MAR PRATEADO
Porto do Comércio
Complexo do chefe Basilius
Terras Selvagens
Porto Real
Templo de Cleiona
AURANOS
Castelo Bellos/ Cidade de Ouro
Pico do Falcão
Encosta dos Anciãos
Costa Radiante
N
O
L
S

A QUEDA DOS REINOS VOL. 3

# A ASCENSÃO DAS TREVAS

MORGAN RHODES

Tradução
FLÁVIA SOUTO MAIOR

SEGUINTE
O selo jovem da Companhia das Letras

*O destino é instável quando a magia está em jogo…*

# PERSONAGENS

## LIMEROS

*Os Conquistadores*

| | |
|---|---|
| **Gaius Damora** | Rei |
| **Magnus Lukas Damora** | Príncipe e herdeiro do trono |
| **Lucia Eva Damora** | Princesa adotada; feiticeira, segundo a profecia |
| **Cronus** | Capitão da guarda |
| **Milo e Burrus** | Guardas do palácio |
| **Lorde Gareth** | Amigo do rei |
| **Lady Sophia** | Amiga do rei |

## TURANOS

*Os Derrotados*

| | |
|---|---|
| **Cleiona (Cleo)** | Princesa |
| **Nicolo (Nic) Cassian** | Melhor amigo de Cleo e guarda do palácio |
| **Nerissa Florens** | Aliada dos rebeldes |
| **Petros** | Aliado dos rebeldes |
| **Galyn** | Simpatizante dos rebeldes e dono da taverna |
| **Bruno** | Pai de Galyn |

## PAELSIA

*Os Rebeldes*

| | |
|---|---|
| **Jonas Agallon** | Líder rebelde |
| **Felix Gaebras** | Rebelde |
| **Lysandra Barbas** | Rebelde |
| **Gregor Barbas** | Irmão de Lysandra |
| **Tarus** | Jovem rebelde |

## KRAESHIA

*Os Visitantes*

| | |
|---|---|
| **Ashur Cortas** | Príncipe |
| **Amara Cortas** | Princesa |

## VIGILANTES

| | |
|---|---|
| **Ioannes** | Vigilante |
| **Melenia** | Membro do conselho |
| **Timotheus** | Membro do conselho |
| **Danaus** | Membro do conselho |
| **Xanthus** | Vigilante exilado |

# PRÓLOGO

O jovem acordou cercado de fogo e caos.

Ouvia-se o choque de espadas em uma batalha violenta à sombra das montanhas. Os gritos agudos dos moribundos atravessavam a brisa fria da manhã. Ele podia sentir o odor acre de medo e ódio daqueles que lutavam pela própria vida. Sentiu o amargor metálico do sangue que era absorvido pelo solo.

Foi o gosto do sangue que o acordou.

Ele pressionou as mãos contra a terra seca, onde labaredas lambiam sua pele descoberta, e tentou se levantar. Não conseguiu, e seu corpo gritou de dor com o esforço.

Quando sua visão clareou, olhou em volta mais uma vez. Estava no limite de um campo que, naquele momento, estava cercado. A uns cinquenta passos à esquerda, havia uma floresta. Era seca, esparsa e decadente, mas oferecia mais proteção do que a posição vulnerável em que se encontrava, perto da batalha.

Dois homens — um baixo e um alto, ambos usando o uniforme vermelho da guarda — aproximaram-se dele com as espadas na mão.

— O que temos aqui? — perguntou o mais baixo. — Um escravo achando que pode escapar?

— Não sou escravo — a voz dele falhou, e a garganta pareceu tão seca e frágil quanto o solo aos seus pés.

O guarda mais alto baixou a lâmina com força, mas o jovem conseguiu desviar do golpe rolando a tempo. Ele levantou, as pernas fracas como as de um potro. Com os músculos gritando de dor, ele cambaleou na direção da floresta.

— Não temos tempo para perseguir um escravo fugitivo — disse o guarda mais alto, em um volume elevado o suficiente para se fazer ouvir entre os ruídos da batalha.

— Prefere ter sua garganta cortada por um rebelde na batalha? — perguntou o mais baixo.

— O rei preferiria que…

— Não dou a mínima para a preferência do rei. Vamos.

A floresta era esparsa, mas o jovem encontrou um arbusto ressecado para se esconder. Os galhos arranhavam sua pele sensível, mas ele ficou em silêncio e imóvel. Os guardas se aproximavam, golpeando a escassa folhagem com as espadas.

Ele olhou para as mãos e se encolheu. Quanto tempo demoraria até recobrar as forças? Já havia esperado uma eternidade para se libertar.

*Acordei antes do tempo.*

— Talvez seja melhor deixá-lo ir — disse o guarda mais baixo, perdendo a coragem de antes enquanto o medo tomava conta de sua voz. — Talvez tenha sido ele quem ateou fogo lá atrás. Pode ser perigoso.

— Não seja covarde. Fugitivos podem causar mais problemas e gerar mais fugitivos. Quero seu sangue em minha lâmina antes de mais nada.

Eles se aproximaram mais, e o jovem saiu cambaleando do esconderijo. Na fuga, tropeçou nas raízes entrelaçadas de um grande carvalho e caiu com tudo no chão. Os guardas logo o encontraram, e ele se arrastou para trás até encontrar o tronco grosso da árvore.

— Deve se sentir tão patético agora — o guarda alto o ridicularizou. — Escondido numa floresta, implorando por sua vida.

Ele de fato se sentia patético. Não era uma emoção que apreciava.

— Não estou implorando.

— Ah, mas logo estará. Tenho certeza. — O guarda abriu um sorriso que revelou o quanto gostava de provocar dor e sofrimento em indivíduos menores e mais fracos do que ele.

— O que você acha? — O guarda alto perguntou ao companheiro. — Devemos cortar as mãos dele antes de matá-lo? Ou os pés, para não tentar fugir de novo?

— Talvez seja melhor o levarmos para o calabouço, para apodrecer com os outros rebeldes.

— Isso não teria graça. — O guarda encostou a ponta da espada no queixo do jovem, forçando-o a encarar seus olhos cruéis. — Quem é você, rapaz? Um escravo que se curvava ao meu chicote na construção da estrada do rei? Ou um rebelde equivocado que acredita poder mudar o destino deste reino?

— Nenhum dos dois. — Seus lábios estavam ressecados, e a respiração, curta.

A espada levantou mais sua cabeça, perfurando um pouco a pele.

— Então quem é você? — o guarda perguntou.

— Eu… — ele começou a responder, bem devagar. — … sou um deus.

— Um deus? É mesmo? — O guarda bufou, achando graça. — Estou curioso… os deuses sangram muito?

— Espere. — A voz do guarda mais baixo estava trêmula. — Os olhos dele. Veja os olhos dele!

O guarda alto afastou a espada e deu um passo trêmulo para trás.

— O quê…?

O jovem abriu o punho e olhou para a mão direita. Gravado na palma, havia um triângulo. As bordas brilhavam com a mesma luz azul que agora emanava de seus olhos.

— Você é um demônio — o guarda sussurrou. — É isso o que você é.

— Eu já disse o que sou. Mas acho que você não prestou atenção. — Ele se levantou. O símbolo em sua mão ficou mais brilhante quando ele a estendeu para o guarda. — Será que é melhor eu mostrar?

De repente, uma única labareda surgiu no chão árido diante deles. Ela tremeluziu, depois cresceu e lambeu a bota do guarda. Em uma linha fina, o fogo serpenteou ao redor do calcanhar e começou a envolver sua panturrilha e coxa. Ele tentou abafar as chamas com as mãos, o que só as fez aumentar. A labareda subiu até seu pulso e se retorceu em volta do braço como uma pulseira.

— O que está acontecendo? — O guarda procurou ajuda, mas seu amigo se afastou.

— Já está doendo? — o jovem perguntou com calma. — Se não, espere só mais um pouco. Vai doer.

O fogo se espalhou até que as pernas do guarda, seu torso, seus braços e, por fim, seu rosto confuso e assustado estivessem em chamas. O fogo então passou de laranja a azul.

Foi quando o guarda começou a gritar.

O outro ficou paralisado, horrorizado, observando o amigo queimar como uma tocha em plena luz da manhã. De repente, as chamas ficaram mais intensas, subindo a quase dez metros no ar e levando o guarda junto. Finalmente, ele parou de gritar.

Como uma escultura de vidro caindo num chão de mármore, seu corpo se estilhaçou em um milhão de pedaços.

O jovem se virou para o guarda que havia poupado.

— Corra.

Com os olhos arregalados de terror, o guarda se virou e fugiu.

Com o pouco de energia que lhe restava, ele caiu de joelhos. O símbolo em sua mão arrefeceu, tornando-se apenas um traço, uma marca que se assemelhava a uma cicatriz antiga. O chão ainda ardia no ponto onde o guarda alto estivera, embora não restasse mais nada dele além de uma vaga lembrança.

Finalmente, a dor diminuiu. Seus pensamentos ficaram mais claros, e um sorrisinho curvou os cantos de sua boca.

— É apenas o começo — ele sussurrou enquanto a escuridão se erguia para cobri-lo como um manto grosso.

Logo ele faria todos arderem em chamas pelo que haviam feito.

# 1

# JONAS

## PAELSIA

— Estou com um pressentimento ruim.

A voz de Rufus perturbava tanto quanto um mosquito persistente. Jonas lançou um olhar impaciente ao companheiro rebelde em meio à escuridão.

— Sério? Em relação a quê, exatamente?

— Tudo. Precisamos sair daqui enquanto ainda é possível. — Rufus inclinou o pescoço grosso e suado para analisar as árvores que os cercavam, guiado apenas pela luz da única tocha que os dois haviam cravado na terra solta. — Ele disse que os amigos chegariam a qualquer momento.

Rufus se referia ao guarda limeriano que haviam capturado depois de encontrá-lo vagando perto demais do limite da floresta. No momento, ele estava amarrado a uma árvore, inconsciente.

Mas um guarda inconsciente não tinha utilidade nenhuma para Jonas. Ele precisava de respostas. No entanto, concordava com Rufus em um aspecto: o tempo estava se esgotando, já que se encontravam muito perto de uma vila infestada de seguidores do rei em seus uniformes vermelhos.

— É claro que ele disse — Jonas afirmou. — Isso se chama blefe.

— Ah… — Rufus levantou as sobrancelhas, como se aquilo não tivesse lhe ocorrido. — Você acha?

Uma semana se passara desde o ataque rebelde ao campo de trabalho da estrada, no leste de Paelsia, sob as Montanhas Proibidas. Uma semana desde que o plano mais recente de Jonas para derrotar o rei Gaius dera terrivelmente errado.

De madrugada, quarenta e sete rebeldes haviam descido para o campo de trabalho ainda adormecido, na tentativa de capturar o engenheiro da estrada, Xanthus, e o herdeiro limeriano, o príncipe Magnus, tornando-os reféns contra o rei Gaius.

E fracassaram. Um fogo repentino de chamas azuis queimou tudo pelo caminho, e Jonas quase não conseguiu escapar dali com vida.

Além dele, Rufus foi o único rebelde que apareceu no ponto de encontro naquela manhã. Jonas o encontrara ali parado, com lágrimas escorrendo pelo rosto sujo, tremendo de medo e divagando sobre fogo mágico, bruxas e feitiçaria.

Apenas dois, de quarenta e sete, restaram. Tinha sido uma derrota avassaladora em diversos aspectos, e, se Jonas pensasse muito sobre isso, ficava cego e paralisado pelos sentimentos de culpa e luto.

Seu plano. Suas ordens.

Sua culpa.

De novo.

Tentando desesperadamente afastar a própria dor, Jonas logo começou a coletar informações sobre outros possíveis sobreviventes — qualquer um que pudesse ter sido capturado e levado com vida.

O guarda que haviam encontrado usava vermelho. Era o inimigo.

Ele devia ter respostas que pudessem ajudar Jonas. *Precisava* ter.

Finalmente, o guarda abriu os olhos. Era mais velho do que a maioria dos outros, com cabelos grisalhos na região das têmporas. Também andava mancando, o que facilitou sua captura.

— Você… Eu conheço você — o guarda murmurou, os olhos brilhando à luz fraca da tocha. — Você é Jonas Agallon, assassino da rainha Althea.

Ele proferiu as palavras como armas. Jonas hesitou, mas não demonstrou nenhum sinal de que a mentira mais odiosa já contada a seu respeito o ofendia.

— Não matei a rainha — ele resmungou.

— Por que eu acreditaria em você?

Ignorando a expressão escandalizada de Rufus, Jonas caminhou em círculos ao redor do guarda amarrado, tentando determinar a dificuldade que teria para fazê-lo falar.

— Você não acredita em mim. — Ele se aproximou mais. — Mas vai responder algumas perguntas.

O guarda pareceu rosnar.

— Não vou dizer nada.

Jonas já esperava por isso, é claro. Nada vinha fácil.

Ele sacou a adaga incrustada de joias da bainha do cinto. Sua lâmina prateada e ondulada refletiu a luz da lua, chamando a atenção do guarda de imediato.

Era a mesma arma que havia levado seu irmão mais velho daquele mundo. Aquele lorde auraniano vaidoso e empolado a deixara para trás, fincada na garganta de Tomas. A adaga se tornara um símbolo para Jonas, representando a linha que havia traçado entre seu passado como filho de um pobre comerciante de vinhos, que trabalhava todos os dias no vinhedo do pai, e seu futuro como rebelde, certo de que morreria lutando pelo que mais acreditava: libertar aqueles que amava da tirania. E também aqueles que não conhecia.

Um mundo sem as mãos do rei Gaius apertando o pescoço dos fracos e indefesos.

Jonas pressionou a adaga junto à garganta do guarda.

— Sugiro que responda minhas perguntas se não quiser que seu sangue seja derramado hoje.

— Se o rei souber que o ajudei, será muito pior.

Ele estava certo — o crime de auxiliar um rebelde sem dúvida seria punido com tortura ou execução. Provavelmente ambos. Ainda que o rei gostasse de fazer belos discursos sobre os reinos unidos de Mítica com um sorriso largo em seu lindo rosto, não era chamado de "Rei Sanguinário" por ser justo e gentil.

— Uma semana atrás, houve um ataque rebelde ao campo de trabalho da estrada, a leste daqui. Você ficou sabendo?

O guarda fixou o olhar nele, sem hesitar.

— Ouvi dizer que os rebeldes morreram gritando.

O coração de Jonas se apertou. Sua mão se fechou num punho, ansiando por fazer o guarda sofrer. Ele sentiu um tremor ao lembrar da semana anterior, mas tentou se concentrar em sua tarefa. *Apenas* na tarefa.

Rufus passou a mão no cabelo desgrenhado e ficou andando de um lado para o outro, nervoso.

— Preciso saber se algum rebelde foi capturado com vida — Jonas continuou. — E preciso saber onde o rei os prendeu.

— Não faço ideia.

— Não acredito em você. Comece a falar, ou juro que corto sua garganta.

Não havia medo nos olhos do guarda, apenas um quê de zombaria.

— Ouvi tantos rumores terríveis sobre o líder dos rebeldes paelsianos. Mas rumores não são fatos, não é? Talvez você não passe de um camponês… Nem

chega a ser cruel o bastante para matar alguém a sangue-frio. Nem mesmo um inimigo.

Jonas já matara antes — o suficiente para perder a conta. Numa guerra tola em que os paelsianos foram enganados e se aliaram aos limerianos contra Auranos. E também na batalha no campo de trabalho da estrada. Ele lutara para derrubar os inimigos e levar justiça a seus amigos, sua família e seus companheiros paelsianos. E para se proteger.

Havia um sentido por trás daquelas mortes, mesmo que fosse confuso e incerto. Ele lutava em nome de uma causa, acreditava em algo.

Não sentia prazer nenhum em tirar vidas e esperava nunca sentir.

— Vamos, Jonas. Ele é inútil — Rufus disse, com a voz tomada pela ansiedade. — Vamos embora enquanto ainda é possível.

Mas Jonas não se mexeu, obrigando-se a se concentrar em sua tarefa. Ele não tinha chegado tão longe para desistir agora.

— Uma garota chamada Lysandra Barbas lutou na batalha. Preciso saber se ainda está viva.

Os lábios do guarda formaram um sorriso cruel.

— Ah, então é por isso que está tão determinado a encontrar respostas. Essa garota pertence a você?

Jonas demorou um instante para entender o que ele estava dizendo.

— Ela é como uma irmã para mim.

— Jonas — Rufus choramingou. — Lysandra se foi. Ela está morta. Ficar obcecado por ela só vai nos levar à morte também!

Jonas olhou feio para Rufus, e o garoto recuou. Foi o suficiente para fazê-lo calar aquela boca idiota.

Lysandra não estava morta. Não podia estar. Era uma combatente incrível — mais habilidosa com arco e flecha do que qualquer um que Jonas já tivesse visto.

Lysandra também se mostrara obstinada, exigente e incrivelmente irritante desde o primeiro momento em que se conheceram. E, se ainda estivesse viva, Jonas faria de tudo para encontrá-la.

Precisava dela — tanto como companheira rebelde quanto como amiga.

— Você deve saber *alguma coisa*. — Jonas pressionou mais a adaga na garganta do guarda. — E vai me dizer agora mesmo.

Não importava o que estivesse em jogo, Jonas não ia desistir. Não até seu último suspiro.

— Essa garota… — o guarda disse por entre os dentes. — Ela vale sua vida?

Jonas nem precisou pensar duas vezes.

— Sim.

— Então não tenho dúvidas de que está tão morta quanto você. — O guarda sorriu, apesar do filete de sangue que escorria por sua garganta. Ele levantou a voz: — Aqui!

Passos na terra e o estalo de galhos os alertaram de que meia dúzia de guardas limerianos invadia a pequena clareira na floresta, empunhando espadas. Dois deles levavam tochas.

— Largue as armas, rebelde!

Rufus tentou golpear um guarda que se aproximava, mas errou feio.

— Jonas, faça alguma coisa!

Em vez de soltar a adaga, Jonas a guardou no cinto e sacou a espada que havia roubado do príncipe Magnus na semana anterior, antes de escapar. Ele a empunhou bem a tempo de interceptar um golpe vindo diretamente contra seu peito. Rufus tentou se defender, distribuindo socos e chutes, mas não demorou muito para um guarda agarrar seus cabelos, puxá-lo para trás e pressionar uma lâmina em sua garganta.

— Eu disse — o guarda resmungou — para largar a arma. Ou seu amigo morre.

O mundo parou de repente quando a lembrança do assassinato de Tomas voltou a Jonas. Tudo aconteceu tão rápido — não houve tempo para salvá-lo, para lutar, nem ao menos para implorar por sua vida. E então Jonas se lembrou de outra coisa que estava gravada em sua alma para sempre: seu melhor amigo, Brion, morto pelo mesmo assassino enquanto Jonas assistia, sem poder fazer nada.

Com Jonas momentaneamente distraído, um guarda aproveitou para desferir um soco em seu rosto. Enquanto o sangue quente escorria do nariz, outro guarda arrancou a espada de sua mão, quase quebrando seus dedos. Outro chutou a parte de trás de seus joelhos e o derrubou no chão.

O mundo girava e piscava diante de seus olhos, e ele se esforçou para permanecer consciente.

Sabia que tudo terminaria naquele momento, que estava fazendo hora extra desde seu último encontro com a morte. Não havia magia para salvá-lo dessa vez. A morte não o assustava mais, mas o momento era impróprio. Ele ainda tinha muito que fazer.

No mesmo instante, outra figura entrou na clareira iluminada pelas tochas, fazendo os guardas se virarem.

— Estou interrompendo alguma coisa? — perguntou o jovem. Ele parecia alguns anos mais velho que Jonas e tinha cabelo e olhos escuros. Usava um manto também escuro com o capuz abaixado, deixando à mostra a pele muito bronzeada, e abriu um sorriso que revelou dentes retos e brancos, assim como uma aparente indiferença por ter aparecido no meio de uma batalha. Ele analisou a área, começando por um dos lados, onde Rufus estava imobilizado, indo até Jonas, que se apoiava no chão coberto de musgo, com duas espadas apontadas para a garganta.

— Saia daqui — um guarda ordenou. — A menos que esteja em busca de encrenca.

— Você é Jonas Agallon — o rapaz disse, acenando com a cabeça para ele como se estivessem em uma taverna, e não no meio da floresta, na calada da noite. — É uma honra.

Jonas nunca pediu para ser famoso. Mas os cartazes de "procurado" com o desenho de seu rosto, pregados em todos os três reinos, garantiram sua notoriedade. Apesar de algumas poucas vitórias e de mais falsas acusações do que crimes verdadeiros, seu nome logo se tornara lenda.

E a alta recompensa oferecida por sua captura atraía o interesse de muitos.

O guarda mais velho fora libertado das cordas e agora esfregava os pulsos com cuidado.

— Você estava seguindo essa escória rebelde? — ele perguntou. — Isso faz de você um aspirante à escória rebelde? Vamos reservar uma estaca no palácio para a sua cabeça também. Peguem ele!

Os guardas partiram para cima do recém-chegado, mas ele apenas riu e desviou das investidas com a facilidade de um peixe escorregadio.

— Precisa da minha ajuda? — o garoto perguntou a Jonas. — Que tal eu ajudar você e você me ajudar? Esse é o acordo.

Ele se movimentava tão bem que não podia ser apenas um espectador curioso. Jonas não tinha ideia de quem ele era, mas, no momento, não dava a mínima.

— Parece bom — Jonas disse.

— Então vamos lá. — O rapaz baixou as mãos e puxou duas lâminas grossas, do comprimento de seus antebraços, de dentro do manto. Ele girava e cortava, movendo-se mais rápido do que qualquer um dos guardas podia reagir.

Jonas ainda estava um pouco tonto, mas conseguiu dar uma cotovelada bem no rosto do guarda ao seu lado. Ele sentiu e ouviu o estalo enquanto o guarda gritava de dor.

Ficou de pé, pegou sua espada e empurrou o cabo para trás até atingir a barriga macia do guarda.

O garoto novo derrubou o guarda que segurava Rufus. Livre, o rebelde inexperiente simplesmente ficou ali parado, observando a cena violenta por uma fração de segundo; depois virou e correu da clareira sem olhar para trás.

Uma parte de Jonas estava decepcionada com Rufus, mas a outra estava satisfeita que o garoto finalmente tivesse a chance de escapar de uma luta para a qual nunca esteve preparado.

Podia até continuar vivo se fosse esperto e não se metesse em confusão.

Com os outros guardas mortos, dispersos ou inconscientes na clareira, Jonas agarrou seu prisioneiro original e o empurrou de novo contra a árvore.

A presunção nos olhos do guarda finalmente se transformou em medo.

— Não me mate — ele disse, ofegante.

Jonas o ignorou, virando-se para o garoto que havia acabado de salvar sua vida.

— Qual é o seu nome?

— Felix — ele respondeu com um sorriso. — Felix Gaebras. É um prazer conhecê-lo.

— O prazer é meu. Obrigado pela ajuda.

— Disponha.

Se Felix não tivesse interferido, Jonas estaria morto. Disso não havia dúvidas. Ele lhe dera a chance de viver mais um dia, em que poderia fazer a diferença. Por isso, Jonas estava extremamente grato.

Ainda assim, seria burrice não ter cautela com um estranho que conhecia sua identidade.

— Qual é o seu preço? — Jonas perguntou.

— Preço?

— Você disse que, se me ajudasse, eu teria que ajudar você.

— Primeiro, vamos ao que interessa — Felix se aproximou, tirando Jonas do caminho e pegando o guarda pela garganta. — Eu estava escutando a conversa. Não é educado, eu sei. Mas ouvi você dizer que não acha Jonas cruel o bastante para matar alguém a sangue-frio. Bem, qual foi sua primeira impressão a meu respeito?

O guarda respirou fundo, trêmulo.

— O que você quer?

— Responda a pergunta. Os amigos dele, algum deles ainda está vivo?

O guarda estremeceu.

— Sim. Alguns foram levados para o calabouço do palácio para aguardar a execução.

— Alguns quantos?

— Não sei exatamente… três, quatro? Não tenho certeza. Eu não estava lá!

Jonas contraiu os músculos. Três ou quatro? Eram tão poucos sobreviventes…

— Nomes? — Felix apertou a garganta do guarda com mais força.

Ele cuspiu saliva, o rosto cada vez mais vermelho.

— Eu não sei. Se soubesse, diria.

— Em quanto tempo serão executados? — Jonas perguntou, tentando manter a voz estável. A ideia de pessoas queridas estarem aprisionadas pelo rei fazia seu sangue congelar.

— Pode demorar alguns dias, talvez alguns meses. Por favor, poupe minha vida! Já contei tudo o que sei. Tenha misericórdia de mim agora, eu imploro.

Felix ficou olhando para ele em silêncio durante um longo momento.

— Que tal eu demonstrar a mesma misericórdia que você teria em relação a nós?

Com um golpe da lâmina de Felix, o guarda foi silenciado para sempre. Seu corpo desabou no chão, junto com seus companheiros à luz do fogo, e Jonas percebeu que não conseguia desviar o olhar.

— Você sabe que eu tinha de fazer isso, não é? — Felix disse em um tom duro como pedra.

— Sei.

Havia uma rigidez nos olhos de Felix que Jonas desconhecia. Não demonstravam nenhum remorso, tampouco satisfação.

Era verdade: o guarda não teria sido piedoso com eles. E os teria executado sem pensar duas vezes.

— Sou muito grato por ter salvado minha vida — Jonas disse enquanto Felix limpava as lâminas no musgo do solo antes de guardá-las.

— Não precisa agradecer. — Felix olhou para o meio da floresta escura. — Acho que seu amigo fugiu.

— Ele estará mais seguro longe de mim. — Jonas observou os corpos que ocupavam toda a área, depois se virou para Felix, desconfiado: — Você é um mercenário.

Com suas habilidades de luta, sua facilidade para manejar uma espada — qualquer um podia ver que Felix era um assassino treinado.

A frieza desapareceu dos olhos dele quando sorriu.

— Depende do dia, na verdade. Cada um faz o que deve com os talentos que tem.

Isso era uma confirmação.

— E agora? Tenho bem menos ouro do que o valor que os cartazes de "procurado" oferecem pela minha cabeça.

— Alguém aqui é um tanto pessimista, não é? Com os olhos do rei em todos os lugares ultimamente, procurando qualquer um que cause problemas, o que quero é alguém que cuide da minha retaguarda, enquanto faço o mesmo por ele. Por que não me juntar ao famigerado Jonas Agallon? — Ele olhou na direção em que Rufus correu. — Não estou vendo muita concorrência. Você precisa de mim. Simples assim.

— Você quer se tornar um rebelde?

— O que quero é provocar confusão e desordem onde puder. — O sorriso de Felix se abriu. — Se isso faz de mim um rebelde, que seja. Que tal eu começar ajudando você a salvar seus amigos?

Jonas continuou observando Felix desconfiado. Seu coração estava tão acelerado quanto durante a briga.

— O guarda só estava nos dizendo o que queríamos ouvir. Não temos como saber se meus amigos de fato estão no calabouço do palácio.

— Não existe nenhuma garantia nesta vida, apenas grandes possibilidades. Isso basta para mim.

— Mesmo se estiverem lá, seria impossível chegar ao calabouço.

Felix deu de ombros.

— Eu até que gosto de desafios impossíveis. Você não?

Apesar de todos os esforços para ignorá-la, a esperança começava a brotar no peito de Jonas. E esperança costumava resultar em dor…

Mas também podia acabar em vitória.

Jonas analisou o garoto alto e musculoso que tinha acabado de derrubar cinco guardas sozinho.

— Desafios impossíveis, certo?

Felix riu.

— São os mais divertidos. Então, o que me diz? Podemos ser parceiros na anarquia?

Felix estava certo em uma coisa: Jonas não tinha uma fila longa de rebeldes habilidosos prontos para lutar ao seu lado.

Ele concordou, agarrando-se à esperança inquieta dentro dele, e sorriu.

— Parece um bom plano.

Felix apertou a mão que Jonas estendeu.

— Prometo não correr para a floresta com o rabo entre as pernas como seu amigo.

— Isso seria ótimo. — Planos e esquemas já corriam pela cabeça de Jonas. O futuro de repente parecia infinitamente mais promissor.

— Amanhã vamos começar a libertar seus amigos — Felix disse. — E mandar o máximo possível de guardas do rei para as terras sombrias.

Em termos de amizade, Jonas pensou, era um excelente começo.

# 2

# MAGNUS

## AURANOS

Magnus não estava com apetite para um banquete de celebração, mas foi exatamente isso que encontrou no dia seguinte a seu retorno ao palácio real auraniano, na Cidade de Ouro. Havia acabado de enfrentar uma cansativa viagem de volta de Paelsia e agora tinha que comparecer a um banquete em homenagem à sua vitória contra os rebeldes.

Garrafas e mais garrafas do doce vinho paelsiano surgiam como água da fonte, e os convidados bebiam sem comedimento. Pouco tempo antes, Magnus jamais teria cedido a coisas tão frívolas, que eram proibidas em sua terra natal, Limeros.

Mas as coisas haviam mudado. Agora, estava decidido: desfrutaria sempre que possível.

Ele chegou atrasado. Algumas horas atrasado, na verdade. Não se importava nem um pouco com pontualidade, mas, como convidado de honra, deveria ter feito uma grande entrada, e parecia ter perdido a apresentação inicial. Conseguiu apreciar três cálices do vinho doce antes de ser interrompido.

— Magnus. — O som da voz do rei o perfurou como uma lâmina. Era o primeiro contato que tinha com o pai desde sua chegada; Magnus o estava evitando de propósito.

Ele se virou e encontrou o olhar frio e atento do pai. O rei Gaius tinha olhos castanho-escuros, iguais aos de Magnus, e o cabelo de ambos tinha o mesmo tom, quase preto — o do rei ainda não mostrava nenhum fio grisalho. O pai usava sua melhor sobreveste, feita de um rico tecido cinza escuro, com o símbolo limeriano das serpentes entrelaçadas bordado em fios de seda vermelha nas

mangas. Magnus usava um traje quase idêntico, um pouco rígido e restritivo demais para um dia tão quente.

Com o rei, estavam o príncipe Ashur, visitante do outro lado do oceano que, a essa altura, já abusava da hospitalidade do reino, e uma bela garota que Magnus não reconheceu.

— Pois não, pai? — O ódio que Magnus tinha pelo homem diante dele fez sua garganta se fechar. Ele lutou com todas as forças para não deixar esse ódio transparecer.

*Não aqui. Não agora.*

— Gostaria de lhe apresentar a princesa Amara Cortas, do Império Kraeshiano. A princesa se juntou ao irmão, Ashur, como convidada de honra. Princesa, apresento-lhe meu filho e herdeiro do trono, príncipe Magnus Lukas Damora.

Magnus desejou estar em qualquer outro lugar. Conhecer gente nova e parecer cordial era uma obrigação muito desagradável, mesmo quando estava minimamente bem-humorado. O que não era o caso.

Magnus ergueu o cálice em cumprimento aos irmãos kraeshianos.

Tinha ouvido rumores sobre a beleza da princesa Amara e agora via que eram todos verdadeiros. O cabelo profundamente negro estava preso em um coque bem apertado atrás do longo e gracioso pescoço, sua pele era escura e impecável como a do irmão, e os olhos eram de um azul claro, prateado, como os de Ashur.

Magnus forçou um sorriso e abaixou a cabeça.

— É uma honra, princesa.

— Não — disse a princesa Amara. — A honra é *minha* por ser recebida no palácio de seu pai com tanta cortesia, quando mal avisei sobre minha chegada.

— Minha irmã é cheia de surpresas. — A voz grave de Ashur tinha um leve sotaque kraeshiano, assim como a dela. — Nem *eu* estava ciente de sua chegada até a noite passada.

— Senti muito a sua falta — ela disse. — Não consegui esperar até você decidir voltar para casa. Você nos deixou sem avisar quanto tempo ficaria fora.

— Gosto de Mítica — ele respondeu. — É um pequeno conjunto de reinos muito charmoso.

Magnus notou uma leve contração no rosto do rei ao ouvir a palavra *pequeno*. Talvez o príncipe Ashur não tivesse a intenção de soar desdenhoso, mas…

Tinha soado.

— Ambos são muito bem-vindos ao meu pequeno reino pelo tempo que quiserem — afirmou o rei Gaius, sem qualquer animosidade na voz.

Uma coisa que Magnus admirava muito era como o pai sempre conseguia abusar do charme quando necessário. Era um talento que Magnus ainda precisava adquirir.

— Aonde foi sua adorável esposa? — A princesa Amara perguntou a Magnus. — Só consegui encontrá-la brevemente, logo que cheguei.

Aí estava uma palavra que fazia o rosto de Magnus se contrair. *Esposa*. Ele olhou para o salão de banquete lotado, para as várias centenas de convidados sentados às longas mesas, com montes de comida e bebida servidos, um enxame de criados garantindo que nenhum copo ficasse totalmente vazio. Um quinteto de músicos tocava seus instrumentos em um canto, como um bando de grilos barulhentos.

Como era diferente dos costumes austeros de Limeros, onde havia poucas festas e era raro ouvir música. E como seu pai mudara rápido seus antigos gostos e interesses, adaptando-se às novas leis e regras para se misturar ao entorno. Ele era dissimulado: um camaleão escondido à vista de todos.

Magnus imaginou que devia ser mais fácil se adaptar aos costumes auranianos do que forçar um reino recém-conquistado a mudar de vida de um dia para o outro. Isso levaria a mais rebelião do que seu pai já havia enfrentado, e o exército limeriano estava espalhado demais por todo o continente.

Tudo estava saindo de acordo com o plano do rei.

Ou talvez seu pai estivesse começando a gostar mais de música, banquetes e tronos de ouro do que era capaz de admitir em voz alta.

— Minha esposa? Não sei onde está — Magnus respondeu, tomando um gole de vinho e fazendo sinal para uma criada completar seu cálice. Voltou a olhar para o salão. Todos os rostos se misturavam, e ele não conseguia ver a cor dourada do cabelo de Cleo em nenhuma parte.

— Tenho certeza de que está muito feliz por ter seu novo marido de volta depois de tanto tempo — Amara disse.

— Não foi tanto tempo assim. — *Francamente, não chegou a ser tempo suficiente*, ele pensou.

— Um único dia longe é tempo demais para dois jovens apaixonados — Ashur afirmou.

O vinho que Magnus tinha tomado quase subiu por sua garganta.

— Que belo sentimento, príncipe Ashur. Não tinha ideia de que era um romântico.

— Ashur é o solteiro mais cobiçado de toda Kraeshia. — A princesa Amara deu o braço ao irmão. — Já recusou várias noivas. Nosso pai teme que nunca se case.

— O que posso dizer? — Ashur respondeu. — O verdadeiro amor ainda não bateu à minha porta, e não me contentarei com menos.

— Isso o torna ainda mais desejado. Mesmo aqui, conseguiu chamar a atenção de todas as mulheres com facilidade.

— Sorte a minha.

— Se nos dão licença — o rei Gaius interrompeu —, preciso ter uma conversa particular com meu filho. Por favor, aproveitem o resto do banquete.

— Muito obrigado, vossa alteza — Amara respondeu. Tocando o braço de Magnus, ela disse: — Espero vê-lo de novo em breve.

Magnus sorriu e, apesar da graça e da beleza inquestionáveis da garota, o gesto pareceu tão falso que chegou a ser doloroso.

— Faço questão.

Enquanto Magnus seguia o rei para fora do salão lotado, vários convidados tentaram chamar sua atenção, cumprimentando-o e parabenizando-o por sua vitória em Paelsia, onde impedira que os rebeldes interrompessem a construção da Estrada Imperial.

Magnus notou, então, o olhar penetrante de Nicolo Cassian, jovem guarda do palácio parado junto às portas do grande salão.

— Você a manteve aquecida para mim enquanto eu estava fora? — Magnus perguntou ao passar por ele, sentindo o primeiro vislumbre de prazer do dia quando a expressão de Nic ficou ainda mais furiosa, seu rosto tão vermelho que quase chegou ao tom do cabelo.

Nic precisava mesmo aprender a controlar as emoções se não quisesse se meter em confusão.

O tolo rapaz estava apaixonado por Cleo. E, até onde Magnus sabia — ou se importava —, Cleo sentia o mesmo por ele. Ainda assim, duvidava muito que Cleo pudesse se interessar por um simples guarda, mesmo um que considerasse seu amigo.

O rei o levou para a sala do trono, um salão grandioso com pé-direito alto e degraus de mármore esculpido que terminavam em um trono de ouro enorme e decorado, cravado de rubis e safiras. As tapeçarias e faixas auranianas

penduradas sobre o trono tinham sido trocadas pelas de Limeros, mas, fora isso, a sala continuava igual ao que era quando o rei Corvin Bellos governava aquele reino abastado.

Os guardas do rei ficaram do lado de fora das portas pesadas, deixando-os sozinhos no recinto cavernoso.

Magnus ficou olhando para o pai em silêncio, desejando permanecer calmo. Não quis falar primeiro por medo de dizer algo de que se arrependesse.

— Estamos com um problema, eu e você — o rei disse ao sentar no trono.

Magnus ficou sem ar.

— Do que está falando?

— Os kraeshianos. — A expressão do rei ficou ácida, seus traços se tornando impetuosos e desagradáveis em um instante. — Aqueles tolos acham que não sei por que estão aqui. Mas eu sei.

Não era isso que Magnus esperava.

— E por que estão aqui?

— Estão aqui em nome de seu imperador, que anseia por mais poder e destrói tudo em seu caminho para conseguir o que quer.

— É mesmo? E o que pretende fazer sobre isso?

— Não vou deixar nada atrapalhar meus planos. Se esses dois espiões descobrirem o quanto estou perto de conseguir meu tesouro, sei que tentarão roubá-lo.

Preocupação e dúvida inundavam os olhos de seu pai. Magnus nunca tinha visto tanta fraqueza nele, esse homem cuja confiança era sempre ofuscante, independente do que estivesse dizendo ou fazendo.

O rei tinha objetivos grandiosos, dignos de sua ganância e crueldade incessantes. Procurava a Tétrade, os quatro cristais que continham a essência dos *elementia* — a magia elementar. Eles estavam perdidos havia um milênio, mas qualquer mortal que os possuísse se tornaria um deus.

Magnus vira a magia lado a lado com a morte nas sombras das Montanhas Proibidas e sabia com toda a certeza que a Tétrade era real.

E os cristais seriam *dele*, não de seu pai.

— Qualquer um que ousar certamente vai se arrepender, não importa quem seja — Magnus disse.

O rei assentiu, e a sombra de incerteza desapareceu.

— Sobre a batalha no campo de trabalho, ouvi dizer que você se saiu muito bem. Às vezes me esqueço do quanto é jovem.

Magnus ficou furioso.

— Tenho dezoito anos.

— Dezoito anos ainda é muito jovem. Mas você cresceu muito no último ano. Mal consigo expressar o quanto estou orgulhoso de tudo o que você faz, de tudo o que teve de enfrentar e superar. Você é tudo o que sempre sonhei que seria, meu filho.

Houve um tempo em que ouvir essas palavras de seu pai teria sido como beber um gole d'água quando estava prestes a morrer de sede.

Agora, depois de tudo o que Magnus havia descoberto, sabia que não passava de uma manipulação feita pelo homem que mais odiava no mundo.

— Obrigado, pai — ele disse com firmeza.

— Fiquei decepcionado ao saber o destino de meu vassalo. — Antes que Magnus pudesse comentar, o rei continuou: — Mas ele não era habilidoso para a batalha. Não me surpreende que tenha sucumbido com tanta facilidade à lâmina de um rebelde.

A imagem do rosto pálido e dos olhos vítreos e sem vida de Aron Lagaris passou rapidamente pela cabeça de Magnus.

— Sua ausência será sentida — ele disse, sem emoção.

— De fato.

O rei levantou e desceu as escadas para ficar frente a frente com Magnus. O rapaz lutou contra o ímpeto de agarrar a espada. Precisava permanecer calmo.

— Melenia não entra em contato comigo há semanas. — A voz do rei estava repleta de frustração enquanto falava da misteriosa imortal que, supostamente, o aconselhava em seus sonhos. — Não sei o que ela está esperando e preciso descobrir como utilizar a magia de Lucia para iluminar nosso caminho. Depois de todo esse tempo, sua irmã ainda mal consegue controlar seus *elementia*, e não encontro ninguém de confiança para instruí-la.

— A profecia sobre Lucia continua verdadeira. É ela que vai levá-lo à Tétrade, não Melenia. Lucia é a chave para tudo isso, e sempre terei fé nela. Mais do que qualquer um.

As palavras doeram ainda mais em sua garganta por serem verdade.

Magnus ainda acreditava em Lucia, por mais que a irmã não acreditasse mais nele.

O rei segurou os ombros do filho.

— É claro, você tem razão. Lucia vai mostrar o caminho. É meu destino ter a magia da Tétrade em minhas mãos.

*Não, pai*, pensou Magnus. *É* meu *destino*.

— Vou ficar de olho nos kraeshianos — ele disse. — Se demonstrarem algum sinal de que desejam o que é nosso, podemos lidar com isso juntos.

O rei meneou a cabeça e pôs a mão perto da cicatriz no rosto de Magnus, com um sorriso no canto da boca.

— Sim. Juntos.

Magnus deixou a sala do trono. Atravessou rapidamente o corredor até encontrar um lugar onde pudesse fazer uma pausa, sem ser visto pelo pai, e tentar parar de tremer de raiva. De frustração. A necessidade de vingar o assassinato de sua mãe e fazer o pai enfrentar a justiça formigava sob sua pele.

O vinho não ajudara em nada; estava servindo apenas para embaçar sua visão e sua mente.

Ele precisava de ar. Desesperadamente.

Continuou andando pelo corredor até encontrar a saída para uma grande sacada que dava para os jardins do palácio. Iluminados apenas pelo luar, ele tinha de admitir que eram extremamente belos. O doce perfume das rosas chegava até Magnus, quase dez metros acima. Ele arqueou os ombros, agarrou o frio balaústre de mármore e respirou fundo.

De repente, um leve movimento chamou sua atenção. Nos jardins, na trilha de mosaico que serpenteava pela área viçosa, ele viu três figuras: sua irmã adotiva, Lucia, caminhando com o príncipe e com a princesa kraeshianos.

Ele se deu conta de que não conseguia desviar o olhar.

— Alguém parece um tanto infeliz esta noite.

A voz atrapalhou sua concentração e fez os músculos de suas costas se contraírem.

Sem se virar, ele respondeu:

— Pensei que estivesse sozinho aqui fora.

— É, mas não está.

— *Gostaria* de ficar sozinho.

— Tenho certeza que sim. Mas cheguei antes. Na verdade, cheguei dezesseis anos antes de você aparecer e assassinar praticamente todos que conheço e amo, então acho que isso me dá o direito de ficar nesta sacada.

Ele se virou para a garota parada nas sombras e ficou chocado por não ter percebido sua presença antes. Conhecida como princesa dourada pelos cidadãos de Auranos, a princesa Cleiona tinha cabelos tão claros que quase brilhavam sob

o luar. Ela tinha olhos verde-azulados, vibrantes como a superfície de um lago sob um céu de verão.

Talvez ele não a tivesse visto porque seu vestido era muito escuro: azul como o tom mais profundo do crepúsculo um instante antes do cair da noite.

Cleo emergiu de seu manto de sombras e se juntou a ele na beirada da sacada. Acompanhando seu olhar, viu Lucia, assim como o príncipe e a princesa que visitavam o reino.

— Vai gostar de saber que me tornei bem próxima de Lucia durante sua ausência — Cleo disse.

— É mesmo?

— Sim. Acho que posso até dizer que somos amigas. Ela é muito especial, sua irmã. Entendo por que você a ama tanto.

Levada ao pé da letra, aquela era uma observação cordial.

Mas vista de outro modo…

Magnus sabia que rumores sobre seu desejo platônico por Lucia circulavam pelo palácio. Os criados gostavam de falar sobre a vida das pessoas de status mais alto. E às vezes comentavam as fofocas *com* pessoas de status mais alto.

— Fico muito satisfeito em saber que Lucia andou passeando pelo palácio durante minha ausência — ele disse, ignorando as acusações veladas de Cleo. — Já conheceu a princesa Amara?

— Rapidamente — ela disse com frieza e nenhum entusiasmo.

— Ela também vai se tornar umas de suas *amigas*?

Cleo manteve um sorriso discreto, mas os olhos ficaram frios.

— Espero que sim.

Era impossível não se entreter com aquela garota. A princesa Cleiona Bellos era uma criatura incrivelmente falsa.

Mas, naquela noite, havia algo em sua expressão que ia além das mentiras e de sua agressividade evidente. Ele via uma dor recente — uma ponta de dor que ela não era capaz de esconder.

Então esperou que Cleo se pronunciasse de novo.

A garota voltou sua atenção para o jardim.

— Enterraram lorde Aron hoje.

A boca dele ficou seca.

— Fiquei sabendo.

Ela mexia em uma longa mecha de cabelo que havia se soltado dos grampos.

— Eu o conhecia desde que nasci, nos tempos bons e nos ruins. Saber que ele se foi…

Seu sofrimento pelo garoto morto era despropositado. Aron não merecia as lágrimas nem a tristeza de ninguém, mas Magnus entendia o luto. Ele mesmo o tinha sentido quando sua mãe foi morta. Ainda sentia. Era como um buraco escuro e sem fundo em seu peito.

Lorde Aron estava comprometido com Cleo quando, sem aviso, o rei Gaius mudou os planos e uniu a princesa a Magnus.

— Como ele morreu? — ela perguntou com a voz suave.

— Enquanto combatia os rebeldes que atacaram o campo de trabalho da estrada que estávamos inspecionando.

— Um rebelde matou Aron?

— Sim.

Cleo se virou e o encarou diretamente.

— Ele morreu em combate. Parece tão… corajoso.

— Parece, sim.

— Aron era muitas coisas, mas corajoso nunca foi uma delas. — Ela se virou. — Acho que eu não o conhecia direito. Se ele foi corajoso no final…

— Ele não foi. — Toda a acidez que Magnus tinha sentido naquela noite emergiu através daquelas palavras.

Cleo ficou olhando para ele, em choque.

— Sinto muito — ele disse, tentando conter o veneno que ameaçava escorrer em um terrível fluxo de verdade. — Lorde Aron se comportou em batalha exatamente de acordo com a experiência que tinha, ou seja, nenhuma. Ele não teve chance. Só lamento não ter tido a oportunidade de salvá-lo.

Mentira. Magnus ficou imaginando como ela reagiria se contasse a verdade — que Aron era um bajulador insípido, um fraco miserável que se curvou de imediato diante de um rei conquistador e fez tudo o que foi pedido sem questionar e muito menos defender sua honra ou a de seu povo.

Aron só teve o que mereceu.

Cleo agora olhava para ele com a testa franzida.

— Esse assunto chateou você — ela disse.

Magnus se virou para o jardim para esconder seu rosto dela. Lucia e os kraeshianos não estavam mais lá.

— A única coisa que sinto é vontade de encerrar esta conversa. A menos que você queira saber mais alguma coisa.

— Apenas a verdade.

— Como é?

— Sinto que está escondendo alguma coisa.

— Acredite, princesa, mesmo que estivesse, não é nada que queira saber.

Ela o encarou fixamente enquanto Magnus, sem perceber, passava os dedos sobre a cicatriz que se estendia do alto da bochecha direita até o canto da boca. Ele detestava que o examinassem tão de perto.

Houve um tempo em que Lucia era capaz de enxergar através de suas máscaras, as máscaras invisíveis que ele havia aperfeiçoado ao longo dos anos para esconder suas emoções, para manter a distância necessária daqueles que o cercavam. Para parecer uma versão mais nova de seu pai. Agora que sua irmã havia perdido aquela capacidade, ele tinha a sensação profundamente irritante de que Cleo também havia aprendido a enxergar através daquelas máscaras.

— Me conte mais sobre o que aconteceu em Paelsia — ela pediu.

Ele a olhou nos olhos e descobriu que estavam muito próximos.

— Cuidado, princesa. Lembra o que aconteceu na última vez que estivemos numa sacada? Não quer que aquilo volte a acontecer, não é?

Ele esperava ver repulsa nos olhos dela ao recordar a excursão de casamento, quando foram obrigados a se beijar diante de uma multidão ávida e entusiasmada.

O primeiro beijo dos dois e, ele havia prometido a Cleo na época, o *último*.

— Boa noite, príncipe Magnus.

Sem dizer mais nada e com apenas uma frieza na voz para indicar sua reação à lembrança, Cleo se virou e saiu da sacada, deixando-o sozinho no escuro.

# 3

# LYSANDRA

## AURANOS

Lysandra bateu nas grades da cela até finalmente chamar a atenção de um guarda que passava.

— Quando Gregor vai voltar? — ela exigiu saber.

— Por que se importa? Cuide da própria vida, menina. Vai viver mais assim.

Por que ela se importava? Porque Gregor era seu irmão — algo que os guardas não sabiam. E porque ela o amava e queria que ele estivesse forte e em segurança para poderem fugir do calabouço superlotado que fedia a sujeira e morte.

Gregor tinha sido preso depois de tentar assassinar o príncipe Magnus em Limeros, durante a excursão de casamento. Ele contou que teve contato com uma vigilante imortal chamada Phaedra em seus sonhos — uma confissão que a maioria consideraria delírio de um louco. Mas parecia que o rei Gaius não compartilhava dessa opinião. Gregor não teria sido poupado da execução por tanto tempo se o rei não acreditasse que ele tinha valor.

O guarda ainda estava ali, olhando para Lysandra por entre as barras com grande interesse.

Ela olhou feio para ele.

— O que foi?

— Você é uma menininha bem bonita, não é? Tanta beleza em um lugar tão feio como este.

— Não sou uma menininha.

*Continue olhando para mim desse jeito*, ela pensou, *e arranco seus olhos.*

— Você é uma rebelde. — O guarda estreitou os olhos. — Não conheço muitas garotas que gostem de brigar.

Ela não lhe daria a satisfação de uma resposta e manteve a boca fechada até o guarda ir falar com um colega. Eles mantiveram a voz baixa, mas Lysandra viu sua expressão se tornar mais presunçosa e arrogante a cada palavra.

Iluminados apenas pelas tochas do corredor, a escuridão dos calabouços subterrâneos era opressiva. As barras de metal tinham uma camada de limo, as paredes estavam cheias de sujeira. O chão de terra batida, coberto de palha, fazia as vezes de cama desconfortável durante os poucos momentos em que Lysandra conseguira dormir desde sua chegada. Ecoando no fim do corredor, era possível ouvir os sons terríveis de outros prisioneiros, que riam para o nada, choravam por tudo ou falavam sozinhos como homens e mulheres que perderam a cabeça muito antes da vida.

Era um pesadelo.

Mas ela continuaria forte. Não tinha escolha.

O segundo guarda olhou para ela e meneou a cabeça.

— Muito bem. Precisamos de um pouco de diversão hoje. Vá buscá-la.

O primeiro guarda destrancou a cela e arrastou Lysandra brutalmente pelo cabelo. Seu primeiro instinto foi lutar, mas se conteve. Essa podia ser sua chance de escapar e, para isso, teria que fingir ser frágil e dócil. Trancada entre paredes de pedra e barras de ferro, não tinha a mínima chance, mas, se fosse levada para fora, podia tentar fugir — apesar de a ideia de partir sem Gregor a angustiasse.

Mas o guarda não a levou para fora. Ele conduziu Lysandra pelo corredor escuro e estreito até outra cela. Empurrou-a porta adentro, e ela caiu no chão com tanta força que machucou os joelhos.

Embora estivesse muito escuro, ela percebeu que havia mais alguém lá dentro.

Os dois guardas ficaram parados do outro lado das barras de ferro, rindo. Um deles jogou algo metálico dentro da cela, que caiu no chão de terra a alguns passos dela.

Uma faca. Ela olhou rapidamente para o guarda.

— Gosta de brigar, rebelde? — ele perguntou. — Mostre para nós.

De repente, outra prisioneira surgiu da escuridão, levantando e empurrando Lysandra com força, fazendo-a cambalear para trás até bater na parede. Era uma garota mais alta e corpulenta, com o rosto sujo e os cabelos emaranhados. Ela logo pegou a faca e ficou olhando para Lysandra por um instante, com uma expressão selvagem nos olhos.

— Vamos lá — o guarda provocou. — Quem ganhar pode comer hoje. Queremos ver um pouco de sangue.

O olhar da outra menina encontrou o de Lysandra. Depois, com um grito, a prisioneira se lançou sobre ela com a faca em punho.

Lysandra estava faminta e fraca, mas não estava fora de si — não ainda. Tinha chegado dois dias antes, junto com três outros rebeldes sobreviventes da batalha — Tarus, Cato e Fabius.

Sabia que o rei Gaius havia ordenado que fossem executados publicamente, para servirem de exemplo. Não esperava ser perdoada por seus crimes. E não esperava que nenhum cavaleiro de armadura brilhante fosse resgatá-la.

Mas aquelas sempre foram suas expectativas. Era diferente das outras meninas que sonhavam com um marido forte e uma casa cheia de bebês babões. Lysandra sempre fora uma guerreira, desde o início. E seria uma guerreira até o fim.

E o fim *não seria* naquele dia.

Ela se esquivou com facilidade da faca e empurrou a garota.

— Qual é o seu nome? — Lysandra perguntou.

— Meu nome? — a menina respondeu, estreitando os olhos. — Por quê?

— O meu é Lysandra. Lysandra Barbas. — Apresentações podiam transformar inimigos em amigos. E aquela menina… não era sua inimiga. Ambas eram prisioneiras naquele lugar; tinham coisas em comum.

— Não me importa quem você seja. — A garota não era habilidosa, mas estava determinada nas tentativas de esfaquear Lysandra.

— Precisa de ajuda, rebelde? — O guarda abriu a porta e empurrou outro prisioneiro para dentro. Ele era baixo, magro e estava visivelmente assustado. Era Tarus!

Antes que Lysandra pudesse dizer qualquer coisa, a garota não identificada atacou e cortou o braço de Tarus.

Ver o corte foi o suficiente para incitar Lysandra, que partiu para cima da menina e lhe deu um soco no estômago, fazendo-a gemer de dor.

— Você está bem? — Lysandra gritou para Tarus.

Ele segurava o braço ferido.

— Sim. Acho que sim. Cuidado!

A ponta da lâmina voou na direção do peito de Lysandra. Ela se esquivou e, dessa vez, deu um soco bem no rosto da garota. Sangue começou a escorrer de seu nariz.

— Pare — Lysandra sussurrou. — Você é melhor do que isso! Não dê a eles o espetáculo que querem. Não deixe que vençam!

Os olhos da menina estavam vermelhos, com lágrimas de raiva.

— Eu não como há vários dias!

— Derrube a menina — o guarda ordenou, ríspido. — Mate-a. Eu apostei em você, rebelde. Não me faça perder.

A garota continuou atacando-os sem parar até Lysandra finalmente arrancar a lâmina da mão dela. A garota caiu com tudo no chão e recuou para um canto, levantando as mãos para proteger o rosto quando Lysandra se aproximou.

— Por favor! Por favor, não! Poupe minha vida. Desculpe. Sinto muito!

— Mate-a! — o guarda exigiu.

Lysandra olhou para eles com ódio.

— Não.

— Ela teria matado você.

— Talvez. Mas ela não merece morrer só por tentar sobreviver mais um dia neste lugar imundo.

Os guardas invadiram a cela, desarmaram Lysandra e depois a arrastaram de volta para a primeira cela, jogando Tarus junto.

— Podem fazer companhia um ao outro enquanto esperam sua vez de morrer.

Na escuridão, Lysandra se encostou na parede, com Tarus ao lado. Ele começou a chorar baixinho, e ela colocou o braço ao redor de seus ombros para trazê-lo para perto.

— Sei que é difícil — ela sussurrou. — Mas vou tirar a gente daqui. Prometo que vou.

— Como?

Era uma boa pergunta.

— Estou pensando. Me dê algum tempo.

— Se Jonas souber onde estamos, ele vai nos salvar. Sei que vai.

— Jonas está morto. — As palavras eram tão amargas na língua quanto no coração. O pensamento frio e doloroso fazia seus olhos arderem com um sofrimento sem fim. — Se tivesse sobrevivido à batalha, teria sido capturado, e nós o teríamos visto ou ouvido falar dele.

Os olhos de Tarus ficaram sérios.

— Não acredito nisso.

— Também não quero acreditar, mas se apegar à esperança de que ele vai nos encontrar… — Ela soltou um suspiro trêmulo. Não se permitia acreditar em Jonas porque sabia que não conseguiria lidar com a decepção caso ele não aparecesse. Não; contaria apenas consigo mesma, como sempre tinha feito.

O silêncio recaiu sobre eles e permaneceu ali até Gregor finalmente ser trazido de volta à cela, vacilante. Ele caiu de joelhos, e Lysandra correu para o seu lado, segurando o rosto do irmão entre as mãos para fazê-lo olhar para ela.

Estava confuso, com o rosto ferido e ensanguentado.

A fúria a devastou ao ver alguém que amava tão maltratado.

— Maldição! — Ela rasgou um pedaço de tecido de sua camisa e tentou limpar as feridas. — Malditos! Vou matar todos eles!

— Está tudo bem, pequena Lys. Logo tudo isso vai acabar.

As lágrimas começaram a escorrer de seus olhos, e ela as secou com raiva.

— Não diga isso! Vamos sair daqui e deixar este lugar nojento para trás. Nós nos encontramos de novo por um motivo. Não vamos morrer aqui. Apenas diga o que eles querem ouvir, assim vão parar de machucar você.

— Não existem verdades suficientes no mundo para fazê-los parar.

Doía ouvir a derrota na voz do irmão. Era tão diferente do garoto com quem ela tinha crescido — seu alicerce, alguém que mostrava força mesmo nos tempos mais difíceis. Ela sempre o invejara, com vergonha de sua própria fraqueza.

— O que queriam hoje? — ela perguntou.

— O mesmo que das outras vezes. — Ele encostou na parede de pedra. — O rei quer saber o que Phaedra me contou sobre a Tétrade. Ele me faz as mesmas perguntas repetidas vezes, mas minhas respostas nunca o satisfazem.

Pouco tempo antes, Lysandra não teria hesitado em dizer que Gregor era um tolo por acreditar em criaturas imortais de outro mundo ou cristais mágicos. Que piada.

Mas ninguém estava rindo agora.

— Ela vai me visitar de novo — ele sussurrou. — Sei que vai. E então me dirá o que fazer.

Lysandra baixou a voz.

— Você contou a eles o que Phaedra disse sobre a feiticeira?

Ela ficava aflita só de dizer algo assim em voz alta, mas era nisso que Gregor acreditava. Ajudá-lo a se agarrar às suas crenças podia lhe dar a força de que precisava para se agarrar à vida.

Ele fechou os olhos.

— Tentei dizer o mínimo possível. Preciso ter paciência. Phaedra vai me visitar de novo. Ela não me abandonaria desse jeito.

Se a tal Phaedra realmente existia, Lysandra a odiava pelo que havia feito com seu irmão. Pelo que havia dito a ele.

*Quando o sangue da feiticeira for derramado, eles finalmente serão libertados. E o mundo queimará.*

Quem ascenderia? Não existia magia, apenas tolos que acreditavam em tolices para explicar aquilo que não conseguiam entender.

— Então conte isso ao rei, sobre essa feiticeira e seu sangue poderoso — Lysandra sussurrou. — Deixe que ele vá atrás de uma garota a quem culpar e desvie a atenção de você.

— Você desejaria algo tão horrível assim a alguém?

Lysandra se encolheu. Será que desejava que algo frio e brutal acontecesse a uma garota inocente só para salvar quem amava?

Já não tinha mais certeza.

Gregor tocou a testa, depois olhou para a mancha cor de carmim na ponta dos dedos.

— O sangue é a chave para tudo isso, pequena Lys. Lembre-se disso. Sangue é vida. Sangue é magia.

— Se é o que você acha… — Ela tentou não demonstrar frustração na voz. Gregor já havia passado por muita coisa; ela só queria que ele descansasse e recuperasse a força e a sanidade. — Você sabe a identidade dessa feiticeira mencionada pela garota do seu sonho? Tem alguma ideia?

— Não — ele admitiu. — Mas ela existe.

Lysandra soltou um suspiro trêmulo.

— Isso não ajuda muito.

Tarus falou do canto:

— Minha avó me contou de uma profecia sobre uma feiticeira capaz de dominar os *elementia* com mais força do que qualquer outra pessoa. É ela que pode recuperar a Tétrade.

— Sua avó deve ser uma grande contadora de histórias — Lysandra disse.

Tarus deu de ombros.

— Talvez não seja só uma história. Talvez seja o destino.

Os paelsianos podiam não acreditar em magia, mas acreditavam em destino. Acreditavam em aceitar a dura realidade da vida em uma terra que se desgastava mais a cada dia — estômagos vazios, crianças moribundas —, como se esses horrores não pudessem ser evitados.

Lysandra nunca concordara com crenças tão fatalistas. Ela sabia que havia apenas uma pessoa capaz de mudar seu destino, e essa pessoa era ela mesma.

— Phaedra vai me visitar de novo. Vai me dizer como ajudá-la. — Os olhos de Gregor brilharam, cheios de lágrimas, depois se fecharam de novo. O coração de Lysandra estava apertado.

— Os vigilantes visitam os sonhos dos mortais — Tarus disse, chamando a atenção de Lysandra. — Às vezes. Raramente. Quer dizer, não acontece muito. Mas é possível.

Ele deve ter visto o ceticismo gravado no rosto dela. Mas Gregor parecia ter tanta certeza. Lysandra não podia simplesmente ignorar suas palavras como se fossem devaneios de um louco. Podia não acreditar em muita coisa, mas acreditava no irmão.

E estava claro que tudo aquilo era importante para o rei, o que o tornava importante para ela também.

— Por que acha que é possível? — ela perguntou.

Tarus ficou pensativo.

— Conheci uma bruxa, uma velha amiga da minha avó. Ela conseguia acender a lareira apenas com o olhar.

Lysandra já tinha ouvido relatos similares, mas nunca testemunhara nada assim com os próprios olhos.

— Quantos anos você tinha?

— Cinco; talvez seis. Mas sei que aconteceu.

Lembranças de infância não os ajudariam. Eles precisavam de fatos. Precisavam de ação, de um plano de fuga.

Seu irmão tinha caído no sono. Talvez estivesse sonhando com belas imortais, mas Lysandra ficou acordada em meio a mil perguntas e dúvidas.

— Esqueça os vigilantes, Lys. Jonas vai nos salvar — Tarus sussurrou. — Sei que vai.

Ela não tinha tanta certeza. Mas se houvesse alguma magia no mundo que realizasse desejos, era exatamente isso que desejaria.

# 4

# CLEO

## AURANOS

Cleo era vista com desconfiança pelas pessoas que já viviam antes no palácio, durante os bons tempos, e não tinham dado ao rei Gaius motivos para expulsá-los ou matar suas famílias. Eles se lembravam de como eram as coisas quando o rei Corvin ocupava o trono, um rei bondoso que nunca governaria com um pulso de ferro apertando a garganta de seus súditos.

Cleo enxergava a confusão nos olhos deles, que se perguntavam como ela era capaz de suportar viver no palácio de seu pai, com um sorriso no rosto, apenas alguns meses depois de sua morte. Como ela — uma garota desregrada, conhecida por amar festas, amigos e vinho — podia ter sido forçada a se casar com o filho do inimigo sem tentar encontrar, constante e desesperadamente, uma forma de escapar.

Mas essas pessoas não conheciam Cleo de verdade. E não tinham ideia de até onde ela iria para recuperar o que lhe havia sido roubado.

Alguns procuravam vingança contra seus inimigos mortais pela ponta de uma espada. Seu plano de vingança começava com a ponta de um sorriso.

E, se fosse cuidadosa, ninguém, nem mesmo o homem que tinha transformado tudo e todos que ela amava em poeira, a veria como uma ameaça.

Cleo tinha começado a acreditar que o belo rebelde que a havia sequestrado — e beijado — seria capaz de ajudá-la. Não via Jonas fazia mais de dois meses, mas pensava nele com frequência e se preocupava com seu destino. Não fazia ideia se ele estava vivo ou morto.

Mas sabia que não podia contar só com ele.

Cleo saiu do palácio e viu Lucia no jardim. Procurou manter a calma e ignorar o coração acelerado enquanto se preparava para abordar a outra princesa, que cortava rosas vermelhas dos caules e guardava os botões em uma cesta.

Que passatempo comum para uma feiticeira secreta.

— Bom dia — Cleo disse ao chegar perto dela.

Os ombros de Lucia ficaram tensos, mas ela continuou colhendo as flores.

— Bom dia.

Não havia alegria na saudação, o que fez um sopro de preocupação percorrer o corpo de Cleo. Tinham se despedido como amigas apenas alguns dias antes, mas, depois do retorno de Magnus e do banquete opulento da vitória, Cleo não havia tido oportunidade de falar com ela a sós para solidificar o laço entre as duas.

Não tinha problema. Cleo havia decidido. Elas seriam melhores amigas.

Cleo lançou mão de seu talento natural para ser sociável e charmosa — habilidade que não utilizava havia algum tempo.

— Você tem alguma coisa para me dizer? — O tom de voz de Lucia era preocupantemente desconfiado.

Não seria fácil.

Mas Cleo manteve a compostura.

— Apenas espero não ter dito nada para ofendê-la. Tive a impressão de que havíamos ficado mais próximas depois… do que aconteceu aquele dia.

A expressão de Lucia se tornou sombria.

— Não quero falar sobre aquilo.

— Entendo como deve ser difícil para você. — *Dominar os* elementia *com tanto poder que é capaz de matar um ser vivo,* Cleo pensou. — Mas estou aqui para o que precisar. Sei que posso ajudar.

Os olhos de Lucia brilharam em um tom azul glacial sob suas sobrancelhas erguidas.

— Acredita realmente que *você* pode *me* ajudar?

*Ah, não.* Um curto período de separação bastou para Lucia levantar suas muralhas contra qualquer um que pudesse ser considerado suspeito. Cleo teria que se esforçar muito para derrubá-las, pedra por pedra.

— Eu sei o que vi — Cleo disse com cuidado. — E a ajudei. Só minha presença foi suficiente para ajudá-la a conter sua magia.

Lucia não a olhou nos olhos.

— Não sei do que está falando. Você me viu com uma coelha morta, só isso. Não significa nada.

Uma coelha morta, congelada no meio de um quarto quente através do poder mortal da magia da água. Aquilo com certeza significava *alguma coisa* para Cleo. Na verdade, significava *tudo* para ela.

A busca pela magia e pelo poder que a acompanhava havia se tornado o grande propósito de sua vida.

— Eu disse que não contaria a ninguém e não contei. Somos irmãs agora, Lucia.

— *Irmãs*. — Finalmente Lucia virou e encarou Cleo, os olhos faiscando. — Por quê? Só porque se casou com Magnus? Vocês mal conseguem olhar um para o outro. Você o odeia, e ele odeia você, não importa o que tentam fazer todo mundo acreditar.

O ódio subiu pela garganta de Cleo ao ouvir essas palavras ácidas, mesmo que fossem verdadeiras. Ela queria revidar com seu próprio veneno, repetir os rumores que havia escutado sobre os sentimentos incestuosos entre Lucia e Magnus.

Mas ela engoliu tudo e esboçou uma expressão de profunda preocupação.

— Sua magia a está perturbando de novo hoje?

Uma ponta de desespero passou pelos olhos de Lucia.

— Eu sinto… — A voz de Lucia falhou, e ela virou para a roseira. — Odeio isso. Odeio estar aqui. Odeio essas flores e essas árvores e só quero voltar para casa, para Limeros.

Mas ela não teria utilidade nenhuma para Cleo em Limeros.

— Porque sente que tinha mais controle lá? — ela perguntou.

— Não exatamente. Mas… é minha casa. — Lucia soltou uma risada nervosa que mais parecia um soluço. Mas a leveza desapareceu com a mesma rapidez com que chegara, e ela voltou a encarar Cleo com severidade e a testa franzida. — O que você quer de mim?

— Quero ser sua amiga.

— Por quê?

*Porque preciso da sua magia para destruir seu pai*, ela pensou.

— Porque vejo em você alguém que entende meu mundo — ela disse. — Você é filha de um rei. Como eu, lidou com responsabilidades e expectativas jogadas nas suas costas a vida toda. Pouquíssimas pessoas entendem como é isso. Você

entende. E aquele dia eu me dei conta de que você precisa de mim tanto quanto eu preciso de você.

— Você precisa esquecer o que viu — Lucia sussurrou. — É perigoso demais.

Um arrepio percorreu o corpo de Cleo. Aquilo soava muito mais como um alerta aflito do que como uma ameaça.

— Perigoso para você? Ou para mim?

— Para nós duas. — Atrás de Cleo, algo chamou a atenção de Lucia, que pareceu incomodada.

Cleo virou e viu a princesa Amara se aproximando pela sinuosa passagem de pedra enquanto dois guardas kraeshianos, vestindo uniformes verde-escuros, aguardavam perto da entrada do palácio.

Cleo não podia estar mais irritada. Essa visitante indesejada estava interrompendo seu precioso momento privado com Lucia. Ela conhecera Amara rapidamente no banquete, mas não tivera uma boa impressão. Ela fora ávida demais, íntima demais nos cumprimentos, fazendo Cleo recuar por instinto.

Seu irmão, Ashur, havia causado uma primeira impressão similar em Cleo. Seriam eles amigos ou inimigos?

— Procurei vocês duas por toda a parte — Amara disse, radiante. — Se não soubesse das coisas, diria que estão me evitando.

— Claro que não — Lucia respondeu. A leve incerteza em seu tom foi substituída por uma assertividade firme. — É um prazer vê-la de novo. Onde está seu irmão?

— Saiu para explorar as redondezas da quinta que o rei Gaius está preparando para nós. — Amara suspirou e olhou para as flores. — Ashur ama explorar o campo. Sozinho, porém. Ele recusa a companhia dos guardas.

— Parece perigoso — Cleo disse.

— Parece, não é? Meu irmão é assim. Está sempre em busca de aventura a qualquer custo. Cleo, mal tivemos oportunidade de conversar ontem à noite, antes de você desaparecer. Não estava se sentindo bem?

— Não. — Cleo mentiu, feliz em aderir àquela desculpa pronta. — Meu estômago não aceitava nem mais um pedaço de comida.

Amara ergueu as sobrancelhas.

— Está esperando um bebê?

Cleo abriu a boca para negar a possibilidade de imediato. Já que, para sua alegria, era totalmente *impossível* estar grávida. Ela e Magnus não tinham feito…

Bem, *não tinham feito*. E nunca fariam. Ela estremeceu de repulsa só de lembrar a proximidade a que esteve dele na varanda, na noite anterior.

*Ódio*, como Lucia dissera antes, era uma palavra fraca demais para descrever seus sentimentos em relação ao príncipe. Sempre que achava que poderia encontrar algo mais nele, algo doloroso e vulnerável que lhe atraía a atenção, tinha que parar e se lembrar das coisas indescritíveis que ele havia feito, motivo pelo qual o odiaria para sempre.

— Se eu estiver esperando um filho — Cleo disse enquanto passava a mão sobre as pregas do vestido azul-claro que escondia sua barriga lisa —, será uma surpresa muito agradável.

O olhar de Amara se tornou mais intenso, como se estivesse analisando cada centímetro de Cleo com muito mais minúcia do que na noite anterior.

— A visita de vocês está sendo maravilhosa — Cleo disse, mudando de assunto. — Meu pai tinha feito um convite à sua família anos atrás.

— Auranos é um reino muito bonito, mas meu pai sempre acreditou que tamanha beleza não tivesse valor real. Eu, no entanto, discordo completamente.

Cleo trocou um olhar com Lucia, que parecia um pouco chocada com a sinceridade de Amara. Cleo manteve a boca fechada, levantando o canto dos lábios e esperando transmitir uma expressão de satisfação.

— Você deve achar a vida aqui tão diferente de Limeros, Lucia — Amara disse, estendendo o braço para tocar uma rosa, evitando os espinhos com cuidado.

— Não podia ser mais diferente — Lucia concordou.

— Todo aquele gelo e aquela neve, os penhascos escarpados. Aqui é muito mais agradável, não é? Se eu passasse mais de um dia na congelante Limeros, acho que me jogaria no mar para me afogar e me livrar de condições tão inconcebíveis. — Ela riu, depois se deu conta de que Cleo e Lucia olhavam para ela boquiabertas, em choque. — Peço desculpas. Os kraeshianos têm fama de falar o que lhes vem à cabeça. Não me odeiem por ser indelicada.

— É claro que não. — Lucia sorriu. — Não é preciso se desculpar. Essa franqueza é… revigorante. Não é, Cleo?

— Ah, sim — Cleo concordou. — É muito revigorante.

Amara observou Cleo com atenção.

— Devo dizer que estou surpresa de ver como você se ajustou à nova vida. Esperava que estivesse confinada em seus aposentos, com permissão para sair

apenas para se alimentar. O fato de os Damora parecerem confiar em você, a filha do antigo inimigo, me fascina.

Amara podia usar a palavra *indelicada*. Outros diriam *grosseira*.

Cleo se esforçou para encontrar uma resposta apropriada.

— Meu pai foi derrotado porque não se curvaria nem se renderia ao rei Gaius. Tais conflitos são comuns no mundo todo, em vários reinos. Só tenho a agradecer pelo rei Gaius não ter me punido pelas escolhas de meu pai e ter me dado um lar aqui, junto com sua família.

As palavras tinham um gosto repugnante.

— E você aceitou tudo isso? Aceitou sua nova família?

*Família*. A palavra causou um arrepio em sua alma.

— Da melhor maneira possível.

— Cleo é um acréscimo bem-vindo. Ela agora é como uma irmã para mim — Lucia afirmou.

Enquanto a garganta de Cleo queimava por ter de dizer tantas mentiras, seu coração ficou mais leve quando ouviu Lucia chamá-la de *irmã*. O fato de a garota estar disposta a sair em sua defesa depois de tê-la ignorado minutos antes provava que a falta de tato da princesa Amara tinha o poder de transformar inimigas em amigas.

— Que sentimento adorável, Lucia — Amara disse, olhando para a mão de Cleo. — E que anel lindo, Cleo. Onde o conseguiu?

Cleo resistiu ao ímpeto de encobrir a ametista.

— Obrigada. Pertenceu à minha mãe.

— É muito bonito. — A voz com sotaque de Amara estava calma. — Quase mágico de tão bonito. Você tem muita sorte de tê-lo.

O estômago de Cleo começou a se revirar.

Ela estava usando o anel todos os dias agora, escondido à vista de todos, onde não podia ser perdido. Não parecia mais especial do que o colar de turquesa ou o bracelete de ouro, mas, ainda assim, Amara tinha prestado atenção especificamente nele, chamando-o de mágico.

O príncipe Ashur já havia questionado Cleo sobre a lenda da Tétrade antes. E agora Amara estava ali, dizendo que seu reino tinha mais valor do que o pai dela acreditara…

— Se nos der licença, princesa Amara — Lucia disse, tomando o braço de Cleo. — Receio que estejamos atrasadas para nossa próxima aula. A tutora ficará muito irritada conosco.

— Vocês fazem aulas juntas? — perguntou Amara, erguendo as sobrancelhas.

— Ah, sim — Cleo confirmou de imediato a mentira de Lucia. — Hoje temos aula de bordado. É uma habilidade muito útil, mas nossa tutora é extremamente rígida.

Cleo não tivera aula nenhuma desde o ataque ao palácio. Na época, achava que sua educação não passava de um tempo perdido, que podia ser mais bem empregado com seus amigos. Mas, agora, pensar nas antigas aulas a enchia de lembranças contraditórias de um tempo mais feliz.

Quando tudo aquilo terminasse, quando finalmente recuperasse o trono, teria muitas aulas e aprenderia tudo sobre todos os assuntos possíveis.

À exceção, talvez, de bordado.

— Então é melhor se apressarem. Até mais — Amara disse. — Vejo vocês em breve.

— Sim, muito em breve, eu espero — Cleo disse, sorrindo com doçura.

— Acho essa garota muito desagradável — Lucia revelou assim que se afastaram da princesa. — Ela tem sorte de eu não atear fogo no cabelo dela.

— Você poderia fazer isso? — Cleo perguntou, chocada e intrigada pela franqueza de Lucia.

— Se eu quisesse. — Lucia olhou para ela com um leve sorriso nos lábios. — Acho tão estranho…

— O quê?

— Ficar perto de você é tão relaxante. Achava que não tinha passado de uma ilusão naquele dia, mas agora sei que é verdade.

— Você não percebe? — Cleo apertou o braço de Lucia. — Nascemos para ser amigas. Apesar de todas as dificuldades que passamos, isso parece certo. Confie nisso. Confie em mim. Posso ajudar com a sua magia.

— Talvez — Lucia cedeu, franzindo um pouco a testa.

O anel de Cleo brilhava um pouco por estar tão perto da feiticeira. Ela conteve um sorriso.

"Talvez" era um passo firme na direção certa.

# 5

# MAGNUS

## AURANOS

A pedido do rei, Magnus e um seleto grupo de guardas saíram para escoltar o príncipe e a princesa de Kraeshia até uma grande quinta a uma hora de distância a nordeste do palácio.

Em vez de discutir, ele aproveitou a oportunidade para sair da cidade e espairecer. A viagem transcorreu sem percalços, uma vez que estavam cercados por uma multidão de guardas, tanto kraeshianos quanto limerianos, incluindo Cronus, capitão da guarda do palácio, que raramente saía de perto do rei. O fato de Cronus ter sido designado para acompanhá-los era prova de que o rei tinha pelo menos algum interesse na segurança de Magnus quando ele saía das muralhas da cidade.

Finalmente, chegaram à quinta.

— É linda — disse a princesa Amara quando desceu da carruagem junto ao irmão.

— É mesmo — o príncipe Ashur concordou, passando os olhos pelas viçosas colinas verdes entre as quais ficava a quinta. — É mais do que apropriada. O rei foi muito generoso em nos proporcionar um lugar tão bonito para ficar.

Magnus concordou.

— Ele ficará satisfeito por terem gostado.

Seu pai não gostava dos kraeshianos, mas, até então, Magnus achava que não passavam de uma inconveniência, como um inseto persistente e imune a tapas. E seu pai se recusava a fazer qualquer coisa além de dar tapas naquelas pestes, por medo de que alertassem seu pai e declarassem guerra contra ele.

Era incomum para o rei Gaius temer qualquer coisa. Ainda assim, desde o casamento real, onde um terremoto quase o matara, o rei parecia temer cada vez mais sua própria mortalidade.

*E com razão.*

Magnus apeou do garanhão negro e se aproximou da grande quinta.

A porta da frente se abriu, e um menino, que não devia ter mais do que cinco ou seis anos, saiu correndo pela trilha. Chegando até Magnus, ele parou de repente e olhou para o príncipe com os olhos arregalados.

— Você é o príncipe Magnus, não é?

— Sou.

— Minha mãe tem pesadelos com você. — Ele estava com os pequenos punhos cerrados ao lado do corpo. — Não vou deixar você machucá-la!

Cronus deu um passo à frente, mas Magnus levantou a mão para contê-lo.

— Eu garanto, meu jovem — ele disse, abaixando-se diante do menino para poder olhá-lo nos olhos — que não pretendo fazer nenhum mal à sua mãe. Mas fico muito satisfeito em ver que ela está sendo protegida por um guerreiro tão feroz.

Uma mulher barriguda se apressou na direção deles e pegou o menino nos braços. Seu rosto era pálido e cansado, características muito comuns depois da vitória do rei.

— Peço desculpas, vossa alteza — a mulher disse com nervosismo. — Meu filho, ele… ele fala sem pensar. Não quis desrespeitá-lo.

— Não me ofendi. — As palavras da criança não continham nenhuma ameaça, apenas uma leve ferroada que Magnus tentou ignorar. A porta da frente se abriu de novo, e um homem saiu da quinta e se juntou à mulher e ao menino.
— E quem é você? — Magnus perguntou.

O homem colocou o braço em volta da mulher e observou Magnus com cautela.

— Sou o lorde Landus. Peço desculpas, príncipe Magnus. Sabemos que já deveríamos ter partido, mas nos atrasamos. Minha esposa está esperando um filho, e suas manhãs costumam ser tomadas pelo enjoo. Pode estar certo de que partiremos agora para dar espaço aos seus… — Ele passou os olhos pelos kraeshianos e ficou com o maxilar tenso. — … respeitados hóspedes. Como foi solicitado por seu pai.

— Vocês moram aqui? — Magnus ficou perplexo. Ele achou que se tratava de uma propriedade abandonada. Agora se dava conta de que seu pai havia

simplesmente expulsado os residentes, sem dúvida com ameaças de prisão ou coisa pior. Por que isso o surpreendia? O rei nunca havia governado seu povo com uma pena quando uma pedra resolvia com mais facilidade.

O homem sorriu, mas demonstrando apenas cordialidade.

— A casa agora pertence ao rei Gaius. E a você.

— Então sigam seu caminho e não desperdicem mais o tempo do príncipe — Cronus disse, aproximando-se como uma sombra pesada ao lado de Magnus.

— É claro. — O medo passou pelos olhos do lorde. — Adeus, vossa alteza.

Magnus observou os três caminhando pela estrada da floresta. O garotinho o encarou por sobre o ombro da mãe, confuso. Ele não entendia por que tinha que sair da própria casa, sem saber quando ou mesmo *se* poderia voltar.

*Eles são auranianos*, Magnus lembrou a si mesmo quando se deu conta de que não conseguia desviar os olhos. *Por que se importa com o destino deles?*

— Espero que tenham levado todos os pertences pessoais e não precisem voltar a nos incomodar — disse a princesa Amara ao entrar no vestíbulo. Ela olhou para o teto de vitrais e para a escada esculpida em espiral com um grande sorriso. — Sim, é um espaço bastante aceitável. O rei sabe como tratar seus visitantes estimados. Vou dar uma olhada.

O príncipe Ashur parou na porta.

— Faça isso, minha irmã.

Amara desapareceu escadaria acima, seguida por sua criada.

— Peço desculpas pela indelicadeza de minha irmã — disse o príncipe Ashur. — Acho que ela não entendeu o que acabou de acontecer.

— O que há para entender? — Magnus perguntou, fingindo simpatia. — Vocês precisam de um lugar para ficar, e este é o lugar.

— Teríamos ficado bem no palácio. Não queremos causar nenhum problema.

*Não, é claro que não querem.*

Magnus se virou para Cronus, que ainda estava ao seu lado.

— Espere aqui do lado de fora com os outros até eu estar pronto para partir. Não devo demorar.

Cronus abaixou a cabeça.

— Sim, alteza.

Magnus e Ashur entraram no vestíbulo e fecharam a porta. Ashur mal notou a bela arquitetura, as ricas tapeçarias penduradas nas paredes e o piso ladrilhado com um mosaico colorido.

— Não é de seu gosto? — Magnus perguntou.

— Está ótimo, é claro — Ashur respondeu, sem dúvida com a atenção em outro lugar. — Devo dizer que estou satisfeito por finalmente termos a chance de conversar em particular.

— Está?

Ashur assentiu.

— Estou curioso para saber mais sobre Mítica. Dadas as suas recentes viagens, sabia que deveria falar com você.

Conversa fiada sobre geografia? Que coisa mais idiota.

— O que deseja saber?

— Quero que me fale sobre a Tétrade — ele respondeu sem hesitar.

A palavra foi recebida como um golpe. Magnus se esforçou para parecer impassível e não dar sinais de que seu coração começara a bater acelerado.

— Ora, esse é um assunto um pouco extenso para discutirmos. Mas, infelizmente, não vale a pena. Por que você estaria interessado em lendas e livros de história?

— Porque não acredito que seja apenas uma lenda. Acredito que a Tétrade existe. — Ashur o encarou como se Magnus fosse um livro que ele tentava ler.

Era isso que o rei temia — forasteiros indo atrás do seu tesouro.

*Do tesouro de Magnus*.

— É por isso que estão aqui? — Magnus perguntou. — Em busca de informações sobre a Tétrade?

— Sim — Ashur respondeu, direto.

Magnus forçou um sorriso.

— A maioria das pessoas… *inteligentes* acha que a história dos vigilantes e da busca eterna pela Tétrade é contada apenas para fazer as crianças se comportarem e temerem os falcões mágicos que observam e julgam todas as suas malcriações.

— Existe também a profecia de uma feiticeira renascida, cuja magia iluminará o caminho para essa fonte de poder supremo.

Então a profecia de Lucia era conhecida além da costa de Mítica. O estômago de Magnus ficou tenso só de pensar, mas ele ignorou essa sensação desagradável o melhor que pôde e manteve contato visual com o príncipe, sem recuar.

— Também já ouvi esses rumores. Na verdade, há um punhado de supostas bruxas no calabouço agora mesmo, enquanto conversamos. Talvez deseje perguntar a *elas* se são feiticeiras? — Ele forçou outro sorriso. — Não perca seu tempo com ideias tão tolas, príncipe Ashur. Existem muitas outras atrações para

explorar antes de içar as velas para voltar para casa. Ficaria feliz em sugerir algumas que podem ser de seu interesse.

A veemência firme e resoluta nos olhos azul-acinzentados do príncipe enervava Magnus mais do que gostaria de admitir.

— Já ouviu falar do ser de fogo? — Ashur perguntou.

Magnus franziu a testa diante da mudança brusca de assunto.

— Não sei muito bem do que está falando.

Ashur passou a mão pela base do corrimão de mármore casualmente.

— Um jovem foi visto evocando a magia do fogo na floresta onde aconteceu a última batalha rebelde. Acredito que tenha havido um grande incêndio durante o ataque, não foi?

— Houve, sim. — Magnus não sentiu necessidade de mentir; essa informação podia ter vindo de várias fontes diferentes. — O fogo matou muita gente. Não sei como começou.

Ashur cruzou os braços diante do peito e se apoiou na parede.

— De acordo com todos os relatos, as chamas eram de origem sobrenatural… *elementar*, na verdade. O contato com esse fogo é capaz de transformar a carne de um homem em cristal e se estilhaçar com um único toque.

As entranhas de Magnus se retorceram ao se lembrar do estranho fogo que roçara seus tornozelos quando saíra da tenda, depois da fuga de Jonas Agallon. Ele vira seus efeitos. Fazia dias que tinha pesadelos com isso.

— Que estranho. — Magnus sacudiu a cabeça. — Mas parece que você andou ouvindo rumores de camponeses. O mesmo vale para esse… como você o chamou? Um *ser* de fogo?

Ashur voltou a atenção para a mesa de mogno do outro lado do vestíbulo, entalhada com um belo padrão de pétalas de flores. Sobre o móvel, havia um vaso com flores frescas, que naquele momento ele analisava com o interesse de um botânico.

— Essa pessoa matou um guarda, e seus companheiros disseram que, a princípio, acharam que o jovem fosse um escravo fugido. Mas logo notaram que o símbolo do fogo ardia em sua mão, e que seus olhos passaram de âmbar a azul, com uma luz estranha. Com um simples olhar, ele queimou a vítima até a morte com essa chama cristalizadora.

Magnus se deu conta de que tinha parado de respirar. Âmbar era a cor mais comumente associada ao cristal de fogo da Tétrade.

— O que está dizendo?

Ashur estendeu a palma das mãos.

— Na verdade, não sei ao certo. Queria ouvir suas impressões. Achei que pudesse saber de alguma coisa. — Ele analisou Magnus dos pés à cabeça, aparentemente nada impressionado. — Estou vendo que estava errado. É uma pena.

Magnus ficou furioso.

— Eu o aconselharia a não tratar rumores ou boatos como verdade. Em especial rumores e boatos repetidos por alguém tão pouco confiável quanto um guarda ou um criado.

— Não estou surpreso por ouvir isso de você, considerando outros rumores que escutei pelo palácio. — Ashur sorriu, uma reprodução exata da sinceridade, o que fez Magnus invejar suas habilidades de esbanjar charme enquanto proferia palavras tão desagradáveis. Igual ao seu pai.

— Outros rumores? — Magnus perguntou. — Como o quê?

— Nada que valha a pena mencionar.

Nesse mesmo instante, Amara desceu as escadas, interrompendo-os, por sorte.

— Vocês dois vão ficar aí embaixo o dia todo? Ou vão explorar a casa comigo?

— Explorar me parece uma excelente ideia — Magnus respondeu, oferecendo o braço a Amara quando ela chegou ao último degrau. Sentiu uma necessidade irresistível de encerrar a conversa com o príncipe. — Vamos dar uma olhada nos jardins. Ouvi dizer que se comparam aos do palácio em termos de beleza.

— Vamos, sim. Ashur?

O príncipe acenou.

— Podem ir. Encontro vocês daqui a pouco.

Com a criada acompanhando-os a uma distância discreta, Magnus e Amara saíram para os jardins — tão lindos quanto prometiam os rumores.

Era óbvio que não se tratava apenas de uma propriedade grandiosa construída para nobres. Era um lar repleto de amor — amor dedicado a cada centímetro, cada móvel, cada ladrilho colorido ou superfície de mármore. Os jardins particulares eram enormes, terminando em uma parede de pedra a duzentos passos da quinta. Todas as cores do arco-íris estavam representadas por rosas, violetas e hortênsias, além de macieiras, pereiras e oliveiras. Ali havia o perfume da vida — doce e vibrante.

No entanto, depois de um instante, a doçura se dissipou e foi substituída por um odor mais desagradável. Não chegava a ser ofensivo, mas era um tanto

quanto… errado. Talvez fosse apenas a imaginação de Magnus.

Mas ele acreditava estar sentindo o odor acre de algo roubado. Como tudo o que o rei alegava ser seu.

— Ah, que lindo — Amara exclamou. — Só gostaria que fosse mais perto do palácio.

Por mais maravilhosa que a quinta fosse, o rei não a havia escolhido por sua beleza. Ele queria manter os kraeshianos a uma distância segura.

— Será providenciado um meio de transporte para vocês e seus guardas, de modo que poderão nos visitar sempre que desejarem. Você e seu irmão são bem-vindos a qualquer hora.

Amara era muito mais bem-vinda que Ashur, na opinião de Magnus. Apesar das suspeitas de seu pai sobre as motivações do príncipe, as perguntas de Ashur pegaram Magnus de surpresa. Elas o haviam levado de volta àquela batalha mortal contra os rebeldes e contra o próprio Jonas Agallon. Ele se lembrava do fogo estranho, e da bela vigilante que havia perecido em um lampejo de luz nas mãos de Xanthus, mas não antes de revelar a Magnus como ajudar Lucia:

*"Existe um anel que foi forjado com magia pura no Santuário para ajudar a feiticeira original a controlar a Tétrade e seus próprios* elementia. *Esse anel está mais próximo do que pode imaginar."*

Talvez ela estivesse apenas brincando, distraindo-o para dar a Jonas a chance de escapar.

E agora ouvia rumores a respeito de um ser de fogo vagando pelo campo…

— Vossa graça. — Amara tocou o braço dele. — Ainda está aqui?

Magnus tentou arrancar as teias de aranha da cabeça e se concentrar na garota à sua frente.

— Peço desculpas. Não quis ser indelicado. Estava apenas pensando em seu irmão. Ele está muito curioso a respeito das lendas locais.

Ela resmungou.

— Ashur está falando sobre a Tétrade de novo, não está? Ele tem esse passatempo há anos… aprender sobre magia. Sempre considerei uma enorme perda de tempo. — Ela levantou a sobrancelha. — A menos, é claro, que seja verdade.

— Espero que ele não fique muito decepcionado quando sua busca não der em nada além de pedras e terra.

— Como a maioria das buscas. — Ela riu, colocando a mão gentilmente sobre o braço dele enquanto caminhavam. — Acho que você é uma pessoa muito

interessante. Entendo por que Cleo esteja tão encantada.

Ele parou de repente.

— Acha que ela está?

— É claro. Estar casada com um príncipe tão forte e bonito… — Amara olhou para ele pelo canto do olho, por entre os espessos cílios negros. — Não posso deixar de invejá-la.

Magnus não estava acostumado com a maneira como Amara flertava. Sabia que algumas garotas demonstravam interesse mantendo uma certa distância, rindo com as amigas ao passar pelos corredores do palácio. Havia encontrado outras que eram ousadas e destemidas na abordagem, esperando chamar sua atenção. Mas a maioria delas simplesmente lançava olhares temerosos para ele, supondo que fosse cruel e frio como o pai.

Não podia evitar ficar um tanto intrigado com o olhar malicioso de Amara. Ela fingia ser recatada, mas era o extremo oposto.

— Você ainda não está noiva? — ele perguntou enquanto continuavam a caminhada pelo jardim cercado de flores e plantas podadas. Um coelho marrom passou saltitando na frente deles, aparentemente despreocupado com sua presença.

— Não. Pedi para esperar até encontrar alguém de meu agrado. Ninguém na minha família esperou tanto quanto eu para se casar. Bem, ninguém exceto Ashur.

— Ele não está noivo?

— Já esteve. Três vezes. Todos os noivados terminaram pelo mesmo motivo: ele acabou decidindo que não estava interessado o suficiente em nenhuma das moças para passar o resto da vida com elas. — Amara balançou a cabeça, claramente entretida com as travessuras românticas do irmão. — Ele é o filho mais novo, então meu pai deixou que tivesse o tipo de liberdade que nunca permitiria aos mais velhos.

Como primogênito e herdeiro, Magnus nunca esperou ter tamanha liberdade, mesmo se fosse filho de outro pai. Era impossível imaginar como seria levar uma vida quase sem supervisão.

— Talvez seja melhor esperar a pessoa certa em vez de concordar com um casamento arranjado, se houver essa opção.

— Acredita mesmo nisso?

— Acredito apenas em dever e lealdade ao trono. — E o trono em breve seria dele.

Amara se virou para ele e, com audácia, levou a palma da mão ao seu peito. Magnus olhou para baixo, surpreso, mas não se afastou.

— Você acredita que duas pessoas possam sentir uma atração tão imediata no momento em que se conhecem, a ponto de ser impossível ignorar? Que possa existir algo intangível que as conecte, como se fossem almas gêmeas?

Muitas garotas gostavam de refletir sobre coisas tolas e irrelevantes como amor à primeira vista e coração ardendo de paixão. Sinceramente, Magnus não era capaz de pensar em nenhum assunto menos interessante, mesmo ao lado de uma garota tão bela quanto Amara.

— Acho que é possível — ele mentiu. — Mas eu não…

Antes que pudesse terminar, Amara puxou seu rosto e o beijou. Aconteceu tão rápido que, se ela tivesse uma faca, podia tê-lo matado bem ali, sem resistência.

Seus lábios eram macios, mas insistentes, e ela cheirava a jasmim e flores de pêssego.

Finalmente, Amara se afastou dele, fixando os olhos no chão.

— Sinto muito. Não consegui me conter.

Ele se esforçou para responder.

— Não se desculpe.

— Odiaria que Cleo descobrisse. — Ela franziu um pouco a testa. — Esperava que pudéssemos nos tornar boas amigas. A última coisa que quero é provocar ciúmes.

Como se isso fosse possível.

— Não vamos mais tocar nesse assunto.

— Não, a menos que você *queira* tocar nesse assunto. — Ela fez uma pausa. — Devo admitir que apreciaria ter essa conversa.

Ela era surpreendente em tantos aspectos que o beijo ousado e inesperado era apenas o mais recente deles. Magnus não sabia ao certo o que pensar — será que era uma princesa em busca de diversão e escândalo, ou uma garota ambiciosa e cheia de estratégias? Independente do que fosse, parecia que um jogo tinha acabado de começar entre os dois, e ela havia feito o primeiro movimento.

Amara se virou para a criada.

— Vamos voltar para dentro e verificar se os baús estão sendo colocados nos quartos certos.

A criada fez uma reverência.

— Sim, princesa.

Magnus ficou observando as duas voltarem para a casa. Pouco antes de passarem pela porta, o príncipe Ashur saiu, atravessando o jardim com um olhar presunçoso.

— Minha irmã é uma coisa, não é? — ele comentou.

Aquilo era um eufemismo, mas Magnus estava acostumado a lidar com princesas complicadas.

— Ela me dá a impressão de ser uma garota que gosta de abrir o próprio caminho.

— De fato.

— Está na hora de voltar ao palácio. Espero que tenham tudo de que precisam aqui.

— Tudo, menos as respostas que procuro — Ashur disse. — Talvez você possa ser mais prestativo outro dia.

— Talvez. — Magnus se virou para sair, mas parou. — Quase me esqueci de uma coisa.

— O quê?

Ele levou a mão ao bolso interno do casaco, tirou um pacote muito bem embrulhado e desenrolou o tecido, revelando uma pequena adaga dourada.

Ashur piscou.

— A princesa Cleiona ficou muito grata pelo presente de casamento, essa adaga nupcial kraeshiana, mas pediu que eu devolvesse assim que pudesse. É um presente muito bonito, mas poderia facilmente machucar alguém por acidente. Não gostaríamos que isso acontecesse, não é?

Ashur pegou a faca e se atreveu a olhar nos olhos de Magnus.

— Não, não gostaríamos.

— Nos vemos em breve — Magnus disse, virando-se de vez. — Espero que continue a desfrutar de sua estadia no pequeno reino de meu pai.

Os kraeshianos não eram os únicos capazes de entrar no jogo.

# 6

# LUCIA

## AURANOS

As paredes estavam se fechando em volta dela.

Por muito tempo, Lucia ficou confinada no palácio. A preocupação do pai com sua saúde a havia impedido de perambular livremente do lado de fora. Ela tolerava a natureza superprotetora do rei, sabendo que ele a mantinha confinada apenas porque a amava, mas, conforme as semanas passavam, seu desejo de liberdade aumentava.

E agora estava forte demais para ignorar. Ela precisava ser firme hoje, exigir permissão para respirar ar puro além dos limites do pátio do palácio, explorar o reino que havia ajudado a conquistar. E não permitiria que ninguém — nem mesmo o rei — a controlasse.

Pediu à deusa Valoria a força e a sabedoria necessárias e então saiu de seus aposentos, confiante em seu objetivo.

Só de pensar na liberdade já sentia um sopro de vida, enquanto se dirigia à sala do trono, onde uma reunião do conselho tinha acabado de terminar. Lucia parou e esperou os membros do círculo de confiança de seu pai passarem por ela na entrada.

— Fico feliz em ver que está se sentindo melhor, princesa — disse um homem careca e atarracado, meneando rapidamente a cabeça em sua direção.

— Obrigada — ela murmurou.

Magnus estava entre os conselheiros, mas não a cumprimentou — nem de maneira simpática, nem de maneira nenhuma — quando saiu da sala como uma sombra. Além dos gracejos que trocavam durante as reuniões formais, para manter as aparências, toda a interação recente entre eles tinha se tornado fria.

Não era culpa dele o relacionamento dos dois ter azedado — não totalmente. Pensar no laço rompido lhe doía o coração.

Assim que o último conselheiro saiu, seu pai a cumprimentou.

— Lucia, é maravilhoso ver você, minha querida.

Ela havia ensaiado as palavras enquanto percorria os corredores ainda pouco familiares. Agora só precisava dizê-las.

— Gostaria de permissão para sair do palácio hoje — ela disse, apressando-se para falar antes que começasse a duvidar de si mesma.

Ele ergueu a sobrancelha escura.

— É mesmo?

— Sei que não acha seguro, mas discordo. A cidade é murada e bastante protegida. Levarei vários guardas comigo. Mas… mal consigo expressar o quanto preciso sair daqui e respirar um pouco de ar puro. Ver algo novo. Até mesmo o pátio e os jardins me parecem opressivos a esta altura. Me sinto uma prisioneira aqui dentro.

— É claro que você não é uma prisioneira, Lucia. — O rei se aproximou com uma expressão de preocupação genuína. — Acha que eu lhe negaria esse pedido?

— Não tenho ideia. Sei que se preocupa com minha segurança.

Ele tocou o rosto da filha, esboçando um sorriso na linha fina da boca.

— Eu vi o que você é capaz de fazer. Não tenho dúvidas de que seria capaz de se proteger se fosse ameaçada.

O coração dela saltitou.

— Então está me dando sua permissão?

— E se eu disser não?

Uma fagulha de raiva se acendeu dentro dela.

— Por que faria isso? Eu fiz tudo o que me pediu. Tudo! Você mesmo disse que sei me proteger. E eu sei! Peço uma única coisa em todos esses meses, e você quer me negar…

— Lucia — ele disse, interrompendo-a. — Foi apenas uma pergunta retórica para ver se você estava disposta a brigar pelo que quer. Agora percebo que está e que veio até aqui sabendo que só aceitaria uma resposta de minha parte. Ótimo. Gosto de ver esse fogo em você, essa força. Se alguém tentar impedi-la de obter algo que queira, você pode simplesmente tomá-la, não importa quem seja. Está claro?

Lucia relaxou. O rei estava apenas transmitindo um ensinamento, que ela aceitou de bom grado.

— Está bem, pai.

— No entanto, sugiro que consulte um guia versado para não perder seu valioso tempo em lugares medíocres.

Ela concordou avidamente, o coração batendo de expectativa.

— Farei isso.

— Ótimo. — O rei foi até a longa mesa do conselho e observou os pergaminhos, cartas e documentos formais da reunião ainda espalhados por ali, depois voltou a olhar para Lucia. — Mas, diga-me, como está sua magia? O controle sobre ela?

O rei perguntava as mesmas coisas todos os dias. Sabia que as habilidades dela lhe haviam causado problemas no passado e tentara encontrar tutores para auxiliarem Lucia — até agora sem sucesso. A magia dela era mais poderosa do que qualquer coisa que os tutores já tivessem visto.

— Melhor, acho. Pratico todos os dias. — *Tentando reprimi-la, impedir que mate mais alguém*, ela pensou. — Estou me esforçando.

— É claro. Não esperaria nada diferente disso. Um dia, espero que muito em breve, precisarei solicitar seu dom de novo para me ajudar. — Ele meneou a cabeça. — Agora, vá aproveitar seu dia na cidade, tomar um pouco de sol. Vejo você de novo na hora do jantar.

— Obrigada, pai.

Justo quando ela o pintara como rígido, cruel e opressivo, o rei mostrou que podia ser o oposto. A maneira como tinha acabado de olhar para ela, a mesma maneira como a olhava desde a primeira vez que demonstrara o uso de seus *elementia*, com orgulho, admiração e amor…

Começou a derreter o gelo que se formava em seu coração.

Não havia dúvidas de que o rei tinha sido duro com Magnus no decorrer dos anos, para garantir que o filho crescesse e se tornasse um herdeiro forte e digno. Mas com Lucia, sempre fora gentil e paciente.

Ela queria desesperadamente acreditar que ele a amava como se tivesse seu próprio sangue.

*Mas você não tem*, uma voz relembrava. *Ele a roubou de sua verdadeira mãe por causa da profecia. Porque queria sua magia para si e para mais ninguém.*

Apesar desse lembrete constante no fundo da cabeça, o rei era quem mais a apoiava. Mesmo nos momentos mais desafiadores, quando ela não tinha mais ninguém a quem recorrer, ele sempre reassegurava que Lucia era uma boa

pessoa, que seus poderes não eram cruéis, malignos, obscuros ou odiosos. Eram bons.

Ela era a princesa Lucia Eva Damora, filha do rei Gaius, em todos os aspectos que importavam.

E tinha a permissão dele para sair do palácio.

O rei havia pedido para ela consultar um guia familiarizado com a cidade. Mas não chegara a especificar quem deveria ser esse guia.

— Sinto muito, princesa Lucia, mas *ela* não está autorizada a atravessar os portões da cidade sem a permissão do rei.

Lucia alternou o olhar entre o guarda e Cleo, que estava bem ao seu lado, exasperada.

— Tudo bem — disse Cleo. — Eu fico. Não quero causar problemas.

Lucia ainda não estava muito certa sobre Cleo, mas, se havia alguém que conhecia bem a cidade, era ela. E se havia alguém além de Lucia que sabia como era se sentir presa dentro do palácio dia e noite, também era Cleo.

Ela se virou para o guarda e lançou o que esperava ser seu olhar mais gélido.

— Tenho a permissão de meu pai para sair do palácio e vou levar a esposa de meu irmão comigo. Deixe-nos passar, ou não ficarei nada satisfeita.

— Mas, princesa…

Ela levantou a mão, silenciando-o.

— Você sabe o quanto meu pai me adora?

— É claro, vossa alteza. Mas recebo ordens. Por favor, entenda.

— Entendo perfeitamente. Você vê a princesa Cleiona como filha do antigo rei. Mas, na verdade, ela é minha cunhada e será sua futura rainha quando meu irmão assumir o trono. Em vista disso, você deve tratá-la com respeito. E vai sair da frente e nos deixar passar enquanto ainda me resta um pouco de paciência.

Como o rei disse, se alguém tentasse impedi-la de obter alguma coisa, devia apenas tomá-la, não importava quem fosse.

Ela concordava plenamente.

Lucia viu o rosto do guarda se franzir enquanto travava uma batalha interna. Finalmente, ele se curvou.

— Como quiser, vossa alteza.

Os guardas abriram os portões, deixando Lucia e Cleo — e os quatro guardas que as acompanhavam — entrarem na Cidade de Ouro. Lucia respirou fundo,

desfrutando o momento.

Era como entrar em um sonho.

O dia estava quente, o céu, azul e sem nuvens. O sol brilhava no rosto delas enquanto transformava a estrada adiante em uma fita cintilante de ouro que se trançava pela cidade. Apenas os cidadãos mais importantes e privilegiados de Auranos tinham a honra de chamar essa região de lar. A maioria das quintas ficava ao sul do palácio; as lojas e centro industrial, ao norte. Cercando tudo isso, como uma enorme coroa cravada de joias, uma imponente muralha dourada, vigiada dia e noite por sentinelas.

Não havia nenhuma cidade palaciana como aquela em Limeros. Lá, o castelo real ficava na beira de um penhasco frio, privado e isolado. Pontuando a paisagem, havia quintas que pertenciam aos nobres e pequenas vilas. O Templo de Valoria e a capital, Pico do Corvo, ficavam a meio dia de viagem.

Nada em Limeros era tão conveniente como ali no sul. Tudo o que um auraniano pudesse desejar estava disponível à distância de uma curta caminhada do palácio.

— É tão estranho — disse Cleo, apressando-se para acompanhar os passos longos de Lucia.

— O quê?

— A cidade mudou muito pouco. Não sei por quê, mas esperava que estivesse diferente. Vi uma coisa ou outra quando saí para a excursão de casamento, mas parece a mesmíssima cidade de sempre.

Lucia parou para pensar. Um novo rei no poder, totalmente diferente daquele que substituiu, e, ainda assim, aos olhos de uma pessoa que sempre vivera ali, a vida cotidiana parecia não ter mudado. Ela ficou surpresa por seu pai não ter feito mais ajustes naquele lugar frívolo e hedonista. Todos aqueles excessos lhe pareciam repugnantes — ouro e prata e joias brilhantes no pescoço de quase todos os cidadãos, ouro nas próprias ruas, reluzindo sob o sol.

Limeros não era pobre como Paelsia, mas parecia inaceitável ostentar sua riqueza como faziam os auranianos. Ela achava a cultura ali um pouco nauseante, mas depois de tudo o que ouvira sobre o lugar, não era de todo inesperado.

— A verdadeira mudança levará tempo — Lucia finalmente respondeu.

— É claro, você tem razão — Cleo disse em voz baixa.

Talvez essa não fosse a resposta reconfortante que Cleo procurava.

Elas continuaram caminhando, atraindo a atenção das pessoas que passavam. Alguns apontavam e sussurravam, parecendo satisfeitos e até mesmo exultantes,

incapazes de tirar os olhos de Cleo, que retribuía os acenos e sorrisos sem hesitar.

Mas as expressões mudavam ao verem Lucia. Muitos não a reconheciam, mas os poucos que o faziam sabiam se tratar da filha do rei. E as expressões passavam de felicidade a preocupação, cautela. E medo.

Ou talvez fosse apenas a imaginação de Lucia.

Por onde quer que passassem, havia algo novo e belo para encher os olhos, e Cleo fazia comentários rápidos e divertidos sobre tudo — tavernas, comércios, parques, jardins. Um jardim em especial fez Lucia se lembrar do labirinto em Limeros, encomendado por um lorde como presente de aniversário quando ela completara um ano. Só que esse jardim era verde e viçoso, não branco e gelado como o seu. Pássaros de todas as cores voavam pelo ar, pousando sobre gigantescas árvores frutíferas e salgueiros-chorões. Borboletas rodopiavam com a brisa.

Tudo era tão lindo.

Mas não era seu lar.

— Cleo! — gritou uma voz. Lucia virou e viu três garotas desconhecidas correndo na direção delas. Os guardas se prepararam, mas Lucia pediu que se contivessem. Quando as meninas se aproximaram, Lucia as observou com curiosidade.

Uma delas, loira com cara de raposa, logo abraçou Cleo.

— Nunca pensei que voltaria a me aproximar o suficiente para abraçá-la! Você está linda!

— Obrigada — Cleo disse, sorrindo para o trio.

— Sua irmã… — disse uma menina de cabelos escuros e óculos de armação redonda, com os olhos cheios de lágrimas. — Sinto muito pelo que aconteceu com Emilia. E com seu pai… Ah, Cleo. É tudo tão horrível!

A terceira menina, que tinha o cabelo castanho-escuro e o rosto cheio de sardas, parou diante da amiga.

— Sim, é terrível. Não achei que fossem deixar você sair daquele castelo, pobrezinha! Há rumores de que o príncipe a deixa trancafiada em uma torre!

— Ah, que absurdo. Eu estou bem. Está tudo bem. — Mas havia algo estranho na voz de Cleo. — E muito obrigada, Maria, pelas condolências. Sinto tanta falta de minha família que mal consigo expressar. — Ela abriu um sorriso firme e pegou no braço de Lucia. — Meninas, quero que conheçam a princesa

Lucia Damora. Lucia, essas são Dana, Ada e Maria, três de minhas amigas mais antigas.

As garotas se entreolharam com surpresa, depois fizeram uma reverência.

Lucia fez questão de não demonstrar, mas aquilo lhe causou um enorme desconforto. Ela era uma forasteira, uma visitante que não tinha sido convidada e estragara a festa daquele círculo íntimo.

Bem, fazer o quê, não é? A cidade agora pertencia ao seu pai. O reino todo, na verdade. E todos os que estavam nele.

Elas precisavam aprender a ter mais respeito.

— É um honra, vossa alteza — Ada, a sardenta, disse, fazendo outra reverência. — Espero que não a tenhamos ofendido.

— Não foi nada — Lucia respondeu.

Era mentira, é claro. Mesmo que seu pai acreditasse ter aquelas pessoas nas mãos, ela tinha certeza de que não esqueceriam facilmente o acontecido. E poucos sabiam, mas Lucia havia desempenhado um papel crucial na tomada de poder e utilizado seus *elementia* para romper a proteção mágica das portas do palácio por onde ela e Cleo tinham acabado de passar.

Aquele momento havia mudado tudo.

Ela teria feito o que o pai pedira se pudesse prever os resultados?

Se não fizesse, seu pai com certeza teria sido derrotado. Ele e Magnus teriam, sem dúvida, sido mortos. Ela teria perdido tanta coisa.

Sim, pensou. Faria de novo se fosse preciso, se isso significasse salvar as pessoas que amava.

E, para ser honesta, garotas como as amigas de Cleo tinham sorte de estar vivas. Deviam ficar agradecidas.

— Foi maravilhoso ver vocês — Cleo se apressou em dizer, claramente tão ávida quanto Lucia para encerrar o pequeno encontro. — Espero revê-las em breve.

As meninas murmuraram despedidas enquanto Cleo e Lucia passavam. Lucia manteve o olhar orgulhoso diante de suas expressões desconfiadas, até que as três desviaram o olhar, focalizando o chão.

*Assim é melhor.*

— Peço desculpas se elas pareceram rudes — Cleo disse. — São apenas uma pequena parte do grupo com quem eu costumava socializar. Talvez estejam confusas e magoadas já que faz muito tempo que não recebem um convite para ir ao palácio.

*E nunca mais receberão*, Lucia pensou.

— Você é muito próxima delas?

— Será que é possível ter amigos fora do palácio em que podemos confiar?

Não. Não era possível. Lucia não tinha muitas amigas em Limeros; seu pai não permitia que se relacionasse com pessoas pouco importantes. Em vez disso, criara laços com seus professores, além de alguns pretendentes em potencial, vindos de famílias nobres, que encontrava em banquetes e eventos formais. E, é claro, Magnus.

Um nó se formou em sua garganta. Lucia costumava considerar Magnus não apenas um irmão mais velho, mas seu amigo mais querido. A maneira fria como a tratava agora era muito dolorosa.

Mas não podia amá-lo como ele queria. E tudo o que ela tinha feito ou dito desde a confissão dele só havia prejudicado ainda mais a relação dos dois.

— Lucia? — Cleo apertou o braço dela. — Parece que está a quilômetros de distância. Está se sentindo bem?

De algum modo, o toque da princesa ajudou a afastar a escuridão.

— Estou bem. É esse calor. É um tanto opressivo, não é?

— Está bem quente hoje. Vamos parar um pouco. — Cleo sorriu. — Conheço um lugar perfeito para descansarmos.

Ela as conduziu por uma rua estreita de pedras, repleta de lojas, depois virou em uma viela, que as levou para longe da área de comércio, na direção de uma clareira cercada de árvores. O gramado era do tamanho do pátio do palácio, com pelo menos cem passos de diâmetro, ao redor do qual havia bancos sombreados por árvores altas e frondosas.

— Minhas amigas e eu costumávamos vir sempre aqui — Cleo explicou. — Era muito divertido, devo dizer.

Ao redor da clareira, pelo menos duas dúzias de belos jovens praticavam esgrima com espadas de madeira. Ao lado, isolada por cordas, havia outra área onde lutavam corpo a corpo. A maioria ria. Eles tinham os rostos sujos, flexionavam os músculos e avançavam uns contra os outros.

— Eles não estão usando camisa — Lucia observou, surpresa.

Cleo sorriu para ela.

— Não, não estão.

Lucia nunca tinha visto nada assim em Limeros.

— Deveríamos estar assistindo? — ela perguntou.

— Por que não? Acredite, eles gostam de ser observados. Isso os faz lutar com mais determinação.

Em volta do campo, pequenas multidões olhavam com grande interesse.

— Guarda! Vá buscar algo gelado para bebermos — Cleo disse. — Tem uma taverna no fim da travessa que estoca o vinho de morango que gosto.

O guarda olhou para Lucia, que acenou em aprovação. Vinho de morango parecia uma ideia excelente.

— Pode ir.

— Sim, vossa alteza — o guarda disse, apressando-se.

— E então, o que achou? — Cleo perguntou.

Lucia foi atrás de Cleo, sentou-se à beira do campo, sob um grande carvalho, e observou as atividades diante dela. A ideia de que seu pai reprovaria tudo aquilo a divertia. Tratava-se de uma exibição desnecessária, nada além de uma desculpa para se mostrar, e os limerianos sempre rechaçaram a vaidade.

— Eles parecem muito bons.

Cleo concordou.

— Fico feliz em ver que a prática continua. Os guardas auranianos costumavam ensinar essas habilidades aos garotos locais quando estavam de folga. Agora parece que os garotos estão ensinando uns aos outros.

— Garotos auranianos aprendendo técnicas de batalha. Por qual motivo? — Lucia perguntou, cética. — Para armar uma rebelião contra o meu pai?

Cleo riu, e Lucia olhou para ela, sem saber ao certo o que era tão engraçado.

— Não. Acredite, é só por diversão. Conheço garotos como esses desde que nasci. À exceção de pequenos torneios para chamar a atenção das meninas, não estão interessados em batalhas. Além disso, se o rei visse essa prática como uma ameaça, certamente colocaria um fim nela.

Isso era verdade. E, Lucia tinha que admitir, a exibição diante dela sem dúvida era… interessante.

Ainda assim, mesmo agora, cercada pela luz do sol, pelo verde e por homens bonitos, Lucia sentia a escuridão de sua magia agitando-se dentro dela. Estava sempre com ela, sempre presente, mas, quando estava com Cleo, não a atormentava tanto como quando ficava sozinha.

A magia elementar devia ser natural e bela, como a própria vida. Mas sempre que Lucia a deixava assumir o controle, parecia causar apenas dor e morte.

E parte dela, uma parte bem pequena, não se importava nem um pouco.

A ideia a fez estremecer.

Cleo estendeu o braço e apertou sua mão. O calor de sua pele penetrou o corpo frio de Lucia. Imediatamente, seus pensamentos obscuros desapareceram, como num passe de mágica.

Ela olhou para o céu, protegendo os olhos. Um falcão dourado as sobrevoava, e o coração dela deu um salto ao vê-lo. Tinha visto muitos falcões nas últimas semanas. Cada um trazia um pouco de esperança, que logo lhe escapava por entre os dedos como areia.

— Você parece tão triste hoje — Cleo disse. — Conte-me o que a incomoda.

Lucia ria baixinho das tentativas contínuas de Cleo para se tornar sua amiga.

— Você não acreditaria se eu contasse.

— Tente.

— Acha que Magnus aprovaria que você estivesse aqui olhando para esses garotos sem camisa? — Lucia perguntou de maneira irônica, tentando mudar de assunto e retomar o controle.

Uma sombra passou pelos olhos verde-azulados de Cleo.

— Você teria que perguntar a ele.

Para isso, Lucia teria de encontrá-lo e falar com ele, algo que Magnus gostaria de evitar a qualquer custo.

— Você sente pelo menos alguma coisa por ele? — Lucia perguntou.

Cleo fez uma pausa.

— Foi um casamento arranjado, Lucia. Eu não o escolhi, nem ele me escolheu.

— Se eu fosse você, sentiria ódio dele. — As palavras soaram mais diretas e eram mais verdadeiras do que ela gostaria. Talvez fosse um sinal de que ela estava ficando mais confortável perto de Cleo, afinal. — Eu odiaria todos nós. Meu ódio cresceria a cada dia em que eu fosse forçada a me sentar ao lado dos meus inimigos. — Sua garganta ficou tensa e contraída. — Deve entender por que fico na defensiva quando estou perto de você. Não tenho nenhum motivo real para acreditar que suas intenções sejam amizade e não vingança.

— Você tem toda a razão. Não tem mesmo. — Os olhos de Cleo brilharam, e ela os fechou. — Mas que outra escolha eu tenho além de aceitar o que aconteceu e tentar tirar o melhor desta situação?

Aquilo pareceu sincero aos olhos de Lucia. Cleo não tentara negar suas suspeitas, mas Lucia podia culpá-la por se sentir e agir assim? Ela realmente achava que Cleo era mais que uma menina perdida, procurando algum tipo de ligação, mesmo com aqueles que lhe roubaram tanta coisa?

A pergunta era: podia ser uma amiga? Uma amiga *de verdade*, a quem Lucia pudesse confiar seus segredos mais profundos, mais obscuros?

Lucia mordeu o lábio e se concentrou no garoto à sua frente, mas depois de um tempo voltou a olhar para o falcão que as sobrevoava em círculos.

— Você já se apaixonou? — ela perguntou.

— Já — Cleo disse depois de um instante, em voz baixa.

— Onde ele está agora?

— Morto.

Dezenas de perguntas surgiram na cabeça de Lucia. *Morto?* Como? Um acidente? Em batalha? Era de lorde Aron que ela falava, ou de outra pessoa?

Ela esperou a história comovente ser revelada, mas Cleo não disse mais nada. No silêncio, Lucia sentiu um ímpeto avassalador de compartilhar a própria perda com alguém que pudesse entendê-la.

— Em toda a minha vida, só amei de verdade um garoto. — Lucia sacudiu a cabeça, quase distraída. *Garoto* parecia uma descrição muito trivial para ele. — Você… acredita nos vigilantes?

— Sim.

Tantas pessoas zombariam de algo assim, mas a resposta rápida e definitiva de Cleo, bem como sua expressão calma, carregavam a mesma seriedade que Lucia sentia no coração.

Ela nunca havia contado isso a ninguém. Ninguém.

E agora as palavras surgiam porque se sentia incapaz de contê-las.

— Quando fiquei presa em meu sono, um vigilante chamado Ioannes visitou meus sonhos. Era o garoto mais bonito que já vi. Ele prometeu me visitar de novo depois que eu acordasse, mas não o vi mais desde então. E agora… agora nem tenho certeza se foi real.

Foi só quando sentiu a umidade no rosto que se deu conta de que estava chorando. Enquanto se lembrava da última vez que o vira, do beijo, a dor retorcia seu coração, e a escuridão pesada crescia dentro dela.

Nesse momento, um raio crepitou sobre o campo, e nuvens negras de tempestade fecharam o céu, bloqueando o sol. Os garotos olharam para cima, surpresos. Seus cabelos e suas roupas ficaram encharcados em segundos.

— Princesa, precisamos ir agora — um guarda a aconselhou.

Lucia olhou para cima, atônita. Auranos costumava ter um clima perfeito, moderado.

— Você fez isso? — Cleo sussurrou.

— Não sei. — Seus *elementia* lhe davam o poder de fazer tantas coisas incríveis, tanto maravilhosas quanto apavorantes, mas controlar o clima…

A ideia era ao mesmo tempo assustadora e empolgante.

Cleo deu o braço para Lucia, e ambas se levantaram juntas.

— Sei o que é amar alguém diferente de você. Alguém encarado com desprezo, ou considerado proibido. Causa mais dor que felicidade, principalmente se aquele que ama é roubado de você antes da hora.

— Sim — Lucia sussurrou.

— Antes de meu pai morrer, ele me disse para acreditar na magia. E é o que faço. Acredito em coisas que as outras pessoas consideram impossíveis, e isso me fortalece o bastante para enfrentar o que vier. Acredito que seu Ioannes é real e que, neste exato momento, está pensando no quanto sente a sua falta.

Lucia não podia negar. Cleo estava se aproximando dela, rompendo a muralha escura que a cercava.

Acreditar na magia. Acreditar no impossível.

Acreditar, temporariamente, nessa frágil nova amizade com Cleo.

E acreditar que um dia veria Ioannes de novo.

# 7

# IOANNES

## O SANTUÁRIO

Nos dois mil anos de existência de Ioannes, nunca quis tanto uma coisa como naquele momento.

Ele se deitou na grama de seu prado favorito com os olhos fechados e estendeu os braços na escuridão, procurando por ela.

*Onde está você?*

Nenhuma resposta. Tentou até a cabeça começar a doer e o corpo se enfraquecer. Até ficar tão frustrado a ponto de querer gritar. Mas, mais uma vez, não funcionou.

A princesa estava perdida para ele — solta em algum lugar do mundo mortal, sozinha, sem ninguém para guiá-la ou protegê-la.

A ideia o fez gargalhar, e o som ecoou profundamente em seu peito.

*Protegê-la.*

— Ioannes.

Ele se levantou ao ouvir a voz de Timotheus.

— Saudações — ele conseguiu dizer com a voz rouca. Não havia dito nada em voz alta o dia todo.

Timotheus, amigo e mentor de Ioannes, assim como um dos Três que compunham o conselho de anciãos, ficou olhando para ele com os braços cruzados e paciência nos olhos dourados.

— Estou interrompendo sua meditação diária? Ou você estava tentando visitar um sonho?

— Nenhum dos dois — ele mentiu. — Só estava descansando. — Admitir que tentava visitar os sonhos de um mortal só resultaria em mais perguntas.

Perguntas que ele não podia responder.

— Tem alguma coisa diferente em você — Timotheus disse, desenhando um círculo lento ao redor de Ioannes e analisando sua figura alta e esguia. — Notei há meses, desde que começou a passar mais tempo com Melenia.

— Não sei do que está falando.

— Seja cauteloso com ela.

Um raio de preocupação atingiu Ioannes, e ele se esforçou para que seu rosto não demonstrasse.

— Sou cauteloso com todos aqui no Santuário.

— Isso faz de você um sábio.

— Estava dando uma volta? Ou veio aqui me procurar?

— Nenhum dos dois. Estou procurando Phaedra. Ela ainda está desaparecida.

Ouvir o nome de sua amiga mais querida foi um golpe inesperado.

— Eu sei.

— Sabe aonde ela foi quando desapareceu?

— Não.

Timotheus não rompeu o contato visual. Apesar dos séculos de amizade, apesar de toda a orientação e o conhecimento que o ancião havia compartilhado, Ioannes ainda precisava guardar alguns segredos dele.

Segredos terríveis.

— Acho que Melenia tem algo a ver com o desaparecimento — Timotheus disse. — Pode perguntar a ela da próxima vez que a vir, o que, imagino, será hoje?

Ioannes preferiu não confirmar.

— Vou perguntar da próxima vez que a vir.

Na Cidade de Cristal, circulavam rumores de que ele era o mais novo amante da líder, o que atraía olhares de inveja e ciúmes dos imortais aonde quer que fosse.

Mas aquele rumor não podia estar mais distante da verdade.

— Preciso ir agora. — Ioannes ficou tenso quando Timotheus tocou seu ombro. A preocupação obscureceu seu rosto eternamente jovem.

— Ioannes, você pode confiar qualquer segredo a mim. Como sempre fez. Espero que saiba disso. Se precisar me contar alguma coisa, não hesite.

Ioannes sorriu e meneou a cabeça, desejando que tudo fosse simples assim.

Ele precisava saber o que havia acontecido com Phaedra. A questão voltou a consumi-lo enquanto seguia para o alto do palácio de cristal para encontrar Melenia. A bela vigilante o cumprimentou com um sorriso, escancarando as portas de ouro para permitir que entrasse em seus aposentos, repletos de luz e belas flores — colhidas todo dia por seus servos devotos.

— Você chegou cedo — ela disse, beijando-lhe as duas faces antes de fechar as portas. Seu cabelo claro e longo estava solto, cheirava a açafrão morno e refletia a luz da janela que ia do chão ao teto e dava para o resto da cidade que os imortais chamavam de lar.

Ele não deu mais de um passo dentro do cômodo e logo tocou no assunto.

— Preciso saber o que aconteceu com Phaedra.

— Ela desapareceu.

— Disso eu sei. Ela ainda está viva?

Melenia piscou, surpresa.

— Minha nossa, Ioannes. O que significa isso? Não acha que tive algo a ver com o desaparecimento dela, acha?

Ele reuniu toda a coragem possível.

— Na verdade, acho. Sei que você a considerava um problema, pois sabia muito e estava perigosamente perto de descobrir ainda mais.

— E por isso você acha que eu… o quê? Eu a assassinei? — Ela sorriu com doçura. — Garanto que não toquei em um único fio de cabelo dela.

— Mas sabe o que aconteceu.

— Venha sentar. Temos muito que discutir hoje. Infelizmente, essa conversa terá de esperar até meu outro visitante sair.

— Outro visitante?

Ouviu-se uma batida na porta.

— Sim. Danaus estava desesperado para falar comigo hoje.

Danaus, o último membro dos Três, era um imortal bastante desagradável que Ioannes evitava sempre que possível.

— Não o deixe entrar.

— Não seja tolo. Na verdade, preciso dele hoje.

Cerrando os dentes, Ioannes viu Melenia praticamente flutuar sobre o chão prateado cravado de joias brilhantes. Seu vestido bordado com diamantes era feito de um material que parecia tecido com platina, e seu cabelo longo e

ondulado brilhava em diferentes tons de dourado. Era a vigilante mais bela de todas.

Como Ioannes havia passado a odiá-la.

Ela abriu a porta para Danaus.

— Ah — a voz dele soou. — Vejo que não está sozinha.

— Não. — Melenia abriu mais a porta e fez um gesto para que ele entrasse. — Mas entre. Por favor, eu insisto.

Danaus podia ser tão belo quanto qualquer um de seus semelhantes, mas sua expressão eternamente mal-humorada o tornava feio aos olhos de Ioannes. Danaus o olhou com claro desdém.

— Ioannes não é um de nós — ele disse.

— É claro que é. Não seja grosseiro, Danaus. Não é do seu feitio. Por favor, diga a que veio. Parece que algo está lhe causando um profundo incômodo.

— Muito bem. — Ele bufou, impaciente. — Recebi notícias de uma sentinela dizendo que um de nossos exilados está usando magia para ajudar o rei mortal a construir uma estrada. Acredito que Xanthus era um de seus mais devotos subordinados, não era?

Ioannes quase se encolheu ao ouvir o nome do irmão de Phaedra, que deixara o Santuário vinte anos antes. Tinha sido amante de Melenia e seu protegido mais favorecido e talentoso. Ela o havia instruído como nunca fizera com mais ninguém no Santuário, o que levara todos, inclusive Ioannes, a suspeitarem dele e o invejarem.

Agora ele sabia que não devia invejar ninguém que aquela imortal selecionasse. No momento tinha pena dos que eram escolhidos a dedo por ela. Incluindo ele próprio.

*"A bela aranha em sua teia prateada, contando histórias para enroscar a todos nós."*

Um alerta de Phaedra que ele havia ignorado. Ela estava sendo mais esperta do que qualquer um poderia imaginar.

Melenia assentiu.

— Me lembro muito bem de Xanthus.

Danaus franziu os lábios, visivelmente irritado por ela não ter ficado enfurecida com a notícia.

— Acredito que alguém aqui do Santuário o visita em sonhos, guiando seus atos.

Ela arqueou as sobrancelhas.

— É mesmo? Quem?

— Ainda não sei.

Apesar de Danaus ser muito velho e ter uma vasta riqueza de conhecimento, ele, na verdade, era profundamente burro. Mas talvez Ioannes estivesse tirando conclusões precipitadas. Como Timotheus, Danaus era um ancião. Se ao menos Ioannes descobrisse uma forma de encontrá-los a sós, dizer o que Melenia estava planejando às escondidas, seriam dois contra uma…

O pensamento rebelde fez surgir uma dor repentina e intensa em seu peito. Diferente da pontada vaga da culpa ou do arrependimento, tratava-se de uma dor de fato, causada pelo feitiço de obediência que Melenia havia lançado sobre ele para garantir sua lealdade. Estava lutando contra isso havia semanas, mas tinha acabado de descobrir que era inquebrável. Gemeu em voz alta, cedendo à dor.

— Está tudo bem com você, rapaz? — Danaus perguntou, olhando para ele com cautela.

— É claro que sim — ele respondeu, fortalecendo-se até a dor começar a desaparecer.

— Ignore-o, Danaus, e deixe-me dizer quem está guiando Xanthus — Melenia disse com a voz calma e serena. — Já estou ciente do que está acontecendo e sei quem acessa seus sonhos.

Ele ficou totalmente surpreso.

— Quem?

— Eu. — Ela sorriu. Havia um quê de crueldade em seus olhos azul-safira.

Ioannes estava mais do que chocado. Por que Melenia compartilharia um segredo tão valioso com o imortal em quem, de acordo com sua confissão, confiava menos?

— O quê? — Danaus deu um passo à frente, aproximando-se bastante de Melenia. — É impossível. Anciãos não podem visitar sonhos.

— *Você* não pode. Mas eu posso — ela afirmou. — Visito os sonhos de Xanthus e do rei mortal Gaius. Ambos fazem parte de um plano elaborado com todo cuidado. O rei quer a Tétrade, tanto que está disposto a fazer qualquer coisa, dizer qualquer coisa, *ser* qualquer coisa para tê-la em suas mãos gananciosas. E é por causa dessa ganância que, de todos que já conheci, ele é o mais fácil de manipular. Neste exato momento, ele aguarda ansioso minhas próximas instruções em mais um sonho.

Os olhos de Danaus brilhavam de inveja.

— Como isso é possível? Você precisa me dizer. Fugir deste lugar, nem que seja pelos olhos de outra pessoa… eu desejo muito isso.

Claro, Danaus agarraria qualquer oportunidade, mesmo que imoral, que o beneficiasse. Ele nem parecia se importar que Melenia tivesse escondido esse segredo dele até o momento.

— Quer mesmo saber? — ela perguntou suavemente.

— Sim. Você precisa me mostrar!

Um alerta soou dentro de Ioannes, e sua garganta se fechou. Ele queria falar, mas não conseguia.

— Está bem. — Melenia segurou o rosto de Danaus entre as mãos. — Olhe bem dentro de meus olhos.

*Não. Não faça o que ela está pedindo.*

Mas o desejo de Danaus por aquela habilidade transformara o justiceiro que havia entrado nos aposentos em alguém tão cego e ganancioso quanto o rei Gaius.

— Estou surpresa por não ter descoberto sozinho — Melenia disse. — Se bem que eu mesma descobri por acaso.

— Descobriu o quê? — Danaus indagou.

— Que vigilantes são capazes de tirar magia uns dos outros para se tornar mais poderosos. É um poder que nos permite fazer várias coisas interessantes, inclusive visitar sonhos.

O coração de Ioannes começou a bater com força, mas a dor lancinante em seu peito o manteve imóvel e em silêncio.

Os olhos de Danaus se iluminaram.

— Mostre-me como fazer.

— Já que insiste…

Melenia olhou fixamente nos olhos dele, e suas mãos começaram a brilhar.

— Estou sentindo — Danaus sussurrou. — Sinto o poder me deixando e entrando em você. Incrível. Esse tempo todo… como eu não descobri?

— Existe um porém, é claro. Sempre existe um porém. Se tirar mais do que apenas uma amostra, uma marca é deixada no doador.

Danaus recuou. Ioannes podia ver que ele estava começando a sentir a dor enquanto sua magia fluía para Melenia, enfraquecendo-o e a fortalecendo.

— Chega. Pare.

— Mas, veja só, é impossível. Já tirei demais — ela sussurrou alto o bastante para Ioannes escutar. — Não quero deixar que sofra e desvaneça. Estou lhe

fazendo um favor hoje, meu amigo.

Os dedos de Ioannes afundaram no estofado macio da cadeira enquanto observava Danaus começar a brilhar, contorcendo o rosto.

— Pare! — Danaus gritou. A dor devia ser insuportável. — Por favor, pare!

— Fico grata por seu sacrifício, Danaus. A magia que roubei de outros imortais é pobre. Mas você, um ancião, um dos originais, como eu, tem muito mais a oferecer. Farei bom uso dessa magia quando finalmente me libertar desta prisão.

Ele gritou quando seu corpo foi engolido por chamas azuis e brancas, e, finalmente, Melenia se afastou dele, observando-o desaparecer em um lampejo de luz que cegou momentaneamente Ioannes.

Danaus existiu por milênios e então desapareceu — para sempre — em questão de minutos.

— Isso foi incrivelmente prazeroso — Melenia disse, passando a mão no cabelo brilhoso.

Não podia ser. Melenia tinha que sentir pelo menos um pouco de remorso, e, se não sentia, era ainda mais monstruosa do que Ioannes suspeitava.

Não era tarde demais. Ioannes encontraria uma forma de chegar a Timotheus e contar a ele o que havia acontecido. Ele e Melenia eram os únicos anciãos originais que restavam.

Ela precisava ser detida.

Enquanto pensava nisso, a dor tomou conta dele.

— Agora, onde estávamos? — Ela o encarou fixamente e sentou com rigor na espreguiçadeira. — Ah, sim, Phaedra. Você acredita que eu a assassinei porque sabia demais?

Os olhos dela resplandeciam tanto que Ioannes achou que poderiam transbordar em um mar de poder cor de safira.

Melenia estava mais perigosa do que ele já tinha visto, e Ioannes não conseguiu conter o medo.

Então abaixou a cabeça.

— Peço desculpas, minha rainha, eu nunca deveria ter sugerido algo assim.

— Não, não deveria. — Ela sentou ao lado dele, tão perto que podia sentir a crepitação da magia que agora recobria sua pele dourada. — Mostre aquilo que fizemos outro dia.

Por uma fração de segundos, ele hesitou. Mas a dor voltou a aumentar, forçando-o a obedecer. Ele soltou os laços da camisa e revelou o peito. A espiral

dourada sobre seu coração havia enfraquecido desde que Melenia começara a consumir sua magia, assim como havia feito com Danaus, mas com menos severidade. Ela tirava um pouco todos os dias, apenas o suficiente para impedi-lo de visitar os sonhos de Lucia ou observá-la no mundo mortal na forma de falcão.

Agora ele também era um prisioneiro ali, em todos os sentidos.

— Sei que fui dura com você — ela disse com tranquilidade. — Mas não tenho escolha. Não posso arriscar que nada dê errado.

— E nada vai dar, minha rainha.

Ioannes só podia culpar a si mesmo pela posição em que se encontrava. Concordara generosamente em colaborar com ela, acreditando que poderia ajudar a salvar seu mundo — a salvar *todos* os mundos. Entendia desde o início que certos sacrifícios deveriam ser feitos por um bem maior, mas suas intenções sempre foram puras.

Ele ainda não sabia de toda a verdade.

Melenia inspecionou os símbolos que havia marcado no peito dele com uma lâmina dourada, inoculada com sua magia. Ao passar os dedos pelas feridas, infundiu mais um pouco do feitiço de obediência nele. As quatro figuras — símbolos de cada elemento — eram tão simples, mas tão poderosas, principalmente quando gravadas tão fundo na carne de um imortal.

E mesmo quando as cicatrizes finalmente desaparecessem por completo, continuariam controlando-o.

*Ela* o controlaria.

— Acha que está pronto? — Melenia perguntou.

As palavras borbulharam e escaparam antes que ele pudesse contê-las.

— Existo apenas para servi-la, minha rainha.

Ela passou as mãos pelo peito e pela garganta de Ioannes, depois pela face. Segurou o rosto dele entre as mãos, como havia feito com Danaus. Ele não teve escolha além de olhar nos olhos dela, sem saber se Melenia o deixaria viver ou o mataria e acabaria com tudo.

Não, ela não faria isso. Tinha passado muito tempo preparando-o para o que estava para acontecer. Precisava dele.

— Você cumprirá minhas ordens sem hesitar. Eu lhe darei um presente como retribuição por tudo o que fez e fará por mim, meu lindo menino. Entende e concorda com isso?

Ioannes podia senti-la observando-o em busca de sinais de protesto. Se hesitasse, ela fortaleceria ainda mais o feitiço. Mais dor, mais tortura. Ele

perderia uma parte ainda maior de si mesmo. A necessidade de obedecê-la já era uma serpente enrolada em seu pescoço, apertando até quase não deixá-lo respirar.

Ele se apegou à imagem de uma bela garota com cabelo bem preto e olhos azuis como o céu, a menina que um dia jurou proteger com a própria vida. Acreditava nela. A garota lhe daria forças para sobreviver a isso.

— Sim, minha rainha. Entendo completamente.

# 8

# NIC

## AURANOS

Limpar a sujeira dos terríveis cães do rei Gaius não era tarefa para um guarda do palácio. Mas era tarefa de Nic. Ele não acreditava se tratar de uma coincidência.

Dois guardas detestáveis chamados Burrus e Milo riram quando um dos cães puxou a guia e arrastou Nic, literalmente, em direção aos estábulos em busca do melhor lugar para se aliviar.

— Está se divertindo? — Burrus perguntou.

— Muito — Nic respondeu sem hesitar.

— Agradeça que essa tenha sido a pior tarefa solicitada pelo rei esta semana. Ele parece estar de péssimo humor.

E o rei alguma vez esteve de *bom* humor? Alguma vez que não fosse apenas para manter as aparências?

— Mas não se preocupe — Milo disse com desdém. — Tenho certeza de que a paciência dele com você já está no fim. Cuidar desses cachorros vai parecer um luxo comparado ao que o futuro reserva.

— Auranianos — Burrus murmurou. — Não servem para nada.

— Exceto limpar a bunda dos cães do rei.

Ambos tiveram um ataque de riso com a própria sagacidade.

Ignorar os companheiros tinha se tornado mais fácil depois que Nic foi promovido de cavalariço a guarda (embora *promovido* seja um termo relativo, diante de suas obrigações atuais). Nic não demorou muito para concluir que, mesmo que morasse, dormisse e comesse com os outros guardas, não desejava se tornar amigo deles.

Só havia se metido em uma briga durante a semana, resultando num olho roxo causado por Burrus, que ainda não havia desaparecido por completo.

*Limerianos*. Ele cuspiu para o lado.

Odiava todos eles.

Normalmente, tentaria responder rápido e com ironia, fazer piadas ou contar uma história. Qualquer coisa para distrair os inimigos que usavam o mesmo uniforme que ele.

Passara a desprezar a cor vermelha.

Milo e Burrus finalmente foram embora.

— Terminou? — ele perguntou para a cadela. Ela olhou para trás e rosnou, mostrando os mesmos dentes afiados que tinham estraçalhado um coelho gordo poucos minutos antes. — Não, não, tudo bem. Não se apresse, madame. Tenho todo o tempo do mundo.

Ela se agachou. Ele esperou.

E foi isso. Era assim que sobrevivia naquela nova era de Auranos conquistada.

*Por que ainda estou aqui?*

— Não deveria estar — ele respondeu a si mesmo.

Sua família estava morta. Sua irmã, Mira, tinha sido assassinada pelo próprio rei por, supostamente, escutar uma conversa dele com o abominável príncipe Magnus.

Ele havia falhado com Mira. Deveria estar perto para protegê-la, mas não estava. Aquele pensamento o torturava dia e noite. Queria se vingar, mas, em vez disso, obedecia ordens. Era um covarde tentando sobreviver, perdido em um mar de inimigos.

Com o coração apertado, Nic virou para levar os cães de volta ao castelo e sentiu a bota esquerda afundar em uma pilha de estrume.

— Fantástico — a voz dele estremeceu, o resto de força que lhe restava se esvaiu e ele se sentiu à beira de lágrimas.

Por que continuava ali? Por que não saía pelos portões, embarcava em um navio e atravessava o mar para começar uma nova vida em algum lugar bem distante?

Era um guarda do palácio, não o bobo da corte. Talvez devesse começar a agir como tal.

Nic nunca iria embora sem se despedir de Cleo. Seria a primeira vez que falaria com ela desde que saíra correndo depois que ela rejeitou tanto suas intenções românticas quanto sua oferta para levá-la embora daquele lugar horrível, cheio de fantasmas. Tudo tinha acontecido apenas duas semanas antes, mas parecia que um ano já havia se passado.

É provável que Cleo não tivesse percebido, mas Nic a observava de longe nos últimos dias. Mesmo que agora o desprezasse, ele havia prometido mantê-la em segurança.

*E desde quando deixá-la para trás seria mantê-la em segurança?*, ele se questionou. A princesa não precisava mais de sua ajuda. Talvez a ideia de que algum dia tivesse precisado não passava de uma ilusão criada por ele mesmo para se sentir útil.

Nic a encontrou no pátio, lendo em um banco à sombra de um grande carvalho. A princesa *sempre* estava lendo no pátio — um comportamento tão distinto da Cleo com quem havia crescido, que só tocava em um livro quando os tutores insistiam. E, às vezes, nem assim.

O livro da vez tinha um falcão na capa — bronze escuro sobre couro marrom claro, e parecia tratar das lendas dos vigilantes imortais e seu Santuário místico. Empilhados ao lado dela havia mais livros, incluindo o caderno de anotações em que às vezes a via desenhar para ajudar a passar o tempo. A aula de artes era uma das únicas que parecia apreciar.

— Cleo — ele disse em voz baixa.

Ela levantou o olhar para ele, protegendo os olhos do sol forte.

— Nic!

— Desculpe incomodar, mas quis vir aqui e…

Ela deu um salto e se jogou nos braços dele.

— Ah, Nic! Senti tanto a sua falta! Por favor, não fique bravo comigo. Sinto muito por ter sido tão cruel com você. Não foi minha intenção.

Um grande nó logo se formou em sua garganta, e seus olhos começaram a arder. Então um sorriso tomou conta de seu rosto, e o peso em seu coração se suavizou um pouco.

Ela segurou o rosto dele entre as mãos, encarando-o com preocupação.

— Você me odeia — ela disse.

— O quê? É claro que não odeio você, Cleo. Eu pensei que… bem, pensei que *você* me odiasse.

Ela ficou boquiaberta.

— Isso é ridículo. Eu nunca seria capaz de odiar você, Nic. Nunca!

Nic sentiu a coisa mais próxima de alegria de que se lembrava. A mensagem de adeus que pretendia transmitir morreu em sua língua.

— Preciso pedir perdão pelas coisas que disse.

Cleo sacudiu a cabeça.

— Não há necessidade de pedir perdão. Por favor, sente comigo por um instante.

— Acho que não posso. — Ele olhou na direção dos outros guardas encostados na parede mais distante. Entre eles, no centro do pátio, havia um belo jardim com flores e árvores frutíferas, mas os guardas tinham uma visão bem clara da princesa.

— Ignore-os. Não vão nos incomodar. E, de onde estão, não podem ouvir o que estamos falando.

Cleo pegou a mão dele. Nic sentou ao seu lado no banco e olhou para o anel de ametista.

— Descobriu mais alguma coisa sobre o anel? — ele sussurrou.

— Sim. Mas confesso que não sei direito o que fazer agora. — Então, rapidamente e em voz baixa, contou a história mais bizarra que Nic já tinha escutado, sobre magia, profecias e uma princesa feiticeira.

Quando terminou, Nic estava tonto.

— Inacreditável — ele conseguiu dizer.

— Mas é tudo verdade — ela disse, apertando a mão dele. — Você é a única pessoa do mundo em quem confio neste momento. — Cleo respirou fundo, trêmula. — A magia de Lucia está relacionada aos vigilantes. Este anel pertenceu à feiticeira original. Dizem que ajudava a controlar sua magia e impedia que a feiticeira fosse corrompida. Com o anel, e com Lucia, serei capaz de encontrar o maior tesouro dos vigilantes… a própria Tétrade.

Tratava-se de uma informação perigosa, mas Cleo não estava errada em confiar nele. Nic nunca diria nada que pusesse a vida dela em risco, nem mesmo sob tortura. Nem mesmo se prometessem um carregamento de ouro.

Depois que Mira se fora, Cleo passou a ser o mais próximo que Nic tinha de uma irmã. Era sua família agora — mas, por outro lado, sempre tinha sido.

Até então ele não tinha se dado conta do peso dos segredos que guardava. Precisava desabafar, confiar nela como ela confiava nele.

Deveria ter feito isso dias antes.

Apesar de Cleo garantir que os dois não podiam ser ouvidos, Nic inspecionou a área antes de decidir que era seguro continuar falando com total privacidade.

— O príncipe Ashur me perguntou sobre seu anel — ele começou. — Ele sabe o que é, Cleo, e está muito interessado em encontrar a Tétrade para si.

O rosto dela ficou pálido.

— Quando ele falou com você?

— Depois que discutimos. Ele me seguiu até uma taverna, tentando arrancar informações de um guarda embriagado e frustrado consigo mesmo. Não contei nada. Não que eu soubesse muita coisa.

Cleo parecia abatida.

— O que mais ele disse?

— Ele acredita que existe uma grande magia em Mítica, e que o rei Gaius também está atrás dela. E acha que seu anel é um elemento essencial nisso tudo.

Nic não tinha bebido uma gota de álcool desde aquela noite. Estava sóbrio, alerta, aguardando o príncipe se aproximar de novo com mais perguntas.

Mas isso não tinha acontecido. Mesmo no banquete, depois da chegada da princesa Amara, Nic ficou parado perto da porta, e Ashur não olhou para ele nem uma vez.

Cleo retorceu as mãos sobre o colo.

— O que faremos, Nic?

— Pode parecer loucura, mas acho que ele pode ser um aliado — Nic disse em voz baixa. — Os kraeshianos são poderosos. Com o apoio do grande exército do pai dele, são muito mais poderosos que o rei Gaius. Uma aliança pode ajudar você a reconquistar o trono.

— O que o faz acreditar que ele se aliaria a nós?

— Tenho um pressentimento.

Ela o encarou.

— O que mais ele disse para passar essa impressão?

O que mais ele *disse*? Nada. Tinha mais a ver com o que ele *fez*.

Nic queria contar tudo a ela, mas ainda estava hesitante. Tinha dificuldade de colocar alguns detalhes recentes de sua vida em palavras.

— Nic… — Cleo apertou sua mão. — O que foi? Você parece tão aflito.

— Aflito? Não, não, está tudo bem. Na medida do possível, é claro.

— O que está escondendo de mim?

Ele pensou no que acontecera naquela mesma noite, quando Ashur o seguiu pelas ruas depois de sair da taverna.

— É que… aconteceu outra coisa naquela noite, e não sei muito bem como interpretar. Mas, enfim… — Ele mordeu o lábio. — Eu estava *muito* bêbado naquela noite.

— Pode me contar. É visível que isso o incomoda, seja lá o que for.

Aquilo era só uma fração de como ele se sentia.

— Ele fez uma coisa.

— O quê?

A princesa confiava a ele suas mais profundas e obscuras verdades. Nic sabia que devia retribuir essa confiança, mesmo que tivesse de revelar uma coisa dessas.

— Ele… me beijou.

Cleo piscou.

— Ele fez *o quê?*

As palavras agora saíam com mais velocidade.

— No início, tive certeza de que havia interpretado mal, talvez imaginado tudo. Mas aconteceu, Cleo.

Ela ficou olhando para ele, perplexa.

— Está dizendo que o príncipe Ashur Cortas, o solteiro mais notório e disputado de todo o Império Kraeshiano, *beijou* você?

— Pois é! — Ele levantou do banco e começou a andar de um lado para o outro, passando a mão no cabelo ruivo emaranhado. — Pois é!

Ela parou para pensar.

— Acho que isso explica por que ele ainda não se casou. Ashur prefere…

— O quê? — Nic se virou para ela, depois abaixou a voz para não atrair a atenção dos guardas. — Guardas de dezessete anos que limpam a merda dos cachorros do rei? — Ele fez uma careta. — Perdoe meu linguajar. Não… Não, ele devia estar tentando confundir minha cabeça, me fazer revelar segredos a ele. Talvez ache que gosto de meninos. Talvez estivesse tentando me manipular. Os kraeshianos são muito dissimulados, você sabe!

— Acalme-se. — Cleo levantou e segurou as mãos de Nic para que parasse quieto. — Sei que isso está incomodando você. Mas não devia. Está tudo bem.

— *Bem?* Como pode estar tudo bem? — Ele tinha perdido o sono por isso, tentando adivinhar como e por que havia acontecido, e o motivo de não ter feito nada para impedir.

— O príncipe se aproximou de *você*, Nic… de você em particular, dentre todas as pessoas do palácio.

— Porque sabe que sou seu amigo.

— Talvez não tenha sido esse o único motivo. — Cleo enrolou um longo cacho dourado nos dedos. — Você tem uma conexão com ele agora. Precisa descobrir se o príncipe Ashur e a princesa Amara podem ser nossos aliados, como você suspeita. Não posso correr o risco de virar as costas a nenhuma possibilidade a essa altura.

O coração dele batia forte.

— Não sei.

— Nic, por favor. Precisa ser corajoso. Por mim. Por Mira. Por todos os que perdemos. Entendo suas preocupações, mas isso é mais importante que um beijo. Você precisa ir até o príncipe Ashur e descobrir se ele pode nos ajudar.

Maldição. Ele não podia recusar esse pedido de Cleo, em especial porque podia fazer toda a diferença na retomada do trono.

— Não sei quando conseguirei sair do palácio para visitar a quinta dos Cortas — Nic disse. — Minha guia é quase tão curta quanto a dos cães do rei. E, para ser sincero, Cleo, não estou totalmente convencido de que nos aliarmos a eles tão cedo seja a melhor coisa a fazer.

— Você precisará ser sutil. — A expressão de Cleo estava assombrada com preocupação. — Mas Ashur abordou você pessoalmente. Não vai achar estranho se você voltar a falar com ele a sós. Nosso futuro está em jogo, Nic. O futuro de Auranos e de todos os cidadãos está em jogo.

— É muita responsabilidade.

— Sim, é. — Ela olhou para ele com os olhos cheios de esperança. — Você vai fazer isso por mim? Por *nós?*

Milhares de coisas passaram pela cabeça dele, algumas encorajando e outras contrariando o pedido. Mas, no final, apenas um pensamento restou.

— É claro que vou, Cleo.

# 9

# JONAS

## AURANOS

Foi só na noite anterior que chegaram as notícias por meio de Nerissa, antiga costureira e, no momento, aliada valiosa dos rebeldes. Ela conseguira arrancar o nome dos rebeldes aprisionados da boca de um guarda do palácio e anotara tudo em um bilhete deixado para Jonas em uma taverna de uma cidadezinha próxima, escolhida como ponto de encontro.

Quando Jonas leu os nomes, quase gritou de alegria.

Cato, Fabius, Tarus… e Lysandra. Todos confirmados como prisioneiros no calabouço do palácio.

Mas logo voltou a ficar sério.

Ser um prisioneiro à mercê dos cruéis guardas limerianos e do Rei Sanguinário podia ser um destino pior do que a morte.

Ele faria qualquer coisa — *qualquer coisa* — para libertar Lysandra e os outros. E esperava que a viagem daquela noite à cidade fosse mais um passo na direção desse objetivo.

— Longe de mim duvidar de você — Felix disse. — Mas, caso esse plano não funcione, por acaso existe algum outro?

— Nerissa continuará nos ajudando sempre que for possível.

— Ainda estou surpreso que sua principal rebelde seja uma garota.

— Minha principal rebelde *é* uma garota, mas não é Nerissa. Ainda assim, não sei o que teria feito sem ela.

Felix deu de ombros.

— Para mim, garotas são belas companhias, não companheiras rebeldes. São boas para lavar nossas roupas e preparar refeições depois de um longo dia. — Ele

abriu um sorrisinho para Jonas. — E, é claro, são excelentes para aquecer a cama.

Jonas olhou para ele, achando um pouco de graça.

— Acho melhor você guardar essa opinião para si quando conhecer Lysandra.

— Ela não é bonita?

— Ah, é, sim. Muito bonita, na verdade. Mas vai entregar seu traseiro em uma bandeja enferrujada se pedir que prepare refeições ou lave suas roupas. E principalmente se a convidar para aquecer sua cama.

— Se ela é tão bonita como está dizendo, talvez eu tente persuadi-la a mudar de ideia.

O sorriso de Jonas se abriu ainda mais.

— Boa sorte. Lembrarei de levar flores para o seu túmulo.

Felix riu.

— Você acha que seu contato vai aparecer? — ele perguntou quando entraram na Cidade de Ouro. Depois de algumas missões de exploração e mais uma confirmação de Nerissa, ficaram sabendo que a segurança tinha sido elevada ao nível mais alto. Entrar escondido no palácio seria impossível.

Entrar na cidade, no entanto, era outra questão.

— Vamos descobrir logo — Jonas respondeu.

Por cautela, ambos usavam longos mantos com capuz. Apesar do grande número de guardas — nos portões, posicionados em torres ao redor das muralhas da cidade, patrulhando as ruas a pé ou a cavalo —, ninguém prestou muita atenção neles.

Finalmente chegaram ao destino, e Felix passou os olhos pela movimentada estrada de pedra.

— Vou patrulhar aqui fora. Se sentir algo errado, mando um sinal.

— Como vai mandar um sinal?

— Confie em mim, você vai saber.

*Confie em mim.*

Tanta coisa em Felix lembrava Brion que, para Jonas, confiar nele era quase um instinto. Para Jonas, era tão fácil abrir sua alma toda noite em volta da fogueira, contar a Felix o que havia dado errado e como desejava poder consertar tudo para que as coisas entrassem nos eixos. Voltaria até aquele dia fatídico em que ele e o irmão, Tomas, chegaram na banca de vinhos do pai e encontraram um lorde e uma princesa de um reino vizinho fazendo compras.

A vida tinha sido dura, mas maravilhosamente simples até aquele dia. Era como se Jonas estivesse lutando para voltar no tempo. Não, não queria aquilo. O

que os paelsianos mais precisavam era verdade e liberdade. Com esses dois prêmios, poderiam encontrar uma forma de se governar. Sem a necessidade de um trono.

— Ei — Felix segurou o ombro de Jonas. — Não se preocupe. Vai dar tudo certo.

— Não estou preocupado.

— Mas se seu contato não chegar logo, vamos ter de ir embora. É muito perigoso ficar tão perto do palácio, principalmente com seu belo rosto estampado em cartazes por todo lado.

Jonas foi obrigado a concordar.

Ele deixou Felix do lado de fora e entrou rápido no pequeno templo apertado entre duas tavernas movimentadas. Uma estátua de mármore de três metros da deusa Cleiona estava perto da entrada. Tinha cabelos longos e fluidos, expressão tranquila, apesar de esnobe, e os símbolos do fogo e do ar — elementos que incorporava — entalhados nas mãos erguidas. Os trajes, apesar de esculpidos em mármore, eram finos e quase transparentes, deixando pouco espaço para a imaginação.

*Esses seios são dignos de adoração*, pensou ao passar pela escultura. Puxou o capuz do manto escuro para proteger mais o rosto e entrou no grandioso altar. Só havia três outras pessoas lá dentro, sentadas nos bancos, de olhos fechados.

Jonas sentou perto do fundo e esperou.

Não havia templos em Paelsia. Não havia religião oficial nem divindades. No entanto, durante suas breves visitas a Paelsia nos últimos dias, passara a ver pequenos ídolos de argila parecidos com o falecido chefe Basilius. Aquilo o enojava, pois sabia que o chefe era um mentiroso, um ladrão, vivendo de maneira egoísta e presunçosa em seu complexo enquanto o povo morria de fome.

Não ficara de luto por sua morte, nem por um instante.

Jonas esperou no templo silencioso. O ritmo das batidas de seu coração era a única maneira de saber quanto tempo havia se passado. Finalmente, ouviu o rangido das portas principais se abrindo, seguido de passos.

— Espere do lado de fora — a nova devota disse com firmeza para o guarda que a acompanhava. — Preciso ficar a sós com minhas preces.

— Sim, princesa.

Jonas se escondeu ainda mais nas sombras e observou a princesa Cleo atravessar o corredor e passar por uma fileira de bancos de frente para um grande mosaico da deusa, seguindo para os fundos do templo através de uma passagem

arqueada. Ele levantou e, olhando para a entrada para se certificar de que o guarda tinha saído, a seguiu pela passagem que levava a uma sala menor. Centenas de velas reluziam em prateleiras estreitas, celebrando e atestando a magia de fogo da deusa.

Cleo acendeu uma vela e a colocou com cuidado ao lado das outras.

Ele esperou em silêncio.

— Recebi sua mensagem — ela disse, sem se virar.

— Fico feliz.

— Fica?

— Sim. É bom ver você de novo. — Depois de todas as dificuldades que ele enfrentou, ver a princesa em pessoa aliviava seu coração. — Você vai olhar para mim?

— Ainda não decidi.

— Como assim? Não nos despedimos como amigos?

— Foi mesmo? Se bem me lembro, da última vez que nos vimos, você estava gravemente ferido e todos os seus amigos estavam mortos.

Ele se encolheu ao lembrar daquele dia terrível.

— Eu queria que você partisse comigo.

— E depois? Viver em árvores com um grupo de paelsianos que me despreza simplesmente por ser quem sou?

Jonas se permitiu imaginar um futuro exatamente assim — ele e Cleo vivendo juntos em uma casa na árvore, cercada de pássaros e esquilos, bem acima do resto do mundo.

O pensamento absurdo quase o fez rir.

Não, sua vida era muito mais mundana e prática do que aquilo — e a dela também.

— Talvez não — ele disse. — Palácios com camas enormes e confortáveis para compartilhar com seu novo marido são muito mais do seu agrado, sem dúvida.

Ela se virou com os olhos em chamas e deu um tapa nele. Ou pelo menos tentou — Jonas segurou seu pulso antes de o golpe atingi-lo.

Ela recorreu com tanta rapidez à violência — tão diferente da maioria dos auranianos, que tinham uma tendência muito maior a beber, comer e adorar os próprios reflexos do que lutar com as próprias mãos.

— Calma, alteza. Um encontro clandestino com um criminoso procurado não é o melhor lugar para fazer escândalo. Existem testemunhas em potencial cochilando aqui por perto.

— Você ficou tanto tempo sem dar notícias que achei que estivesse morto.

— Não achei que se importasse.

Ela soltou um resmungo de frustração.

— Alguém colocou sua mensagem dentro do meu caderno de desenho sem eu perceber. Tive a sorte de encontrar a tempo de arrumar uma desculpa para vir até aqui.

— Não sabia que você era artista.

Cleo olhou feio para ele, com os braços cruzados sobre o corpete do vestido violeta. O traje não era tão revelador quanto o da deusa do lado de fora, mas Jonas não estava reclamando.

— Pelo jeito — ela afirmou devagar, irritada —, você não só está vivo como pronto para fazer piada com tudo o que eu disser.

A princesa era tão direta quanto ele se lembrava — uma das qualidades que ele mais apreciava. Não se preocupava com a etiqueta real apropriada em sua presença, o que estava bom para Jonas. Sinceramente, ele não havia se dado conta do quanto sentia a falta dela até aquele momento.

— De jeito nenhum, vossa alteza. Estou muito grato por vir me encontrar.

— Você está sendo caçado como um porco selvagem. Foi muita tolice entrar na cidade.

— Mesmo assim, aqui estou.

— Já ouvi falar de sua vitória no campo de trabalho da estrada.

Ele franziu a testa.

— Aquilo não foi vitória nenhuma.

— Talvez não como um todo, mas você finalmente teve sua vingança sobre Aron, não teve? — Ela retorceu as mãos, fazendo o grande anel de ametista brilhar à luz das velas. — Não estou dizendo que ele não merecesse, claro. Merecia, sim. E odeio sentir qualquer luto por ele. Mas é mais uma peça da minha antiga vida que foi tirada deste mundo.

Jonas franziu a testa.

— Quem disse que fui eu quem matou Aron?

— Eu imaginei… — Uma sombra de confusão atravessou o rosto dela. — Não foi você?

— Não. — Ele não podia reivindicar a morte do assassino de seu irmão e de seu amigo. — Cheguei tarde demais para executar a tarefa com minhas próprias mãos. Mas eu o teria matado, se seu marido não tivesse me roubado a oportunidade.

Cleo ficou olhando para ele.

— Está dizendo que… *Magnus* matou Aron? Mas por quê?

Pelo jeito, ninguém sabia da verdade no palácio.

— Porque Aron Lagaris matou a mãe do príncipe Magnus.

— O quê? — Ela se esforçou para encontrar palavras, e uma onda de emoções desconhecidas tomou conta de seu rosto. — Mas… mas ainda estão dizendo que *você* foi o responsável pelo assassinato da rainha.

É claro que estavam. Sem isso, os cartazes de "procurado" não passariam de combustível para fogueira.

— Você achou que eu fosse o culpado?

— Não, nem por um instante. Você não mata mulheres indiscriminadamente, nem mesmo a esposa do rei. Você está acima disso.

Jonas ficou satisfeito ao ouvir aquela opinião a seu respeito, mesmo que todos os demais estivessem prontos para tirar as piores conclusões.

— Infelizmente, lorde Aron não estava no mesmo patamar.

— Magnus matou Aron porque Aron matou sua mãe — ela repetiu para si mesma, trêmula.

Ele sentiu uma pontada de ciúmes ao ouvir Cleo mencionar o nome do príncipe tão casualmente, mas tentou ignorar.

Não tinha tempo para emoções tão pequenas. Estava na hora de ir direto ao assunto daquele encontro.

— Pouco tempo atrás, perguntei se você poderia se tornar minha espiã dentro do palácio — ele disse. — Estou perguntando de novo.

— O que quer que eu faça?

Ela respondeu tão rápido que ele precisou de um segundo em silêncio para se recompor.

— Preciso saber quais são os próximos passos do rei. Conquistar Paelsia e Auranos foi apenas o primeiro. Tenho razões para acreditar que existem motivos velados por trás da Estrada Imperial.

Motivos que exigiam que um vigilante exilado liderasse a construção. E, se o rei tinha um vigilante construindo a estrada, a obra com certeza ia além de uma mera ligação entre os três reinos — era uma maneira de chegar à magia.

Cleo olhou para ele, impaciente.

— Você acha que o rei me convida para participar das reuniões do conselho e pede minha opinião? Não sei nada sobre seus planos.

— Você é casada com o príncipe.

— E daí? Acha que isso me dá privilégios especiais?

— É claro que sim. O fato de estar aqui demonstra que não está trancada em seus aposentos como antes do casamento.

A expressão dela se tornou sombria.

— Algumas coisas mudaram, mas outras continuam exatamente iguais. Agora posso sair do palácio, mas ainda não tenho permissão de ir além das muralhas da cidade. E estou sempre cercada de guardas.

— Exceto agora.

Ela levantou o queixo.

— É, você tem razão. Estou completamente indefesa. Se você decidir que não sou tão útil quanto esperava, pode cortar minha garganta e me deixar aqui como uma mensagem para o rei.

Ele ficou mais entretido do que insultado com aquela declaração absurda.

— Até poderia. Mas acho que já estabelecemos que não mato mulheres.

— Que sorte a minha.

Jonas esperava resistência, mas, agora que sabia que ela estava disposta a ouvi-lo, considerou suas opções.

— Deixando de lado o rei e sua estrada por um instante, preciso falar com você a respeito de outra coisa. Vários amigos meus estão aprisionados no calabouço do palácio.

— Deixe-me adivinhar: você quer resgatá-los.

Jonas olhou nos olhos dela.

— Queria muito tentar. Qualquer coisa que ouvir sobre eles, me avise.

Ela o encarou por um instante em silêncio, impressionada.

— Você vai acabar sendo morto.

— Sem dúvida.

— E vai me levar junto. — Ela retorceu mais as mãos, aproximando-se da luz das velas, que iluminaram de leve seu cabelo dourado. — Como se eu já não tivesse problemas suficientes.

O temperamento forte da princesa agora se reduzia a cinzas. De repente, ele se sentiu compelido a perguntar algo que estava em sua cabeça desde o dia do casamento.

— Ele é violento com você?

— O rei?

— Não, o príncipe. Ele… machuca você?

Se Cleo dissesse que sim, Jonas encontraria Magnus e o mataria, independente das consequências. Acabaria com ele e o deixaria nas Terras Selvagens, em pequenos pedaços ensanguentados para o consumo das feras que viviam lá.

Ela hesitou, franzindo a testa e unindo as sobrancelhas.

— Não. Na verdade, ele nunca fala comigo, a menos que seja necessário.

Jonas mal pôde conter um suspiro de alívio.

— Ótimo.

— Ah, sim, é uma maravilha ser completamente ignorada por aqueles que controlam meu destino.

Mais um vez, a indignação de Cleo incitou um sorriso em Jonas.

— Você controla seu destino, princesa. Mais ninguém.

Ela o analisou com perplexidade nos olhos.

— Você é o garoto mais irritante que já conheci.

Aquilo o fez soltar uma gargalhada.

— Deve ser um páreo duro entre mim e o príncipe.

— Você parece muito obcecado por Magnus. Acho que da próxima vez vou tentar marcar um encontro entre vocês dois.

— Já está pensando no nosso próximo encontro. Gosto disso.

Cleo ficou com o rosto corado.

— Não seja tão confiante, rebelde.

Ele tentou conter o sorriso.

— Já expliquei o que preciso de você. Agora me conte qual é o *seu* plano, princesa.

— Meu plano? — Ela levou a mão ao peito. — Por que acha que tenho um plano? Talvez só esteja grata por ainda estar viva.

Jonas sabia que, se ela não sentisse que ainda havia alguma chance de retomar o trono, já teria fugido havia muito tempo. Com Jonas, com seu amigo Nic, com qualquer um que pudesse ajudá-la a escapar dos Damora para sempre.

— Você não vai continuar viva por muito tempo se permanecer no meio de seus inimigos — Jonas disse. — Acha que estou errado?

Cleo o encarou sem piscar.

— Não, não está errado.

Ela tinha a mesma facilidade para confiar que ele. Jonas conseguira conquistar grande parte dessa confiança, mas ainda havia uma parte a ser reconstruída depois de tanto tempo sem contato.

— Posso fazer algo para ajudar? — ele perguntou.

— Você quer me ajudar?

— Não tenho interesse nenhum em Auranos, mas não quero que o Rei Sanguinário fique no comando deste reino nem um dia além do necessário. Mais terras dão a ele mais poder. Se não posso resolver eu mesmo, vou ajudar quem tiver condições de destruí-lo. Essa pessoa poderia ser você?

Cleo o encarou com uma expressão metade desconfiada, metade infinitamente esperançosa.

— Poderia ser.

— Então me considere ao seu dispor, alteza. — Não restava muito tempo. Ele já tinha demorado demais, e Felix devia estar se perguntando sobre seu paradeiro. — Pode me mandar recados através de Nerissa.

Cleo ergueu as sobrancelhas.

— A costureira de Pico do Falcão?

Ele assentiu.

— Ela está trabalhando como criada no palácio. Se ficar sabendo de alguma coisa, mesmo que possa parecer insignificante, mande uma mensagem para Nerissa, e ela a entregará a mim.

— Ainda está aliado a ela? Confia nela?

Ele fez que sim.

— Ela já me deu diversas provas de que é digna de confiança.

O olhar dela tornou-se mais inquisidor.

— Sim, tenho certeza disso.

O que era aquilo nos olhos dela? Desconfiança? Ou ciúmes? Com certeza não era ciúmes, embora a ideia fosse intrigante.

A expressão séria de Cleo deu lugar a um sorriso tão brilhante e belo que seria capaz de interromper o mais cruel dos assassinos.

— Antes meu inimigo, Jonas Agallon agora deseja ser meu herói de armadura brilhante. Como as coisas mudam…

Pouco tempo antes, ele desprezava Cleo, pois a garota estava ao lado de lorde Aron quando seu irmão sangrou até a morte. Ele a culpara tanto quanto ao covarde que empunhara a lâmina.

Mas, apesar de ter sido deposta e de tudo pelo que passou, ainda era uma princesa mimada que não tinha ideia de como era uma vida como a de Jonas.

E ele não desejava ser o herói de ninguém.

Cleo tinha potencial para ajudá-lo, e vice-versa. Isso era tudo o que haveria entre eles.

Pensar assim tornava tudo muito mais fácil.

— Tem mais alguma coisa para me dizer? — ela perguntou depois que ambos ficaram em silêncio.

— Apenas isso. — Ele a agarrou, pressionou seu corpo contra a parede e lhe beijou com vontade. Depois a soltou, cobriu a cabeça com o capuz e saiu do templo.

Talvez as coisas não fossem tão simples, afinal.

# 10

# CLEO

## AURANOS

Cleo saiu de seu encontro secreto com Jonas cheia de determinação, o que tinha muito pouco a ver com o beijo roubado pelo rebelde.

O que não queria dizer que o beijo não tivesse sido uma forma intrigante de encerrar a conversa.

Ela podia não ser uma guerreira, empunhando uma espada pela causa rebelde, mas tinha olhos e ouvidos. Informação era poder, e o rei havia se tornado um pouco mais preguiçoso com as conversas particulares que tinha nos corredores e em cantos escuros.

Cleo ainda conhecia uma certa alcova no centro do palácio onde era possível ouvir muitos segredos interessantes.

Ela costumava usar esse esconderijo com frequência para espionar a irmã e suas amigas, até Emilia flagrar Cleo xeretando e contar ao pai delas, que lhe passou um sermão dizendo para não se meter na vida dos outros.

Mas cuidar apenas da própria vida não era tão interessante. E nem útil.

Um dia depois de encontrar Jonas, Cleo se deparou com Magnus e o rei conversando nessa mesma alcova. Rapidamente se escondeu em uma abertura entre duas colunas, de onde podia espiar sem ser vista e ter uma visão clara da área em frente à sala do trono. Pendurada na parede de mármore branco, atrás de onde pai e filho estavam, havia uma tapeçaria gigantesca retratando a insígnia de Limeros — uma naja diante de um par de espadas cruzadas.

Ela pressionou as mãos contra o mármore frio e ouviu com atenção.

— Gregor, o garoto rebelde, sabe de alguma coisa — o rei disse. — Ele negou várias vezes o que contou a você em Limeros, mas sei que está mentindo.

— Não tenha tanta certeza disso — Magnus respondeu. — Ele me atacou diante de dezenas de guardas enquanto devaneava sobre os vigilantes. Pode muito bem ser apenas maluco.

Cleo prendeu a respiração. Imediatamente soube de quem estavam falando — o momento havia ficado gravado em sua memória. Gregor era o garoto que os atacara durante a excursão de casamento, alegando que um vigilante o instruíra em sonho.

Ele quase a matou — e talvez tivesse conseguido se Magnus não a tivesse empurrado, tirando-a do caminho.

Mas em vez de ordenar a execução dele ali mesmo, Magnus preferiu mandá-lo para o calabouço do palácio.

Parecia que ainda estava vivo.

*Interessante*.

— Ele não pode estar louco — o rei disse. — Preciso que esteja são. Ele tem uma pista, uma conexão com o Santuário. Já mandei avisar Xanthus que preciso de mais informações, mas não obtive nenhuma resposta.

— Não existe nenhuma maneira de entrar em contato diretamente com Melenia? — Magnus perguntou.

— Não acha que eu já teria feito isso se soubesse como? — Havia uma certa dureza na resposta do rei. — Fiz tudo o que ela me pediu. A estrada está terminada. Ainda assim… nada. Um silêncio prolongado, sem informações, sem orientação. Nada além de um garoto com ligações com o mundo de Melenia. E ele vai me dar respostas, juro pelo coração de Valoria que vai.

— É claro que sim, pai.

— Vou interrogar Gregor de novo mais tarde, uma última vez, e quero você ao meu lado. — O rei apertou o ombro de Magnus e olhou para ele com intensidade. — A Tétrade será minha.

*A Tétrade*.

*Então o que o príncipe Ashur contou a Nic era verdade*, Cleo pensou. O rei estava atrás da mesma magia que ela.

Com o peito apertado, Cleo quis sair correndo, mas assim que se virou, se interrompeu.

Cronus estava alguns metros atrás dela, uma montanha com os braços cruzados diante do peito largo. Ela não conseguiu abrir a boca, não conseguiu recorrer à habilidade de dizer algo espirituoso ou amável.

Cronus a pegou pelo braço e a arrastou pelo corredor, apertando-a com força. Já haviam percorrido uma boa distância quando ela finalmente recuperou a voz.

— Para onde está me levando? — ela disse, lutando em vão para se soltar.

— Fique quieta.

— Como ousa? Tire as mãos de mim agora mesmo. — Ela tentou com todas as forças parecer autoritária, um membro da realeza. Alguém que um guarda, até mesmo um capitão, deveria obedecer.

Mas sabia que não podia enganá-lo.

Em um silêncio sepulcral, Cronus não conversou com ela nem fez ameaças. Foi até uma porta, abriu-a e a jogou lá dentro. Bateu a porta com força, deixando-a na escuridão.

Aos oito anos, Cleo havia tido uma babá muito cruel que, quando ela não se comportava tão bem quanto Emilia, a trancava em quartos escuros e dizia que os demônios das terras sombrias viriam castigá-la.

Quando seu pai ficou sabendo, dispensou a mulher e a expulsou do palácio, proibindo-a de voltar. O próprio rei a tirou da escuridão e a pegou nos braços, prometendo que estava segura, que nenhum demônio jamais a machucaria.

Cleo tinha medo do escuro desde então.

— Coragem — ela sussurrou para si mesma, andando de um lado para o outro naquele pequeno espaço. — Seja forte.

Depois do que pareceram horas, ela secou as lágrimas que escorriam pelo rosto e ficou em silêncio, esperando pelo que o destino reservava.

Finalmente, a porta se abriu. Ela levantou o queixo, cerrou as mãos em punhos e tentou ficar calma diante da ira do rei.

Mas não era o rei que estava na porta. Era Magnus. Com Cronus bem atrás.

O príncipe olhou para dentro do cômodo.

— Está muito escuro aqui.

Cronus abriu uma pequena janela, deixando entrar um pouco da luz do sol, e usou uma tocha para acender três lamparinas presas às paredes.

— Deixe-nos a sós — Magnus disse.

— Sim, alteza.

A porta se fechou assim que o guarda saiu.

Cleo não sabia por que estava tão surpresa em não ver o rei. Afinal, por que Gaius lidaria com ela pessoalmente? É claro que mandaria seu herdeiro, seu discípulo mais leal.

O marido dela.

Ela não conseguia respirar.

— Ouviu alguma conversa interessante ultimamente? — Magnus perguntou.

— Não sei do que está falando. — Ela tentou parecer arrogante, embora não se sentisse nem um pouco superior. — Aquele brutamontes me arrastou até aqui e me trancou como uma prisioneira qualquer. Exijo que seja punido!

— *Exige*, é? — Magnus cruzou os braços e encostou na parede perto da porta, com o rosto meio encoberto pelas sombras. — Você deveria agradecer Cronus por ter me alertado, e não ao meu pai, sobre sua indiscrição.

Ela nunca admitiria que estava espionando. Fazer isso seria equivalente a assinar a própria sentença de morte.

— Não fiz nada de errado.

— Tenho certeza de que não acredita nisso de verdade.

Infelizmente, Cleo sabia que Magnus não a considerava uma princesa jovem e tola, incapaz de qualquer mal, como a maioria dos demais.

— Não escutei nada interessante.

— Não importa o que você pode ou não ter escutado. Se meu pai soubesse que estava espionando nossa conversa, daria um jeito de garantir que suas lindas orelhas nunca mais ouvissem nada.

O estômago dela ficou embrulhado. Não duvidava de que o rei impiedoso ordenasse essa punição e não acreditava valer muito aos olhos dele, principalmente agora que a excursão de casamento havia chegado ao fim.

— E o que você prefere? Um simples espancamento, talvez?

— Você é tão prestativa em dar sugestões.

Cleo precisava sair do quarto escuro do desespero de qualquer maneira. Uma pessoa bloqueava sua passagem para a liberdade — para a esperança e as possibilidades — e a analisava com mais curiosidade do que acusação.

Talvez ela pudesse tentar usar essa curiosidade para sair dali ilesa.

— Não posso fazer nada se seu pai opta por conversar em um lugar aberto — ela disse. — Eu não estava agachada dentro de um armário em um cômodo privado. Vocês estavam no corredor. Eu estava passando e sabia que, se aparecesse enquanto estavam no meio de uma discussão tão intensa, o rei ficaria zangado.

— É claro. O que mais você poderia fazer além de ficar escondida nas sombras e escutar?

Cleo não podia ceder ao medo. Não era uma garota comum de dezesseis anos. Era uma princesa. Uma rebelde. E podia assumir o controle dessa situação. Nem

tudo estava perdido.

Precisava desestabilizar Magnus. E acreditava saber o que dizer para fazê-lo perder aquele equilíbrio cuidadoso.

— Eu não sabia que você acreditava em magia — ela disse.

Magnus piscou, surpreso.

— O que a faz pensar isso?

— Conversas sobre lendas não costumam acontecer entre quem se considera muito civilizado para assuntos tão triviais.

Magnus suspirou e se apoiou na parede, talvez para parecer entediado e inabalado.

— Você tem talento para falar em códigos. Prefiro palavras mais diretas.

— Então precisa encontrar a princesa Amara. Ela se orgulha da falta de delicadeza.

— Nossos visitantes kraeshianos são irrelevantes para esta discussão. — Ele inclinou a cabeça e intensificou o olhar, como se aquilo fosse ajudá-lo a desvendar os mistérios de Cleo. — O que sabe sobre a Tétrade, princesa?

Aquela palavra sempre fazia seu coração parar por um segundo.

— Nada.

— Nossa, você respondeu rápido. Rápido até demais. O que me faz pensar que, na verdade, sabe muita coisa. Principalmente se considerarmos os livros que tem lido nos últimos tempos. Livros sobre magia, bruxas e vigilantes.

— E feiticeiras — ela acrescentou, observando com cuidado a reação dele e vendo apenas um leve piscar de olhos escuros.

— Permita-me um conselho, princesa — Magnus começou a dizer. — Independentemente de qual seja o interesse de meu pai, é melhor se afastar. Ele está obcecado com lendas e buscas por tesouros que podem ou não existir. E não gosta de compartilhar.

A confirmação fez um arrepio percorrer o corpo de Cleo.

— Nunca achei que gostasse.

— Ótimo.

E, com isso, a expressão dele ficou vazia. Ela sabia que não conseguiria arrancar mais informações dele naquele momento. Mas era o suficiente por enquanto.

— Posso ir agora? — ela perguntou em voz baixa.

— Ainda não. — Magnus a analisou por um instante desconfortável antes de voltar a falar. — Tenho mais uma pergunta.

— Pois não? — disse, temendo o que viria em seguida.

— Por que está tentando ficar amiga de minha irmã?

— Porque gosto dela — Cleo disse sem pensar, pega de surpresa pela pergunta.

— Você está mentindo.

A raiva emergiu de dentro dela.

— Não estou mentindo.

— Não acredito que você possa gostar de Lucia. Ela é uma Damora e, consequentemente, sua inimiga.

— Ela é diferente.

Magnus passou os olhos por Cleo como se a revistasse e esperasse encontrar outra adaga nupcial kraeshiana escondida atrás dela.

— Você me odeia, odeia meu pai, odeia tudo o que tem a ver com Limeros. Lucia é parte disso. Acha que acredito que é como outra garota qualquer, querendo fazer amigos, frequentar banquetes e rir com as amigas? Talvez tenha sido um dia, pouco tempo atrás, mas não mais. Tudo o que faz, tudo o que diz, contribui para seu objetivo de nos destruir.

O marido era muito mais observador do que ela gostaria. E a estava fazendo perder a compostura, a sensação de controle. Emoções conflitantes brotavam em seu peito rápido demais para contê-las.

— Você não sabe nada ao meu respeito.

— Errado. Sei *tudo* ao seu respeito. Seu ódio alimenta você, fornece determinação. Posso ver em seus olhos neste exato momento. — Ele ficou em silêncio por um instante. — Não me leve a mal, entendo por que me odeia tanto.

A última coisa sobre a qual queria falar era isso, de novo, com *ele*, mas ainda assim as palavras se adiantaram; a dor infinita em seu coração precisava ir para algum lugar porque mantê-la dentro do peito a estava destruindo.

— Você matou Theon.

A expressão dele se modificou.

— Não tenho como mudar isso.

— Também estava presente quando o rei, seu *pai*, matou Mira. Ela era inocente. Inofensiva. Você podia ter impedido. — Dessa vez ela o fez recuar.

Estava envergonhado. Dava para ver em seus olhos.

— Quer citar mais alguém, princesa? Vamos lá. É saudável descarregar a dor em quem a causou. Eu aguento.

— Você matou Aron. Mais uma prova de que destrói todos que estão no seu caminho, sejam merecedores ou não. — As palavras eram contidas, mas cheias de ódio.

— O que disse? — A voz dele estava igualmente calma, mas agora havia perigo no tom.

Cleo de repente se deu conta daquele erro.

Ninguém além de Jonas poderia ter contado sobre a morte de Aron, e Magnus *não podia* saber que ela o vira ou falara com ele. Ela precisava se recompor. Escutar uma conversa era uma coisa, mas se encontrar em segredo com um rebelde era outra bem diferente.

— Bem… pode muito bem ter matado. Aron era inexperiente. Você sabia muito bem disso. O rei o colocou em uma posição importante. Ele era vaidoso e idiota e não se deu conta de que não tinha nenhuma chance no campo de batalha. Não estou dizendo que o tenha matado *pessoalmente*…

Magnus chegou mais perto, pressionando-a contra a parede e encarando-a com um olhar tão penetrante que bastava para prendê-la ali.

Ele chegou tão perto que Cleo pôde sentir o cheiro do vinho doce em seu hálito.

Até onde sabia, Magnus nunca tinha bebido. Não havia tomado nem um gole durante toda a excursão de casamento. Mas, desde o retorno da batalha nas montanhas, seus hábitos pareciam ter mudado.

— Não, princesa — ele falou. — É exatamente isso que está dizendo.

— Você é paranoico.

— Acha que matei Aron? É uma acusação e tanto. Por que eu perderia meu tempo matando um pavãozinho pomposo como seu ex-noivo? Para mim, ele não passava de sujeira sob minhas unhas.

— Aron era insignificante — ela concordou.

— Totalmente. Era um auranianozinho miserável, não que eu tenha qualquer auraniano em alta estima. Mas suponho que a maioria não caia de joelhos para lamber as botas de seu conquistador. Pelo menos não tão rápido quanto aquele ex-vassalo. Obedecendo todas as ordens, sempre com um sorriso presunçoso no rosto. Sempre em frente, independente de quem fosse ferido ou morto.

Um músculo se contraiu no rosto de Magnus, que desviou o olhar de Cleo, mas não antes que ela visse um raio de dor em seus olhos.

Eram momentos como aquele que a deixavam mais confusa em relação ao príncipe. Era tão inesperado ver dor em um rapaz tão frio, responsável por todas

as façanhas monstruosas que a faziam odiá-lo. Mas um verdadeiro monstro não deveria ser capaz de sentir dor dessa forma.

E também havia a questão de Aron. Segundo Jonas, ele havia matado a rainha. Mas por que teria feito algo tão inesperado e detestável?

Poderia… ter sido por ordem do rei?

A ideia a deixou sem ar. Mas por que o rei desejaria que sua esposa, sua rainha, fosse assassinada?

Não fazia sentido. Não mesmo. Ainda assim, de certa forma, essa peça parecia se encaixar naquele quebra-cabeça terrivelmente confuso.

Embora centenas de perguntas queimassem em sua língua, Cleo se manteve em silêncio. Não era tola o bastante para transformar suspeitas tão perigosas em palavras. Não naquele momento. Não ali. E não com o príncipe imprevisível e intimidador que estava diante dela.

Agir como uma vítima encurralada não lhe faria justiça. Não estremeceria diante dele, nunca. Não imploraria. Havia se tornado uma rebelde no dia em que Gaius roubara seu reino e matara seu pai. Cada pensamento, cada objetivo, cada necessidade gritava por rebelião.

— Basta — ela resmungou. — Você já disse tudo o que tinha para dizer e me intimidou o quanto quis. Conte ao rei sobre meu suposto crime ou me solte agora mesmo.

Magnus a analisou com calma, com uma expressão dura e indecifrável, apesar da tempestade que enfurecia seus olhos escuros.

— Muito bem, princesa. Mas me permita fazer um alerta. Se for pega espionando de novo, Cronus a levará direto para o rei. E deixarei que faça isso. Com prazer.

Ele saiu do cômodo e fechou a porta, deixando-a sozinha. Com o coração na garganta, Cleo esperou Cronus voltar para lhe dar mais algum castigo.

Mas ele não veio.

Finalmente, tentou abrir a porta e viu que não estava trancada. Saiu pelos corredores até encontrar uma criada, a quem pediu para procurar Nerissa e mandá-la aos seus aposentos.

Pouco depois, Cleo chegou em segurança ao seu quarto, e Nerissa apareceu.

— Vossa alteza queria falar comigo?

Cleo levantou e ficou olhando para a garota que usava um vestido simples e cinzento de criada, parada perto da porta. Da última vez que vira Nerissa, seus cabelos estavam longos e viçosos. Agora estavam bem curtos e ásperos,

deixando-a totalmente diferente, muito mais simples do que a costureira que a levara direto para a armadilha de Jonas. Ainda assim, não dava para negar o quanto era bonita. Seus traços carregavam uma beleza exótica que revelavam suas origens de uma terra distante.

O rosto de Nerissa não expressava medo, mas ficou tenso quando Cleo se aproximou. A princesa se perguntava se Jonas conhecia bem aquela garota e o quanto ficaria grato a alguém disposta a colocar a própria vida em perigo para ajudá-lo.

Ela esperava sentir ciúmes, mas, em vez disso, sentiu apenas curiosidade sobre como seria viver como Nerissa, assumindo o papel de criada apenas para honrar a aliança à causa rebelde.

Mas não havia mais tempo para refletir sobre a garota.

— Foi você quem colocou a mensagem de Jonas no meu caderno de desenho.

— Sim, alteza. — Nerissa não parecia nada surpresa em ser confrontada.

— E me disseram que você pode enviar mensagens a ele. É verdade?

— É sim, alteza. — Ela olhou direto nos olhos de Cleo.

Cleo analisou o rosto da menina, procurando qualquer sinal de fingimento.

— O que está disposta a fazer para ajudar a rebelião? Para derrubar o rei?

— Qualquer coisa. — Nerissa não hesitou. — E vossa alteza?

— Também. — Ela nunca havia dito uma palavra tão verdadeira em toda sua vida. Parecia a coisa certa a dizer, em especial a alguém que logo passou a considerar uma aliada de confiança.

— Sempre que precisar de mim, como mensageira ou qualquer outra coisa, saiba que estarei aqui. — Nerissa estendeu o braço e apertou as mãos de Cleo, abrindo um sorriso inesperado. — Terá o seu trono de volta muito em breve, vossa alteza. Juro pela deusa que terá.

Então ela se foi. Cleo se aproximou da janela e olhou para fora, na direção das muralhas da cidade e das terras verdejantes que se estendiam além.

Seu adorado lar, roubado por seus inimigos.

Ela jurou que logo o teria de volta.

# 11

# MAGNUS

## AURANOS

Magnus encontrou Lucia no pátio com uma expressão assustadoramente fria no rosto.

— Ora, mas que surpresa — ela disse. — Você se perdeu?

— Queria falar com você em particular.

— Você voltou há mais de uma semana. É a primeira vez que tenta falar comigo.

Era verdade. Ele a estava evitando. Ambos tinham mudado tanto que uma parede se formara entre eles, invisível, mas forte o suficiente para provocar danos duradouros.

— Bem — ele disse —, sei que andou ocupada com sua nova amiga. Eu não queria interromper, não é?

Magnus não olhou diretamente para ela, preferindo observar as flores de que a irmã cuidava. Algumas rosas — vermelhas, amarelas, cor-de-rosa, brancas — floresciam grandes e viçosas, enquanto outras estavam marrons e ressecadas, como se o toque mortal do inverno tivesse deixado sua marca naquela terra de verão eterno.

Ele não precisou perguntar se Lucia estava praticando os *elementia*. Os dois lados estavam ali bem à mostra — vida e morte.

— Minha nova amiga? — ela perguntou. — Não sei do que está falando.

Magnus não estava com paciência para joguinhos.

— Não seja evasiva. Sabe que estou falando de Cleo.

Ela deu de ombros.

— Está incomodado por eu ter descoberto que a garota com quem você foi obrigado a se casar não é uma fera terrível com garras e dentes afiados?

— Garras e dentes podem ser escondidos com facilidade. — Magnus finalmente olhou para a irmã. — Estranho, sempre achei que você fosse mais esperta.

Um sorriso tocou os lábios de Lucia.

— Depende do dia.

Ela estava achando graça. Magnus não estava tentando entretê-la.

— Então agora você é apenas um bom irmão cuidando da irmã mais nova e ingênua que pode estar sendo enganada por alguém que lhe quer mal? — ela perguntou. — É nisso que acredita? É por isso que está aqui? Para me alertar?

— Fiquei preocupado.

— Preocupado. — Ela repetiu como se a palavra tivesse um gosto podre. — Acredite, estou bem ciente de que Cleo deve ter muitos ressentimentos em relação a mim. Embora seja difícil que se ressinta mais de alguém do que de você.

Palavras como essas podiam fazê-lo recuar se já não soubesse da verdade contida nelas.

— Esta conversa não está sendo tão cordial quanto eu esperava. Por que está tão hostil hoje, Lucia?

A expressão dela era de um leve desconforto, mas Magnus não sabia ao certo se era só por causa dele.

— Você me evitou durante dias, como se eu tivesse alguma doença, e acha que *eu* estou sendo hostil?

— Peço desculpas, minha *irmã* — ele sussurrou a última palavra. — Mas tive a impressão de que queria me fazer esquecer… como foi mesmo que disse? Meus *pensamentos indevidos*?

Ela ficou tensa.

— Não era para você ter escutado aquilo.

O dia de seu casamento trazia mais lembranças ruins do que um ataque rebelde, um terremoto e adagas nupciais juntos. A data também confirmara a constante repulsa de Lucia por seus sentimentos nada fraternais.

Magnus tentou manter a calma. Seu confronto com Cleo o perturbara mais do que gostaria de admitir.

A rosa que Lucia segurava tinha ficado marrom e quebradiça em segundos. Era magia da terra? Ou o calor lento e seco do fogo, roubando a beleza da flor com tanta rapidez?

Talvez ele não fosse o único tentando se manter calmo.

Apenas um ano antes, Lucia correra até Magnus com os braços cheios de livros de história. Em geral, esse material de leitura com temática fantástica ou para o lazer não era permitido na biblioteca limeriana, que deveria conter apenas textos educativos, históricos e ensaios.

Os dois tinham passado a tarde debruçados sobre os livros e descoberto uma história sobre uma passagem mágica secreta, ao norte de Limeros, que permitia acesso a outros mundos, mas apenas se o viajante estivesse preparado para a possibilidade de nunca mais voltar.

*"Você gostaria de atravessar a passagem?"*, ela havia perguntado.

*"Não sei."* Ele havia pensado com cuidado antes de responder. *"Ir para um lugar longe daqui, onde tudo é novo e cheio de possibilidades. Até poderia ir. Contanto que você fosse comigo."*

*"Eu nunca deixaria meu lar"*, ela havia respondido com uma gargalhada. *"Que ideia boba!"*

Lucia não tinha percebido, mas aquelas palavras o feriram profundamente. Quando o dia terminou, ele pegou os livros, arrancou as páginas que continham a história sobre a passagem e queimou uma por uma, observando o pergaminho se enrolar e escurecer diante de seus olhos.

Rasgadas, queimadas e esquecidas — era o que deveria ser feito com fantasias inúteis desde sempre.

— Só queria dizer para… tomar cuidado com Cleo — Magnus disse. — Ela é muito falsa.

— Não somos todos quando precisamos ser? — Lucia comentou com um leve sorriso. — Se não tiver mais nada a dizer, Magnus, tenho outras coisas para fazer.

Uma voz chamou sua atenção antes que pudesse responder. Não que ele soubesse o que dizer.

— Vossa alteza — disse Cronus. — O rei solicita sua presença.

Estava claro que Lucia não tinha mais interesse em sua orientação — nem em sua companhia. Só desejava que ele a deixasse em paz.

Muito bem. Desejo concedido.

— Tenha um bom dia, Lucia. — Magnus deu meia-volta e acompanhou Cronus de volta ao palácio. No caminho, passou por Cleo, que seguia para o jardim.

— Minha irmã está esperando por você — Magnus disse.

— Fico feliz em saber — ela respondeu.

Parecia tão tranquila e despreocupada; era como se a discussão anterior não tivesse acontecido. Será que tinha tanta certeza de que ele não contaria ao pai tudo o que dissera? Tudo o que tinha ouvido?

— Tome cuidado, princesa.

— Sempre tomo.

— Sempre? Ou a partir de hoje?

Ela lançou um olhar tão feroz por sobre o ombro que quase o fez rir.

Magnus saiu do jardim ensolarado. Quando seus olhos se ajustaram ao interior mais escuro do palácio, notou que Cronus o observava atentamente, com certeza se perguntando por que Magnus havia deixado Cleo ir sem nada além de um alerta.

— Seu comentário é desnecessário — resmungou.

— Não ousaria dizer nada, alteza — Cronus respondeu.

— O que meu pai quer comigo hoje?

— O rei solicita sua presença enquanto interroga o rebelde.

Magnus não sabia que tipo de ajuda poderia oferecer, mas não se opôs. Faria o que o pai mandasse, ainda que estar na mesma sala que ele fizesse seu sangue ferver.

Voltou a pensar em Cleo. Mesmo sem ter admitido nada, ficou imaginando o que sua esposa diria se ele contasse toda a verdade sobre Aron, sobre sua mãe, sobre o rei.

Ela revelaria a alguém suas suspeitas de que Magnus havia matado Aron? E faria alguma diferença se o fizesse? Ela não tinha nenhum aliado entre aquelas paredes, à exceção do inútil e irrelevante Nic.

E, é claro, sua nova melhor amiga Lucia.

Antes que pudesse pensar com cuidado em tudo isso, os dois chegaram a seu destino — um lugar que o surpreendeu.

— Ele está interrogando o rebelde na sala do trono? — Magnus perguntou.

— Sim, vossa alteza.

Extravagante. Talvez o rei não quisesse sujar suas finas roupas ou encher as botas de terra descendo até o calabouço. Vários guardas estavam parados em frente às portas, e outros quatro aguardavam do lado de dentro. Gregor, o rebelde que havia atacado Magnus em Limeros, estava ajoelhado na base dos degraus que levavam ao grande trono dourado, onde o rei estava sentado com toda tranquilidade.

— Finalmente — o rei disse ao filho. Então se dirigiu aos guardas: — Estamos esperando mais uma pessoa. Enquanto isso, podem sair. Cronus, você fica.

Cronus fez uma reverência. Os outros guardas se viraram e saíram da sala, fechando as portas grandes e pesadas.

— Quem estamos esperando? — Magnus perguntou.

— Alguém essencial que sinto que estava faltando até agora. — O rei fixou o olhar em Gregor. — Acredito que vocês dois se conheçam.

Gregor não levantou os olhos, e Magnus o observou com desdém. Aquele rapaz o fizera sangrar. E o teria matado se Magnus não estivesse tão alerta.

Magnus caminhou devagar desenhando um círculo ao redor de Gregor, que estava muito mais magro do que um mês antes. Seus cabelos escuros estavam emaranhados e sujos; a mão esquerda estava envolta em trapos sujos com uma crosta de sangue ressecado. O rosto mostrava sinais de hematomas. O lábio estava cortado.

E ele tinha um cheiro rançoso.

— Gregor tem as respostas de que preciso. — O tom de voz do rei estava surpreendentemente calmo, quase amigável. — E vai nos contar tudo.

— Eu já disse tudo o que sei — Gregor disse, por fim, com a voz áspera.

— Quero que fale mais sobre Phaedra, a vigilante que visitou seus sonhos.

O nome pegou Magnus de surpresa.

— Phaedra — repetiu em voz alta. — O nome dela é *Phaedra*?

— Talvez — Gregor respondeu, dando de ombros.

Magnus se virou e agarrou o garoto pela garganta.

— A resposta adequada é *sim* ou *não*, escória rebelde.

— Sim — Gregor sussurrou. Magnus o soltou. — O nome dela é Phaedra.

Era o nome da vigilante que Magnus tinha visto, aquela que salvara a vida de Jonas antes de Xanthus eliminá-la.

Não podia ser coincidência.

— Você não tem sonhado com ela nos últimos tempos, tem? — Magnus perguntou.

— Não.

— Acho difícil acreditar nisso — disse o rei. — Gregor, conte o que Phaedra disse sobre a Tétrade. Quero saber se ela deu instruções de como encontrá-la.

O rosto de Gregor se contraiu.

— Não sei nada sobre a Tétrade.

O rei abriu um sorriso sarcástico.

— Sabe, também fui contatado por uma vigilante. Mas não foi essa Phaedra; nunca ouvi falar dela. Talvez camponeses simplórios sonhem com vigilantes simplórios. Ainda assim, ela escolheu você… Isso me faz pensar.

O rei gostava do som da própria voz. Magnus desejava muito que ele agilizasse as coisas. Precisava de respostas, e discursos prolixos não ajudavam em nada.

— O que eu sei — o rei continuou — é que a Tétrade existe. E, depois de muitos anos, poderá finalmente ser encontrada. Só preciso saber como.

— Talvez seja melhor perguntar à sua própria vigilante, porque não posso ajudar — Gregor disse com um desdém evidente.

Magnus olhou para o rei e viu um sorriso frio curvar seus lábios.

— Então você não sabe — o rei disse.

— Não. E quer saber? — Com uma simples elevação do queixo, Magnus percebeu que Gregor havia tomado a decisão fatídica de escolher a resistência em vez da obediência. — Mesmo se soubesse, não diria nem em um milhão de anos.

O rei meneou a cabeça, sem alterar a expressão de neutralidade.

— Foi o que imaginei.

Nesse momento, as portas da sala do trono se abriram.

— Ah! — o rei exclamou. — Muito bem. Isso deve ajudar.

Magnus viu o rosto de Gregor ficar pálido quando uma garota entrou, com um guarda de cada lado e as mãos amarradas nas costas. Ela tinha cabelos longos e cacheados e olhos castanho-claros. Vestia uma túnica suja de lona sobre calças marrons — trajes de rapaz.

Parecia pronta para matar.

— Acredito que essa menina seja sua irmã — o rei disse. — Não é?

Gregor não tirou os olhos da garota nem por um segundo.

— Soltem ela.

— Não tão rápido. Eis o que vamos fazer. Você vai me dizer o que preciso saber. Vamos discutir a questão de homem para homem, sem necessidade de violência. Depois disso, você e sua irmã… Lysandra, certo? Você e Lysandra serão preparados para execução pública. Com exceção de terem que suportar a presença da multidão, a morte de vocês será rápida e quase indolor. No entanto, se você se recusar a contar o que preciso saber, sua irmã será torturada até a morte diante de uma audiência muito menor, que incluirá você. Preciso entrar em detalhes sobre o que será feito com ela?

A calma com que o rei dava as notícias fez um arrepio percorrer o corpo de Magnus.

Ele não estava blefando.

Por que a ameaça de tortura fazia o estômago de Magnus revirar? Odiava o pai, mas era um Damora. Tal ameaça não deveria deixá-lo nauseado; deveria lhe dar energia.

Lysandra tinha ficado quieta, parado de se debater, mas o ódio ainda ardia em seus olhos.

— Não diga nada, Gregor. Ele vai nos matar de qualquer jeito.

Gregor agora tremia.

— Lysandra, me perdoe — Gregor disse, fazendo o rei abrir um leve sorriso. O rosto de Lysandra logo foi tomado pela preocupação, sem dúvida por medo do que o irmão diria em seguida. — Morte é uma coisa. Mas tortura… não. Não posso deixar isso acontecer a você. — Ele se virou para o rei; seu rosto era uma máscara de ódio quando começou a falar: — Phaedra me disse que a Tétrade estava pronta para ser *despertada*. Foi essa a palavra que usou. Interprete como quiser. Mas ela me alertou que os cristais não deveriam ser encontrados, mesmo que isso significasse o desaparecimento tanto do mundo dela quanto do nosso.

— Bobagem. Como pode ser? — o rei provocou.

— Porque mortais não podem controlar um poder desses — Gregor disse rispidamente. — E qualquer um que acredite ser capaz de controlá-lo é um idiota.

*Esse garoto tem coragem*, Magnus pensou, um tanto quanto impressionado.

— O que mais? — resmungou o rei Gaius, ignorando o insulto de Gregor.

— Ela acredita que, quando a Tétrade finalmente despertar, o mundo queimará.

— Queimará? — o rei repetiu. — O que ela quis dizer com isso? Com certeza não significa que o mundo vai, literalmente, queimar?

— Não sei. Estava certo de que ela voltaria para me contar mais, para me dizer como ajudá-la, mas já se passaram semanas desde o último sonho. Juro pela alma de meus pais que estou dizendo a verdade. Não dou a mínima para a Tétrade. Por mim, pode ficar com ela!

O rei juntou a ponta dos dedos e analisou Gregor.

— O que sabe sobre um jovem em Paelsia capaz de canalizar o poder do fogo?

As costas de Magnus enrijeceram. Ashur tinha compartilhado esse rumor com ele, mas era a primeira vez que ouvia seu pai mencioná-lo.

— Nunca ouvi falar desse homem — Gregor disse, balançando a cabeça.

— Não importa, imagino. — O rei se inclinou para a frente. — Como encontro a Tétrade, Gregor?

De repente Magnus sentiu um alívio. Se o rei ignorou uma ideia tão fantástica com tanta facilidade, provavelmente não achava que fosse verdade.

— Você tem certeza de que sei, mas está enganado. — O tom áspero de Gregor se tornou melancólico. — Estou certo de que Phaedra pretende entrar em contato comigo de novo; ela não me abandonaria assim. Era boa e gentil, e queria o melhor para o mundo… mas tinha inimigos. Temia algo… ou… ou *alguém*.

— Talvez ela esteja morta — Magnus murmurou.

— Sim — o rei Gaius concordou. — Talvez essa sua vigilante esteja morta e, sendo assim, não terá utilidade para ninguém, não é?

— Mas vigilantes são imortais. — Gregor alternou o olhar de maneira incerta entre pai e filho. Seu peito oscilava com a respiração pesada. Então pareceu recobrar a coragem. — Vossa majestade precisa de mim. Eu tive contato direto com uma vigilante que me escolheu em vez de qualquer outro mortal. Sou seu representante neste mundo. Isso me torna especial, valioso. Prometo trabalhar para vossa majestade. Só peço que poupe minha vida e a de minha irmã.

— Gregor, não! — Lysandra gritou com horror e repulsa na voz.

— Fique quieta, Lys — ele resmungou. — Você quer morrer?

— Prefiro morrer rebelde do que me ajoelhar diante desse saco de merda real.

Um guarda deu um tapa tão forte no rosto de Lysandra que ela soltou um grito.

Gregor se levantou, mas Cronus o forçou a se abaixar de novo.

— Perdoe minha irmã — ele conseguiu dizer. — Ela sempre foi irascível, mas eu não. Eu enxergo uma oportunidade quando ela se apresenta. Vossa majestade precisa de mim. Quando Phaedra voltar a entrar em contato, contarei tudo sem hesitar. Não estou mentindo!

— Não, você não está mentindo. — O rei recostou no trono com as mãos apoiadas nos braços dourados. — Você faria isso, posso ver. Você ama sua irmã. Esse tipo de lealdade é muito importante para mim. Família é a coisa mais preciosa do mundo. É a única maneira que nós, mortais, temos de garantir nossa imortalidade. Respeito o amor que tem por sua família.

Gregor soltou um longo suspiro trêmulo.

— Que bom.

*Meu pai pode realmente ter complacência com esse rapaz*, Magnus pensou. Apesar da resistência inicial, Gregor estava pronto para virar as costas para suas inclinações rebeldes e se aliar ao rei Gaius para salvar a vida de sua irmã.

O rei observou Gregor em silêncio.

— O problema é que acho que sua vigilante encerrou a conversa com você ou está morta. E ela não revelou quase nada, para começo de conversa. Parece inútil para mim, diferente de Melenia, que fez grandes promessas que sei que cumprirá. E, para mim, isso torna você tão inútil quanto ela.

— Não, vossa majestade. Não é verdade!

Lysandra tentou se libertar do guarda que a segurava, olhando para todos os lados como se procurasse um meio de escapar.

O rei Gaius não fez nada além de lançar um olhar em sua direção.

— Fico muito agradecido, Gregor, por ter me ensinado uma lição muito importante hoje — ele disse. — Às vezes, me deixo levar pela impaciência e pela raiva. Mas esperei a vida toda pela Tétrade e posso continuar esperando até chegar a hora certa. Afinal, já tenho a chave para desvendar o mistério. Só preciso descobrir a maneira certa de usá-la.

O pânico despontou nos olhos de Gregor.

— Eu *posso* ajudar. Posso ser inestimável!

O rei sorriu, mostrando os dentes brancos e perfeitos.

— Não se preocupe. Você provou que não estava mentindo. É uma coisa boa. Significa que pode continuar com sua língua. E sua irmã vai escapar de qualquer sofrimento público. Não sou um monstro capaz de torturar uma jovem apenas para o próprio entretenimento.

— Então ainda seremos executados juntos? — Gregor perguntou, com a voz entorpecida pela derrota.

— Não exatamente. — O rei olhou para Lysandra. — Limpem-na e a deixem bonita, ou o mais próximo disso que uma paelsiana consegue ficar. Ainda não fui capaz de apresentar uma rebelde do sexo feminino ao povo como exemplo de que não abro exceções ao punir aqueles que se opõem a mim.

— E meu irmão? — Lysandra perguntou. Um filete de sangue escorria pelo canto de sua boca, onde recebera o golpe.

— Não se preocupe. Seu irmão estará presente para ver você morrer — o rei disse. — Cronus, me traga a cabeça do rapaz. Vou garantir que seja colocada na ponta de uma estaca com a melhor visão da praça do palácio.

Um grito agudo e cheio de dor escapou da garganta de Lysandra.

— Não!

Cronus não hesitou. Desembainhou a espada enquanto dois guardas seguravam Gregor pelos braços.

Palavras de protesto morreram na garganta de Magnus. Isso só podia acabar de uma forma; Magnus sabia que sua opinião não valeria de nada depois que o rei tomara sua decisão. Manifestar-se só pioraria as coisas.

Lysandra gritou, e Magnus se virou para a garota, que lutava e se debatia para se libertar dos guardas.

Mas nada podia impedir aquilo.

— Sinto muito por ter falhado com você. Lute, pequena Lys. Lute até o fim! — Então a espada desceu em um único golpe pesado e certeiro.

Os gritos horrorizados de Lysandra tiveram um impacto profundo no peito de Magnus, e ele soube que os ecos o assombrariam daquele momento em diante.

Não restavam mais forças em Lysandra depois daquilo. Os guardas a arrastaram sem esforço da sala do trono de volta para o calabouço.

O corpo de Gregor também foi removido, e a cabeça colocada em uma bandeja de prata.

— Muito bem, Cronus. — O rei meneou a cabeça e acenou com a mão. — Agora tire isso daqui.

— Sim, majestade. — A expressão de Cronus era fria e sem emoção, como sempre ficava depois de execuções. Era o rosto de um homem de pedra, e não de carne e osso.

Cronus deixou pai e filho a sós, apenas uma mancha de sangue onde Gregor estava ajoelhado como evidência do que havia acontecido apenas alguns minutos antes.

Magnus estava em silêncio. Sua mente tinha escurecido, sem pensamentos, apenas uma nuvem negra e densa.

— Tinha que ser feito — o rei disse.

— Tinha mesmo? — A resposta saiu mais afiada do que o pretendido. — A execução privada de um rebelde considerado útil? Não, não acho que era algo que *tinha* que ser feito.

O rei lançou a Magnus um olhar de surpresa.

— Você fez isso porque queria saborear a expressão no rosto daquela menina ao matar o irmão bem na frente dela. — Magnus prosseguiu. — Você gostou. Queria abalar a coragem que enxergou nela para que aceitasse o próprio destino sem lutar. Para que seu espírito exaltado, que resiste apesar de ela ter sido

trancafiada no calabouço, não perturbe a plateia no momento da execução, que sei que estará cheia de seus seguidores mais fiéis. Bem, deixe-me ser o primeiro a parabenizá-lo, pai, você conseguiu.

O rei estreitou os olhos.

— O que há de errado com você, rapaz? Por que sempre tem que se opor a tudo o que faço?

Magnus sentiu dificuldade de respirar, pois todos os fragmentos de frustração, dúvida e raiva em relação ao pai, sentimentos que havia tentado tanto reprimir, vieram à tona.

— Porque nem tudo o que você faz é certo!

— Só faço o necessário para manter meu poder durante esse período de transição, para que um dia você não precise lutar tanto. É um momento perigoso para nós, filho. Não há espaço para discórdia.

— Foi por isso que mandou aquele merdinha do Aron Lagaris matar minha mãe? Para diminuir minha resistência?

As palavras saíram antes que pudesse contê-las, e renderam um olhar satisfatório de choque por parte do rei. Por que parar agora?

— Engraçado, pensei que soubesse de tudo o que acontecia em seu reino, graças a todos os seus espiões e informantes — Magnus continuou. — Mas não sabia dessa parte. E não sabia que Aron confessou para mim. Confessou que você o obrigou a cravar uma faca em minha mãe na calada da noite, acabando com a vida dela para que você pudesse culpar Jonas Agallon.

A expressão de choque do rei voltou ao estado neutro.

— Foi você quem matou Aron.

Seu segredo havia sido revelado. Agora ele não tinha nada a perder.

— Eu pretendia trazê-lo de volta para responder pelo crime aqui, mas ele tentou me matar. Obviamente, fracassou. Ver a vida se esvair daqueles olhos não foi tão gratificante quanto eu esperava. Mas ele não era o verdadeiro criminoso. Era apenas a arma. *Você* matou minha mãe e…

— E agora imagino que me queira morto também. — O rei o interrompeu e se levantou do trono, descendo os degraus para ficar frente a frente com Magnus. — É claro que quer. Aqui está. — Ele colocou uma adaga de prata na mão do filho. — Vou dar a você essa única chance de acabar com a minha vida, se é isso que deseja de verdade. Aqui e agora. Vamos!

A mão de Magnus tremia.

— É um truque.

O rei manteve o olhar fixo no filho.

— Althea estava conspirando contra mim. Ela se opunha à minha jornada em busca da Tétrade; sempre se opôs. Ela me odiava e queria me afastar de qualquer poder que pudesse fortalecer meu reinado. Queria Lucia morta e acredito que pretendia matar você também, para evitar que eu tivesse um herdeiro de fato. Ela tinha que morrer, Magnus.

Todos os ossos de Magnus tremeram. O cabo da adaga era como gelo em sua pele.

— Não era sua única opção.

— Era, sim. Sei que algumas de minhas decisões foram duras, mas todas foram necessárias.

Lucia havia dito a Magnus que a mãe deles a queria morta porque temia sua magia, que lhe dera uma poção que a manteve dormindo por muito tempo… mas Magnus não achava que fosse motivo suficiente para assassiná-la. Castigá-la, sim. Bani-la, talvez. Mas a morte? Não fazia sentido para ele, e nunca faria.

— Mas minha mãe… — ele tentou dizer.

— Althea não era sua verdadeira mãe.

A afirmação brusca atingiu Magnus como um soco no estômago.

— O quê?

O rei olhou para ele com firmeza.

— Ela perdeu o bebê que acreditava ser você e ficou louca com o sofrimento. Logo depois disso, nasceu outra criança com minha semente, e entreguei aquela criança, *você*, a ela. Você a trouxe de volta do limite da insanidade. Ela acreditou ser sua mãe até o último suspiro, mas vocês nunca compartilharam o mesmo sangue.

Magnus o encarou com a mente em um turbilhão.

— É mentira.

— Sua mãe verdadeira era Sabina.

Ele sentiu outro soco no estômago e se afastou do rei cambaleando, horrorizado. Sabina, a amante de seu pai, uma bruxa cruel, ávida por poder. Agora morta, assassinada pela magia de Lucia.

— Outra mentira! Sabina tentou me matar. Ela tentou me matar depois de tentar me *seduzir*.

O rei franziu o cenho.

— Era uma mulher complicada, tenho que admitir. Suas paixões às vezes iam além do que até mesmo eu era capaz de entender. Mas isso não muda a verdade.

Você é meu filho único com Sabina. Ela escondeu a gravidez de todos. Somente eu e a parteira que trouxe você ao mundo sabemos o que aconteceu de fato.

— Não. — A bile subiu pela garganta de Magnus. O mundo tinha saído do eixo; o solo agora parecia instável sob seus pés.

O rei segurou os ombros do filho com tanta força que ele recuou.

— Você tem o sangue de uma bruxa e de um rei nas veias. Toda bruxa tem laços ancestrais com os vigilantes. *Você* tem isso. É por isso que sempre vi algo especial em você, algo superior.

Magnus não podia aceitar isso. Durante toda a vida, viu Sabina como amante e conselheira do pai, mas, para ele, ela nunca tinha passado de mais uma presença irrelevante que era obrigado a tolerar. Não havia sofrido nem um segundo por sua morte. Ele a odiava.

Ela *nunca* seria sua mãe.

O estômago de Magnus estava se revirando, seu coração era um peso escuro e pesado no peito.

Ele queria beber. Permitir que aquela névoa agradável se espalhasse por sua mente até apagar todos os pensamentos.

— Por que não me contou isso antes?

Uma sombra de devaneio tomou conta do rosto do rei, fazendo-o parecer mais velho.

— Devia ter contado. Sinto muito por não ter feito isso. Mas agora você sabe que Althea não tinha nenhum direito de verdade sobre você. Está livre de qualquer laço de lealdade em relação a ela. Althea era uma mulher cruel e sem coração. Sempre foi.

*Não era, não*, Magnus pensou. *Nem sempre.*

— Vi tantas vezes você ser privado do amor de uma mãe que não demonstrava carinho. A mente dela era defeituosa, a sanidade estava abalada, principalmente nos últimos dezoito anos. Tudo isso a levou a cometer os erros que selaram seu destino. Ela estava no meu caminho. No *seu* caminho. Você precisa aceitar essas verdades se tivermos alguma chance de seguir em frente. Você é meu filho. Meu herdeiro. Somos um.

Ser como o rei — forte, brutal, dominador, implacável na busca de seus objetivos. Era tudo o que Magnus sempre quisera.

E Sabina era igual em muitos aspectos.

— Tudo o que faço é por você, Magnus. *Tudo*. Por favor, me perdoe por ter ocultado essa verdade e por qualquer coisa que eu tenha feito no passado que o

magoou. Meu único objetivo é tornar você mais forte. Eu amo você, meu filho.

O rei puxou Magnus e o abraçou forte. Magnus ficou parado como uma estátua, imóvel e em silêncio, com a mente atordoada.

Ele soltou a adaga e a deixou cair no chão.

O pai nunca o havia abraçado assim antes.

E, apenas por um instante antes de se afastar e sair da sala do trono, Magnus aceitou o abraço.

# 12

# JONAS

## AURANOS

O estado de espírito de Jonas estava tão obscuro quanto o céu noturno.

Ele ia passar aquela noite em uma vila chamada Viridy, a meio dia de viagem a nordeste da Cidade de Ouro. Não era sua primeira visita; uma taverna da região estava sendo usada como ponto de encontro central. Enviou Felix na frente para encontrá-lo lá à noite e passou o último dia e meio investigando um rumor sobre alguns rebeldes e um grupo de escravos paelsianos que teriam escapado do campo de trabalho da estrada vivos. Mas o rumor provou-se falso.

Por mais que o reinado de Gaius tivesse criado um desconforto palpável entre as pessoas, a abundância ainda brilhava em Viridy como ouro, igual a todas as outras cidades auranianas que Jonas havia visitado. As ruas não eram pavimentadas com terra e rochas, mas com pedras arredondadas e cintilantes. A fachada dos estabelecimentos comerciais não era feita de barro, mas de pedras e madeira robusta.

Esse era o lar de milhares de cidadãos que pagavam impostos altos a qualquer rei que colocasse o traseiro real sobre o trono, mas pelo menos viviam bem. Ninguém passava fome nem perambulava pelas ruas vestindo trapos e procurando a próxima refeição. Ninguém congelava na rua por não ter acesso a calor e abrigo durante uma noite fria de inverno, como acontecia em Paelsia.

Mas, diferente de alguém que de fato tivera contato com a dor e com a miséria, o povo dali não dava valor ao que tinha. O fato de não se darem conta de seus privilégios incomodava Jonas. Ele não tinha dúvida de que os auranianos padeceriam coletivamente se algum dia fossem privados de um estilo de vida tão fácil.

Em geral, os paelsianos — apesar de todas as dificuldades e de crenças ingênuas em um destino inevitável — eram mais resistentes que eles. Eram sobreviventes. Era isso que Jonas mais amava em seu povo.

Caminhando sozinho pela lateral da rua, sentiu uma mão puxar a manga de seu manto, fazendo-o parar em frente a uma hospedaria.

— Você… — Um rosto feio se inclinou para o lado enquanto olhava para Jonas por entre as sombras. — Eu conheço você.

Jonas observou o homem com cautela.

— Duvido muito. Me solte.

— Conheço, sim. — Um pequeno sorriso surgiu em seu rosto. — Você é aquele rebelde dos cartazes.

O estômago de Jonas se revirou. Ele preferia não ser reconhecido naquela noite, se pudesse evitar.

— Não tenho ideia do que está falando.

— Não se preocupe, garoto. Estou impressionado. — As palavras arrastadas foram o suficiente para provar que o homem tinha bebido muito. Era um dia especial em Auranos, o Dia das Chamas, em homenagem à magia de fogo lendária da deusa Cleiona. O feriado dava aos cidadãos um motivo para beber mais vinho do que de costume e se vestir de laranja e amarelo para representar o fogo eterno da divindade. — Andei pensando e acho que eu seria um ótimo rebelde. Queria chutar o traseiro do Rei Sanguinário para fora do mundo dos vivos.

— Acho que está me confundindo com outra pessoa — Jonas disse, calmo.

Ele não estava disposto a recrutar cidadãos comuns. Sua reunião naquela noite era com representantes de um grupo de rebeldes auranianos que talvez pudessem ajudá-lo a libertar Lysandra e os outros.

De repente, um estalo alto o fez saltar e virar na direção de uma explosão de luz amarela faiscante. Alguém gritou, e um garoto loiro de cerca de dezesseis anos desceu a rua correndo, com a túnica em chamas. Ele se jogou de cabeça em um barril de água.

— De novo, não — o bêbado resmungou. — Petros, você é um idiota! — gritou. — Vai acabar se matando se não parar de brincar com fogo desse jeito!

O garoto saiu do barril e olhou feio para o bêbado.

— Cuide da própria vida, velho.

— Você queimou nossa casa, e isso me diz respeito. Vou afogar você nesse barril se não fizer o que estou mandando!

O garoto não fez nada além de oferecer um gesto grosseiro ao bêbado e um olhar severo a Jonas, depois saiu correndo.

— O que foi aquilo? — Jonas perguntou.

— Meu filho idiota e obcecado por fogo — o homem respondeu. — Ele gosta de fazer experiências com poções ridículas que só servem para queimar suas sobrancelhas. Hoje deu a desculpa de estar homenageando a deusa do fogo ao causar confusão pela vila com essas aventuras incendiárias. Garoto tonto.

Jonas não tinha tempo para ficar de conversa fiada com bêbados locais sobre filhos problemáticos. Precisava encontrar Felix na taverna a tempo da reunião.

Resmungando uma despedida e desejando boa sorte, ele conseguiu escapar do homem. Antes de chegar à taverna, sentiu que alguém o seguia.

Dois "alguéns", para ser mais exato, sendo que um deles saiu das sombras e bloqueou seu caminho.

— Você parece o rebelde que o rei está procurando. — O homem era quinze centímetros mais alto que Jonas e tinha um nariz comprido e torto.

— Posso ser parecido, mas não sou ele — respondeu.

O segundo homem tinha cabelos loiros e ensebados e rosto fino, como o de um roedor. Ele arrancou o capuz da cabeça de Jonas para ver melhor.

— Sim, foi você que enfiou a adaga naquela rainha vadia. Não seja tímido. Está de parabéns pelo trabalho bem-feito.

Mais um motivo para evitá-los, já que eram do tipo que comemora a morte de uma mulher.

— Me deixem passar — Jonas insistiu.

— Ora. É uma noite de celebração. Tente ser amigável.

— Me deixem passar — ele repetiu — ou teremos problemas.

O careca riu e cutucou o amigo com o cotovelo.

— Ele não é muito amigável, é? E eu que pensei que pudesse nos ajudar…

Jonas olhou feio para eles.

— É mesmo? E como acham que eu poderia ajudar vocês?

— A recompensa nos cartazes… é bem generosa. Mesmo a favor de qualquer um que esteja lutando para mandar o rei de volta para sua terra gelada, para ser enterrado nela, de preferência, eu poderia fazer bom uso daquele ouro.

Apenas mais uma prova de que a grande maioria dos auranianos era gananciosa e egoísta.

Jonas não hesitou em lutar para sair da situação. Acertou o punho no queixo do careca, fazendo-o cambalear e cair de costas, gemendo. O loiro o agarrou por

trás, e Jonas sentiu imediatamente a lâmina de aço fria em sua garganta. Ele parou de se debater. O careca limpou o sangue do lábio inferior com as costas da mão e se levantou.

Eles estavam sozinhos na rua. Estava escuro, e a taverna ainda ficava a algumas ruas de distância.

O careca cruzou os braços e sorriu para Jonas em meio à escuridão. O outro nem se mexeu, só manteve a adaga rente à garganta de Jonas.

— Sim, o rei vai pagar um bom dinheiro para quem capturá-lo. Agora a escolha é sua: morto ou vivo. Para mim, não faz a menor diferença.

Antes que o careca fizesse sinal para o amigo cortar o pescoço de Jonas, a voz de Felix atravessou a noite, interrompendo-os.

— De novo? Deixo você sozinho alguns instantes e já se mete em outra enrascada?

— Receio que sim. Pode me dar uma mão?

O careca virou e, alarmado, se deu conta do tamanho considerável do amigo de Jonas.

— A recompensa é grande o bastante para dividir por três — ele disse.

Felix cruzou os braços.

— Recompensa, é? Quanto?

Jonas parou de respirar. No fim das contas, só fazia algumas semanas que conhecia Felix. Que garantia tinha de que ele não trocaria de lado quando lhe conviesse?

— Dez mil cêntimos auranianos.

— É bastante. Um terço disso poderia me garantir uma bela quinta para passar os próximos anos. O problema é que nunca gostei de dividir. Sinto muito.

Felix agarrou o careca e pressionou a faca contra sua garganta, lançando um olhar detestável para o loiro.

— Solte meu amigo. Agora.

O alívio tomou conta de Jonas. Por que tinha duvidado dele?

— Não queremos confusão — disse o loiro.

Felix deu de ombros.

— Pois quase me enganaram.

— Ele é um criminoso procurado — esbravejou o careca.

— O vinho está correndo como água hoje à noite, e, pelo cheiro, vocês dois estavam nadando em bebida. Esse rapaz não é quem vocês estão pensando. Nem de longe. Somos apenas dois filhos de fazendeiros que saíram para uma noitada e

uma bebedeira em nome da deusa. Nada especial. Deviam me agradecer por impedi-los antes que perdessem a própria vida por incomodar os guardas do rei.

Finalmente, um quê de dúvida surgiu no rosto deles.

— Solte ele — resmungou o careca. — Vamos.

Com relutância, o loiro soltou Jonas.

Felix empurrou o careca, mas não chegou a guardar a faca.

— Ainda temos algum problema aqui?

— Problema nenhum.

— Ótimo. Agora deem o fora.

Sem dizer mais nenhuma palavra, eles saíram correndo.

Jonas sabia que estava meio descuidado naquela noite. Em um dia normal, teria dado conta dos dois sozinho, sem ajuda.

Era constrangedor, na verdade.

— Pode me fazer um favor? — Felix disse, enfim guardando a arma.

— Claro.

— Cubra essa sua cabeça famosa com o capuz. As coisas vão ser muito mais fáceis para nós se você não for reconhecido de novo. Entendeu?

Jonas concordou com um meneio de cabeça.

— Entendi.

A Sapo de Prata era de propriedade de um simpatizante dos rebeldes que, sem titubear, havia concordado em deixar Jonas utilizar a taverna e hospedaria quando precisasse. Naquela noite a taverna estava completamente lotada de pessoas comemorando o Dia das Chamas, gastando tudo o que tinham em vinho, deixando moedas reluzirem sob as lamparinas penduradas nas vigas. Antes de entrar na taverna, Jonas viu Petros de novo, de relance.

O garoto continuava a celebrar a deusa com suas perigosas atividades incendiárias do lado de fora, fazendo os clientes pularem de susto com as explosões esporádicas.

Jonas tentou ignorar a distração e se concentrar no que precisava fazer enquanto esperava os rebeldes auranianos chegarem.

— Quanto tempo vamos esperar? — Felix perguntou.

— O tempo que for preciso.

— Eles não virão. Essa é a resposta deles, Jonas. Não vão ajudar.

— Eles prometeram que estariam aqui.

— Você mandou uma mensagem pedindo que arriscassem o pescoço para salvar alguns de seus amigos…

— Não coloquei nesses termos.

A união faria a força, e Jonas sabia que havia outros que compartilhavam de seu objetivo de acabar com o reinado de Gaius e ajudar a libertar os paelsianos que tinham sido escravizados e obrigados a trabalhar na Estrada de Sangue.

Apesar da aversão que sentia por aqueles que chamavam Auranos de lar, eram seus aliados. Auranianos ou paelsianos, estavam unidos pelo ódio ao rei.

— Eles têm seu próprio plano — Felix disse. — Não vão nos ajudar com o nosso.

Jonas fechou os olhos, sabendo que Felix falava a verdade. Ninguém viria. Ele era uma piada — o líder rebelde que guiou seu povo para a morte repetidas vezes.

— Por que *você* ainda está aqui se sou tão patético? Por que ainda não deu o fora? Se ficar ao meu lado, vai acabar morto.

— Promessas, promessas. — Felix olhou para ele com paciência, os braços cruzados diante do peito. Depois foi até o bar e voltou rápido para a mesa de Jonas com duas grandes canecas de cerveja escura, respingando na superfície de madeira.

— Beba — Felix disse.

Jonas olhou para a bebida. À esquerda, uma banda tinha começado a tocar uma canção sobre a beleza da deusa. As pessoas estavam cantando e batendo o pé no chão, em uma dança embriagada.

— Cerveja não vai resolver meus problemas — Jonas disse.

— Mas duvido que os faça piorar.

Jonas deu um grande gole na bebida forte, e o líquido desceu queimando sua garganta.

— Preciso salvá-la.

— Se o que me contou sobre Lysandra é verdade, ela sabe o risco que você estaria correndo. E não gostaria que morresse por causa dela.

Lysandra não era do tipo que sonhava ser resgatada por um garoto. Provavelmente ficaria furiosa por Jonas estar obcecado por ela em vez de se concentrar em derrubar o rei.

Ela sabia que, mais do que qualquer coisa, Jonas queria ser o responsável pelo golpe fatal.

— Ora, o que temos aqui? — Felix disse. — Tem uma coisinha linda olhando para você, meu amigo. Por favor, me diga que está disposto a dividir.

Jonas franziu a testa e olhou para trás, para uma garota a alguns metros de distância, observando-o em meio à multidão. Ela abaixou o capuz do manto escuro que a protegia e revelou cabelos curtos e olhos castanho-escuros. Olhou nos olhos de Jonas e sentou à mesa.

— Nerissa — disse, com o ânimo imediatamente renovado. — Que bom ver você.

Ela sorriu para Jonas.

— É bom ver você também.

Ao perceber que Felix observava a bela garota com interesse, Jonas lançou um olhar a ele.

— Nerissa Florens, este é Felix Gaebras.

Ela avaliou Felix com um interesse comedido.

— Onde o conheceu, Jonas?

— Viajando.

— Confia nele?

— Confio. — E tinha recebido mais uma prova de que Felix era digno de confiança naquela noite: dinheiro não era tão importante quanto lealdade para ele.

Ela franziu o rosto.

— Tenho certeza de que vai me perdoar por conter meu entusiasmo. Ele parece um bandido de aluguel.

— Que palavras charmosas. — Felix ocupou o assento ao lado dela, abrindo um sorriso. — E vindas de uma boca tão charmosa. Ela sabe fazer outra coisa além de falar?

Nerissa o encarou com audácia.

— Sabe morder.

— Bom saber. — O alerta apenas pareceu intrigar mais ainda Felix.

*É melhor ele ter cuidado,* Jonas pensou, achando graça. Nerissa não estava brincando.

— Tenho notícias — Nerissa disse. — E uma mensagem. Qual quer primeiro?

Seu ânimo esmoreceu com a mesma velocidade que havia surgido.

— As notícias — Jonas respondeu.

— As execuções estão marcadas para depois de amanhã. Ao meio-dia, na praça do palácio. O rei preparou tudo para que um grande grupo de seus defensores mais fervorosos cerquem o palco da execução, para garantir que a aclamação seja bem alta.

O mundo ficou mais lento e mais escuro ao redor de Jonas.

— Está muito perto. Não consigo… não tenho tempo suficiente para fazer nada. — Ele praguejou em voz baixa, condenando os rebeldes auranianos por nem ao menos ouvirem o que tinha a dizer. — Como vou impedir a execução de quatro rebeldes?

— *Dois* rebeldes, infelizmente. — A expressão de Nerissa era amarga. — Dois morreram no calabouço.

Ele sentiu um golpe no peito, e o coração ficou apertado.

— Quem ainda vive?

— Tarus e Lysandra. Cato e Fabius foram mortos tentando escapar.

Ele terminou a cerveja. A ideia de perder qualquer um deles era dolorosa, mas não dava para evitar o alívio de saber que Lys e Tarus estavam vivos.

Para morrer sob o machado do carrasco em menos de dois dias.

Felix apertou o ombro dele.

— Sinto muito.

Havia falhado com Tomas. Havia falhado com Brion. Havia falhado com seus rebeldes ao levá-los à ruína.

Tudo o que tocava se transformava em cinzas.

— Qual é a mensagem? — Jonas perguntou com a garganta apertada.

Nerissa passou um pedaço de pergaminho dobrado sobre a mesa. Ele rompeu o lacre e o desdobrou, segurando perto da luz da vela.

*J.*

*O rei procura a Tétrade. Ele acredita que os cristais existem, mas ainda não sabe onde ou como recuperá-los.*

*Precisamos encontrá-los primeiro. Não podem cair nas mãos dele, ou se tornará invencível.*

*Mandarei outra mensagem quando souber mais. Não conte a ninguém.*

*C.*

O coração de Jonas batia mais forte e mais rápido a cada palavra. Ele leu o recado de Cleo duas vezes e depois o segurou sobre a vela, queimando-o.

*A Tétrade*. Antes ele teria zombado da crença na magia, mas não mais. Não duvidava da veracidade da mensagem da princesa nem por um instante.

— O que dizia? — Felix perguntou.

Ele honraria o pedido de Cleo de não contar a ninguém, sobretudo por não haver nada na mensagem que pudesse ajudá-los — apenas um indicador de que mais informações estavam por vir.

— O rei se recusa a sair do palácio, por medo de um ataque rebelde.

Felix bufou.

— Que covarde.

*Bum!*

Jonas se assustou, e Nerissa tremeu, agarrando as bordas da mesa. A taverna ficou em silêncio e os clientes se viraram, alarmados, na direção do barulho, do lado de fora.

— O jovem Petros, sempre arrumando confusão — uma mulher resmungou. — Ele vai matar a vila toda se não tomar cuidado.

Todos gargalharam, depois voltaram a conversar.

Jonas ficou quieto, imerso nos pensamentos que agora giravam em sua cabeça como um furacão.

— Posso salvá-los.

— O quê? — Felix o encarou.

— Lys e Tarus. Posso salvá-los.

— Tem certeza disso?

— Antes eu não tinha, mas… — Jonas levantou, seu estado de ânimo obscuro se desfazendo conforme um plano se solidificava em sua cabeça. — Preciso de ajuda… e acho que sei quem pode me ajudar.

— Quem pode *nos* ajudar, você quer dizer. — Felix se levantou, fazendo a cadeira ranger contra o chão de madeira. — O que tem em mente?

— Jonas — Nerissa protestou. — Odeio turvar as águas de sua convicção, mas é perigoso demais. Tentar impedir essas execuções com menos de dois dias de planejamento vai acabar levando você à morte também.

— Talvez. — Um sorriso se formou devagar no rosto dele, de orelha a orelha. — Mas consigo pensar em formas muito piores de morrer.

# 13

# NIC

AURANOS

Sua viagem para ver o príncipe Ashur tinha começado tão bem.

Ainda assim, Nic estava deitado sobre uma poça do próprio sangue, depois de apanhar até quase perder os sentidos. Ele olhava para cima, para a luz forte do sol de verão, para o rosto de seus dois agressores.

Burrus pressionou a ponta da espada com firmeza no peito de Nic.

— Pensou que podia ser como nós? Você não tem nada a ver conosco. É um inútil.

— Mate o garoto logo e acabe com isso — Milo disse, entediado. Os ossos de sua mão estavam vermelhos e machucados pela surra que dera em Nic depois de o derrubar do cavalo.

— O que tem para dizer em sua defesa, verme? — Burrus era o mais empolgado dos dois, como um gato que gostava de bater nos ratos por horas antes de finalmente comer a cabecinha peluda.

Queria que Nic implorasse, era óbvio. Que mostrasse como era fraco e miserável. Mas Nic sabia que o matariam mesmo que implorasse.

Tudo o que podia fazer era encará-los e esperar que seus olhos não demonstrassem medo.

Finalmente encontrara uma desculpa boa o bastante para sair do palácio e ir até a quinta dos Cortas descobrir se Ashur e Amara tinham potencial para virar aliados da princesa. Mas logo havia sido interrompido por aqueles dois.

— Você teve sorte até agora — Burrus continuou. — A loira vadia esposa do príncipe Magnus considera você um amigo; não consigo pensar em outro motivo para o rei tê-lo deixado vivo por tanto tempo. É o guarda mais inútil que já vi.

— Mas aquela sua irmãzinha era uma graça — Milo disse. — Eu bem que queria ter pegado ela de jeito. Pena que está morta.

Com a visão vermelha de fúria, Nic usou as últimas forças para se erguer do chão. Mas a pressão da espada e a dor que sentiu ao ter a pele perfurada o obrigaram a deitar novamente.

— Não fale da minha irmã de novo — ele resmungou, pronto para brigar. Pronto para matar.

Burrus sorriu com crueldade.

— Você deve ficar muito zangado de ter que se curvar diante do assassino dela todos os dias.

Burrus tinha razão. Ser obrigado a servir o assassino de sua irmã deixava Nic tão furioso que ele não conseguia raciocinar direito. A necessidade de se vingar daqueles que tinham destruído sua vida e sua família consumia todas as horas de seu dia e assombrava seus sonhos.

Ajudar Cleo a destruir o rei e sua família era o único interesse de Nic no momento.

De repente, os dois valentões ficaram paralisados e se entreolharam quando uma carruagem se aproximou e parou bem na frente deles. A porta se abriu, e a princesa Amara colocou a cabeça para fora e os encarou.

— Bom dia — a princesa os cumprimentou com doçura.

— Bom dia, vossa graça — os dois responderam, endireitando os ombros.

Nic levantou a mão de onde estava, todo amarrotado no chão, e fez um pequeno e silencioso aceno.

— Parece que o amigo de vocês teve um dia difícil — Amara disse.

— Não se preocupe com ele — Milo respondeu. — Encontrou uns ladrões, quase perdeu a vida. É fraco demais para se defender. Sorte que chegamos antes de o matarem.

— Ajudem-no a entrar na carruagem. Vou pedir para as criadas cuidarem dos ferimentos na minha quinta.

Milo e Burrus hesitaram. Negar um pedido da realeza, mesmo em se tratando de uma princesa estrangeira, seria um erro infeliz.

— Pois não, vossa graça.

Os dois colocaram Nic em pé e quase o jogaram dentro da carruagem.

Burrus abriu um sorrisinho.

— Vamos continuar nossa conversa depois.

A porta se fechou, e Nic logo se deu conta de que a princesa não estava sozinha. Seu irmão, Ashur, estava sentado ao seu lado.

A boca de Nic ficou seca.

— Vossa graça.

— Que bom ver você de novo, Nicolo — disse o príncipe Ashur, franzindo a testa ao avaliar o estado de Nic. — Você vai ficar bem?

Nic se curvou no assento, certo de que estava com pelo menos duas costelas quebradas. Tinha ferimentos superficiais provocados por golpes de espada espalhados pelo corpo, mas o sangue não aparecia por causa do vermelho do uniforme. Tinha a sensação de que seu rosto passara por um moedor de carne; a face direita latejava a cada batida de seu coração.

— Acho que sim — ele conseguiu responder. — Muito obrigado aos dois pela assistência.

— Você é amigo da Cleo, não é? — Amara perguntou.

— Eu… eu sou. — Ele olhou de relance para Ashur, que o observava com curiosidade.

— Amigos de infância — a princesa continuou.

— Sim, isso mesmo.

Será que o príncipe compartilhara com a irmã a discussão que eles tiveram naquela noite fatídica? Ela sabia que Ashur procurava a Tétrade, ou era segredo? Seria apenas mais um dos muitos segredos que o príncipe guardava atrás daqueles olhos azul-acinzentados.

A carruagem chegou à luxuosa quinta que dava para um campo verdejante. A princesa pediu para dois criados ajudarem Nic a descer da carruagem e entrar no casarão. Depois que duas criadas limparam e enfaixaram seus ferimentos, ele foi levado até o pátio da vila, onde sentou com cuidado. Uma criada lhe serviu um cálice de suco de pêssego, e ele bebeu com entusiasmo.

A princesa sentou de frente para Nic, e de repente a gravidade da situação pesou sobre seus ombros. Ser paparicado pela própria princesa com certeza o ajudara a chegar mais perto dos membros da realeza do que qualquer outro guarda chegaria, sem grandes esforços. Se seu corpo não estivesse tão machucado e dolorido, poderia até agradecer a Burrus e Milo por facilitarem a oportunidade.

— Agora, vamos colocar uma coisa em pratos limpos — disse a princesa Amara, rompendo o silêncio. — Não acredito nem por um instante que você foi atacado por ladrões. Aqueles dois brutamontes fizeram isso com você, dois contra um. Teriam matado você se não tivéssemos aparecido naquele momento?

— Acredito que era esse o plano — Nic admitiu. — Fico muito grato por terem interferido. Devo minha vida a vocês.

— Por que queriam ferir você?

— Porque não gostam de mim.

Amara riu diante da sinceridade dele.

— Sim, acho que esse sentimento está estampado em seu rosto agora.

Ashur saiu da casa e se juntou a eles, sentando em uma cadeira ao lado de Nic enquanto Amara se levantava para receber um arranjo de flores que uma criada havia levado até o pátio.

— É do rei Gaius, que espera que estejam gostando da quinta — disse a criada. Amara assentiu e fez um gesto para que a mulher se retirasse.

— Rei Gaius — Amara repetia o nome enquanto passava a mão pelas belas orquídeas. — Que gentileza, não acha, meu irmão?

— Muita gentileza — Ashur concordou sem entusiasmo.

— Ele nos bane para um local isolado, afastado das muralhas do palácio, e depois manda flores como sinal de amizade. Será que acha que ficaremos lisonjeados com esse presente insignificante?

— Não sei muito bem o que aquele homem está pensando — Ashur fez uma pausa. — Talvez nosso amigo Nicolo possa saber.

Nic endireitou as costas, o que só fez suas costelas doerem mais ainda.

— Acreditem, não passo de um mísero guarda do palácio. Acho melhor procurarem Cronus se quiserem informações internas. Ele fala bastante.

A descrição do intimidante e silencioso capitão da guarda rendeu um sorriso do príncipe e um olhar inquisidor da princesa. Talvez ela não tivesse entendido o sarcasmo.

Nic queria falar com Ashur a sós, mas Amara estava tornando a tarefa impossível.

O príncipe se aproximou.

— Como está se sentindo? Fizeram algum estrago permanente?

Estar perto do príncipe e lembrar o que havia acontecido naquela viela estava sendo muito mais difícil do que ele imaginava.

— Vou sarar.

— Você parece muito pálido.

— Essa é minha aparência normal.

— Fora isso, parece bem — Ashur disse, levantando a sobrancelha. — Felizmente, hematomas desaparecem, e tenho certeza de que logo estará novo

em folha.

Nic se movimentou com desconforto no assento.

— Espero que esteja certo.

— Sei que já conhece bem meu irmão — Amara disse.

Nic não sabia ao certo como responder.

— Já conversamos antes.

Ela o observou com um interesse nítido.

— Ashur acredita que seu relacionamento com a princesa Cleiona o torna um rapaz valioso.

— Ah, é?

— Ela mandou você aqui para falar conosco, não é?

Ele ficou boquiaberto.

— Perdão?

— É um palpite baseado em fatos. Por favor, me corrija se estiver errada. Não existe outro motivo para se arriscar a vir até aqui, existe?

Ele tossiu e tomou um gole de suco de pêssego para se recompor.

— Que motivos ela teria para me enviar?

— Para você avaliar se somos amigos ou inimigos — Amara disse apenas. — Ela escolheu você porque não confia em mais ninguém.

Nic olhou para Ashur.

Os lábios do príncipe se curvaram num sorriso diante da expressão aturdida de Nic.

— Os palpites de minha irmã são famosos em Kraeshia. Ela quase sempre acerta.

— A princesa precisa saber que *somos* dignos de sua confiança — Amara continuou, como se não tivesse acabado de dizer com todas as letras o que Nic estava tentando abordar de maneira sutil. — Ficamos felizes em oferecer nossa amizade a Cleo, mas ela precisa estar disposta a nos ajudar também.

Nic tomou o resto do suco em um único gole. Não havia motivos para negar nada. Ele precisava reunir o máximo possível de informação.

— O que querem?

— O que queremos… — Ashur disse — é a Tétrade. Meu pai finalmente aceitou que aqui pode haver tesouros dignos de serem reivindicados por Kraeshia. Mas ele é um homem de força bruta e não de sutilezas delicadas. Muitos morrerão se ele e seu exército vierem para cá desafiar o rei Gaius. Prefiro evitar tudo isso, se possível.

Pela descrição de Ashur, o imperador Cortas era tão terrível quanto sua reputação, e tão cruel quanto o próprio rei Gaius. Um arrepio passou pelo corpo de Nic.

— Acha que Cleo sabe como encontrar a Tétrade?

— Acho — Amara disse, sorrindo.

Nic ficou em silêncio, olhando para os dois com dúvida e suspeita. Os irmãos estavam muito ansiosos para declarar suas intenções, muito preparados para se aliar. Será que era apenas parte da simples franqueza kraeshiana, ou Nic deveria considerar aquilo um alerta?

Sua prioridade era proteger Cleo. Não podia contar tudo o que desejavam saber. Não até confiar neles plenamente.

E ainda estava longe disso.

Ashur riu.

— Acho que nós o assustamos. Muita coisa, muito rápido, talvez.

Amara passou a mão no cabelo negro e brilhante, ajeitando algumas mechas soltas.

— E eu que achei que você o tivesse nas mãos. Seu famigerado charme finalmente falhou, meu irmão?

Nic sentiu a pouca cor que lhe restava se esvair do rosto.

— Não fique chateado. Sem dúvida não é a primeira criatura a cair na bela teia de meu irmão. — Amara se aproximou e deu um tapinha no joelho de Nic. — Minha nossa, você parece pronto para se jogar do penhasco mais próximo.

Estar nas mãos dele? Bela teia? O que exatamente Amara achava que sabia?

Nic não estava nas mãos de *ninguém*. Exceto de Cleo, talvez, mas por vontade própria. Cleo era sua família — a única família que lhe restava. Ashur não era ninguém para Nic além de uma ameaça em potencial que já sabia demais.

A voz de Amara assumiu um tom mais delicado.

— Diga a Cleo que estamos dispostos a dividir o tesouro com ela. Levaremos dois cristais, e ela pode ficar com os outros dois. No fim, meu pai vai invadir e reivindicar Paelsia e Limeros para Kraeshia. Auranos continuará sendo governada por Cleo. Não haverá motivos para derramar sangue no futuro se ela respeitar os desejos do imperador.

Desejos? Pareciam mais exigências.

Não, não parecia nada certo. Ter ido até lá tinha sido um erro.

Ashur levantou da cadeira e caminhou até o limite da área onde estavam sentados, o rosto encoberto pela sombra enquanto olhava para Nic.

— Além disso, você nos informará sobre mudanças nos planos do rei. Tenho certeza de que ele também está atrás da Tétrade.

Apenas *falar* sobre isso seria cometer traição. Se Nic fosse descoberto, a punição que receberia, por ordens do rei, faria a surra de Milo e Burrus parecer um abraço delicado. Ele se juntaria aos rebeldes na execução pública que aconteceria no dia seguinte, e não para assistir, mas para ter a cabeça cortada também.

Precisava sair dali. Precisava falar com Cleo e contar tudo a ela. Dizer que não confiava nos kraeshianos — ainda não. Apenas o tempo diria se honrariam sua palavra.

— Vou apresentar sua proposta à princesa — Nic disse.

— Por favor, peça que ela responda rápido — Amara disse. — Não podemos esperar para sempre, não é?

— Vou garantir que a mensagem seja transmitida — Nic disse com a garganta apertada.

Ele pediu licença para sair, e Ashur o acompanhou até uma carruagem com destino ao palácio.

— Perdoe minha irmã — Ashur disse. O sol brilhava ainda mais daquele lado da quinta, deixando o tom intenso de seus olhos mais azul do que cinza. — Às vezes ela fica um pouco… empolgada demais. E impaciente. Não teve a intenção de ofender.

— Não me ofendi — Nic respondeu rapidamente.

— Ela sempre me subestima. Sou o filho homem mais novo, o irmão com menos responsabilidades. Ela pode ser a caçula da família, mas vai atrás do que quer com todas as armas de seu arsenal.

Nic não ficou nada surpreso.

— E você? — ele perguntou.

Ashur abriu um leve sorriso.

— Raramente me interesso pela mesma coisa por mais de um ou dois dias, a menos que considere importante de verdade. Com frequência, o que considero mais especial é de pouco interesse ou valor para os outros. Mas não me importo com o que os outros pensem de minhas escolhas. E você?

O tom grave e o sotaque da voz do príncipe eram quase hipnóticos.

— Não sei do que está falando.

— Você se importa com o que os outros pensam?

Nic se esquivou do olhar dele.

— Sou um simples guarda do palácio, considerado inútil por meus colegas. Isso ficou provado na estrada. Quando se trata do meu destino, vossa graça, não tenho controle sobre o que vai acontecer, ou sobre o que pensam de mim.

O príncipe balançou a cabeça.

— Você está muito enganado a respeito de duas coisas.

— É mesmo? — Ele virou e cruzou os braços diante do tórax dolorido, esforçando-se para não revirar os olhos. — E quais são?

— Ninguém controla seu destino além de você.

— Se está dizendo… — Nic soltou um longo suspiro. — E a outra?

— Para mim, você é o extremo oposto de um inútil.

Nic olhou surpreso para o príncipe, mas Ashur apenas virou e começou a se afastar.

— Espero que faça uma boa viagem de volta ao palácio — o príncipe disse, sem olhar para trás.

Os guardas designados para escoltar Nic de volta o arrancaram abruptamente da carruagem oito quilômetros antes de chegarem às muralhas da cidade.

— Daqui, você pode ir andando — um deles zombou.

— Ótimo — Nic disse. — Muito obrigado pela carona. — Quando a carruagem foi embora, ele acrescentou: — Bando de esterco de cavalo fedorento.

Machucado, contundido, exausto e humilhado, ele começou a caminhar pelos campos verdes e pela floresta que, mais a leste, cruzaria com a novíssima Estrada Imperial.

Ele não fazia ideia de como explicar aquele dia para Cleo. Tudo parecia tão surreal que, se não fosse pelas costelas doloridas e por um dente do fundo que parecia meio solto, acharia que tudo não tinha passado de um sonho.

Nic pensou que poderia ganhar tempo pegando um atalho pela floresta. Quando começou a se enaltecer pela primeira boa ideia do dia, duas sombras se aproximaram rapidamente pelos lados. Antes que se desse conta, Nic estava caído de novo, sem fôlego.

— Nos encontramos mais uma vez — disse uma voz estranhamente familiar.

Nic piscou até sua visão clarear o suficiente para ver Jonas Agallon agachado sobre ele, pressionando a adaga cravada de joias em sua garganta. Era a segunda vez que Jonas encostava aquela mesma adaga no corpo de Nic.

— Você… — ele tentou falar.

— Não fale — Jonas disse. — Ainda não. Vou explicar uma coisa rápido antes de você falar. Entendeu?

O rosto do rebelde estava encoberto pela sombra da copa das árvores. Insetos zuniam uma sinfonia constante por todo lado. O calor, combinado com o sangue que havia perdido mais cedo, deixou Nic quase inconsciente.

Ele olhou para o companheiro de Jonas: um garoto alto, moreno e com um ar perigoso que estava com os braços cruzados diante do peito largo. Finalmente, Nic olhou de novo para Jonas, meneando a cabeça de leve, em concordância.

— Tivemos nossas diferenças no passado — Jonas disse. — E vendo você com esse uniforme vermelho, não sei se esta conversa será uma grande perda de tempo, mas vou tentar. Alguns amigos meus serão executados amanhã ao meio-dia. Preciso salvar a pele deles, mas não me restam muitas opções. Apesar desse uniforme, acredito que você seja leal a Cleo. Se é leal a Cleo, não é leal aos Damora. Na verdade, aposto que odeia todos eles. Sim ou não?

Nic conseguiu falar por entre os dentes.

— Sim.

Jonas assentiu, com o rosto sério.

— Eu os quero mortos. Mas, antes, preciso ajudar meus amigos. E, para ajudar meus amigos, preciso da ajuda de alguém de confiança dentro das muralhas, alguém que use seu uniforme. Sei o que estão dizendo ao meu respeito e do que estou sendo acusado. Se for reconhecido, serei morto na hora, e meu assassino receberá uma recompensa gorda.

— Precisamos dar o fora daqui, Jonas — resmungou o outro. — Vamos acelerar essa conversa, que tal?

Jonas não tirou os olhos de Nic.

— Vou precisar da sua ajuda amanhã. Você precisa saber que, se concordar, pode acabar morto, mas prometo que será uma morte gloriosa. Se disser não, não vou matá-lo. Pode voltar à sua nova vida aos pés do rei. A escolha é toda sua. Sua resposta pode selar nosso destino, Nic, aqui e agora. Está comigo? Ou está contra mim?

Depois de um dia de surras, de abuso, e de o fazerem se sentir inútil, alguém finalmente estava dando uma escolha a Nic. E era justo alguém que ele odiava desde que ouvira seu nome.

Um selvagem paelsiano movido por vingança.

Um líder rebelde que havia fracassado mais vezes do que prosperado.

O suposto assassino da rainha Althea.

O sequestrador de Cleo.
Jonas Agallon era tão confiável quanto uma serpente marinha escorregadia.
E nenhuma decisão de sua vida foi tão fácil.

# 14

# LYSANDRA

## AURANOS

Lysandra lembrava como os garotos da vila a azucrinavam quando tinha seis, talvez sete anos. Uma vez, um menino bastante maldoso a fez tropeçar quando voltava da floresta, com os braços cheios de madeira que a mandaram juntar.

Não tinha visto o pé dele. Nem notado a poça de lama até cair de cara nela, deixando os gravetos todos escaparem e caírem na água lamacenta. Arruinados.

— Lysandra é um bebê chorão — outro garoto a provocou quando as lágrimas começaram a escorrer. Os amigos dele riram também. — Buá! Chore, Lysandra! Chore mais!

Os meninos correram quando Gregor se aproximou, mas ela mal podia vê-lo por entre as lágrimas. A madeira estava estragada; Lysandra tinha demorado uma eternidade para coletar galhos e gravetos secos em quantidade suficiente. Sem aquilo, não haveria jantar. Não haveria aquecimento.

Ela não tentou se levantar. Ficou ali sentada, a saia imunda, chorando.

— Pare com isso — Gregor disse.

Mas ela não conseguia. Não conseguia parar de chorar, não importava o quanto quisesse.

— Pare — ele disse mais uma vez, segurando os pulsos dela e a colocando de pé. — Pare de chorar!

— Aquele menino… ele me empurrou. Ele é tão malvado!

— E você está surpresa? Ele é malvado com todo mundo que deixa. Vamos, pequena Lys. Achei que fosse melhor do que isso.

Aquelas palavras a surpreenderam.

— Melhor?

— Talvez você *seja* um bebê chorão.

— Não sou, *não*!

Ele a empurrou até Lysandra cambalear para trás e cair na poça de novo. Ela ficou olhando para Gregor, em choque.

— Vai me deixar fazer isso? — perguntou.

— O-o quê?

— Levante!

O choque deu lugar à raiva quando ela se levantou. Lysandra olhou feio para o irmão, com os pequenos punhos fechados, esquecendo as lágrimas.

— Assim é melhor — ele disse. — Você não chora quando alguém a derruba. Você levanta. Levanta e revida. E logo ninguém mais vai empurrar você, porque vão ver que não vale a pena. Não deixe ninguém empurrá-la, nem fazer você chorar. Entendeu?

Na época, Lysandra não tinha entendido o que ele estava tentando ensinar. Só sabia que sua saia estava cheia de lama, e sua mãe ficaria zangada por ter demorado tanto para pegar nada além de terra.

*Levante*. Repetidas vezes. Tem gente que quer empurrar você na lama e rir. Eles queriam ver lágrimas. Queriam ver derrota, porque isso fazia com que se sentissem melhor a respeito de sua própria vida triste.

Mas às vezes era difícil levantar. Às vezes a lama endurecia e ficava tão grossa que não havia saída. E as provocações e risadas nunca paravam.

De repente, a dor de um tapa fez Lysandra perder o ar e ser arrancada de suas lembranças para encarar o rosto sardento de Tarus.

— Vamos, Lys! — Ele a pegou pelos ombros, apertando sua pele com a ponta dos dedos. — Os guardas estão vindo. Preciso de você.

— Ótimo — ela sussurrou. — Finalmente chegou a hora de acabar com isso.

Ele a sacudiu.

— Não! Você não pode desistir. Sobramos apenas nós, sabia? Cato e Fabius estão mortos, foram assassinados quando tentaram fugir. Só restamos nós!

A notícia foi mais um golpe, mas Lysandra não estava surpresa. Cato e Fabius preferiam morrer lutando, e não num espetáculo diante de uma multidão.

*Cheguem em segurança ao além, meus amigos*, ela pensou com o coração pesado.

Olhou para o canto onde seu irmão costumava dormir. Onde procurava em sonhos sua vigilante, esperando que ela tivesse as respostas de que precisava desesperadamente para sobreviver.

Uma dor aguda apertava seu peito. A memória da morte de Gregor já havia assentado em sua mente como as raízes de uma árvore obscura e maligna, retorcendo-se e sufocando toda a vida, toda a esperança, até não sobrar nada além de escuridão.

Tinham matado Gregor na frente dela, e o máximo que pôde fazer foi gritar.

— Lys, por favor. — Tarus segurou seu rosto, e ela começou a tremer. — Você sempre foi tão forte. Por favor, seja forte hoje.

— E de que servirá ter força agora? Vamos morrer.

Agora que aceitara seu destino, uma sensação de calma se espalhava por seu corpo, entorpecendo os sentidos. Seu coração não refletia o pânico que havia no rosto de Tarus.

Logo tudo chegaria ao fim. Toda a dor. Todo o sofrimento. Toda a esperança sem sentido.

Logo haveria apenas silêncio.

Tarus deu mais um tapa nela.

— Lys! Fique comigo!

Como desejava poder compartilhar essa serenidade recém-descoberta com ele e acabar com seu medo.

Os guardas entraram na cela. Amarraram as mãos dos dois nas costas com cordas fortes e os levaram para fora do calabouço. Mais cedo, os prisioneiros puderam lavar a sujeira do corpo e do rosto e receberam roupas limpas para se apresentar diante da multidão. Em seu atordoamento, Lysandra ouviu vagamente as provocações e os insultos dos prisioneiros pelos quais passavam, junto com algumas bênçãos daqueles que ainda não haviam perdido a alma naquela fossa.

Os bons e os maus — era fácil ignorar todos eles.

— Ela nem está resistindo — um guarda disse para o colega. — Essa aqui tinha fogo nos olhos poucos dias atrás, mas agora se apagou.

— Não ia ajudar em nada mesmo — disse o outro.

Os dois estavam certos. Antes, ela era feita de puro fogo e fúria. Era uma garota que ninguém ousava empurrar em poças de lama.

Pelo jeito, o Rei Sanguinário tinha matado a garota antes mesmo da execução.

Eles passaram pela cela que abrigava a garota sem nome com quem Lysandra tinha sido obrigada a lutar. Suas mãos encardidas estavam segurando as barras de ferro, e sua expressão era vaga.

Lysandra ficou imaginando se um dia também tinha existido fogo naquela garota, cujo espírito tinha claramente sido extinto para sempre.

Eles saíram do calabouço e caminharam em linha reta a céu aberto. Depois de duas semanas aprisionada na escuridão quase total, a claridade do dia a cegou. Por um instante, Lys só conseguiu ver a luz branca que a obrigava a apertar os olhos. Ouviu a multidão vibrar, o coro de "Morte aos rebeldes!" tirando-a do atordoamento e a fazendo gelar.

Conforme seus olhos se acostumavam à luz do sol, ela viu quantas pessoas estavam reunidas na praça do palácio. Havia um número incontável de rostos e corpos andando de um lado para o outro. As conversas eram como zunidos de insetos, sussurros e murmúrios preenchendo o ar quente. Olhares curiosos acompanhavam Lysandra e Tarus, que eram levados para o local da morte.

Um grande grupo de pessoas cercava o local de execução, vibrando muito mais do que o resto do público. Atrás deles, Lysandra sentia que a multidão maior estava começando a perder o entusiasmo, observando com mais calma e solenidade do que os que estavam mais perto do palco.

Pelo menos era algo a que se apegar. Talvez ainda houvesse alguma esperança, afinal; uma pequena fração que mostrava a Lysandra que nem todas as pessoas estavam perdidas como imaginava.

Guardas limerianos de uniforme vermelho patrulhavam a multidão, reunindo e detendo manifestantes assim que levantavam a voz contra o rei, arrastando-os para longe do espetáculo antes que pudessem incitar outros a fazer o mesmo.

A visão de Lysandra se estreitou, e ela tropeçou, fazendo o guarda segurá-la mais firme.

— Um pé na frente do outro, menina — ele resmungou. — Faça um bom espetáculo para o povo e para o rei.

*O rei.*

Todos ficaram em silêncio quando o rei e seu herdeiro se aproximaram de uma plataforma elevada perto do palco de execução para testemunhar os acontecimentos de perto.

Algo mexeu com ela, bem abaixo de camadas e mais camadas de luto e derrota. Ela percebeu que não conseguia tirar os olhos do monstro que ordenara a morte de seu irmão, ou do príncipe que simplesmente ficou ali parado, analisando suas reações enquanto Gregor era decapitado.

Logo atrás do rei Gaius e do príncipe Magnus estavam as duas princesas. Uma tinha cabelo escuro e expressão serena, e Lys soube na hora que se tratava da

princesa Lucia Damora, filha do rei.

A outra era loira e familiar.

Lysandra já havia encontrado a princesa Cleo antes, quando Jonas insistira na besteira de sequestrá-la, acreditando que seria um trunfo que renderia um acordo com o rei. Mas os planos — principalmente os feitos por Jonas — nunca pareciam sair como o esperado.

Jonas tinha se encantado com aquela princesa superficial e insípida, e perdido a cabeça por sua beleza dourada.

Lysandra estava enojada em ter a princesa entre os rebeldes. E, precisava admitir, a maneira como Jonas olhara para Cleo durante aquela semana havia lhe despertado um ciúme diferente de tudo o que já havia sentido antes.

Mas esses detalhes não importavam mais.

Lysandra olhou para cima e viu o rei Gaius olhando para a praça. À sua direita estava o príncipe Magnus.

Foi obrigada a subir cinco degraus, sentindo as tábuas de madeira rangendo sob seus pés, até onde o carrasco encapuzado os aguardava. Tarus estava ao seu lado, tremendo.

Lysandra não se importava mais com o que aconteceria com ela. Mas Tarus…

Ele tinha apenas catorze anos.

Ficou com a garganta apertada ao pensar em Tarus morrendo ao seu lado, sem a mínima chance de viver uma vida plena.

Olhou para as pessoas que entoavam com tanto entusiasmo um coro pedindo sua morte. Talvez fossem centenas em meio aos milhares que estavam ali. Ela avaliou um rosto fanático depois do outro, descobrindo que eram pessoas como quaisquer outras. Ainda assim, aquela gente tinha escolhido comemorar em vez de observar com melancolia aquele acontecimento. Será que acreditavam de verdade que a execução era uma punição justa por seus crimes? Será que achavam mesmo que Gaius Damora era um rei bom e honesto, incapaz de fazer algo errado?

Ou eram apenas covardes, com medo de que o mesmo destino recaísse sobre eles se parassem de vibrar e gritar em apoio às decisões reais?

Algo pesado e úmido atingiu o peito de Lysandra, e ela cambaleou um degrau para trás. Um tomate maduro. Ela olhou para a sujeira com surpresa e consternação.

— Morra, rebelde! — gritou o homem que jogou o tomate.

Ela o encarou sem expressão. *Que desperdício de um tomate em perfeitas condições.*

O rei começou a falar para a multidão. O som de sua voz atingia a pele de Lysandra; cada palavra era como uma pequena adaga mergulhada em veneno.

— Os dois rebeldes que estão aqui diante de nós são responsáveis pela morte de muitos auranianos e limerianos. Não sintam pena ao olhar para esses rostos jovens. Ambos são insurgentes perigosos. São selvagens dos pés à cabeça. Devem ser responsabilizados por suas ações. Que sua morte sirva de lembrete de que as leis da terra existem para a paz. Para a prosperidade. Para um futuro brilhante, de mãos dadas aos nossos vizinhos.

Lysandra sentia falta da doce tranquilidade vazia que experimentara o dia todo, mas as palavras do rei a haviam afetado. Seus músculos estavam tensos devido ao ódio e ao desejo de botar as mãos em volta do pescoço dele e apertar até a vida se esvair de seus olhos. Desejava matá-lo desde que incendiara sua vila e matara seus pais, desde que escravizara os sobreviventes e os forçara a construir sua preciosa estrada.

Ele falava muitas mentiras. Mas, olhando além dos fanáticos na frente, uma varredura dos rostos na multidão revelava apatia e desgosto. Talvez essas pessoas não estivessem mais dispostas a engolir as palavras do rei como um vinho que as tranquilizaria e daria uma falsa sensação de segurança.

Ela voltou a olhar para o rei. Era risível que aquele monstro estivesse mais uma vez fazendo-a sentir uma fagulha de vida poucos momentos antes de ordenar seu fim.

Lysandra desviou o olhar do rei e de sua odiosa família e virou para Tarus, cujos olhos chorosos encararam seu olhar firme.

— Não estou com medo — ele disse.

— Claro que não — ela sussurrou em resposta. — Você é o garoto mais corajoso que conheço.

Ele sorriu no mesmo instante em que uma lágrima escorreu pelo seu rosto. Mas o sorriso desapareceu assim que o guarda envolveu o braço de Lysandra com a mão enluvada e a puxou para o lado.

Ele a arrastou quatro degraus acima até o palco e a obrigou a se ajoelhar, pressionando seu rosto contra um bloco maciço de madeira.

— Não olhe — Lysandra disse a Tarus, com a voz rouca enquanto o guarda puxava seu cabelo para revelar o pescoço. — Por favor, olhe para o outro lado.

Mas ele não obedeceu. Continuou olhando em seus olhos para mostrar que estava tentando ser forte. Por ela.

Ela se esforçou para se concentrar na plataforma onde o rei assistia aos procedimentos, parecendo orgulhoso e satisfeito. Viu a cicatriz no rosto do príncipe Magnus se contrair, mas, fora isso, ele parecia impassível. A princesa Lucia estava imóvel atrás dele, com o belo rosto calmo e frio.

A princesa Cleo, por outro lado, parecia agitada, alternando o olhar entre Lysandra, Tarus e a plateia como se fosse um beija-flor nervoso procurando abrigo.

Quando o carrasco suspendeu o pesado machado acima de sua cabeça, Lysandra finalmente fechou os olhos para não ver os seguidores do rei, que continuavam vibrando por sua morte iminente, alto o bastante para abafar qualquer protesto no fundo. Mas uma coisa que o rei dissera era verdade: não seria uma morte torturante. O fim chegaria rápido.

Ela não tinha nenhuma divindade para a qual rezar e não acreditava nas deusas das outras terras, de modo que pensou em seus pais, em Gregor e, por fim, em Jonas.

*Amo todos vocês.*

Quando soltou um suspiro longo e final, uma explosão sacudiu o palco. Lysandra abriu os olhos rápido e viu uma nuvem de combustão laranja surgir à sua frente. Uma adaga voou pelo ar e acertou o pescoço do carrasco, fazendo-o recuar e cair duro no chão. Sob a máscara, Lysandra viu que os olhos mortos ainda estavam abertos e tomados pelo choque.

Outra explosão eclodiu à esquerda, atingindo o centro dos apoiadores do rei Gaius. Corpos e escombros voaram pelo ar, em chamas, estendendo a carnificina para o resto do público, que começou a se dispersar em todas as direções. Eles agora gritavam pela própria vida, não pela cabeça de Lysandra.

Atordoado, o alerta de Gregor ecoava nos ouvidos de Lysandra: *Quando o sangue da feiticeira for derramado, eles finalmente serão libertados. E o mundo queimará.*

A menos que Lysandra estivesse enganada, o mundo estava queimando naquele exato momento.

— Lys! Socorro! — Tarus gritou. Um guarda puxava o garoto de volta para o calabouço, para longe do caos repentino.

Ela não hesitou. Correu até o carrasco caído e virou para cortar as amarras com o machado que ele havia largado. De canto de olho, viu a realeza sendo

conduzida para a segurança do palácio por um flanco de guardas de uniforme vermelho que pisavam sobre os corpos espalhados no solo, embaixo da plataforma.

Lysandra pulou do palco, empurrando e socando todos no caminho enquanto tentava chegar até Tarus.

Um braço forte como uma barra de ferro agarrou seu pescoço por trás. Ela o arranhou, lutando e chutando. Um homem caíra perto dela, gritando, com o corpo em chamas.

— Me solte! — ela gritou.

— Por quê? Tem algum compromisso?

Ela ficou paralisada. O braço firme vestia o odioso uniforme vermelho, mas assim que ouviu sua voz, parou de se debater.

Seu captor diminuiu a força apenas o suficiente para ela se virar e confirmar sua identidade.

— Jonas! — O nome não passou de um som rouco.

Ele não a saudou com um sorriso, nem mesmo um que fosse presunçoso e satisfeito. Tampouco olhou para ela; seu olhar estava fixo no grupo de pessoas, e ele estava extremamente sério.

— Aquela explosão caiu mais perto de você do que eu esperava — Jonas resmungou. — O idiota não sabe seguir ordens. Matou gente demais hoje. E quase matou você também.

Jonas não foi nem um pouco gentil quando começou a arrastá-la, seguindo Tarus e o outro guarda no meio da confusão. Milhares de espectadores fugiram da explosão, e as detonações continuaram. Uma depois da outra.

Dois guardas passaram correndo por eles sem olhar duas vezes. Um terceiro diminuiu o passo e olhou feio para Lysandra.

— Para onde estão levando os prisioneiros? — ele perguntou a Jonas e ao outro guarda que segurava Tarus pela camisa: outro rebelde disfarçado, pelo que Lysandra imaginava.

— Me pediram para levar os dois de volta para o calabouço até a área ficar segura — Jonas disse. — A menos que queira levá-los.

— Não. Vão em frente. E se apressem. — O guarda continuou seu caminho.

— Ah, vou me apressar — Jonas respondeu por entre os dentes.

— Está querendo morrer? — Lysandra resmungou. — Porque está fazendo um ótimo trabalho até agora.

— É bom ver você também. Agora cale a boca.

Jonas se movimentava tão rápido que Lysandra quase tropeçou no próprio pé. Estava fraca pela desidratação, pela fome, pelo luto e pelo medo. O que ele achava que estava fazendo? Ele e aquele outro garoto tinham acabado de arriscar o próprio pescoço para resgatar os dois. Idiotas!

— Acha que ninguém vai reconhecer você vestido assim? — ela sussurrou. — O uniforme não cobre seu rosto.

— Que parte de *cale a boca* você não entendeu?

— Quem é esse que está com Tarus? — Ela olhou para o garoto, agora dez passos à frente deles.

— Um amigo. Agora me faça um grande favor e aja como prisioneira para não chamarmos mais atenção.

Lysandra ficou quieta.

Os quatro chegaram à abertura protegida na parte mais a leste da muralha, que permitia que o rio corresse pelo centro da cidade, fornecendo seu principal suprimento de água. A multidão assustada estava tentando passar pela saída o mais rápido possível.

Um guarda surgiu diante deles.

— Aonde pensam que vão?

— Estamos saindo — Jonas respondeu.

— Estão saindo da cidade com os prisioneiros?

— Sim, esse era o plano.

O guarda olhou atentamente para o rosto de Jonas, e o coração de Lysandra ficou apertado.

— Você… eu conheço você. Você é Jon…

De repente, o cabo de uma espada acertou o guarda na cabeça. Ele caiu e revelou outro guarda logo atrás, cujos cabelos cor de cenoura arrepiados em todas as direções contrastavam com o tom carmim do uniforme.

Jonas sorriu para ele.

— Que bom ver você, Nic.

O guarda ruivo retribuiu o sorriso.

— É bom ser visto.

— Quando seus amigos acordarem, por favor, agradeça por nos emprestarem os uniformes. Foram muito úteis.

— *Se* acordarem, levarão a culpa por terem deixado alguns rebeldes escapar. Belo show, aliás. Quase fiquei impressionado. — Nic deu um tapinha nas costas de Jonas. — Agora deem o fora daqui e não olhem para trás.

Sem mais delongas, os quatro fugiram da cidade. Jonas e o amigo se livraram dos uniformes roubados em uma floresta próxima, onde tinham escondido as próprias roupas, assim como água e comida para Lysandra e Tarus. Deram de beber e comer aos dois enquanto andavam, afastando-se o máximo possível da cidade.

Finalmente, quando estavam a muitos quilômetros de distância, Jonas parou quando Lysandra deu um passo em falso. Suas pernas estavam fracas.

Ele a olhou, surpreso.

— Estou indo rápido demais?

— Não. Tudo bem. Sou desajeitada. — *E estou exausta*, ela pensou. *E em choque*.

— Você não me pareceu ferida na cidade… — Jonas examinou a pele dela, afastando os cabelos dos ombros.

Lysandra empurrou a mão dele.

— Não estou.

Ele não pareceu convencido e ficou preocupado.

— Aqueles cretinos machucaram você?

Ela ainda estava atordoada, sem saber ao certo se aquilo era real ou um sonho.

— Estavam prestes a cortar minha cabeça.

— Deixaram a gente numa cela escura, quase sem comida — Tarus disse com a voz trêmula. — Mas não bateram na gente. Bateram em Gregor, e muito, quando ele não quis falar.

— Gregor — Jonas repetiu, olhando imediatamente para Lys. — Seu irmão também está no calabouço?

Ela só foi capaz de acenar com a cabeça até reencontrar a voz.

— Estava. O rei o matou. E me obrigou a assistir.

Jonas cerrou os dentes e praguejou em voz baixa.

— Lys… Eu sinto muito.

— Eu também. — Ela soltou um suspiro trêmulo, esgotado de tanto sofrimento. Desejava muito que Gregor também estivesse ali. Então se lembrou do novo companheiro. O garoto mais velho, de cabelos escuros, olhava para ela com uma curiosidade silenciosa e os braços cruzados. — Quem é você? — ela perguntou.

— Desculpe, eu devia ter feito as apresentações — Jonas disse. — Lysandra, Tarus, esse é Felix Gaebras. Não são só vocês que devem a vida a ele; eu também. Sem ele, nada disso teria acontecido.

— É um prazer — Felix disse.

Seu primeiro instinto foi exigir mais respostas, mas as palavras desapareceram antes que pudessem ser pronunciadas.

Jonas estava certo. Se não fosse por Felix, e pelo próprio Jonas, ela estaria morta. Decidiu não julgar o rapaz até conhecê-lo melhor.

Lysandra apontou com a cabeça para Felix.

— Você foi o responsável pelas explosões?

— Não — Felix disse. — Isso foi obra de outro novo amigo do Jonas.

— *Amigo* é exagero depois do que aconteceu — Jonas resmungou. — Petros gosta muito de ver as coisas queimarem. Ele não tem controle. Podia ter matado Lys e Tarus.

Felix deu de ombros.

— Eles estão bem. E qualquer um que estivesse lá no meio pronto para ver seus amigos serem decapitados, mereceu o que houve. Não precisa se sentir culpado por nada.

Jonas soltou um longo suspiro.

— Acho que você tem razão.

Lysandra ainda estava estupefata.

— Por quê? — ela perguntou.

— Por que o quê? — Jonas disse.

— Você arriscou a sua vida e a dele para nos salvar? — Ela pegou a mão de Tarus e a apertou.

— E?

— E… — Ela sacudiu a cabeça. — Não faz sentido. Vocês deviam estar fazendo coisas mais importantes no momento.

— Sério, Lys? — Jonas olhou para ela, impaciente. — E se fosse eu naquele calabouço? Você ia me deixar apodrecer ali até me cortarem em pedacinhos enquanto fazia coisas mais importantes? Ou arriscaria o pescoço tentando me salvar? — Ele soltou uma gargalhada. — Esqueça a pergunta. Com certeza você seria muito mais prática do que isso. A vida de um rebelde não vale o risco, não é?

Não havia dúvidas do que ela teria feito se a situação estivesse invertida. Teria arriscado tudo para salvar Jonas.

— Fiz isso porque era o que Brion iria querer que eu fizesse. Esse é o motivo — Jonas disse, virando as costas. — Fim da história.

Brion. Outro garoto levado antes do tempo porque enfrentara aqueles que o oprimiam. Brion, que a amava apesar — ou justamente por causa — de sua natureza feroz e contestadora.

— Entendi — ela disse em voz baixa.

— Agora vamos. Precisamos continuar. Irão atrás dos dois assim que notarem sua ausência.

— Aonde estamos indo? — Tarus perguntou.

— Paelsia. Vou levar você de volta para sua família, garoto.

— Mas, Jonas…

— Sem "mas". Você é jovem demais para isso tudo. Espere mais um ano para ficar mais forte, então poderá se juntar a mim de novo, se quiser.

— Mas eu… — Qualquer outro protesto morreu na língua de Tarus, e Lysandra viu uma pontada de alívio nos olhos dele. — Está bem. Se essa é sua ordem oficial, vou fazer o que está mandando.

— É, sim.

A mente de Lysandra relaxou pela primeira vez depois do que pareciam séculos. A ideia de Tarus poder ficar em relativa segurança era um grande alívio.

— E quanto a mim? — Lysandra perguntou. — Não tenho mais casa nem família.

— É… você. Você é um problema maior. — Jonas trocou olhares com Felix. — Então acho que o que vai fazer agora é escolha sua, Lys.

Poucas horas antes, ela estava praticamente morta. Agora tinha todo um futuro pela frente.

— Qual é o plano? — ela perguntou. — Se ainda é matar o rei, ele estava do lado de fora hoje. Você podia ter tentado.

— Ele não era minha prioridade hoje. Eu não podia perder o foco por nada. Mas agora que vocês estão livres, o antigo plano volta a valer. Não vou descansar até o rei perder o trono e o poder pra sempre. Até que dê o último suspiro. Até que todos os paelsianos estejam livres para controlar seu próprio destino.

Lysandra e Jonas olharam um para o outro.

— Então temos o mesmo objetivo.

Ele assentiu.

— Então acho que vai ficar com a gente.

— Acho que sim.

Quando ela estava pronta para aceitar a morte, seu fogo retornara. Estava fraco, mas nunca chegou a se extinguir de vez.

Lysandra estava viva. Seu espírito se renovara.
E estava pronta para lutar de novo.

# 15

# LUCIA

## AURANOS

Que fascinante observar o rosto de alguém que sabe que está prestes a morrer.

Lucia não presenciara a última série de execuções, mas eram comuns em Limeros durante o reinado do rei Gaius. No passado, sempre as considerara uma necessidade desagradável, mas nunca sentira pena dos criminosos. Afinal, aqueles que eram executados tinham optado por cometer crimes. Sabiam que seriam punidos, mas agiram errado mesmo assim.

O pai dela também havia condenado muitas bruxas à morte ao longo dos anos — todas eram mulheres cruéis que usaram sua magia para ferir os outros. Depois que os *elementia* de Lucia despertaram, ele explicou como sua magia era diferente das outras.

A magia das bruxas era do mal, fortalecida por sacrifícios de sangue e artimanhas obscuras.

A magia dela era pura, profética. Era boa.

— Que barbaridade! — Cleo disse em voz baixa quando os dois rebeldes foram levados ao palco.

— Seu pai não fazia execuções? — Lucia perguntou a Cleo. Um garoto de cabelos claros que caminhava no meio do público chamou sua atenção. Era um dos poucos que destoava da multidão, paralisada pelo discurso do rei. Na verdade, ele se movimentava na direção oposta, com uma tocha acesa na mão, atraindo olhares irritados daqueles em quem esbarrava.

— É claro que fazia — Cleo respondeu. — Mas não eram espetáculos públicos como este.

Seria crueldade não ligar para o destino daqueles dois rebeldes? Lucia procurou em seu coração, tentando encontrar alguma sensação de desconforto em relação às mortes iminentes, mas descobriu que não sentia nenhuma empatia por eles. Os dois tinham escolhido seu caminho, que os levara até ali. Não podiam culpar ninguém além de si mesmos.

Do nada, justo quando a rebelde — uma criaturinha selvagem com uma massa desordenada de cachos negros e um olhar demoníaco no rosto — estava prestes a morrer sob o machado, ouviu-se o ruído estrondoso de uma explosão.

— O que foi isso? — Lucia exclamou. Mas antes que alguém tivesse tempo de responder, a plataforma foi abalada por outra explosão que derrubou a princesa. Ela perdeu o equilíbrio e caiu da área elevada, bem no meio do povo. O mundo começou a girar quando ela se levantou, desorientada.

— Pai! — Lucia gritou, mas não conseguia vê-lo, nem Magnus, Cleo ou algum dos guardas. No chão, estava cercada de rostos desconhecidos, atormentados por pânico e medo. Ninguém deu atenção a ela, todos tentavam proteger a própria vida, fugindo do fogo.

À sua esquerda havia um homem em chamas, contorcendo-se no chão… Estendendo o braço na direção dela, gritava com a boca retorcida…

Lucia voltou a pensar no dia fatídico em que o rei pedira a ela para arrebentar a entrada do palácio com sua magia. Tinha parecido um pedido tão simples.

Mas a magia encontrou mais magia, e uma fera ardente surgiu e estraçalhou tudo, destruindo a entrada do palácio e matando todos que estavam no caminho.

Cambaleando, ela se afastou do homem antes que ele agarrasse seu vestido e a fizesse pegar fogo também.

— Magnus! — ela gritou. Agarrou a beirada da plataforma, tentando subir de novo, mas a enorme torrente de pessoas a carregou, e o pânico cresceu ainda mais dentro dela.

Lucia não ficava no meio de plebeus dessa forma, sem proteção, desde… Bem, nunca ficara desacompanhada na vida. Mas ninguém olhava em sua direção, todos estavam ocupados tentando se proteger e escapar dali.

A multidão empurrou Lucia para fora da praça do palácio. Vendo-se em uma rua da cidade, ela esticou o pescoço em busca de um caminho livre de volta ao castelo.

— Está perdida, princesa? — A mão grande de um homem envolveu seu pulso. — Deixe-me ajudá-la.

Lucia virou, e o medo dentro dela começava a tomar conta de tudo.

— Me solte.

O homem franziu a testa.

— Apenas me…

Qualquer um daqueles estranhos podia querer seu mal, e ela não permitiria ser maltratada por nenhum deles. E aquele homem sabia quem ela era e poderia fazê-la de refém para chantagear o rei.

— Eu disse para me *soltar*! — ela gritou.

Com apenas um pensamento, ela invocou a magia do fogo para aquecer sua pele. No mesmo instante, o homem a soltou com um grito, a mão escurecida e queimada, os olhos arregalados de dor e atordoamento. Ela se virou e correu para longe dele a toda velocidade, as saias batendo nas pernas.

Seu coração batia forte, mas ela sentiu uma onda de orgulho do que tinha feito. Em vez de permitir que o medo tomasse conta, ela havia se protegido. Qualquer um que quisesse machucá-la deveria manter distância.

Ela respirou fundo quando localizou um rosto conhecido no meio do povo. Era a princesa Amara, usando um vestido vinho, com os longos cabelos escuros soltos sobre os ombros. Os olhos dela se arregalaram quando encontraram Lucia.

— Lucia! — Amara se aproximou e segurou as mãos dela, encolhendo-se enquanto as pessoas passavam por elas sem olhar duas vezes. — Que bom que a encontrei. Resolvi visitar o palácio hoje, mas quis esperar até o rei voltar da execução para anunciar minha presença. E então… as explosões. Eu… eu me perdi dos meus guardas.

— Graças à deusa nos encontramos — Lucia pegou o braço de Amara e a conduziu para uma alcova para se abrigarem. As duas observaram os enxames de pessoas se espalhando em todas as direções enquanto fugiam da praça do palácio.

Os rebeldes eram responsáveis por isso, sem dúvida. Tinham provocado uma distração para resgatar seus companheiros.

A ideia enfurecia Lucia.

Um garoto estava correndo na direção oposta à da multidão, olhando ao redor com desgosto e desconfiança. Em seguida desapareceu dentro de uma padaria. Lucia logo o reconheceu de pouco antes das explosões — o loiro com a tocha acesa, que ainda carregava, como uma arma.

— Aquele garoto! Foi ele — ela sussurrou.

— Foi ele? — Amara repetiu. — Do que está falando? De *quem* está falando?

— Do responsável pelas explosões. Só pode ter sido ele. — Era um palpite, mais do que qualquer outra coisa, mas valia a pena investigar. Ela sabia. Aquele garoto não podia escapar. Era um assassino e chegara muito perto de matar sua família.

Lucia observou a área em busca de um guarda para alertar, mas não havia nenhum por perto.

— Vamos! — Ela puxou Amara pelo braço. — Não podemos deixá-lo fugir.

Amara não protestou quando Lucia a levou para a padaria. O lugar tinha aroma de canela e baunilha; várias bandejas de biscoitos de açúcar e tortas de fruta haviam sido deixadas intocadas sobre o balcão. Lucia passou os olhos pelo local até localizar o garoto, em um canto afastado. O fogo em sua tocha tremeluzia, iluminando seus olhos arregalados no interior escuro da loja.

— É tudo culpa sua, não é? — Lucia disse com severidade.

Ele olhou bem nos olhos dela, sem recuar.

— Você não deveria estar aqui, menina. É melhor me deixar em paz ou pode acabar queimada.

Ele não parecia nem um pouco constrangido, nem tentava negar a acusação.

— Por que alguém desejaria ferir tanta gente?

Ele bufou.

— Por que se importa? Você me parece bem. Nem uma sujeirinha nesse lindo vestido. Vão embora, vocês duas. Senão…

Ele não parecia saber quem ela era.

— Eu me importo porque não gosto quando pessoas inocentes voam pelos ares simplesmente por estarem no lugar errado, na hora errada. — Ela olhou rapidamente para Amara para se certificar de que não a havia assustado, depois se aproximou mais do garoto. — Você ajudou os rebeldes a fugir.

Os olhos dele se estreitaram, cintilando à luz do fogo.

— ME DEIXE EM PAZ!

Mesmo agora que o horror havia terminado, ele não parecia querer largar a tocha nem por um instante.

— Trazer fogo para uma construção como esta é perigoso — Lucia disse.

— Então sugiro que fique longe de mim.

— Ele é bem grosseiro — Amara observou, cruzando os braços. — Você deveria usar sua magia contra ele.

Lucia virou para ela no mesmo instante, surpresa.

— O que disse?

Amara a encarou com um olhar paciente.

— Ouvi os rumores. Existem tantos a seu respeito. Meu pai ouviu também. Na verdade, você é um dos motivos pelos quais ele me mandou para cá. Você é a arma secreta do rei Gaius, uma menina profética e mágica.

O primeiro impulso de Lucia foi mentir, negar os rumores de Amara. Mas por que precisava negar o tempo todo o que era e o que podia fazer? Sabia que seu pai achava que os kraeshianos eram inimigos, mas ele se reconfortava em saber que o imperador Cortas teria que lutar contra a magia de Lucia se quisesse atacar Mítica.

O rei esperava muito dela — quase tanto quanto ela esperava de si mesma.

— Chega de bobagem — o garoto disse, revirando os olhos. — Preciso ir. — Ele tentou desviar e passar por entre as duas princesas, agitando a tocha para mostrar que as queimaria se chegassem perto demais.

Lançando um olhar sombrio na direção dele, Lucia invocou a magia do ar. De repente, o garoto foi jogado contra a parede e imobilizado, sua tocha apagada.

Mais uma vez, a magia não exigiu mais do que um pensamento. Alguns dias era muito fácil.

Lucia então estendeu a mão e fez surgir uma chama dançante sobre a palma.

— O quê…? — ele tentou dizer. — O que você *é*?

Um sorriso se formou no rosto de Amara.

— Eu sabia. Você tem magia na ponta dos dedos. É incrível.

Lucia ergueu a sobrancelha, satisfeita com as reações de espanto que um simples truque era capaz de suscitar.

— Sem dúvida pode ser incrível. — Ela se aproximou do garoto, permitindo que seu ódio por ele fluísse dentro dela e alimentasse o fogo. — Me diga seu nome.

Ele não conseguia tirar os olhos da chama na palma da mão dela.

— Petros.

— Você é um rebelde?

— Não costumo ser. Mas hoje acho que fui. — Os olhos dele refletiam o fogo. — Você é absolutamente incrível. É como uma deusa, uma linda deusa.

O elogio a agradou por apenas um segundo. A maneira como olhava para ela, como se fosse digna de adoração.

— Sou mesmo?

— Como a deusa Cleiona. A materialização perfeita de fogo e ar.

A menção àquele nome fez seu prazer desaparecer.

— Cleiona matou Valoria, minha deusa, tentando roubar sua magia. Como ousa me comparar com uma criatura tão perversa?

Ele ficou pálido.

— Desculpe. Por favor, me perdoe. Não tive a intenção de desrespeitá-la.

— Você vai interrogar o rapaz? — Amara perguntou. — Ou vai deixar que ele a admire o dia todo?

— Bem lembrado — ela concordou.

Amara não olhava para ela com assombro nem medo de sua magia tão real. Parecia satisfeita e impressionada.

Era uma boa mudança em relação às reações horrorizadas que seus *elementia* costumavam provocar.

— Só quero saber *por quê* — Lucia disse ao garoto. — Por que ajudou os rebeldes hoje? Quer derrotar meu pai por algum motivo pessoal?

— Seu pai… — Petros uniu as sobrancelhas assim que começou a entender. — Você é a princesa Lucia.

— Dê um prêmio ao garoto — Amara disse com um sorrisinho.

— Sou — Lucia respondeu. — Agora responda.

— Eles me pediram ajuda.

— *Quem* pediu sua ajuda?

— Jonas Agallon. Ele queria resgatar seus amigos. Viu minhas demonstrações com fogo e achou que eu poderia ajudar. Para mim, qualquer oportunidade de mexer com fogo, de ver as chamas subirem e destruírem tudo pelo caminho… É o que mais amo. E posso ver que também gosta, princesa.

Jonas. Esse nome andava aparecendo muito ultimamente. Jonas Agallon, líder dos rebeldes, acusado de assassinar a rainha. O que, para Lucia, não tinha sido um problema. Assim não precisara executar a tarefa ela mesma.

*Esses pensamentos obscuros*, uma voz disse dentro dela. *Usar sua magia é invocar a maldade. Tenha cuidado, ou ela pode consumir você.*

— Preciso sair daqui — Lucia disse. Sua voz estava fraca e cheia de incertezas conforme a dúvida aumentava.

Ela perdeu o foco por um instante, e Petros conseguiu se libertar da magia do ar. O garoto se afastou da parede, empurrando-a afobado para chegar até a porta. Mas Amara estava lá, bloqueando a passagem.

Ele a encarou com intensidade.

— Saia da frente, ou mato você.

— Duvido. — Ela enfiou a mão nas dobras do vestido, tirou uma adaga e a cravou no peito dele.

O garoto olhou para baixo, em choque. Tocou o cabo com dedos trêmulos, depois caiu de joelhos e sucumbiu de vez no chão. Uma poça de sangue começou a se formar em volta dele.

Lucia arregalou os olhos.

— Não esperava por isso.

Amara se abaixou e arrancou a adaga do corpo do garoto, limpando a lâmina com um lenço branco.

— Com certeza, ele também não. Não é nenhuma perda para o mundo, imagino. Os kraeshianos gostam de lidar com criminosos de maneira rápida e objetiva. Não costumamos desperdiçar muito tempo com prisões e execuções públicas. — Ela olhou para Lucia. — Espero que não seja problema para você. Ele ia escapar… e sabia o seu segredo.

Lucia achava que Amara não passava de uma princesa mimada de outra terra. Mas era muito mais que isso.

Lucia agora olhava para ela com cautela.

— Se está preocupada, não direi a ninguém o que vi aqui. — Amara guardou a arma e se aproximou de Lucia. — Pode ficar tranquila, sei ser muito discreta.

— O que quer de mim? — A magia do fogo crepitava pelos braços de Lucia, pronta para ser invocada se Amara dissesse algo errado.

Naquele momento, Amara não era a única disposta a tirar uma vida se não houvesse opção. Lucia se protegeria — e protegeria sua família — a qualquer custo.

A confiança cintilou no rosto da princesa estrangeira.

— Quero ser sua amiga, Lucia. É tudo o que quis desde que cheguei a Auranos. Espero que me dê essa chance. — Ela sorriu. — A multidão já deve ter se dissipado a esta altura. Está na hora de voltarmos para o palácio.

— Vá sem mim — Lucia disse. — Preciso de tempo para pensar.

Amara não discutiu.

— Muito bem. Proteja-se, Lucia. Nos vemos de novo em breve.

Ela se virou e passou por cima do corpo de Petros, sem olhar para Lucia ao sair da padaria.

Lucia a deixou partir, mas ficou na porta e observou a princesa até ela sumir de vista. Amara sabia do que Lucia era capaz. Teria o bom senso de guardar a informação para si.

Lucia olhou para o rosto do garoto morto, não sentindo nada no coração além de alívio. Finalmente, deixou a padaria. As ruas já estavam mais vazias, e ela se viu praticamente sozinha na cidade.

Ao longe, viu as torres douradas do palácio e seguiu entre as travessas sinuosas na tentativa de chegar até ele. A cidade era um labirinto — mais ou menos como os corredores do palácio. Se não prestasse atenção, era fácil perder o rumo.

E, mesmo enxergando seu destino, sabia que estava perdida e sozinha ali. Ninguém a entendia. Não podia confiar em ninguém, nem mesmo em sua família.

Lucia sentiu vontade de chorar quando uma onda inesperada e devastadora de tristeza tomou conta dela. Estava à beira das lágrimas quando virou uma esquina…

E lá estava ele. Parado no meio da estrada de pedras arredondadas, como se a esperasse.

— Você é um sonho — ela sussurrou. — Estou sonhando neste exato momento.

Os olhos prateados de Ioannes encontraram os dela, e ele sorriu.

— Não desta vez.

Mas tinha de ser um sonho. Aquilo não podia ser real.

— Você não está aqui.

— Não estou? — Ele olhou para si mesmo, estendendo as mãos e inspecionando palma e dorso. — Tem certeza?

A estrada cercada de árvores verdes e viçosas, as pedras cintilantes que pavimentavam as passagens, a fachada das lojas brilhando sob o sol… tudo desapareceu, e Lucia não viu nada — nada além dele. Apenas Ioannes.

Ele se aproximou, e ela deu um passo trêmulo para trás.

Ioannes uniu as sobrancelhas e passou a mão no cabelo cor de bronze.

— Achei que ficaria feliz em me ver.

— Mas… como é possível? — As palavras se empilharam umas sobre as outras na pressa de sair. — Quase me convenci de que você era fruto da minha imaginação. Mas disse que nos veríamos de novo. Que você me encontraria.

— E aqui estou. — Ele a pegou pelo braço e a puxou para mais perto. Lucia estava tão abismada em vê-lo que não lhe ocorreu nem por um instante invocar sua magia, o que se tornara um instinto natural quando estava assustada ou com medo. — Desculpe ter demorado tanto, mas vim assim que pude.

Mas não fazia nenhum sentido!

— Vigilantes não podem assumir forma mortal em Mítica. Você devia ser um falcão. Fiquei procurando falcões esse tempo todo!

Ioannes ficou sério.

— Podemos assumir forma mortal aqui se nos exilarmos.

Ela perdeu o fôlego por um instante.

Ioannes meneou a cabeça, registrando o choque dela.

— Deixei o Santuário para sempre. Por isso demorei tanto. É raro alguém deixar meu mundo voluntariamente, acredite. É preciso ter muita certeza de que quer adotar a vida de um mortal.

Ele tinha desistido de sua imortalidade, nunca mais poderia voltar ao seu verdadeiro lar.

— Mas por que você faria algo assim?

— Você não sabe mesmo?

Lucia balançou a cabeça.

Ele se aproximou mais e sussurrou:

— Porque estou apaixonado por você. — Ioannes sorriu em resposta à estupefação dela. — Sim, princesa. Estou aqui porque não há outro lugar onde deseje estar além do seu lado. Agora, devemos ir para o palácio?

Lucia só conseguia olhar para ele. As explosões, a fuga dos rebeldes, o confronto entre Amara e o incendiário, e agora… agora Ioannes estava confessando seu amor por ela.

E não era nem meio-dia!

— O palácio… — ela se esforçava para encontrar as palavras. — Ah, sim, vamos caminhar até o palácio. Vou apresentá-lo ao meu pai como meu novo pretendente, um vigilante exilado do Santuário que visitou meus sonhos quando dormi por vários meses. — Ela passou os olhos pelo céu claro, nervosa, direcionando o olhar para o leve brilho das torres douradas. — Ele vai começar a planejar o casamento imediatamente. Não, o mais provável é que jogue você no calabouço!

O sorriso permaneceu fixo no belo rosto de Ioannes. — Pode deixar que eu falo com seu pai, princesa.

Aquele sorriso chegou ao coração dela.

Era real.

Até o dia anterior, tudo era lúgubre e desagradável. Agora Ioannes estava ali, e a esperança mais uma vez florescia em Lucia.

# 16

# IOANNES

## O SANTUÁRIO

Quando encontrou Lucia, já fazia uma semana desde que partira do Santuário.

— Ioannes! — Timotheus o chamou quando estava deixando a Cidade de Cristal pela última vez.

Ioannes se esforçou muito para ignorá-lo.

Mas parou quando Timotheus tocou seu braço de maneira tão familiar. Ele se virou para seu mentor, que o encarou com a expressão tensa.

— Fiquei sabendo que pretende se exilar hoje.

— É verdade.

Timotheus balançou a cabeça.

— Não faça isso. Vamos conversar. Podemos resolver tudo. Sei que Melenia encheu sua cabeça com todo tipo de planos e promessas, mas…

— Não tem nada a ver com ela. — A garganta de Ioannes doía por todas as mentiras que andava contando desde que se aliara a Melenia. Abandonar o único lar que conhecia já era difícil o bastante, ainda que fosse, ao mesmo tempo, uma prisão e um paraíso. Mas ter alguém que se importava o suficiente para tentar impedi-lo tornava as coisas ainda piores. — Não posso ficar aqui. Me apaixonei por uma mortal. Meu lugar é ao lado dela.

As pontas dos dedos de Timotheus afundaram em seu ombro.

— Existe outra opção.

— Já pensei muito, e esse é o único jeito.

— Você nunca mais vai poder voltar. Não vai poder assumir a forma de falcão quando sair daqui. Vai perder a imortalidade. Se morrer lá fora, será o fim. Está abrindo mão de tudo.

Ele olhou Timotheus nos olhos. Era seu amigo, para quem sabia que podia contar todos os seus segredos sem ser julgado. Os dois tinham tanta história juntos, mas Melenia o forçara a construir uma muralha definitiva entre eles.

Só de pensar em desafiar as ordens dela, Ioannes sentia tanta dor que mal conseguia desempenhar suas funções normais, mal conseguia pensar. O feitiço de obediência de Melenia havia fincado as garras no fundo de sua garganta e não queria soltar.

— Sinto muito. — Ioannes o abraçou por um breve instante, ignorando a ardência das lágrimas se formando em seus olhos. — Adeus, meu amigo.

Timotheus não disse mais nada. Com os olhos fixos no ancião, que agora o observava com uma expressão desolada e solene, Ioannes se transformou em falcão pela última vez. Bateu as asas e levantou voo, em direção ao antigo portal de pedra que lhe permitiria entrar no mundo mortal.

Antes de encontrar a princesa, Ioannes precisava cuidar de um assunto em Paelsia.

A Estrada Imperial que ligava Auranos a Limeros já estava pronta, mas Xanthus tinha ficado no último campo de trabalho abandonado para garantir que a magia permanecesse nas pedras.

Foi ali que Ioannes encontrou o vigilante exilado, curvado na lateral da estrada, com as Montanhas Proibidas se avultando às suas costas como gigantes nada amigáveis.

Ioannes se aproximou, instável sobre as novas pernas mortais. Sabia que eram as mesmas de sempre, mas agora — caminhando sobre o solo de Mítica e sabendo que também era mortal — pareciam diferentes. Fracas.

— Ioannes — Xanthus disse, com um sorriso no canto da boca. — Melenia me disse para esperar sua chegada. É bom revê-lo depois de tanto tempo.

— É difícil acreditar que vinte anos se passaram. — Ioannes deu uma olhada no homem alto dos pés à cabeça. Antes eternamente jovem, Xanthus tinha envelhecido durante o tempo que passara ali, mas seus cabelos cor de bronze e olhos cor de cobre continuavam brilhantes como sempre.

— Pois é. — Xanthus pegou a mão dele e a apertou com firmeza. — Mas nem parece tanto. Bem-vindo ao seu novo lar. Você vai gostar do mundo mortal. Venha, vou preparar algo para comermos. — Ele se virou, fazendo sinal para Ioannes acompanhá-lo, mas o vigilante mais jovem não saiu do lugar.

— Sei o que fez com Phaedra.

Xanthus parou de repente.

— Ela o amava. Sentia sua falta o tempo todo. Achou que estivesse perdido para sempre. Nem posso imaginar o quanto deve ter se sentido traída.

Xanthus encarou Ioannes com seriedade.

— Precisava ser feito.

— Porque Melenia ordenou.

— Phaedra era uma complicação.

— Ela era minha amiga. E sua irmã.

Xanthus franziu a testa.

— Não tive escolha. Melenia ordenou e eu obedeci. Mas juro que ela não sofreu.

— Talvez não tenha sofrido — Ioannes pegou a adaga que estava escondida sob seu manto. — Mas você vai sofrer.

Como presente, Melenia contara a Ioannes sobre Xanthus e permitira que ele tivesse essa breve oportunidade de vingança.

— Você não precisa fazer isso! — Xanthus abaixou e desviou da lâmina.

— Errado. Preciso, sim. Agora que a estrada está pronta, você também é uma complicação. É uma ordem de Melenia, mas uma punição merecida.

Xanthus reagiu e conseguiu cortar a perna de Ioannes com um pedaço afiado de madeira, o que serviu para deixá-lo mais lento.

Mas não foi suficiente para detê-lo.

Logo a adaga de Ioannes encontrou seu alvo, e ele observou a vida se esvair dos olhos do irmão e assassino de Phaedra. Em seus dois mil anos de existência, Xanthus era a primeira pessoa que ele matava. A ideia o fez congelar, eliminando qualquer calor que lhe restasse no coração. Mas também o encheu de determinação.

— Ela ordena e eu obedeço — Ioannes disse. — Assim como você fez.

— Então que seu destino seja igual ao meu — Xanthus sussurrou em seu último suspiro.

Ioannes se afastou e não olhou para trás.

A morte de Phaedra tinha sido vingada. Ele havia concluído a viagem até a Cidade de Ouro. E encontrara a princesa. Como se ela fosse um raio de luz

chamando-o, não demorou quase nada para localizá-la em uma cidade que tentava restabelecer a segurança logo depois de um levante rebelde.

De repente, lá estava ela, tão linda quanto lembrava.

Ver Lucia de novo trouxe mais alegria do que acreditava ser possível, o que ajudou a equilibrar um pouco a dor, mas não totalmente. Nunca poderia contar a verdade a ela. Não importava o quanto quisesse, nunca poderia alertá-la para ficar longe dele. Era impossível.

Depois de se recuperar da surpresa, a princesa o levou para o palácio.

Assim que chegaram, um bando de guardas os acompanhou imediatamente até a sala do trono, onde o rei e o príncipe Magnus aguardavam. Ambos se viraram quando os dois entraram.

Em um instante, Magnus estava diante de Lucia, angustiado, segurando os braços da irmã.

— O que aconteceu? — ele perguntou. — Você estava bem ali ao meu lado, e logo depois tinha sumido. Achei que estivesse morta!

— Ao que parece — o rei disse — ela está bem viva. Nenhum arranhão. Eu disse que ela sabia se proteger. Não sei por que sempre se recusa a acreditar em mim.

Magnus não tirou os olhos da irmã.

— Você está bem?

Ela assentiu.

— Eu me perdi no meio de toda aquela gente, mas estou bem. Está tudo bem, meu irmão.

Finalmente ele a soltou, e sua expressão tornou-se hostil.

— Você devia tomar mais cuidado. Estava muito perto da beirada da plataforma. Qualquer um poderia tê-la agarrado. — Seus olhos escuros se desviaram para o garoto que aguardava em silêncio ao lado de Lucia. — E quem é você?

Lucia tinha contado a Ioannes muita coisa sobre o príncipe durante o período que passaram juntos em seus sonhos. Sentia-se confortável o suficiente com ele para desabafar sobre sua vida, sua família, suas esperanças e seus desejos. Suas decepções. Seus problemas. Seus medos. *Tudo*.

— Sim, Lucia — o rei disse. Ele se aproximou dos dois e fez sinal para os guardas saírem, para terem mais privacidade. — Quem é este rapaz?

Ioannes sabia que Lucia não tinha certeza do que dizer sobre ele. Ela podia ser uma feiticeira poderosa, mas hesitava quando se tratava da própria família.

— Meu nome é Ioannes — ele disse, vendo que Lucia não faria as apresentações.

Magnus franziu a testa, estudando o rosto de Ioannes como se ele guardasse a resposta para um enigma especialmente complicado.

— Conheço esse nome. Por que conheço esse nome?

Ioannes ficou olhando para o príncipe, paciente. O garoto estava repleto de fúria, repleto de dúvida e medo e dor. Era triste saber que Magnus imaginava estar apaixonado pela irmã só porque Lucia havia demonstrado uma bondade que ele nunca recebera em nenhum outro lugar naquela vida fria e solitária.

Ele não tinha ciúmes do irmão adotivo de Lucia nem acreditava que Magnus fosse um desafio para o afeto de Lucia. Na verdade, sentia pena do príncipe.

E era melhor Magnus não ficar em seu caminho.

— Ioannes é importante para mim — Lucia disse, ousando segurar o braço dele.

Talvez ela não estivesse tão hesitante, afinal — pelo menos não quando se tratava dele. Melenia ficaria satisfeita em saber que Ioannes já estava caindo de novo nas graças da princesa depois de tão longa ausência.

— Ah, ele é importante? — o rei repetiu. — Como?

Ioannes não conseguia decifrar a expressão do rei Gaius, mas sabia que não devia subestimá-lo. O rei não deixaria Ioannes chegar perto da filha se acreditasse que ele não passava de um pretendente vindo de outras terras.

— Melenia me enviou — ele disse, satisfeito ao ver que os olhos do rei se arregalaram no instante em que o nome dela foi mencionado.

— Melenia? — Algo pungente e perigoso logo tomou conta de seu olhar, capaz de intimidar rapidamente alguém menos determinado que Ioannes. — O que sabe sobre Melenia?

Ioannes soltou as amarras da camisa e revelou o peito, mostrando à família real sua marca dourada, evidência de sua ascendência. E de sua magia. As cicatrizes do encanto de Melenia já haviam se curado e desaparecido, mas ainda estavam gravadas em sua alma.

— Ela me mandou aqui porque não tem conseguido entrar em contato. Pede desculpas por qualquer confusão que possa ter causado, mas quer que saiba que cumpre suas promessas e que, de agora em diante, devo representá-la no mundo mortal.

Magnus olhou fixamente para Ioannes, como se uma fera de seis pernas e chifres tivesse acabado de entrar na sala.

— Você é um *vigilante*.

— Eu era. — Uma pontada de dor o distraiu, dessa vez emocional, e não física. Tinha passado dois mil anos no Santuário… e agora o resto de seus dias estava reduzido à expectativa de vida de um mortal comum. Não podia mais voar como um falcão. Não podia mais visitar sonhos, a menos que Melenia o convocasse.

Se pelo menos a escolha de estar ali tivesse sido dele, e não de outra pessoa…

Mas estava feito e não tinha volta.

— Ele está dizendo a verdade — Lucia falou. — Quando fiquei todo aquele tempo adormecida, ele me visitava em meus sonhos. E me mostrou seu lar.

Magnus franziu o cenho.

— Você nunca me contou isso.

— E quando poderia ter contado? — ela perguntou com aspereza. — Você está me evitando como se eu tivesse uma doença contagiosa.

— Em se tratando de algo dessa importância, pensei que me procuraria.

— Eu não tinha certeza se era real. Se *ele* era real.

— Mas aqui está ele — Magnus disse, olhando para Ioannes com desgosto. — Em carne e osso. E agora, o que devemos fazer com ele? Acomodá-lo aqui no palácio? Alimentá-lo e vesti-lo? Tudo para que possa ficar ali sentado, com seu lindo rosto, transmitindo ordens do Santuário?

Ioannes abriu um sorriso contido para o príncipe insolente.

— Com certeza posso fazer mais para compensar minha estadia. Melenia sugeriu que me tornasse tutor de Lucia, ajudando-a a lidar com os *elementia*. Posso garantir que tenho muito mais conhecimento do que qualquer outro.

— Foi ideia de Melenia? — A expressão cética do rei se manteve inalterada.

Aquilo podia dar muito errado. O rei era imprevisível. Parecia furioso, tão decepcionado com Melenia por tê-lo ignorado por tanto tempo que seria capaz de jogar Ioannes no calabouço para tirá-lo de perto de Lucia.

Ele até poderia tentar, mas não ia gostar das consequências.

Havia só um final para aquela história, que tinha sido marcado em sua pele pela magia de Melenia.

— É um plano excelente. — Lucia assentiu com entusiasmo. — Ioannes seria um tutor maravilhoso.

— Não gosto disso — Magnus disse. — De nada disso.

— E *do que* você gosta? — Um lampejo passou pelos olhos de Lucia. — Não pode, uma vez na vida, tentar ir além daquilo que *você gosta*? Do que *você quer*?

Ele se encolheu como se tivesse levado um golpe. Mas logo a frieza tomou conta de seus traços.

— Peço desculpas, minha irmã. Só estou tentando protegê-la.

— Não se dê o trabalho — ela respondeu.

Ah, sim. Eles certamente tinham um relacionamento complicado.

O rei analisou um por um, finalmente fixando o olhar na espiral mágica de Ioannes mais uma vez.

— Vamos conversar, você e eu. Quero mais informações sobre Melenia. Sobre isso tudo.

— É claro, majestade.

— Mas ele pode ficar? — Lucia perguntou, cheia de esperança.

Fez-se um longo silêncio, durante o qual o rei analisou Ioannes com mais atenção ainda.

— Sim, e concordo plenamente com o plano de Melenia. Ioannes será um excelente tutor. Se não me engano, acho que nós dois temos o mesmo objetivo para sua magia.

O rei acreditava que Ioannes e os vigilantes estavam atrás da Tétrade, e que ele mesmo a possuiria e controlaria sua magia, tornando-se um deus.

Se ao menos soubesse a verdade…

— Temos, de fato, os mesmos objetivos, majestade — Ioannes confirmou.

O rei assentiu.

— Então vá. As aulas começam amanhã bem cedo, assim que Lucia estiver descansada. Bem-vindo ao meu reino, Ioannes.

# 17

# MAGNUS

AURANOS

A Fera.

O nome da taverna já era divertido, mas depois que Magnus terminou a segunda garrafa de vinho, começou a achar aquilo absolutamente hilário.

— Mais uma — ele gritou. — Agora.

O atendente pôs uma terceira garrafa de vinho paelsiano na frente dele.

— Vinhedos Silas Agallon — Magnus leu em voz alta as palavras gravadas na garrafa de vidro verde.

Estava tomando vinho feito pela família de Jonas Agallon.

Ainda mais hilário.

Apesar da repulsa que sentia por Paelsia, Magnus logo passou a preferir o vinho daquele reino. Ainda assim, o local era uma terra desolada, na melhor das hipóteses. E, na pior, um local de más lembranças e escolhas erradas, de humilhação, derrota e arrependimento.

Começou a beber direto da garrafa, ignorando o cálice. Que idiotice seu pai ter proibido tais prazeres em Limeros durante todos esses anos, alegando motivos religiosos. Valoria havia ensinado que manter a mente limpa era manter um coração puro, e seu povo obedecia. Magnus sempre compartilhara dessa crença, acreditando que realmente preferia ter a mente limpa a… isso.

Sim. *Isso* era melhor.

Ficar bêbado era melhor do que estar sóbrio.

Ele deu uma olhada na taverna sombria. Os poucos clientes que restavam naquele horário tão avançado tinham se mudado para as mesas do fundo. As únicas pessoas próximas a Magnus eram alguns de seus guardas.

Ele pedira para ser deixado sozinho, mas o pedido foi ignorado. Estavam ali "para sua proteção".

Cretinos insolentes.

Ele levantou a garrafa.

— À minha irmã e ao seu novíssimo tutor — ele brindou, apontando o vinho para o atendente antes de dar um longo gole. — E ao meu pai. Família… tão importante. Tão valiosa. Que todos apodreçam juntos nas terras sombrias um dia.

As próprias palavras o divertiram bastante, assim como a reação horrorizada do atendente ao brinde.

Magnus estava na metade da terceira garrafa quando sentiu uma mão em seu ombro.

— Alteza — Cronus disse. — Está na hora de ir.

Magnus afastou a mão do guarda.

— Mas ainda não terminei.

— O rei não ficaria satisfeito em vê-lo assim.

— Ah, não! O rei não ficaria satisfeito. Mas eu, sem sombra de dúvida, quero agradar o rei o tempo todo. Não quero? — Ele tomou mais um gole.

— Vossa alteza já bebeu demais.

— Você acordou hoje de manhã e, de repente, decidiu se tornar minha ama de leite, Cronus? Desculpe, mas não estou com nenhuma vontade de sugar seu mamilo hoje.

— Eu poderia carregá-lo de volta para o palácio, mas prefiro que tenha a chance de caminhar.

O príncipe respondeu à grosseria do guarda apenas com um olhar torto. Se qualquer outra pessoa se dirigisse a ele com tanto desrespeito, Magnus desejaria sua morte. Mas, por ser o guarda mais leal e confiável do rei havia muitos anos, Cronus se acostumara a falar o que pensava quando necessário, sem temer a repercussão. Ele conquistaria seu lugar em qualquer palácio que os Damora ocupassem. E um dia seria leal a Magnus e obedeceria a todos os seus comandos.

Mas, infelizmente para Magnus, esse dia ainda não havia chegado.

— Quanta gentileza. Caminhar é uma coisa que com certeza meu pai acha que faço bem.

Cronus o encarou com uma expressão impassível.

— O próprio rei me mandou vir buscá-lo.

— E você, é claro, obedeceu sem hesitar.

— Ele sabe que você desenvolveu um gosto pelo vinho.

Magnus lançou um olhar curioso ao guarda.

— É mesmo? E o que meu pai acha disso?

— Ele compreende totalmente. Sabe pelo que você está passando e perdoa seus passos equivocados. Mas prefere que beba dentro do palácio de agora em diante, e não em estabelecimentos questionáveis como este, onde as palavras e ações de alguém, seja quem for, podem ser usadas contra ele.

— Quanta consideração. — A leveza que o vinho trouxera para a cabeça de Magnus começava a se desfazer. Ele se levantou da banqueta e encarou os clientes no fundo da taverna. — Meu pai perdoa todos os meus passos equivocados! Ele permite que eu beba até me entorpecer, pois isso vai me ajudar a aceitar meu destino! Sou o Príncipe Sanguinário, herdeiro do meu pai, e o caminho para o meu futuro está gravado em pedra. Vocês me temem como temem a ele, seus plebeus inúteis?

Cronus apertou o ombro direito dele com firmeza.

— Chega. Aqui não é lugar para um príncipe coroado, principalmente depois do caos de ontem. Não é seguro.

— Não encoste em mim. — Magnus empurrou a mão do guarda, mas dessa vez não foi tão gentil.

Cronus se manteve paciente como sempre.

— Preferiria que saísse daqui por vontade própria, mas tenho ordens claras do rei. Devo levá-lo de volta ao palácio e, se for preciso, vossa alteza, vou deixá-lo inconsciente e arrastá-lo até lá.

Cronus era quinze anos mais velho que Magnus e muito mais habilidoso e experiente. Não havia dúvida de que o guarda podia cumprir a ameaça — e cumpriria.

Magnus podia estar bêbado, mas não era burro.

— Tudo bem — ele resmungou. — Já terminei mesmo.

Os outros guardas trocaram olhares cautelosos quando Magnus saiu da taverna, com Cronus logo atrás. O ar do início da noite estava quente e tinha o perfume adocicado de rosas — flor e perfume oficiais de Auranos.

Limeros cheirava a gelo. Paelsia, a terra. Mas Auranos cheirava a rosas.

Magnus odiava rosas. Que outra função tinham além de serem bonitas?

Apesar de tropeçar ao caminhar pela via estreita pavimentada com pedras, manteve um passo acelerado e não olhou para trás nenhuma vez para ver se os outros acompanhavam seu ritmo. Não se importava.

Ele finalmente diminuiu a velocidade quando virou uma esquina e deu com seis guardas em frente a uma construção grandiosa com fachada de mármore branco, cercada de pilares, encaixada entre duas tavernas de pedra comuns.

— O que é esse lugar? — perguntou.

— É o templo da deusa Cleiona — Cronus disse.

— Esses lugares deviam ser derrubados — Magnus murmurou. Depois, perguntou em voz alta: — Por que há guardas aqui? Eles abandonaram Valoria para idolatrar outra deusa? Meu pai não ficaria muito satisfeito com isso, ficaria?

Cronus foi consultar um dos guardas e voltou um instante depois.

— Parece que a princesa Cleiona está lá dentro. Ela recebeu permissão para fazer suas preces aqui várias vezes por semana.

Era a última coisa que Magnus esperava ouvir. Até onde sabia, a princesa não tinha permissão para sair do palácio desde a excursão de casamento.

— Por que eu não sabia disso?

Cronus estendeu as mãos abertas.

— Foi decisão do rei.

— Foi? — Magnus não tirou os olhos das portas do templo. Ele deveria ter sido consultado. Por que ela estava recebendo tais privilégios? — Não era uma decisão que cabia ao rei. Não foi ele que foi forçado a se casar com ela.

— *Todas* as decisões cabem ao rei.

Era totalmente inaceitável.

— Espere aqui fora — ele ordenou. — Quero informar à princesa que esta é a última vez que poderá vir aqui.

Ele esperava que Cronus protestasse, mas o guarda apenas assentiu com toda paciência.

— Muito bem, alteza. Faça o que tem que fazer.

Magnus passou pelas portas do templo, deixando os guardas do lado de fora. O espaço parecia uma versão em miniatura do enorme Templo de Cleiona, onde ele e Cleo tinham se casado, grande o suficiente para abrigar milhares de pessoas. Mas isso antes do terremoto que reduzira o local a uma pilha de escombros, transformando-o em um perigo para qualquer um que quisesse correr o risco de entrar.

Embora aquele templo fosse muito menor, era enfeitado e belo. Piso de mármore branco. Bancos esculpidos. Uma estátua da deusa olhando para Magnus com uma expressão parecida com desdém. Os símbolos do fogo e do ar estavam gravados na palma de suas mãos erguidas.

*"Você não é bem-vindo aqui, limeriano"*, ela parecia dizer com desdém.

Que pena.

O templo estava vazio, com exceção da garota loira sentada na primeira fileira. Ela olhava para o gigantesco mosaico que retratava a deusa com os vales verdes de Auranos ao fundo. À esquerda havia fogo, queimando em chamas laranja e azuis; à direita, um furacão.

Cleo viu Magnus pelo canto do olho quando ele se aproximou e sentou na fileira de bancos perto dela, olhando fixamente para o mosaico.

— Veio aqui rezar? — ela perguntou.

Ele conteve uma gargalhada.

— Acho difícil.

— Então está aqui apenas para interromper minhas orações.

— Como se você estivesse mesmo rezando…

Ela o encarou com os olhos semicerrados.

— Me poupe dos olhares de acusação — ele disse, revirando os olhos. — Nunca vi nenhum sinal de que fosse devota às suas crenças religiosas. É igual a todos neste reino hedonista e egoísta. Sua religião não passa de uma série de belas estátuas de mármore enfeitando espaços ostentosos.

— Você tem direito à sua opinião.

O comportamento desdenhoso não a ajudaria em nada naquela noite.

— Você vem aqui para fugir do palácio, mesmo que signifique ser acompanhada por meia dúzia de guardas. É aqui que pode pensar em particular, talvez sobre qual seria a melhor maneira de nos destruir.

Cleo cruzou os braços diante do corpete do vestido.

— Ah, agora você consegue ler a mente das pessoas? É incrível como tem o talento de sempre saber exatamente o que estou pensando.

— Ficaria surpresa com o que sei sobre seus pensamentos, princesa.

Ela o avaliou com uma simples passada de olhos.

— Você está bêbado.

— Estou?

— Está arrastando as palavras.

Não estava arrastando nada. Cleo devia ter dito apenas para magoá-lo — seu objetivo constante.

— Peço desculpas por não ter sido claro. Vim dizer que esta é a última vez que terá permissão para vir aqui.

Ela não pareceu muito preocupada.

— O rei me disse que posso vir sempre que quiser.

— Não me importa o que o rei disse.

A princesa levantou o queixo.

— Que direito você tem de me impedir de fazer uma coisa que já foi aprovada por seu pai?

Como estava sendo tola. Magnus deu uma gargalhada.

— Que *direito*? Sou seu *marido*, princesa. Isso me dá o direito de impedi-la de fazer qualquer coisa que me desagrade.

Ela suspirou. Mas Magnus notou que era um suspiro de cansaço, não de derrota.

— Amanhã de manhã — ela disse — você terá esquecido esta conversa. Diga, quanto você bebeu? Quatro litros? Mergulhou de cabeça no vinho e nadou um pouco lá dentro?

— Acho que está tentando mudar de assunto.

— Acho que quem bebe demais quer esquecer os problemas.

— Ah, é mesmo? É o que *você* faz?

Ela fez uma pausa, aparentemente não se deixando afetar pelo golpe.

— Bebo muito menos do que costumava. Descobri que beber nunca me levou aos lugares aonde gostaria de ir.

— Ah, é verdade. O vinho a levou para a cama de Aron Lagaris, não é?

A expressão dela mudou.

— Que gentileza sua me lembrar disso.

— Mas, infelizmente, não vai mais se deitar na cama dele de novo. Deve ter se tornado um lugar bem frio.

Ele podia ver que Cleo se esforçava para conter as emoções, mas já estava com o rosto bem corado.

— Quer que eu saia daqui, mas não me parece com tanta pressa de ir embora. O que tem lá fora que quer tanto evitar?

— Tudo — ele disse sem pensar, sem querer.

Ela o analisou com cuidado.

— Acho que está bebendo para esquecer o que aconteceu com sua mãe.

O peito dele ficou apertado.

— Cale a boca.

Ela passou os olhos pelo templo, vazio com exceção dos dois.

— Pode não acreditar em mim, mas entendo a dor que sente. O desejo de vingança.

A conversa entre os dois raramente se tornava tão pessoal.

— Não sinto nada disso.

— Não acredito em você.

— Não me importo com o que acredita, princesa. Não estou procurando uma amiga.

— Talvez devesse. Pelo que vejo, não tem amigos com quem conversar.

O fato de Cleo parecer conhecê-lo tão bem irritava Magnus.

— Não preciso de amigos.

Ela o encarou por um instante silencioso e desconfortável, com a testa franzida.

— Você se esforça tanto para ser horrível, para ser cruel, permanecer desconectado de tudo que possa causar dor. Mas vi a expressão em seu rosto quando foi arrastado para longe do local das execuções ontem. Ficou desesperado quando Lucia desapareceu na multidão. Pensou que ela estivesse ferida.

Ele se encolheu por dentro ao saber que Cleo tinha notado sua fraqueza com tanta facilidade.

— Minha irmã sabe se cuidar, acredite. Ela ficou bem, apenas se perdeu por alguns momentos. E voltou ao palácio não apenas ilesa, mas com um belo tutor novo que encontrou na cidade. Que bom para todos.

Cleo levantou e sentou ao lado de Magnus. O gesto o surpreendeu, mas ele não deixou transparecer.

— Acho você… extremamente confuso — Cleo disse. — Mais confuso a cada dia que passa.

— Algumas garotas se confundem com facilidade.

— Vez após outra, você se prova vil, repulsivo e odioso.

Ele soltou uma gargalhada. Finalmente haviam voltado para termos mais familiares.

— Sua opinião é irrelevante para mim, princesa.

— Você é todas essas coisas. — Ela assentiu, como se concordasse consigo mesma. — Mas, quanto mais penso a seu respeito, mais você se torna um enigma. Ontem foi apenas mais um exemplo. Antes disso, teve a oportunidade de me expor como espiã ao seu pai, mas não fez nada. Podia ter deixado aquele rapaz me esfaquear em Limeros, mas o impediu. Você me defendeu quando Aron expôs a perda de minha castidade. Caso contrário, o rei teria me expulsado. E não contou sobre a adaga nupcial que o príncipe Ashur me deu.

Cleo falava como se ele tivesse feito aquelas coisas de propósito para ajudá-la.

— Está imaginando gentilezas onde não existem.

— Foi você que escolheu chamar de *gentileza*. Tem certeza de que não é isso mesmo? — Ela observou seu rosto, fazendo-o se sentir nu e exposto, como se as máscaras que levara tanto tempo para construir estivessem desmoronando como castelos de areia ao vento.

— Você não sabe nada a meu respeito — ele vociferou. Pela primeira vez, amaldiçoou o fato de ter bebido em excesso. Precisava da mente clara diante dos inimigos.

Por que se dera o trabalho de entrar? Apenas para impor sua vontade sobre aquela garota? Para fazê-la lembrar que não tinha poder algum? Para intimidá-la na tentativa de recuperar sua própria força?

Isso só o tornava mais fraco do que antes.

— Tudo o que posso fazer agora é pensar — Cleo disse depois de um longo silêncio. — O dia todo, a noite toda. Penso em tudo o que aconteceu e repasso tudo na cabeça. E sabe o que acho, Magnus?

Por que ele continuava ali ouvindo o que ela estava dizendo? Precisava sair daquele lugar.

— Não me importo com o que acha.

— Acho que odeia seu pai. Você o odeia quase tanto quanto eu.

Ele demorou um instante para se dar conta de que estava sem fôlego.

— Se estiver certa, que diferença faz? — finalmente conseguiu dizer.

— Toda a diferença do mundo.

Cleo estava sendo corajosa naquela noite, dizendo coisas ao homem embriagado que nunca diria ao sóbrio.

Ele não respondera diretamente, mas também não havia negado.

— Você não é como o rei — ela afirmou com toda a calma quando ele não respondeu.

Magnus se virou.

— Você está errada. Sou *exatamente* como o rei. Desejo ser um homem tão grandioso como meu pai. É tudo o que sempre quis.

Ela tocou o braço de Magnus, que recuou.

— Você deseja ser como um homem que corta a face de uma criança como castigo por uma malcriação sem importância?

Lançando um olhar feio para Cleo, ele levou a mão à cicatriz. Nunca devia ter contado essa parte de seu passado. Tinha exposto mais uma fraqueza, que ela

estava usando contra ele.

— O que acha que está fazendo, me dizendo essas coisas?

Ela mordeu o lábio antes de responder.

— Apenas tentando ter uma conversa civilizada com você.

Já bastava.

— Então esta conversa civilizada felizmente chegou ao fim. — Magnus levantou e começou a sair. Mas, de repente, Cleo estava de pé, bloqueando seu caminho.

— Eu não terminei — ela disse.

— Ah, terminou, sim.

— Não, não terminei.

Já estava farto. Ele a pegou pelos braços, a virou e empurrou até encostar no mosaico. A deusa se agigantava sobre ela, uma guardiã temível, onipotente, tomando conta da princesa auraniana.

— Não há bondade dentro de mim, princesa, então por favor não perca tempo fantasiando que possa haver.

— Lucia é sua irmã, e ela não é má — Cleo disse.

— Quer a verdade, princesa? Lucia é adotada. Não temos o mesmo sangue, embora isso não faça diferença para ela. Tenho certeza de que ouviu os rumores; um irmão que deseja a própria irmã. É tudo verdade. Mas não se preocupe. Ela não está maculada com a ideia de que algum dia possamos ficar juntos. A fantasia era apenas minha, não dela. Ela sente tanta aversão por mim quanto você. É algo que tem em comum com a garota de quem está tentando ficar amiga.

Cleo parecia chocada. Ele sabia que essas confissões estavam saindo de seus lábios como vinho de um barril aberto, mas não se importava mais.

— Devo admitir que ela não me tortura mais como antes, dia e noite — ele continuou. — Ultimamente meus sonhos mais perturbadores não têm sido com minha irmã de cabelos escuros, mas com uma princesa de cabelos claros e dourados. — Magnus pegou uma mecha do cabelo de Cleo, que ia até a cintura, e a torceu em volta do indicador. Ficou olhando para ela, paralisado. — Sonhos com aquela a quem fui preso contra minha vontade.

Ela arregalou os olhos azuis.

— Você sonha comigo?

Ele voltou a encará-la.

— Apenas pesadelos.

Magnus desejava que fossem apenas pesadelos.

Tentou se afastar dela, mas Cleo agarrou sua camisa.

— Em vez de brigar o tempo todo — ela sussurrou —, podíamos encontrar um jeito de ajudar um ao outro. É possível que tenhamos objetivos similares.

Essas palavras eram mais do que suficientes para assinar sua sentença de morte. Será que ela era tão estúpida a ponto de dizer aquelas coisas ao filho do rei?

Ou será que o conhecia tão bem que se sentia confiante para ser tão ousada?

Cleo queria o trono de volta. Sobre isso não havia dúvida. Queria que o reino voltasse para sua família, e queria o pai dele morto para que nunca mais pudesse ferir ninguém que ela amasse. Lutava por isso em silêncio, mas com ardor, a cada dia, em cada palavra que dizia.

E, naquele momento, parecia a garota mais corajosa e mais bela que ele tinha visto.

Os efeitos do vinho ainda percorriam sua mente e seu corpo, e o mundo cintilava à sua volta. Mas um pensamento era bem nítido.

Aquela princesa, que o encarava naquela noite com mais esperança do que ódio no olhar… Se ele permitisse, ela poderia destruí-lo.

Magnus escorregou as mãos por seu vestido de seda e envolveu sua cintura estreita. Ele podia sentir o batimento acelerado de seu coração ao pressionar o corpo junto ao dela.

A respiração de Cleo ficou trêmula quando a boca dele roçou a curva de sua orelha.

— Diga, princesa — ele sussurrou. — O que Theon diria se soubesse que me deixou chegar tão perto?

Cleo ficou sem ar e o empurrou. Os olhos dela estavam arregalados e brilhantes devido às lágrimas geradas pela dura lembrança de seu amor perdido.

Ela deu um tapa no rosto de Magnus, e a dor o impressionou. Era muito mais forte do que parecia.

— Como ousa dizer o nome dele! — ela vociferou, com lágrimas escorrendo pelo rosto.

Era a reação que ele esperava, que podia dar um fim àquele confronto perigoso.

— Não foi nenhum esforço cravar a espada nas costas dele e mandá-lo para o além. — Ele forçou um sorriso falso. — E você ainda sugere uma aliança comigo.

Como esqueceu rápido quem são seus verdadeiros inimigos, princesa. Isso me faz questionar sua inteligência.

O rosto de Cleo estava em chamas.

— Eu odeio você.

— Ótimo. Nunca esqueça seu lugar no palácio. Você continua viva apenas porque meu pai não a quer morta. Você não tem poder aqui. E, mais importante: não tem poder sobre mim.

Magnus viu a emoção fazê-la hesitar, mas então seu olhar se tornou desanimado e morto, a cor viva de raiva desaparecendo de seu rosto. Ela tinha levantado a guarda de novo — o que não era nenhuma surpresa quando se tratava dele.

— Muito obrigada pelo lembrete — ela disse.

— Boa noite, princesa. — Com isso, Magnus deixou o templo sem olhar para Cronus, que ainda esperava do lado de fora.

— A princesa? — Cronus perguntou.

Ele fez um sinal com a mão.

— Deixe-a rezar até cansar. Não me importo com o que ela faz.

— Suas opiniões mudaram muito no breve período que passou lá dentro.

— Nada mudou. Só lembrei o quanto sou indiferente àquela criatura falsa.

— Indiferente?

Magnus olhou com severidade para Cronus.

— Sim.

— Se é o que diz…

Ele voltou ao palácio pelas ruas escuras da cidade sem fazer mais nenhum desvio por lugares perigosos.

Assim que chegou, foi direto ao pátio para ficar sozinho com seus pensamentos sombrios. Ainda havia uma névoa ébria em sua mente, mas ele sabia que a manhã traria arrependimentos por ter revelado tantas verdades secretas.

A verdade sobre a adoção de Lucia e seus sentimentos por ela.

E a verdade sobre Cleo.

*Que* verdade sobre Cleo? Não havia verdade nenhuma. Ela não passava de uma garota com quem fora obrigado a se casar. Mas, se não sentia nada por ela, por que continuava a protegê-la? Não tinha se dado conta de que era isso que estava fazendo até ela tocar no assunto, mas a princesa tinha razão. Repetidas vezes, optara por mantê-la em segurança.

Magnus se lembrava nitidamente do encontro com Theon Ranus. Foi a primeira pessoa que matou. Na época, não sabia que Theon estava protegendo Cleo não só por ser um guarda do palácio enviado para resgatar a princesa em uma terra perigosa, mas porque a amava. E ela o amava também.

Não foram apenas as ordens de seu pai que mandaram Magnus para lá naquele dia. Foi o destino. Na época, ele era apenas um garoto sem experiência em batalha.

Magnus matou o guarda para salvar a própria vida. Não se arrependia nem um pouco… exceto pelo puro ódio nos olhos de Cleo depois que a tarefa foi executada.

Mas ela era a filha do inimigo de Limeros. Seu pai havia conquistado o reino de Cleo, e ela deveria ser grata a ele por deixá-la viver mais um dia.

O fato de ter dedicado um único pensamento a ela quando havia tantas coisas mais importantes com que se ocupar era mais do que ridículo.

Andando de um lado para o outro no pátio, disse a si mesmo que ela não passava de um inconveniente.

— Minha nossa, príncipe Magnus, você parece muito chateado. Está tudo bem?

Ele se virou e viu a princesa Amara sentada nas sombras, em um banco próximo. A luz da lua refletia em seus cabelos escuros e nas joias que usava no pescoço.

— Peço desculpas. Não notei que estava aí — ele disse.

Logo depois do ataque, o rei insistiu que Amara ficasse no palácio por alguns dias, achando que ainda pudesse haver rebeldes por perto. Era uma cortesia que havia feito apenas por acreditar que não havia escolha — inimiga em potencial ou não, não seria de bom tom jogar um membro da realeza aos lobos.

— Estou feliz por ter a chance de falar com você a sós — Amara levantou do banco. — Queria me desculpar pelo que aconteceu na quinta.

Magnus se esforçou ao máximo para ser o mais cordial possível, apesar do estado de ânimo em que se encontrava.

— Do que está falando?

— Do beijo. — Amara olhou para ele sem um pingo de constrangimento. — Sinto que pode ter sido uma ofensa.

— De modo algum. — Se ao menos beijos roubados por belas princesas visitantes fossem seu único problema…

Amara se aproximou.

— Você e eu temos tanto em comum, não temos? Nossos pais são homens importantes com um desejo insaciável de aumentar seu poder.

— É verdade.

Amara era totalmente diferente de Cleo. Era tão intrigante e bela quanto, sem dúvida, mas Magnus não se sentia atraído por Amara como uma mariposa por uma chama. Não tinha o poder de fazê-lo arder com um olhar, com um toque.

Ela o observou na escuridão.

— Às vezes é bom encontrar alguém com quem temos afinidade, mesmo que a situação não seja totalmente ideal. É bom encontrar consolo em alguém assim, talvez se permitir uma noite de prazer com um amigo compreensivo quando, durante o dia, o mundo está cheio de inimigos. Não concorda?

Magnus não precisava pensar muito para entender o que ela estava querendo dizer.

— Concordo plenamente — ele afirmou.

Ele a puxou para perto, e sua boca tomou a dela, mergulhando, deixando-a comandar seus sentidos.

Sim. Era exatamente do que precisava naquela noite.

# 18

# CLEO

## AURANOS

Quer o dia anterior tivesse sido bom ou ruim, o sol sempre surgia na manhã seguinte. E, por um breve instante, quando raios quentes entravam pela janela de Cleo e tocavam seu rosto, parecia que tudo tinha voltado a ser como antes. Seu pai e sua irmã estavam vivos e bem. Suas amigas estavam se preparando para festas e eventos. O palácio estava repleto de felicidade e vida.

Mas a ilusão acabou tão rápido quanto surgira, e ela lembrou que aquelas imagens não passavam de fantasmas de um passado que continuava a assombrá-la.

Mas aceitava a nova realidade. Não tinha escolha, apenas determinação. E paciência.

Nerissa chegou a seus aposentos para ajudá-la a arrumar o cabelo. A ex-costureira fora designada sua nova criada um dia antes, substituindo duas garotas limerianas terríveis. Aparentemente capaz de abrir caminho para qualquer posição no palácio, a própria garota tinha ido atrás do cargo. Era uma habilidade invejável, para dizer o mínimo, e Cleo estava grata por poder conversar com alguém que partilhasse dos mesmos segredos. Ela já havia confiado na garota para entregar uma mensagem a Jonas confirmando o interesse do rei pela Tétrade. Esperava ter mais informações para auxiliar os rebeldes em breve.

— Descobriu quantos foram mortos? — Cleo perguntou.

— Vinte e sete — Nerissa respondeu, olhando para ela através do espelho.

— São muitos. — Cleo sabia do plano para resgatar Lysandra e o outro rebelde. Nic contara sobre o acordo para ajudar Jonas e um colega a entrar no

palácio usando uniformes limerianos e conduzi-los em segurança para fora da cidade. Seu temor pela segurança de Nic quase foi maior que a confiança nas habilidades de Jonas, e ela chegou muito perto de pedir que Nic desistisse. Mas Nic insistira que era a coisa certa a fazer. Era um ato de rebeldia que o rei não podia ignorar.

E o fato de Milo e Burrus, os dois valentões que atormentavam Nic, terem sido culpados pelas explosões e estarem presos no calabouço, aguardando seu destino, não provocava nenhuma inquietação em seu coração.

Mas as vinte e sete pessoas que morreram no processo a deixavam abalada. Tantas perdas, tanto sofrimento. Será que Jonas achava que o sacrifício de tantas vidas se justificava?

— Queria que houvesse outra maneira — Cleo disse.

— Eu sei, princesa. Mas não perca a fé. Jonas só quer o melhor para todos nós.

Cleo girou o anel de ametista, tentando extrair forças dele.

— Então ele é basicamente o oposto do príncipe Magnus.

— Gosto de pensar que sim.

Lembranças da noite anterior voltaram à sua cabeça. Ela tinha ido ao templo de repente, para rezar e ficar em silêncio com seus pensamentos. Mas então *ele* aparecera.

E pensar que, mesmo por um segundo, tinha chegado tão perto de… de quê? Confiar nele? Acreditar que fosse mais do que um garoto cruel que sentia prazer em torturá-la?

Era tão tola.

— Odeio Magnus — Cleo resmungou. — Odeio tanto que mal consigo pensar direito.

Nerissa fez uma trança grossa nos cachos longos e claros da princesa e depois a enrolou em um coque frouxo na nuca antes de prender com grampos.

— Sim, esse é definitivamente o seu problema.

Havia reprovação na voz dela?

Cleo piscou, surpresa.

— Como é?

— Ódio é como fogo. Queima quem o cultiva. E é muito difícil enxergar verdades mais proveitosas através de suas chamas.

Nerissa tinha uma sabedoria que ia além de seus dezoito anos.

— Você está completamente certa — Cleo disse, com a testa franzida enquanto se recordava da conversa com o príncipe. Deixou de lado as chamas

ofuscantes do ódio pelo garoto que usara a morte de Theon para atingi-la, fazendo-a se arrepender profundamente de ter pensado que podia confiar nele.

Mas Cleo não tinha sido a única a expor verdades obscuras na noite anterior. Magnus revelara que Lucia era adotada — uma revelação mais chocante do que a confirmação de que sentia algo pela irmã.

Talvez ele tivesse se dado conta de que estava se abrindo demais, descascando as odiosas camadas que revelavam quem realmente era. O príncipe sabia que precisava se afastar dela antes que revelasse demais sobre si… e sobre o que tinha em comum com Cleo.

E tinha conseguido.

Mas aquele era um novo dia.

Cleo se deixara manipular pela lembrança da morte de Theon, e Magnus conseguira afastá-la quando chegou perto demais.

Nerissa estava certa. Fogo queimava. Fogo cegava.

*Muito esperto, Magnus,* ela pensou. *Muito esperto.*

Mas não esperto o bastante.

A cada passo que dava na direção dos aposentos de Magnus, Cleo oscilava entre confiar e duvidar do que estava prestes a fazer.

O comportamento natural de Magnus era azedo, seus modos eram desagradáveis. Mas ele também a tinha salvado. Ajudado. Guardado seus segredos.

Devia haver mais alguma coisa nele.

Quando chegou na porta, permitiu-se um momento de hesitação.

*Posso fazer isso*, ela disse a si mesma. *Preciso ser forte.*

Ela levantou a mão para bater, mas, antes de encostar na porta, ela se abriu, e Cleo se viu frente a frente com a princesa Amara.

Amara abriu um sorriso.

— Bom dia, Cleo.

Aturdida, Cleo ficou ali parada, sem reação.

— Amara, eu… não esperava ver você aqui. — Ela então viu as amarras parcialmente desatadas do vestido da outra princesa.

Amara franziu a sobrancelha.

— Ah, querida. Isso não é um problema, é? Pelo que ouvi dizer, imaginei que essas questões não fossem importantes para você.

Cleo olhou para além de Amara e viu Magnus se aproximando da porta. Estava com o cabelo escuro despenteado e sem camisa, revelando mais pele

descoberta do que já tinha visto antes.

A constatação de que os dois tinham passado a noite juntos a atingiu como um peso de chumbo.

— A que devo tão inesperada visita, princesa? — Magnus se apoiou no batente, não demonstrando nenhum sinal de que tivesse dificuldade para se recuperar de todo o álcool consumido na noite anterior. Pelo jeito, o bom vinho paelsiano não provocava nenhum efeito colateral além de língua solta, segredos espalhados e falta de julgamento sobre com quem se compartilhava a cama.

Cleo lutou para encontrar palavras para preencher o silêncio.

— Depois das palavras duras de ontem à noite, achei que devíamos conversar de novo. Mas estou vendo que está ocupado com outras coisas.

— Eu já estava de saída. — Amara lançou um olhar preocupado a Magnus por entre os cílios fartos. — Por acaso ultrapassei algum limite?

— Nenhum limite que eu não quisesse que ultrapassasse. — Magnus colocou o braço em volta da cintura dela, puxou-a para perto e a beijou. — Vejo você de novo em breve.

— Bom dia, Cleo. — Amara sorriu, passou por ela e seguiu pelo corredor. Cleo ficou observando até ela desaparecer.

Ela sabia da conversa que Nic tivera com os irmãos Cortas na quinta alguns dias antes, e aquilo tinha feito sua cabeça entrar em parafuso, cheia de possibilidades e dúvidas ao mesmo tempo. Sabia que teria muito em que pensar antes de tomar qualquer decisão ou fazer alianças, não importava quanto poder prometessem.

Pelo que tinha visto naquela manhã, no entanto, parecia que a princesa Amara estava oferecendo alianças a todos.

— Ela é muito bela, não é? — Magnus disse. — Sua beleza me faz pensar por que nunca cogitei visitar Kraeshia. Preciso me lembrar de ir em breve. Enfim, você disse que queria falar comigo? Não imagino o que temos para discutir.

Cleo olhou feio para ele.

— O que os criados vão dizer?

— Sobre?

— Você não se importa com os rumores que vão espalhar? Já existem tantos sobre você e Lucia… Agora vão começar a dizer que você e eu não compartilhamos a mesma cama!

Ele a observou com desinteresse.

— Sinto muito, princesa, mas tenho certeza de que já estão bem cientes desse fato. Além disso, os criados podem falar o que quiserem, não me importo. Nosso casamento não significa nada. Não compartilhamos nada além de um arranjo infeliz que nenhum dos dois escolheu. É no mínimo risível que esteja surpresa por eu dividir a cama com outra pessoa. — Ela tinha um olhar furioso que o fez gargalhar. — Eu mereço outro tapa? Nem tente; desta vez posso dar outro em troca.

Por que ela tinha ido até lá? Era inútil tentar racionalizar com aquela criatura odiosa.

— Eu não desperdiçaria minha energia.

— Excelente. Agora diga o que tem para dizer e acabe logo com isso. Preciso me vestir.

Outro lembrete desnecessário de que Magnus estava seminu.

— Não é nada — ela respondeu. — Foi um erro.

— Ah é? Ou será que encontrar Amara eliminou temporariamente quaisquer outros pensamentos de sua cabeça? Ficou incomodada de encontrá-la aqui? — Ele sorriu, exibindo os dentes como um predador. — Não diga que está com ciúmes, porque não vou acreditar.

O rosto dela ardeu com a mera sugestão.

— Não estou com ciúmes, Magnus. Estou horrorizada. Enojada. Constrangida.

— É uma ladainha e tanto de emoções. São tantas, princesas, e todas direcionadas a mim e àquela com quem escolhi dormir. Interessante.

O fogo de seu ódio *era* ofuscante. Cleo mal podia ver através das chamas, mas uma explosão de riso escapou de seus lábios.

— Acredite em mim, príncipe Magnus, não me importo com quem dorme. Seja criada, cortesã ou… uma *cabra*. É menos do que insignificante para mim.

— Duvido muito que optaria por uma cabra.

— A mim não parece.

Ele curvou os lábios e se aproximou dela.

— Sua língua está muito afiada a esta hora da manhã. A de Amara era bem menos afiada. Eu sei porque a conheci muito bem ontem à noite.

Cleo já estava cansada daquelas bobagens. Ela se virou, fechando as mãos em punho para impedi-las de tremer.

— Tem certeza de que mudou de ideia quanto àquela conversa? — ele acrescentou em voz alta.

Ela continuou andando e não se dignou a responder.

Cleo procurou um rosto amigo no palácio que a ajudasse a enxergar melhor as coisas.

Viu Nic perto da sala do trono e fez um sinal para encontrá-la no corredor, onde poderiam conversar com mais privacidade. Depois do que tinha acabado de testemunhar, suspeitava de tudo.

— O que foi? — ele perguntou quando conseguiu escapar do posto.

Cleo soltou um suspiro longo e trêmulo e tentou liberar o ódio que queimava sem parar dentro dela. Olhou para Nic e hesitou diante dos ferimentos em seu rosto.

Ela tocou sua face com cuidado.

— Parece muito dolorido.

— Dói menos a cada dia. Estou bem, na verdade. Mas parece que você está tendo uma crise de ansiedade hoje.

— É mais decepção. Nossa aliada em potencial parece estar dormindo com o inimigo. — Ela contou a ele sobre seu encontro recente.

— Uau. — Nic ergueu as sobrancelhas. — Mas, agora que mencionou, ouvi dizer que as garotas kraeshianas são famosas por serem um tanto… *amigáveis*. Parece que Amara representa bem seu império, mesmo que tenha um gosto questionável.

Cleo fez uma careta.

— Me faz imaginar o que ela realmente quer, e se ela e o irmão têm objetivos diferentes.

Nic pareceu considerar essa nova informação.

— Talvez ela acredite que Magnus pode levá-la à Tétrade. Será que Amara acha que ele guarda os cristais debaixo das cobertas?

Cleo olhou feio para ele.

— Não tem graça.

— Eu nunca ousaria fazer piada com uma coisa dessas. — Mas seus lábios estavam se curvando de leve.

Nic já tinha demonstrado ciúmes do comportamento dela em relação a Magnus na excursão de casamento. Mas foi obrigado a entender que era necessário fingir um certo grau de afeto. Mesmo assim, ele a havia acusado de ter se apaixonado pelo príncipe.

Que ideia mais *ridícula*.

Ela ainda tinha uma curiosidade insaciável sobre a relação de Nic com o príncipe Ashur. Além da confissão sobre o beijo, ele não parecia inclinado a revelar muita coisa. Cleo tentou ser paciente. Ele já havia confiado tanta coisa a ela, e Cleo tinha certeza de que contaria mais se houvesse o que contar.

— Não confio neles, Nic. Não posso me aliar a alguém em quem não confio. Então, o que devo fazer agora?

— Bem que eu queria saber.

Ela sentiu sua vida e seus objetivos espiralando para além de seu controle.

— Preciso de um sinal. Algo que me diga o que fazer. Algum sinal que me diga que ainda há esperança para nós.

Nesse exato momento, as portas da sala do trono se abriram, e vozes ecoaram pelo corredor. Cleo espiou e viu o rei sair, seguido pelo belo rapaz designado como novo tutor de Lucia. Lucia passara o dia anterior inteiro trancada em seus aposentos com o garoto, dando início às aulas particulares.

O teor das aulas não fora revelado a ninguém, mas muitos criados tinham começado a cochichar que envolviam o talento secreto e perigoso da princesa Lucia com os *elementia*.

Fosse qual fosse a verdade, Cleo entendia por que Lucia parecia tão ansiosa para se dedicar aos novos estudos. Seu tutor era alto e esguio, e incrivelmente encantador. Seus traços pareciam forjados de metais preciosos — cabelos cor de bronze e olhos prateados. A pele brilhava com um bronzeado dourado etéreo, como se iluminada por dentro.

— Sabe alguma coisa sobre ele? — Cleo perguntou a Nic.

— Não muito. Pelo jeito, Lucia o encontrou na cidade depois da fuga dos rebeldes. Ela o trouxe para o palácio, e o rei o recebeu de braços abertos. Algo improvável, em se tratando de Gaius. — Nic olhou para a dupla com desdém. — Conhecendo sua majestade, dou a Ioannes uma semana, talvez duas, até que esteja morto.

*Ioannes*. Ela já tinha ouvido aquele nome de passagem, mas sua mente estava tão ocupada com uma série de outros problemas que não conseguia se lembrar do contexto.

De repente, o nome ressoou profundamente dentro dela.

Cleo prendeu a respiração ao se lembrar do que Lucia confessara quando passearam juntas pela cidade.

*Um vigilante chamado Ioannes visitou meus sonhos. Era o garoto mais bonito que já vi. Ele prometeu me visitar de novo depois que eu acordasse, mas não o vi mais desde então.*

— Cleo? — Nic tocou o braço dela. — Você ficou pálida. O que foi?

Ela encarou aqueles olhos preocupados, e um sorriso surgiu lentamente em seu rosto.

— Sabe aquele sinal de que eu precisava, para me dar esperança? Acho que acabou de sair por aquela porta.

# 19

# LUCIA

## AURANOS

O rei concordara de imediato que Ioannes fosse tutor dos *elementia* de Lucia.

Ainda assim, de algum modo, Lucia não se dera conta de que essa decisão resultaria em aulas *de verdade*, achando que se tratava apenas de uma desculpa para Ioannes permanecer no palácio.

No início, ainda em Limeros, Magnus tentara ajudá-la com sua magia — encorajando-a a usar magia do ar para levantar objetos mais pesados que flores, invocar magia do fogo para algo mais poderoso do que acender uma vela. Apesar de todas as dificuldades recentes com o irmão, Magnus tinha sido o primeiro a encorajá-la, a ajudá-la a aceitar os poderes que floresciam em vez de julgá-los malignos como os das bruxas que eram executadas por seus crimes. Por isso, seria sempre grata a ele.

Mais recentemente, o rei havia libertado uma suposta bruxa do calabouço, na esperança de que ela pudesse ajudar sua filha a aprender a controlar suas habilidades.

Mas a bruxa não havia sido uma tutora adequada. Era absurdamente fraca e se intimidou com facilidade pela magia muito superior que Lucia demonstrou com pouco esforço. E esse foi seu fim.

Ioannes era muito diferente. Afinal, como imortal, tinha sido *criado* a partir da magia. Mesmo em sua forma mortal ele a manifestava. Apesar de ter admitido de imediato que sua magia não era nada em comparação aos *elementia* proféticos de Lucia, tinha total confiança de que poderia ajudá-la. E a seu pai.

Ele e Lucia haviam compartilhado um dia inteiro de aulas, do nascer ao pôr do sol, trancados nos aposentos da princesa com os móveis e os tapetes afastados

para os cantos, abrindo espaço suficiente para se movimentarem livremente no chão de mármore liso.

Assim como o método de ensino de Magnus, Ioannes fez Lucia levantar objetos com a magia do ar e usar a do fogo para criar pequenas chamas. Ela usou magia da água para criar gelo, e da terra para trazer plantas moribundas de volta à vida.

— Posso curar sua perna — ela disse, notando que Ioannes mancava de leve desde sua chegada. — Posso tentar?

Ioannes esfregou os dedos junto ao tecido da calça.

— Receio que não seja possível. Esse corte terá de se curar como o de um mortal. Magia da terra… magia de cura, minha ou de outra pessoa, não deve funcionar mais em mim. — Ele tentou abrir um sorriso quando viu o olhar de desalento dela. — Tudo bem. Existem muitas penalidades quando se abandona o Santuário. Essa é apenas mais uma delas. Vou ficar bem, prometo.

— Não aceito isso. Gostaria de tentar mesmo assim — ela insistiu.

— Muito bem, minha feiticeira teimosa. Tente. — Ele puxou a calça e desenrolou as bandagens. Lucia se contraiu ao ver o corte em sua pele dourada e perfeita. Deixou a surpresa de lado e se concentrou, canalizando o máximo de magia da terra que podia para o ferimento, assim como fizera ao curar Magnus quando ele fora terrivelmente ferido durante o cerco para tomar Auranos.

Mas, apesar de ter tido sucesso com Magnus, o mesmo não aconteceu com Ioannes. Lucia continuou tentando até ficar exausta.

— Chega, princesa. — Ele finalmente segurou o pulso dela. — Nossa última lição do dia é: você não pode ganhar todas as batalhas.

Mais do que tudo, estava irritada com o fracasso. E odiava que Ioannes estivesse ferido e ela não pudesse ajudar a aliviar sua dor. Aquele tinha sido o fim da aula do dia anterior. Lucia ficara tão exausta, com a mente tão tomada pelas trevas que costumavam surgir quando utilizava sua magia, que o corpo doía. Queria dormir por uma semana.

Mesmo assim, sua cabeça flutuava, e ela estava encantada com a realidade de ter Ioannes ali, em carne e osso. Tanto que, ao deitar na cama naquela noite, olhando para a cobertura de seda sobre sua cabeça, ela se deu conta de que mal havia perguntado a Ioannes sobre… bem, sobre *nada*. Não tinham conversado sobre nada além das aulas e das promessas de mostrar a cidade a ele. Prometeu corrigir isso no dia seguinte.

Ele chegou pouco depois de Lucia terminar seu leve desjejum, com chá, iogurte e pêssegos fatiados. A criada que levara a bandeja até seus aposentos olhava para ela e para Ioannes com curiosidade, fazendo Lucia rapidamente dispensá-la e trancar a porta para ter privacidade.

Ioannes passou os olhos pelo rosto dela.

— Você parece… bastante determinada hoje.

— E estou — ela concordou. — Você se encontrou com meu pai ontem à noite?

O rei insistira que o vigilante exilado o mantivesse atualizado ao fim de cada sessão diária. Provavelmente gostaria de monitorar as aulas em pessoa, mas Lucia não concordaria. Por sorte, ainda não havia sugerido isso.

— Sim. Eu disse que a filha dele está indo muito bem, e que o rei deveria se orgulhar. — Ele caminhou pelo quarto espaçoso, observando a cama com dossel, a penteadeira, a área de leitura e estudo atrás de uma passagem arqueada à esquerda, e as portas abertas da varanda, que deixavam entrar ar fresco e luz do sol. — Hoje vamos trabalhar aqui de novo, mas acho que amanhã devemos ter aulas ao ar livre, para ficar mais perto da natureza. Mais perto dos elementos.

— E quanto a Melenia? — Lucia perguntou.

Ioannes ficou imóvel e olhou para ela, franzindo a testa.

— O que tem ela?

— Ela entrou em contato com você?

— Na verdade, sim. Ela visitou meus sonhos ontem à noite pela primeira vez desde que saí do Santuário. Ficou muito satisfeita ao saber que eu havia chegado e feito contato com o rei. E, é claro, com você.

Quando se encontraram na cidade, Ioannes não mencionara que era mensageiro de outra bela imortal que possuía ligações misteriosas com seu pai. Ele dissera apenas que havia se exilado para ficar com ela. Porque a amava. Quando admitiu ao rei, na sala do trono, o verdadeiro propósito de sua chegada, Lucia foi pega de surpresa e ficou em dúvida sobre como deveria se sentir.

Sabia que não estava a par de muitas peças do quebra-cabeça que revelava o verdadeiro motivo da chegada de Ioannes. Ela queria — não, *precisava* — reuni-las o mais rápido possível.

— O que Melenia quer? — ela perguntou, tentando atenuar as palavras com um sorriso. — E com que frequência essa bela imortal pretende visitá-lo dessa maneira tão *íntima*?

Ioannes se aproximou. Seus olhos prateados encontraram os dela, e Lucia percebeu que continham um toque inesperado de humor.

— Você não está com ciúmes, está?

Ela ficou furiosa.

— É claro que não.

— Melenia é uma anciã, e minha líder, mesmo depois do exílio. Ela se preocupa com meu bem-estar, principalmente nestes primeiros dias como mortal. Tente não dar importância a ela ou aos interesses de seu pai pelos vigilantes. Em vez disso, concentre-se no que é importante: ficar mais forte, controlar e desenvolver seu poder.

— Por acaso isso significa "não seja uma garota tola que faz perguntas tolas"?

— De jeito nenhum. — O humor em seus olhos não diminuiu. — É melhor começarmos a aula de hoje. Vamos acabar com um pouco dessa paranoia com que você acordou esta manhã.

Talvez ele estivesse certo.

— Tudo bem. Vamos começar.

O segundo dia de aula acabou sendo bem diferente do primeiro. Ioannes começou formando uma labareda na palma da mão direita, o que a fez lembrar daquela que criara para impressionar e, também, assustar o garoto responsável pelas explosões durante a fuga dos rebeldes. Uma lembrança que logo esqueceu. Lucia sabia que Amara estava hospedada no palácio nos últimos dias, mas não queria falar com ela. Sabendo que a outra princesa teria perguntas sobre sua magia que não estava preparada para responder, queria evitá-la pelo tempo que pudesse.

Lidaria com ela outro dia.

— Eis o que quero que faça — Ioannes disse, com o rosto iluminado pela chama tremeluzente. — Concentre-se neste fogo que criei com minha própria magia. Concentre-se com toda a sua mente. Sem usar sua magia do fogo, quero que tire esta chama de mim.

Ela demorou um instante para entender.

— Você quer que eu *roube* sua magia?

— Isso mesmo — ele disse. — É bem diferente do que fizemos ontem, que foi uma simples manifestação dos elementos.

— Sim, muito simples. — Ela ergueu uma sobrancelha.

Os lábios dele curvaram-se num sorriso.

— Para você, parece simples. No entanto, garanto que este desafio será um pouco maior. Pense em sua magia como um músculo invisível que, quando fortalecido, aumentará seu controle. Você mesma pode conjurar o fogo, ou pode pegar de alguém.

— Certo. Minha magia é um músculo. — Lucia observou a chama dançando na palma da mão dele. Concentrou-se com toda a força até que o mundo se fechou ao redor daquele pequeno foco de fogo. E foi capaz de sentir o calor da chama e de Ioannes.

Não da própria magia. Da magia *dele*.

Ela se concentrou o máximo que conseguiu, até gotas de suor se formarem em sua testa.

— É difícil — ela disse.

— É, sim. — Foi sua resposta irritante.

Ela se recusava a desistir. Levou vários minutos, mas, finalmente, com muito esforço, a chama desapareceu da mão de Ioannes e apareceu em sua mão.

Ela respirou fundo, depois riu aliviada.

— Consegui!

— Você conseguiu. Muito bem, princesa. — Ele assentiu, satisfeito. Depois gesticulou com a mão e extinguiu a chama. Estendeu a palma, e uma segunda chama apareceu. — Agora, faça de novo.

O riso desapareceu do rosto dela.

— De novo?

— Isso mesmo.

Ela colocou as mãos na cintura.

— Eva precisou desse tipo de aula?

Foi a vez de Ioannes rir.

— Bem, Eva era imortal, nascida da magia e do poder. A feiticeira original não era uma garota mortal cujos *elementia* só despertaram aos dezesseis anos. Então, não. Ela não precisou desse tipo de aula.

Lucia sabia que podia terminar a aula imediatamente, mas isso não a levaria a lugar nenhum. Controlar seus *elementia* era seu único objetivo, e Ioannes podia ajudá-la. Além disso, não dava para dizer que passar horas e horas com o garoto de seus sonhos era um sofrimento muito grande, mesmo que já o considerasse um mestre muito severo.

Ela focou na chama, com o cenho franzido de concentração. Dessa vez, demorou metade do tempo para roubar a magia dele. Manteve o fogo na mão e

sorriu para Ioannes.

— Ótimo — ele disse. Mais uma vez, com um gesto, o fogo desapareceu e ressurgiu na mão dele. — De novo.

O sorriso de Lucia desapareceu.

E assim foi, o mesmo exercício repetidas vezes — dez, vinte, trinta, quarenta vezes — até ela conseguir executar a tarefa com facilidade. Perto do meio-dia, Ioannes finalmente propôs um intervalo e foi para a varanda observar a paisagem que ia além das muralhas do palácio.

Ela ficou olhando para a chama, hipnotizada por sua beleza, até fechar a mão e extingui-la.

— Sabe, descobri que a biblioteca deste palácio tem muito mais livros sobre seu povo do que a de Limeros.

— *Meu* povo? — Ioannes, debruçado na varanda, olhou para trás. — Você está se referindo aos *vigilantes?*

— Acho engraçado vocês se chamarem de vigilantes.

— A maioria não chama. Só aqueles que tiveram contato com mortais, que cunharam esse título para nós. Na verdade, uma alcunha mais apropriada seria *guardiões*.

— Porque sua gente foi criada para proteger a Tétrade.

Ele a olhou com curiosidade.

— Você tem lido livros interessantes, não é?

— Alguns. Mas existem muitas lendas que foram transmitidas de geração em geração. Gerações que existiam antes dos livros. — Lucia tivera uma babá que contava, antes de dormir, histórias que nem o rei nem a rainha aprovariam… histórias de belos imortais capazes de se transformar em falcões.

— Meu povo — ele disse — foi criado para proteger o mundo todo, para ajudar a mantê-lo em segurança. Defendê-lo de qualquer coisa, ou qualquer pessoa, que quisesse prejudicá-lo. Mas alguns planos não saem como deveriam. — Lucia se juntou a ele na varanda, desfrutando da sensação do sol quente no rosto. — Originalmente, seis imortais foram criados para serem esses guardiões. São os anciãos do nosso povo, e existiram durante séculos antes dos demais surgirem.

Lucia estava satisfeita por vê-lo disposto a compartilhar novas informações.

— Melenia é uma dos seis anciãos?

Ele confirmou.

— Eva também era.

— Li que ela era a mais nova e mais ingênua.

— Não é verdade — ele disse sem hesitar. — Na verdade, Eva foi a primeira imortal criada, por isso sua magia era a mais poderosa. Todos que foram criados depois dela eram, de certa forma, um pouco… *inferiores*. Ela era alvo de muita inveja por causa disso.

Lucia franziu a testa. Não era nisso que acreditara esse tempo todo, então foi uma revelação. Eva foi a primeira?

— Não é um detalhe conhecido da lenda. Não está em nenhum livro que li.

— Não, não deve estar. Alguns preferem manter essas verdades guardadas para servir a seus próprios objetivos. — Ele se encolheu e começou a esfregar o peito como se sentisse dor ao falar.

— Você está bem? — ela perguntou.

— Estou, sim. — Um sorriso surgiu em seu lindo rosto. — Acho que você me esgotou com as aulas desta manhã.

Isso valia só para ele. Lucia se sentia energizada, pronta para mais.

Olhando para as mãos, ela disse:

— Então… minha magia é a mesma que Eva possuía. É como se fosse uma entidade distinta, que pode ser transmitida de uma pessoa para outra. Mais ou menos como fizemos com a chama?

Ioannes sacudiu a cabeça.

— Não é tão simples assim. Sua magia é uma parte de você, mas é poderosa o bastante para sobreviver à morte.

Lucia se esforçou para entender aquilo tudo e sua posição.

— Por que eu? Por que *eu* fui escolhida para receber a magia de Eva depois de todos esses anos? Por que não qualquer outra?

Ele olhou em volta do quarto como se procurasse respostas, e seu olhar parou sobre a silhueta de falcão dourado que sobrevoava a varanda ao longe. Sua expressão se tornou melancólica.

— Era para ser você, princesa. É seu destino e de mais ninguém. Mas admito que não tenho nenhuma razão tangível de *por que* foi você em particular. Simplesmente… *foi*.

— Que sorte a minha. — Ela ficou em silêncio por um instante. — Nos sonhos que compartilhamos, você me disse que minha magia poderia salvá-lo… salvar a todos da destruição. Disse que posso impedir que a magia desapareça do mundo.

Ioannes virou para ela com os olhos cheios de admiração.

— Você pode. E você vai.

— Como?

— Quando chegar a hora certa, vamos conversar sobre isso de novo. É o seu destino, princesa. Você é mais forte do que pensa.

Lucia levantou o queixo, frustrada por ele ter se recusado a contar tudo naquele exato momento.

— Eu nunca disse que não era forte.

— E nem pense em começar a duvidar de si mesma. Você é mortal, é verdade, e Eva era imortal. Mas não importa. Você nasceu para ter esse poder. Acredito nisso com todo o coração.

As palavras dele a confortaram, afastando as dúvidas.

— Obrigada.

— Mas isso não quer dizer que vou facilitar as coisas à tarde. Vamos trabalhar duro. Talvez acabe me odiando no fim do dia.

— Impossível — ela disse a ele, finalmente voltando a sorrir. Lucia olhou para o falcão que voava no céu azul. — Por que falcões?

— Como assim?

— Imortais… Vigilantes, guardiões, o que seja, podem assumir a forma de falcões. Por que não águias? Pardais? Ou até mesmo lagartos?

— Dizem que quando o criador do universo concebeu Eva, um falcão sobrevoou no exato momento em que a magia elementar formava seu corpo. O espírito do falcão se fundiu à alma dela, e à alma de todos os imortais criados depois. — Ioannes procurou uma reação nos olhos dela, sorrindo de leve. — O que posso dizer? Até entre meu povo as lendas são passadas de um para o outro.

— Em outras palavras, você não sabe ao certo.

— Não. Não totalmente. No entanto, a sensação de assumir forma de falcão e voar bem alto no céu para ficar de olho em vocês, mortais, não se compara a nada no mundo.

— Tenho certeza disso. — Ela não podia nem imaginar como devia ser incrível voar bem alto, para longe de todos os problemas terrenos. — Sinto muito por ter abandonado isso.

Uma sombra atravessou o rosto dele.

— Não sinta. Não existe outro lugar onde eu deva estar além de aqui, agora, com você. Acredite, princesa, é a mais pura verdade. — Ele pegou a mão de Lucia e a apertou. O coração dela parou por um instante, e os olhos dos dois se encontraram. — Agora, podemos retomar a aula?

Antes que pudesse responder, alguém bateu na porta. Irritada, ela perguntou:

— Quem é?

— Só tem um jeito de descobrir — Ioannes disse.

— Os criados sabem que não devem nos incomodar. — Com relutância, ela se afastou de Ioannes e atravessou o quarto para destrancar a porta.

— *Você* — Cleo disse sem esperar Lucia cumprimentá-la. — Estou muito zangada com você.

Lucia ficou surpresa com essa saudação inesperada.

— Hã?

— Não a vejo há *dois dias*! Nem uma palavra desde o caos no dia das execuções. Fiquei sabendo pelas criadas que você tinha voltado ao palácio sã e salva. Não podia esperar nem mais um instante para ver com os próprios olhos, então vim até aqui. Agora, vejo que está ótima. Na verdade, está especialmente bonita hoje. Nem consigo dizer como estou aliviada. — Ela abriu um sorriso para Lucia.

Lucia estava achando Cleo exuberante e simpática. Mesmo assim, continuava acreditando que precisava ter cuidado com ela. Mas não podia negar que, depois de uma longa manhã de aulas, Cleo era uma visão agradável, mesmo interrompendo seu tempo com Ioannes.

— Está tudo bem — Lucia disse. — Obrigada por passar aqui para me ver.

Parte dela desejou visitar Cleo no dia anterior, depois que Ioannes lhe dera boa noite, na esperança de apaziguar a escuridão que crescia dentro dela por utilizar muito mais magia do que estava acostumada. Ela sabia que um simples instante com a princesa tinha o poder de afastar aquele sentimento.

Em vez de ir até lá, ficou esperando, depois de decidir que ainda era cedo demais para confiar totalmente na cunhada. A escuridão desapareceu sozinha depois de um tempo, permitindo que ela pegasse no sono.

— Ouvi dizer que seu novo tutor é lindo — Cleo disse, olhando para além de Lucia. — E aqui está ele.

Lucia olhou para trás e viu Ioannes parado em silêncio no centro do quarto.

— Sim, aqui está ele.

— O nome dele é Ioannes — Cleo disse.

— Isso mesmo.

— É o mesmo nome do vigilante sobre o qual me contou. — Lucia virou, e o olhar de Cleo encontrou seus olhos sem piscar. O coração de Lucia começou a

bater com força e rápido. — Parece que ele é real, e não apenas um sonho — Cleo concluiu.

Lucia agarrou o braço de Cleo e a puxou para dentro do quarto. Confiara esse segredo a ela em um momento de fraqueza, sem imaginar que Ioannes apareceria de verdade.

— Eu não devia ter contado sobre ele.

— Não se preocupe. — O sorriso de Cleo estava calmo quando estendeu o braço para segurar a mão de Lucia. Imediatamente, uma sensação de serenidade se espalhou por ela. — Não vou contar a ninguém. Juro.

Lucia observou o rosto de Cleo e encontrou apenas sinceridade.

— Ótimo.

Ioannes se aproximou das duas.

— Vai nos apresentar? — perguntou a Lucia.

— Claro. — Lucia se apressou em retomar os bons modos. — Ioannes, esta é a princesa Cleiona, *Cleo*, esposa do meu irmão. Cleo, este é Ioannes.

Cleo abriu um sorriso simpático e estendeu a mão.

— É um prazer conhecê-lo.

— O prazer é meu. — Ioannes pegou a mão de Cleo e franziu a testa.

Lucia ficou encantada ao ver aquilo — um garoto ancião que parecia não saber como cumprimentar uma princesa desconhecida.

— Está tudo bem? — Cleo perguntou depois de um momento, quando Ioannes não soltou sua mão.

Ele só franziu ainda mais a testa.

— É que… seu anel. — O olhar inquisidor dele encontrou os olhos dela.

Cleo puxou a mão e a escondeu nas costas.

— Preciso ir. Não quis incomodar vocês.

Lucia observou os dois, confusa.

— O anel? Do que está falando?

Ioannes continuou encarando Cleo.

— Onde arrumou isso? Onde encontrou o anel?

— Não sei do que está falando. É o anel da minha mãe, passado de geração em geração. É uma herança de família.

— É claro — Ioannes murmurou, como se falasse consigo mesmo. — É tudo uma questão de destino, não é? Você está aqui. Lucia está aqui. Melenia já devia saber disso, com certeza. Mas *eu* não sabia.

— Bem — Cleo interrompeu, com um sorriso frio nos lábios. — Preciso ir. Tenham um ótimo dia.

Ela virou para a porta e a abriu com cuidado, mas Ioannes correu para bloquear a passagem. Ele fechou a porta e virou a tranca.

— Não tão rápido, princesa — ele disse.

— Explique-se agora mesmo, Ioannes — Lucia exigiu, chocada com a grosseria inesperada. — O que tem no anel de Cleo para você agir de maneira tão estranha de repente?

Ioannes olhou para ela e respirou fundo, esfregando o peito de novo, como se a marca dourada em sua pele causasse profundo desconforto. Devagar, recuperou o controle de sua expressão.

— Eva possuía um anel que a ajudava a controlar a superabundância de magia. Dizem que o anel foi criado a partir de *elementia* puros, retirados da própria Tétrade. Desse modo, permitia o contato direto com a Tétrade sem nenhum efeito maligno. Mas, depois de sua morte, o anel se perdeu. — Ele olhou para Cleo, que ainda mantinha a mão atrás do corpo. — Mas aqui está ele. Na mão da esposa do seu irmão.

# 20

# CLEO

AURANOS

Cleo se lembrou do que sentiu quando estava na plataforma perto do palco de execução e as explosões começaram, fazendo nuvens brilhantes e ardentes de fumaça se elevarem diante de seus olhos.

O mundo explodia à sua volta.

Ela lutou com toda a força que lhe restava para permanecer impassível diante das revelações do vigilante.

Ele *sabia*. Não havia como negar, não era possível sair ilesa daquela situação. Chegara ao fim da linha.

Tinha sido muita tolice pensar que poderia usar o anel sem que ninguém soubesse o que era, que estaria mais seguro em seu dedo do que atrás de uma pedra na parede de seus aposentos particulares.

Mas não podia se desesperar, ou tudo estaria perdido. Não podia deixar transparecer que conhecia o segredo do anel esse tempo todo e já tinha até visto uma ilustração dele em um livro muito antigo sobre a feiticeira original. Cleo arrancou a página com o desenho e a queimou, para que ninguém mais o visse, mesmo sofrendo ao pensar em como Emilia teria ficado horrorizada ao saber que ela destruíra um pedaço, ainda que pequeno, dos raros volumes do palácio. Sua irmã amava livros.

E Cleo amava Emilia.

Ela se apegou a esse amor, para que a fortalecesse naquele momento de desespero.

Lucia ficou em silêncio por um tempo, olhando para Cleo em choque, confusa.

— Você sabia disso? — ela finamente perguntou.

*Fique calma*, Cleo ordenou a si mesma. *Não perca tudo o que se esforçou tanto para conquistar.*

Ela olhou para o anel de ametista, forçando uma expressão confusa. Então levantou as sobrancelhas e olhou para a outra princesa.

— Se eu sabia que o anel que meu pai me deu instantes antes de morrer em meus braços pertenceu a uma feiticeira lendária? Não. — Ela virou para o vigilante e estendeu a mão corajosamente na direção dele. — Acredita mesmo que isto, o anel da minha mãe, é o anel de que está falando?

Ela viu confusão no rosto dele também, o que ajudou a diminuir um pouquinho seu medo. Se fosse descoberta como mentirosa e manipuladora nas tentativas de se aproximar de Lucia, seria o fim de tudo.

A ironia era que, sinceramente, começara a gostar de Lucia, apesar de sua terrível família.

*Não era sua família de verdade*, pensou, lembrando-se da confissão embriagada de Magnus. *Ela é uma Damora apenas no nome, não no sangue.*

— É este anel — Ioannes disse com certeza. — Posso sentir seu poder. Este anel, junto com sua magia, princesa, pode despertar a Tétrade — ele falou para Lucia.

Lucia virou para ele, com os olhos arregalados.

— Não pode estar falando sério.

Cleo nunca vira um garoto com a expressão mais séria do que Ioannes naquele momento.

— Você disse que queria saber sobre Melenia: o que ela me diz e o que discutiu com o rei. Eu queria esperar, mas agora… isso faz parte da profecia. O rei sabe que sua magia é a chave para o que mais deseja: possuir a Tétrade, que, ele acredita, trará um poder infinito sobre este mundo. Melenia o orientou em muitos sentidos, mas ela tem um segredo que o rei desconhece. Que o rei *não pode* saber.

Cleo ficou quieta como um cadáver. Ioannes continuou a falar como se ela não estivesse no quarto, como se não se importasse que ela ouvisse tudo.

Talvez não a visse como uma ameaça, apenas como uma garota desavisada em posse de um anel com um histórico longo e mágico.

*Ótimo.*

— O que é? — Lucia segurou a mão dele, olhando para seu rosto tenso. Também não parecia preocupada com a presença de Cleo diante daquelas revelações.

Cleo mal respirava, esperando a resposta.

— O rei não pode tomar a Tétrade para si — Ioannes declarou. — Isso não será permitido. Eu disse que os vigilantes são guardiões. Faz um milênio que procuramos os cristais perdidos, sem êxito, sempre com o objetivo de devolver a Tétrade ao Santuário, onde deve ficar, onde sua magia estará segura e protegida. Sua ausência durante todos esses anos resultou em um lento esmaecimento dos mundos — tanto o de vocês quanto o nosso. A magia… a própria vida se esgotou. Dá pra ver no congelamento de Limeros, na aridez das terras de Paelsia, onde as pessoas passam fome. E aqui, em Auranos, a temperatura está subindo constantemente. Pode não parecer tão drástico agora, mas logo o calor será insuportável. Depois disso, esse esmaecimento se estenderá para além das costas de Mítica até terras e mundos distantes. Mil anos de enfraquecimento da magia, e a única solução é a Tétrade voltar para seu lar de direito. Todo esse tempo, a peça que faltava era você, princesa. Sua magia iluminará o caminho. E o anel vai ajudar.

A cabeça de Cleo estava girando. Ela não sabia ao certo se acreditava no discursinho de Ioannes, embora a previsão sobre Auranos fosse um tanto perturbadora. A Tétrade deveria ser dela, para lhe conceder a magia necessária para recuperar seu reino.

Mas se o que o recém-chegado dissera era verdade, ela tinha muito em que pensar.

— Sem o anel, eu ainda poderia encontrar os cristais? — Lucia perguntou depois de um silêncio ponderado.

— *Encontrar* talvez não seja a palavra certa. Mas, sim, seu poder é suficiente. No entanto, como a magia é tão nova para você, seriam necessários meses de trabalho e treino para desenvolver a habilidade necessária. Mas agora… tudo mudou. — Ioannes esfregou o peito e começou a andar de um lado para o outro em linhas curtas, com a testa muito franzida. Finalmente, olhou para Cleo, com a expressão mais curiosa do que acusatória.

— Sabe alguma coisa sobre isso?

Com a atenção de novo sobre ela, Cleo levantou o queixo e fingiu pensar, perguntando-se quão transparente deveria ser. Qual era a capacidade dos vigilantes para captar mentiras?

— Eu sei sobre a Tétrade, é claro, através de lendas e histórias. Até cheguei a conhecer uma vigilante exilada alguns meses atrás, em Paelsia, quando estive lá buscando uma cura para a doença de minha irmã. — Era melhor ter uma

camada de verdade para ajudar a encobrir qualquer mentira. Ainda assim, lembrar daquilo fazia seu coração doer. — Ela me contou uma história, um conto realmente fantástico…

— Sobre o quê? — Ioannes perguntou quando ela parou de falar, sem saber quanto queria revelar.

Ela passou a língua pelos lábios secos e se forçou a falar em um tom de voz confiante, mesmo não se sentindo assim.

— Sobre Eva e o caçador mortal que ela amava, a criança nascida dos dois, perdida depois da morte da mãe. E sobre as deusas e o fato de não serem de fato deusas, mas imortais que roubaram a Tétrade e assassinaram Eva. Anos depois, elas se destruíram em uma batalha por poder, então o caçador pegou os cristais e os escondeu por toda a Mítica, onde ninguém conseguiu localizá-los desde então. — Ela tentou sorrir. — Não sei bem quanto disso é verdade.

— Uma parte — Ioannes disse. — Mas certamente não tudo. Não estou surpreso. Poucos dos meus sabem de toda a verdade, além da lenda que contamos entre nós, mesmo depois de todo esse tempo.

— Qual é a verdade? — Lucia perguntou. — E por que ninguém nunca conseguiu encontrar os cristais?

— Porque nos mil anos desde que Cleiona e Valoria deixaram de existir, a Tétrade não esteve *fisicamente aqui*. Os cristais não estão enterrados, não estão escondidos, não estão em nenhum lugar deste mundo. Mas agora podem ser invocados. Melenia tem trabalhado muito para preparar o terreno para essa busca. Ninguém se dedica mais a isso que ela.

Cleo reconheceu o nome *Melenia* da conversa que escutara entre o rei e Magnus. Ela também devia ser uma vigilante. Cleo queria desesperadamente pedir esclarecimentos, mas segurou a língua.

— Estou pronta, Ioannes — Lucia disse com vivacidade, como se essa estranha conversa a tivesse energizado. — Se esse de fato for meu destino, estou pronta para fazer o que for preciso. É muito difícil compreender tudo, mas quero ajudar você e Melenia. Minha magia pode ser usada para o bem, como você disse. Para salvar o mundo da destruição. Foi exatamente isso que você quis dizer, não foi?

— Sim — a expressão de Ioannes permaneceu rígida, até mesmo sofrida. — Talvez amanhã…

— Não, *hoje*. As aulas matutinas não me esgotaram. Estou pronta. Se vamos fazer alguma coisa, que seja agora. Por que esperar um dia a mais do que o

necessário quando você já esperou tanto? — Ela sorriu, e seus olhos azuis se iluminaram de empolgação. — Me mostre o que fazer. Você é meu tutor. Me ensine.

— Muito bem. — O maxilar dele estava tenso. — Você quer que ela fique?

Lucia olhou para Cleo por um instante longo e intenso.

— Depende — ela disse. — Depois de tudo o que ouviu aqui, por acaso *quer* ficar?

Seria um teste? Para avaliar até onde ia o interesse de Cleo no assunto?

Não havia motivos para hesitar agora.

— Sim — Cleo disse com firmeza. — É tudo tão incrivelmente fascinante. Quero ficar, se você permitir.

Lucia não falou nada por um momento, concentrando-se com seriedade e determinação na resposta dela.

— Sim, pode ficar — ela finalmente respondeu. — Afinal, seu anel parece ser a peça-chave aqui. — Ela estendeu a mão. — Posso vê-lo?

— É claro. — Cleo não hesitou em tirá-lo do dedo e entregar a Lucia, que olhou para ele com admiração.

— É lindo — ela disse.

Era mesmo. E cortava o coração de Cleo vê-lo nas mãos de outra pessoa.

*Respire*, ela disse a si mesma. *Apenas respire. Ainda pode dar certo.*

Ioannes fechou as cortinas e as portas da varanda, deixando o quarto na penumbra. Acendeu várias velas e as reuniu no meio do quarto.

— Melenia repassou esse feitiço comigo em detalhes. Ele vai canalizar as quatro partes de seus *elementia* — disse. — Por favor, sentem-se, vocês duas.

Cleo sentou no chão a mais ou menos um metro e meio de Lucia. Ioannes se sentou na frente delas, formando um triângulo com as velas no centro.

— Devo alertá-la, princesa — Ioannes disse a Lucia —, que isso vai drenar sua magia e sua energia. Ainda não sei quanto. Mas se sentir que está fazendo mal, interrompo.

Lucia concordou.

— Entendido. Não estou com medo. Como começamos?

— Melenia tem trabalhado com seu pai para construir a Estrada Imperial — ele disse. Cleo ficou boquiaberta quando Ioannes moveu a mão, fazendo luz se espalhar pelo chão, entre eles. Finalmente, a luz se transformou em um mapa cintilante, que Cleo reconheceu na hora como Mítica. Cadeias de montanhas, florestas, praias, cidades grandes e pequenas, vilas, lagos e rios, tudo

representado nos mínimos detalhes naquele panorama mágico. Parecia saído de um sonho.

Ioannes analisou o mapa. Então uma nova linha luminosa apareceu no panorama.

— É a estrada — Lucia disse com os olhos arregalados. — Reconheço dos mapas que meu pai estuda todos os dias.

— A estrada é importante — Ioannes explicou. — Foi projetada por um vigilante exilado, como eu. A construção foi inoculada com a magia dele, exatamente como Melenia instruiu.

— Existem quatro pontos ao longo da estrada que Melenia determinou como locais poderosos, com um nível mais concentrado de magia elementar do que qualquer outro lugar em Mítica. Ela usou a estrada para unir esses locais poderosos, ligando-os como pérolas em um colar. Três deles foram palco de momentos fatídicos de magia de sangue. Sangue que foi derramado sobre ou próximo à estrada, desencadeando desastres elementares, confirmando-os como pontos ideais.

Cleo ficou olhando para Ioannes, quase sem conseguir respirar. Desastres elementares — ela mesma tinha vivenciado um deles. Um potente terremoto no dia de seu casamento, logo depois do massacre do grupo de rebeldes de Jonas.

*Magia de sangue*. Seria verdade?

— Parece complicado — Cleo comentou.

Ele concordou.

— A recuperação da Tétrade é um processo complicado e estratificado. Nada dessa importância pode ser fácil.

Cleo precisava concordar com ele sobre isso.

— Então, onde ficam? — Lucia perguntou. — Esses lugares poderosos?

— Não posso revelar isso. Você precisa ser capaz de enxergar sozinha, usando sua magia. Quando os vir, será capaz de despertar os cristais e atraí-los para esses locais mágicos. Sua magia é tão pura quanto a magia da própria Tétrade, e é só através dessa fagulha de magia que eles podem ser invocados fisicamente, parte por parte. — Ele olhou para Cleo. — A invocação é um pouco menos complicada que o despertar.

— Como os cristais são invocados? — ela arriscou perguntar, necessitando saber o máximo que pudesse.

— Por meio de magia de sangue. Para fazer os cristais aparecerem, os símbolos de cada cristal da Tétrade devem ser desenhados com sangue nos

locais.

Incrível. Já era bastante informação, mas ela queria mais.

— Ouvi dizer que o poder de um cristal é tão grande que pode corromper quem tocar nele — Cleo disse. Uma de suas crenças sobre o anel era de que quem o usasse não seria corrompido.

— Esse alerta se aplica aos vigilantes — Ioannes disse, com a expressão distante à luz do mapa e das velas. — Um alerta que não foi devidamente observado no passado, receio.

Então os cristais não podiam corromper um mortal? Seria verdade? Será que ela podia confiar no que aquele jovem dizia?

Ioannes podia estar mentindo. Ela não tinha como saber ao certo o que era verdade e o que era mentira.

— Como faço isso? — Lucia perguntou, franzindo a testa e olhando fixamente para o mapa. — Como desperto os cristais?

— Isso vai ajudar. Observe. — Ioannes se aproximou, pegou o anel da mão de Lucia e o fez girar diante dela. — Enquanto se concentrar no anel, ele continuará girando. Esvazie a mente de todo o resto. Pense apenas no anel e na magia contida nele. O poder dele vai acentuar o seu.

— Aprendeu isso tudo com Melenia? — ela sussurrou.

— Sim — ele respondeu apenas.

— Ela parece incrível. Tão sábia.

— O anel, princesa — ele insistiu. — Não o deixe parar de girar, ou teremos que começar de novo. Vou guiá-la.

— Tudo bem. — A empolgação tinha desaparecido dos olhos de Lucia e fora substituída por uma forte determinação. Cleo estava impressionada com sua disposição em assimilar essa virada inesperada nos acontecimentos com tanta facilidade. Mas, até aí, aquele *era* seu destino.

*Nosso destino*, Cleo corrigiu a si mesma.

Lucia se concentrou, e o anel não parou de girar. A ametista lançou sua própria luz sobre o mapa, tornando-o violeta e refletindo uma cascata de luz cintilante sobre o rosto deles e as paredes de pedra.

— Ótimo, princesa — Ioannes disse. — Está funcionando.

— O que faço agora? — Lucia perguntou, forçando a voz.

— Pense na Tétrade. Quatro cristais que contêm a mais pura essência da magia elementar. Âmbar para o fogo, selenita para o ar, água-marinha para a água e obsidiana para a terra. Forme a imagem deles na cabeça. Visualize.

— Posso vê-los — Lucia sussurrou.

— Agora você precisa sentir a qual lugar cada um pertence, o local de poder escolhido em Mítica onde os elementos devem ser despertados.

— Não entendi.

Cleo observava os dois tensa, alternando o olhar entre a feiticeira e o tutor.

— Confie em sua magia, princesa. Ela é ancestral, tão ancestral quanto a própria Tétrade. Ela sabe o que fazer. Deixe-a conduzir. — Ele hesitou. — E, se não puder, saberemos que ainda não chegou a hora. Podemos esperar um dia, uma semana…

— Eu consigo — Lucia insistiu. Ela manteve o olhar no anel que girava. — Posso ver. Posso ver o cristal da terra… onde ele será despertado…

Cleo também conseguia ver. O anel se movimentava pelo mapa de Mítica. A luz então se transformou diante dos olhos de Cleo, dando mais dimensão e profundidade à imagem. Ela de repente teve a sensação de que eram falcões, sobrevoando a terra, olhando do alto para sua superfície. O anel, ainda girando, movimentou-se pela linha da Estrada Imperial até parar em um ponto próximo de sua origem, em Auranos. Cleo o reconheceu de imediato.

— Ali — Lucia sussurrou. — O Templo de Cleiona… é o local de poder escolhido para a terra.

O terremoto. Magia da terra.

— Eu desperto o cristal da terra — Lucia disse suavemente, mas com o peso de um comando.

Impressionada, Cleo observou a exibição diante de si, agora mostrando os contornos do próprio templo. Então um símbolo apareceu, queimando, como se tivesse sido fisicamente gravado na paisagem mágica.

Um círculo dentro de outro círculo.

Ioannes respirou fundo, olhando rapidamente para Lucia.

— Você conseguiu, princesa. Despertou o cristal da terra.

A boca de Lucia formou um sorriso trêmulo.

— Foi natural. Quase não fiz esforço.

Cleo percebeu que ela estava mentindo. O que quer que tivesse feito, exigira muito dela. A feiticeira tremia, com a testa úmida de suor.

Cleo não conseguiu conter a surpresa.

— Então basta fazer o que você disse… — Cleo arriscou dizer. — Desenhar com sangue os símbolos correspondentes nos locais… para invocar o cristal?

— Sim — Ioannes respondeu, mas sua atenção estava totalmente voltada para Lucia. — Pode continuar, princesa? Ou prefere parar?

— Posso continuar. — Lucia nem piscou, a atenção ainda fixa no anel que girava. De repente, Cleo ficou chocada ao perceber que os olhos de Lucia estavam cor de ametista, a pedra do anel, e brilhavam com a luz.

O mapa mudou para outra localização ao longo da estrada, bem no centro de Paelsia. Parecia uma pequena vila cercada por uma muralha.

— O antigo complexo do chefe Basilius — Lucia disse.

— Conhece esse lugar? — Cleo perguntou, surpresa. Seu conhecimento de geografia não era tão amplo.

— Não conhecia — Lucia sorriu, trêmula. — Mas agora, sim. Conheço com tanta clareza… Cleo, nem consigo explicar.

— Não precisa. Isso é incrível, Lucia.

— É… — Lucia franziu a testa, e seus olhos brilharam. — O cristal do ar deve ser despertado aqui, no rastro de um furacão que devastou o lugar. Ar, ouça-me. Eu o desperto.

O símbolo do ar — uma espiral — gravou-se sobre o local.

Terra e ar, Cleo pensou. Tinha esperado tanto tempo, e agora tudo acontecia tão rápido.

— Princesa — Ioannes disse, preocupado, observando Lucia. — Tome cuidado. Está exigindo mais magia do que pensei que seria necessário, e isso pode fazer mal. Vamos parar por hoje.

— Não. Esse é o meu destino. — Os olhos de Lucia ardiam com a luz. — Posso fazer isso. *Estou conseguindo*. Precisamos encontrar a Tétrade. Todos os quatro cristais serão devolvidos ao Santuário, e minha profecia estará completa. E toda essa luta chegará ao fim. Ficarei livre. Por favor, me deixe continuar.

Ela não esperou a permissão. O mapa voltou a mudar enquanto o anel girava ao longo da linha da estrada, a leste, entrando em Paelsia, perto das Montanhas Proibidas.

— Aqui — Lucia disse, a voz começando a ficar rouca — foi onde Magnus combateu os rebeldes. Um campo de trabalho da estrada… houve um enorme incêndio. O cristal do fogo é o que pode ser despertado aqui… — Ela franziu o cenho ao parar de falar. — Espere. É tão estranho…

Cleo analisou o mapa, que havia se fechado em um trecho de terra que parecia ardente e fumegante. Um símbolo já tinha sido gravado na luz do mapa. Um triângulo.

Fogo.

— Está diferente aqui. Sinto que esses cristais já foram despertados. — Lucia sacudiu a cabeça. — Mas é impossível, não?

— É claro que é impossível. — Ioannes estudou o mapa com preocupação. — Princesa, pode ser um sinal de que sua magia está se enfraquecendo…

— Fogo — Lucia disse, ignorando-o. — Eu o desperto. Desperto o cristal do fogo neste lugar de poder.

Três cristais. Cleo não podia acreditar. Mas era verdade: três cristais haviam sido despertados e estavam prontos para ser invocados.

— Mais um — Lucia sussurrou, com a voz mais fraca agora, apesar dos olhos acesos como pequenos sóis. — Eu consigo.

— Lucia — Ioannes estendeu o braço e segurou os pulsos dela. — É demais para você.

— Você está errado. — Ela tentou se soltar, mas não conseguiu. — Sou forte o bastante!

— Sim, você é forte. Mas basta por enquanto. Eu insisto.

Cleo viu a mão de Ioannes começar a brilhar. Lucia respirou fundo, finalmente interrompendo a concentração. A luz violeta desapareceu de seus olhos e ela se virou, furiosa, para Ioannes. Mas, logo depois, desmaiou em seus braços, perdendo a consciência.

O anel parou de girar, e sua luz mágica se apagou.

O mapa sumiu como se nunca tivesse existido.

— Você fez isso — Cleo disse com a voz abafada. — Você a fez parar.

Ioannes olhou para ela.

— Ela estava fazendo mal a si mesma, estava indo longe demais. Eu não podia deixar isso acontecer.

Lucia começou a acordar. Ela piscou e olhou para Ioannes, que a segurava nos braços.

— Quanto tempo fiquei desacordada?

— Apenas alguns instantes. E, antes que pergunte: *não*, nós não vamos tentar de novo hoje.

— Mas estávamos tão perto! O cristal da água…

— Pode esperar até eu julgar que chegou a hora de retomar o feitiço — ele disse, com mais severidade que qualquer outro tutor que Cleo já teve.

Cleo se aproximou e pegou o anel. Segurou-o com força até todos se levantarem. Ioannes ajudou Lucia. Ela queria se beliscar para ter certeza de que

tudo aquilo tinha realmente acontecido, de que não tinha sido um sonho.

*Terra, ar e fogo*. Ela sabia onde estavam e como invocá-los.

Três de quatro, nada mal.

Mas sabia que precisava fazer algo que não podia adiar por mais nem um segundo.

— Lucia — Cleo disse, aproximando-se da princesa. — Vi com meus próprios olhos que Ioannes disse a verdade. Não sei como esse anel foi parar na minha família, mas agora que sei o que realmente é, o que pode fazer… quero que fique com você.

Ela apertou o anel na mão de Lucia. A outra princesa o olhou com admiração.

Lucia poderia tirar o anel de Cleo com facilidade, mas era melhor entregá-lo por vontade própria antes que a feiticeira tivesse a oportunidade de fazê-lo.

Foi a coisa mais difícil que Cleo já tinha feito.

Lucia olhou para ela com os olhos azuis cheios de gratidão.

— Esse anel é a prova de que tínhamos que nos encontrar. Foi o destino que fez nossos caminhos se cruzarem dessa forma. Hoje você provou que é uma amiga verdadeira e leal. Obrigada.

Ah, com certeza havia sido o destino. Disso Cleo não tinha dúvida.

— Peço apenas uma coisa em troca — ela disse.

— O quê?

Cleo fingiu confiança, coragem. Não demonstraria nenhuma fraqueza.

— Peço que, quando for invocar o primeiro cristal, me deixe ir com você.

Lucia colocou o anel no dedo médio da mão direita e ficou olhando para ele, atônita.

Depois pegou as mãos de Cleo e a puxou para um abraço apertado.

— É claro. Você estará conosco, juro.

# 21

# JONAS

## AURANOS

Os pais de Tarus, ainda de luto pelo filho mais novo, morto depois de ter sido forçado a lutar na batalha contra Auranos, o receberam com lágrimas nos olhos e palavras de gratidão para Jonas e seus amigos.

Depois de uma semana inteira de viagens indo e voltando de Paelsia, Jonas, Felix e Lysandra retornaram à vila de Viridy, e seguiram imediatamente para a Sapo de Prata. Depois de várias noites dormindo sob as estrelas e enfrentando as intempéries, Jonas decidiu que passariam a noite na hospedaria.

— É por minha causa, não é? — Lysandra perguntou do lado de fora de seu quarto. — Não preciso de uma cama macia nem de um teto sobre minha cabeça. Não preciso ser paparicada.

Jonas discordou. Ainda que Lysandra tivesse revelado um esforço heroico, ele sabia que ela precisaria de muito mais tempo para superar a provação do calabouço.

— Fale por si mesma — ele disse. — Pode não querer um mimo, mas eu quero. Então vamos ficar, sem discussão. Só tente dormir um pouco. Venho vê-la mais tarde.

Ele fechou a porta e desceu a escada até a taverna, que, naquele momento, estava deserta. O dono, um homem chamado Galyn, não estava lá naquela noite, mas o pai de cabelos brancos, Bruno, estava no balcão, esfregando-o vigorosamente com um pano.

Felix estava sentado na mesma mesa ocupada no Dia das Chamas, quando recrutaram Petros para se juntar à causa. Jonas não sabia muito bem o que

acontecera com o garoto depois do ataque, mas esperava que ele nunca mais voltasse a cruzar seu caminho. Idiota irresponsável.

— A bela adormecida está bem? — Felix perguntou, segurando uma caneca de cerveja.

Jonas assentiu.

— Tão bem quanto se pode esperar.

— Ótimo. Sente-se, precisamos conversar.

Jonas sentou em uma cadeira dura de frente para o companheiro de viagem e se acomodou para a conversa que temia já havia algum tempo.

— Qual é o problema?

— Você sabe qual é o problema. Ela. É um peso para nós.

Pronto. O que ainda não tinha sido dito entre eles durante a semana em que estiveram com Tarus finalmente vinha à tona, como o fedor de uma batata podre.

— Você está errado.

Felix fechou a cara.

— Veja, sei que ela é importante para você. Mas está em frangalhos, Jonas. O que quer que tenha acontecido naquele calabouço… Ela não é útil para nós.

Jonas sentiu um aperto no peito.

— O rei a forçou a assistir à decapitação do irmão mais velho. Conhece alguém que consiga se recuperar imediatamente de algo tão horrível? Ela está sofrendo, mesmo que se recuse a admitir. Precisa de mais tempo para se recompor e se recuperar.

— E quanto tempo mais pretende dar a ela?

Jonas sabia que seu parceiro era impaciente, mas Felix precisava entender que Lysandra não era uma rebelde qualquer. Era sua amiga. E era de grande valia, só não tivera a chance de mostrar isso ainda.

— O tempo que for preciso.

Bruno se aproximou da mesa trazendo canecas nas duas mãos.

— Trouxe para vocês, rapazes. Por conta da casa! Meu filho admira tudo o que fazem pela causa rebelde, e isso vale algumas cervejas de cortesia, na minha opinião. Qualquer um que dedique a vida a matar o rei será sempre bem-vindo aqui!

Jonas olhou para ele, um tanto assustado.

— Obrigado?

O homem sorridente deixou as canecas na mesa e deu um tapinha nas costas de Jonas.

— Disponha, filho. Disponha!

Ele voltou ao balcão sem falar mais nada.

— Acha que ele teria dito tudo isso se não fôssemos os únicos clientes? — Felix perguntou.

— Espero que não.

— Somos dois, então. Mas vamos voltar ao assunto. — Felix fez uma pausa. — A noite em que nos conhecemos. Lembra?

Jonas assentiu.

— Como se fosse hoje.

— Nunca contei a você, mas tomei uma grande decisão naquela noite. Foi uma grande mudança de objetivo. Pensei comigo: *tenho a oportunidade de ajudar o famigerado Jonas Agallon a dar umas porradas e mudar o mundo*. Mudar o *mundo*, Jonas. Mas, até agora, o que fizemos além de resgatar uns rebeldes e percorrer um longo caminho?

— Fizemos muito mais que isso — Jonas tomou um gole da caneca, tentando engolir a irritação junto com a cerveja forte e amarga. Aonde Felix queria chegar, falando sobre o passado pela primeira vez desde que se conheceram?

— Agora, parece que seu grande plano é ficar esperando que o rei saia do palácio para dar uma volta e lhe ofereça o pescoço. Genial.

Jonas estreitou os olhos.

— Muito obrigado por me lembrar dos meus fracassos. Não acha que já me sinto um derrotado depois de tudo o que aconteceu?

— Não sei o que se passa na sua cabeça.

— Tenho olhos e ouvidos no palácio. Três espiões posicionados, todos dispostos a me contar tudo que preciso saber para garantir a vitória contra aquele cretino limeriano e libertar meu povo de um futuro à mercê daquele monstro. Vou pegá-lo, jamais duvide disso. Meu plano de raptar o príncipe Magnus ainda pode dar certo, ou talvez a princesa Lucia. O rei sairia de seu reino pequeno e seguro para salvá-la se soubesse que está em perigo, não acha?

— Sequestro. Muito bem. Já tentou isso antes, não? Capturou a própria princesa Cleo. Deu certo? — Antes que Jonas conseguisse responder esse comentário sarcástico, talvez com um soco em seu queixo, Felix se afastou. — Ora, ora. A bela adormecida acordou. Bem-vinda, querida.

Jonas virou e viu Lysandra em pé atrás dele. Abriu a boca para falar, mas ela levantou a mão para impedi-lo.

— Não consegui dormir — ela disse.

— Não acho que tenha tentado com muito afinco — Jonas respondeu.

— Talvez eu tenha achado mais inteligente ficar acordada para descer aqui e escutar o que vocês dois falavam pelas minhas costas.

— Acho que quanto mais gente, melhor. Junte-se a nós — Felix deu um tapinha no colo. — Por que não senta bem aqui?

Lysandra o encarou com uma expressão de tédio.

— Por que não beija minha bunda?

— Traga ela aqui, e vou pensar na ideia com carinho.

— Só por cima do meu cadáver.

— Também podemos resolver isso, se pedir com educação. — Para a sorte de Felix, ele disse isso com um sorriso jovial, e não com um toque de ameaça.

Jonas sentiu um peso no peito. Aqueles dois tinham passado a semana toda brigando, e era quase impossível ficar por perto depois que começavam. Ele achava que sabia o verdadeiro motivo para Felix não querer Lysandra por perto. Não tinha quase nada a ver com a velocidade de sua recuperação depois de ter sido prisioneira do rei, mas sim com o fato de ele não gostar de ser desafiado por uma garota.

Lysandra puxou uma cadeira e olhou para Jonas.

— Por que continua com ele?

E, mais uma vez, Jonas precisava agir como mediador, um trabalho que nunca desejara.

— Felix é um imbecil, mas, como você, é de grande valia e um amigo.

— Concordo com você na parte do imbecil. — Ela observou Felix com atenção, inspecionando-o da cabeça aos pés. — Mas sabe de fato alguma coisa sobre ele?

— Sei o suficiente — Jonas respondeu, ainda que por dentro precisasse ser sincero: não sabia quase nada sobre o rapaz do outro lado da mesa.

— O que posso dizer? Sou um sujeito reservado. Mas se está preocupada, Lys — disse Felix —, fico feliz em responder o que quiser. Ou pode continuar falando de mim como se eu não estivesse aqui.

Lysandra fez bico e olhou feio para ele.

— Tudo bem. Para começar, de onde você veio?

Felix sorriu com malícia.

— De todo lugar e de lugar nenhum, querida.

— Viu? — Ela olhou para Jonas de relance. — Ele é fechado e evasivo. E bajulador, também.

O sorriso de Felix desapareceu.

— Bajulador?

— Ele salvou minha vida — Jonas rebateu. — E a sua também.

— Tudo bem. Mas não fazemos ideia de onde ele surgiu ou qual foi sua verdadeira motivação para se juntar a você.

— Ei — Felix disse. — Ainda estou sentado bem aqui.

— Então, qual é a sua história, Felix? — Apesar de Felix ter provado ser digno de sua confiança várias vezes, Jonas precisava admitir que estava curioso para saber mais sobre ele. — É sério. Conte um pouco mais hoje.

— Minha história? Sou muito atraente. Um encrenqueiro renomado. Sou divertido, e é um prazer me ter por perto. Pelo jeito, sou meio bajulador. O que mais precisa saber?

Nesse exato momento, Bruno surgiu com uma bebida para Lysandra.

— Aqui está, querida. Um bom vinho para uma boa garota.

Lysandra olhou para a taça com desgosto.

— Os dois rapazes ganham cerveja, e eu, vinho. Nem gosto de vinho.

Jonas ainda olhava para Felix, que também o observava com atenção. O assunto surgira, e Felix dera respostas vagas a perguntas diretas. Ele queria, mais do que nunca, saber toda a verdade.

— Preciso saber sua história, Felix — disse Jonas. — Conte algo de verdade. Não é muito mais velho que eu. Como veio parar neste tipo de vida? Onde está sua família? Seus amigos?

— Sinceramente? Quer saber onde estão meus amigos? — O último brilho de humor sumiu dos olhos de Felix. — Estão nesta mesa agora. Os únicos que tenho. — Ele tomou um bom gole de cerveja antes de continuar. — É ridículo, eu sei. Mas nunca tive amigos. Não fui criado desse jeito.

Lysandra franziu a testa.

— E sua família?

— Morta — ele disse, desviando o olhar. — Meus pais e meus irmãos foram mortos por um bando de ladrões e assassinos contratados por um homem muito importante e perigoso. Invadiram nossa quinta quando eu tinha seis anos. Por capricho, pouparam minha vida. Fui criado como se fosse um deles. Eles me ensinaram a roubar, lutar, matar e a usar essas habilidades para conseguir

dinheiro para o líder. — Felix fez uma pausa e lançou um olhar tenso para Jonas. — E me ensinaram a obter recompensas por capturar líderes rebeldes paelsianos e supostos assassinos.

A boca de Jonas ficou seca.

— Então foi assim que me encontrou.

Ele confirmou com a cabeça.

— Sou ótimo em rastrear as pessoas. Posso encontrar qualquer um, em qualquer lugar. Mas, não, nunca planejei receber essa recompensa. Se tivesse planejado, você já estaria morto a esta altura.

Era visível que tinha sido muito doloroso para Felix relatar tudo aquilo. Era o tipo de lembrança que a maioria das pessoas preferia reprimir.

— E onde estão as pessoas que o criaram agora? — Jonas perguntou. — E esse seu empregador?

— Sei tanto quanto você. Fugi ano passado. Estou sozinho desde então, para procurar trabalho. Para procurar encrenca. — Finalmente seu sorriso voltou. — Tenho talento para encontrar encrenca sem precisar procurar muito.

— Não duvido disso nem por um minuto — disse Lysandra, ainda olhando para ele com atenção.

— Essas informações bastam para uma noite? — Felix perguntou. — Gostaram do passeio pelas minhas lembranças?

Lysandra ficou em silêncio por um instante.

— É o bastante por enquanto.

— Ótimo.

— Ainda não gosto de você.

— É uma pena, porque o sentimento não é *totalmente* recíproco. — O sorriso de Felix se abriu mais. — É bonita demais para ganhar minha total antipatia, apesar de ser uma chata. Mas não se preocupe, não tentarei fazer nada. Sei que Jonas quer você só para ele.

Jonas engasgou e cuspiu a cerveja que tinha acabado de tomar.

— O quê?

Felix deu de ombros.

— Está apaixonado por ela.

Apaixonado por Lys? Olhou para ela de soslaio.

— Não, não estou.

— Quase nos matamos para tirá-la da praça do palácio. Agora mesmo estava lá em cima colocando-a para dormir e cantando canções de ninar. E defendeu

com todas as forças a permanência dela neste trio. Por favor. Não sou cego, meu amigo.

Lysandra riu, uma risada leve presa no fundo da garganta.

— Sinto desapontá-lo, Felix, mas não é por mim que Jonas está apaixonado. Seu coração é todo da princesa Cleo.

Felix piscou, surpreso.

— Sua *alteza* real, princesa Cleo, esposa do príncipe Magnus? Aquela que você encontrou naquele templo coberto de sombras e mistérios? A princesa que você sequestrou, deixe-me ver… *três* vezes?

— *Duas* vezes. — Jonas encarou Lysandra com a expressão fechada por ter trazido o assunto à tona.

Ela devolveu o olhar com inocência.

— Qual é o problema?

— Não estou apaixonado pela princesa.

— Como não? — Felix gargalhou, e então secou o resto da cerveja. — Metade de Auranos está. Por que não iria querer se ajoelhar à barra do vestido da princesa dourada e implorar sua atenção como todos os outros?

— Não sei se consigo imaginar Jonas se *ajoelhando* — disse Lysandra, levantando a sobrancelha.

Jonas não conseguiu conter um sorriso por conta daquela repentina, e um tanto indesejada, mudança de assunto.

— Pela garota certa, talvez. Mas não há discussão sobre a princesa Cleo. Ela é uma princesa, e eu sou… o que quer que seja.

Lysandra esfregou o nariz.

— Ela tem sangue real. Isso nunca vai mudar.

— E é casada — Felix acrescentou.

— Obrigado pelo lembrete.

Veio à memória de Jonas o bilhete recebido da princesa. Sentiu que era o momento de compartilhar seu conteúdo.

— Algum dos dois acredita em lendas? — Jonas perguntou depois que o silêncio se abateu sobre eles.

— Que tipo de lendas? — Felix fez um sinal, pedindo outra rodada de bebidas. Lysandra examinou sua taça de vinho e, por fim, decidiu experimentar um gole.

— Sobre magia… a magia que, dizem, tem uma história aqui em Mítica — continuou. — E… sobre os vigilantes. E a Tétrade.

Lysandra respirou com dificuldade.

— O que têm os vigilantes?

— Eles existem de verdade.

Lysandra começou a tremer com a resposta e, assustado, Jonas estendeu o braço para apertar sua mão.

— O que foi? Qual o problema?

Ela tomou um grande gole de vinho.

— Não contei nada disso antes porque tentei esquecer tudo. Mas Gregor dizia que uma vigilante costumava visitá-lo em seus sonhos, e foi por isso que o rei o manteve vivo por tanto tempo. Para interrogá-lo. O rei acreditava na história, dava para ver nos olhos dele. Ele acredita em magia, e a busca vorazmente. Quando Gregor não conseguiu dar as respostas desejadas, o rei mandou matá-lo.

Jonas a encarou, chocado. O rei *estava* em busca da magia — como Cleo dissera.

Felix observava a ambos em silêncio.

— Quando Phaedra parou de visitá-lo nos sonhos, partiu seu coração — Lysandra sussurrou.

Ao ouvir aquele nome, Jonas teve a sensação de que uma mão apertava seu pescoço.

— Na época — Lysandra prosseguiu —, achei que meu irmão tivesse enlouquecido, mas talvez fosse verdade. Talvez ela fosse real.

— Você disse… Phaedra? — Jonas perguntou.

— Sim. Por quê?

Phaedra. O nome da vigilante que o havia curado quando Jonas estava à beira da morte.

— É impossível.

Felix recostou-se na cadeira e passou a mão no cabelo negro curto.

— Uau. Com certeza precisamos de mais bebida. Ei! Mais bebida para meu amigo aqui, por favor. Ele está precisando muito.

Bruno chegou mancando, com o sorriso permanente ainda estampado no rosto. No entanto, em vez de bebidas, trouxe um pedaço de papel dobrado e lacrado com cera.

— Quase me esqueci disso! Sua adorável amiga Nerissa deixou essa mensagem há alguns dias. Estava preocupada, achando que demoraria semanas para voltar! Ah, ela vai ficar muito feliz por você ter recebido. Disse que é muito urgente. Que hora mais perfeita para chegar!

Lysandra observou atentamente enquanto o homem deixava a mensagem sobre a mesa e depois se afastava sem dizer mais nada.

— Sujeito encantador, não é?

— Muito — Felix concordou. — Mas, veja só. Outra mensagem, com um selo igual ao da última. Acha que é uma carta de amor perfumada da princesa?

Olhando para Lysandra, Jonas pegou o papel.

— Abra. — Ela o apressou.

Ele assentiu, rompeu o lacre e desdobrou o bilhete.

— O que é? — Felix perguntou. — O que diz?

Os olhos de Jonas brilhavam a cada palavra que lia.

— É um pedido.

— Um pedido de sua alteza real — disse Lysandra, e foi a primeira vez que falou de Cleo sem que a voz demonstrasse uma animosidade palpável. — Está pensando em atender ao pedido?

Houve um tempo em que teria jogado o papel fora e rido de uma solicitação tão ridícula.

Não estava rindo agora.

— Ah, sim — ele disse. — Nós três vamos atender. Quando o sol nascer, partiremos para fazer exatamente o que sua alteza real deseja.

# 22

# MAGNUS

AURANOS

*Ioannes*. O nome que Lucia sussurrava como uma oração quando passara semanas adormecida.

*Ioannes*. O vigilante que se aproveitou de Lucia em seus sonhos, quando ela estava inconsciente e indefesa.

*Ioannes*. Agora ali, com total permissão do rei, oficialmente apontado como tutor particular de Lucia. Ele quase não saía dos aposentos de sua irmã desde sua chegada, uma semana antes.

O jovem era um problema e uma ameaça. Mas ninguém parecia acreditar nisso, exceto Magnus. Tomara para si a função de ficar de olho no vigilante e garantir que se comportasse.

Naquele dia, o rei tinha dado permissão para Ioannes, Lucia e sua nova amiga Cleo saírem do palácio e irem a um festival numa vila próxima.

Magnus não ficou surpreso por não ter sido convidado para ir junto. Mas isso não o impediu de ir assim mesmo, seguindo-os a cavalo a uma distância discreta.

Não era segredo que não confiava em Ioannes — nem em Cleo, aliás. Lucia era tola por confiar em qualquer um dos dois, mesmo acompanhada de guardas.

Ele seguiu a carruagem por horas até ela finalmente parar. Magnus levou o cavalo para o abrigo da floresta, para poder observar, sem ser visto, os três saírem à luz do sol. Lucia disse alguma coisa para um guarda, depois seguiu com o vigilante e a outra princesa para a floresta. Os guardas não os acompanharam.

*Que estranho*.

Magnus esperou até o grupo desaparecer e abordou o guarda consultado por Lucia, que ficou tenso ao vê-lo.

— Vossa alteza— ele disse com a voz trêmula.

— O que está acontecendo? — Magnus perguntou. — Aonde estão indo?

— A princesa Lucia ordenou que parássemos aqui, depois pediu que aguardássemos enquanto eles faziam um… passeio.

— Um passeio?

— Sim, alteza. Ela enfatizou que queriam privacidade e disse que retornariam quando tivessem terminado…

— De passear — Magnus completou. — Sim, é claro.

— Podemos ir atrás deles, se quiser…

— Não, não precisa. Eu vou. Fiquem bem aqui.

Ele deixou o cavalo com os guardas e entrou na floresta a pé, seguindo um rastro de folhas pisadas e galhos quebrados. A cada passo, suspeitava mais da natureza do passeio da irmã. Principalmente por estar acompanhada de tipos como Ioannes e Cleo, duas pessoas que tinham motivos duvidosos para querer passar um tempo com a jovem feiticeira.

Ele apertou o passo. Precisava saber a verdade.

Não demorou muito para chegar à comitiva de Lucia. Estavam conversando, mas as palavras eram indistintas, então decidiu chegar mais perto. Então, de repente tudo ficou em silêncio.

Estranhamente em silêncio.

*O que, exatamente, está acontecendo aqui?*

Ele parou e escutou com cuidado.

— Você! Saia! — Era Lucia. — Seja quem for, se é destemido o bastante para nos seguir, então mostre o rosto e prove que não é um covarde.

A irmã adotiva parecia especialmente zangada. Talvez fosse influência das novas companhias.

Magnus não era covarde. Estava pronto para confrontá-los sobre a caminhada no meio do nada, tão distante do suposto destino.

Ele saiu de detrás das árvores e ficou parado no caminho. Todos o olharam com surpresa.

— Ninguém me falou desse passeio — ele disse, passando os olhos de Cleo para Lucia, cujos punhos cerrados ardiam com magia do fogo. Seu tutor novo e irritantemente belo estava ao lado dela. — Pode apagar o fogo, minha irmã. Não preocupe sua cabecinha linda. Não pretendo fazer nenhum mal a vocês.

Demorou um instante, mas ela finalmente extinguiu a chama. Olhou para ele com cautela e suspeita.

— O que está fazendo aqui? — perguntou.

— Seguindo vocês. Obviamente. — Com firmeza, olhou para um de cada vez. — Ouvi dizer que estão indo para um festival. Odeio dar essa notícia, mas qualquer vila fica a uma longa caminhada daqui.

Lucia trocou olhares com Ioannes.

— Não estamos indo a um festival.

— Estou chocado. Talvez vocês três tenham vindo aqui para conversar com a natureza. É isso?

Ele sentiu o olhar furioso de Cleo, mas nem se deu o trabalho de olhar para a esposa. O silêncio dos três falava mais do que ocultava. O que estariam tentando esconder?

— E você? — Ele se virou para Ioannes. — Quais são suas intenções, atraindo duas meninas para o meio do nada, longe de qualquer proteção? Devo adivinhar? Ou devo matá-lo bem aí onde está?

— Magnus! — Lucia gritou.

— Estou sendo grosseiro? Desculpe, minha irmã. Mas certamente vai me perdoar por demonstrar a cautela que parece lhe faltar. O que, exatamente, sabe sobre esse garoto, além do fato de ele alegar ter vindo do Santuário como representante de Melenia?

Ela levantou o queixo.

— Sei o suficiente.

— Mas eu não. — Magnus olhou para Ioannes, que parecia calmo, tranquilo. — Você não se intimida com facilidade, não é?

— Não — Ioannes respondeu, tendo a audácia de demonstrar tédio diante da ira pouco contida de Magnus. — Por quê? É o que está tentando fazer? Me intimidar?

Ele abriu um sorrisinho.

— Consegui arrancar pelo menos um filete de suor dos pretendentes anteriores de Lucia. É isso que você é, não é mesmo? Além de um suposto tutor? Vejo como olha para minha irmã e não gosto. Ao contrário dela, não confio em você.

— Você não me conhece.

— Conheço o suficiente. — Magnus deu uma volta ao redor de Ioannes. Não via motivo para medir as palavras. — Por que estão aqui? Não há nada em quilômetros, exceto o Templo de Cleiona.

Os três trocaram olhares, deixando ainda mais claro a Magnus que estavam planejando alguma coisa.

Finalmente, Lucia rompeu o silêncio.

— Precisamos contar a ele.

— Lucia — Cleo protestou.

— Magnus pode ser um pouco insolente e grosseiro, mas confio nele. Confio nele tanto quanto confio em vocês dois. — Lucia se virou para o irmão. Olhou para o rosto dele e respirou fundo. — Estamos aqui hoje para reivindicar uma parte da Tétrade.

Toda a ousadia e frieza com que Magnus entrara naquela situação desapareceram em um instante. Só conseguia olhar fixamente para ela, perguntando-se se não tinha entendido mal.

— Tem certeza do que está falando? — ele perguntou com a voz rouca.

— É verdade. — Ela assentiu. — Nosso pai quer a Tétrade, mas não pode ficar com ela, Magnus. Por isso tive que mentir hoje. Ele não sabe a verdade.

A garganta dele estava se fechando, e a boca estava seca. De repente, Magnus se deu conta de como o dia estava quente e sentiu o casaco pesado sufocando-o.

— Que verdade? — ele perguntou.

— Que a Tétrade precisa ser encontrada e devolvida imediatamente ao Santuário. Se isso não acontecer, o mundo vai… vai…

— O quê? — Ele se obrigou a se recompor. — A vida como conhecemos vai acabar? É isso que seu novo tutor disse?

— Basicamente — Ioannes respondeu.

É claro. Que melhor jeito para manipular Lucia do que convencê-la de que o mundo acabaria sem sua ajuda?

Magnus olhou para Cleo. Ela estava com os braços cruzados diante do corpete do vestido rosa, muito mais sofisticado do que qualquer coisa que se costumava usar para uma caminhada em uma floresta densa em um dia quente. Ela o encarava em silêncio, zangada — não era uma expressão nova.

— E por que *você* está aqui? — ele perguntou.

— Quero ajudar — ela respondeu.

— Ah, sim. Tão prestativa. — Se Lucia realmente acreditava que aquela criatura de duas caras era sua amiga de verdade, era uma tola. Apesar da criação rígida e da falta de amor e orientação de sua mãe fria e calculista, Lucia conseguia ser ingênua num nível imperdoável. — Que conveniente você vir junto hoje, considerando seu interesse na Tétrade.

— É claro que tenho interesse na Tétrade — Cleo respondeu rapidamente. — Vivo em Mítica e ouvi as lendas a vida toda. Mas não sabia que era verdade até outro dia.

Ela respondeu com tanta convicção que Magnus quase acreditou.

Quase.

O príncipe olhou para Lucia.

— Você devia ter me contado. — Ele não pretendia soar tão duro. Mas costumavam compartilhar tanta coisa que doía que a irmã não confiasse nele.

— Sinto muito. Eu devia ter contado. Mas sei como se tornou próximo de nosso pai ultimamente. Vocês dois são quase inseparáveis.

— Você está exagerando.

— Magnus tem razão — Cleo disse. — Ele não passa o tempo todo com o rei. Parte dele, ou pelo menos algumas noites, são passadas com a princesa Amara.

Lucia olhou para ele, chocada.

— Você e Amara?

Ele tinha passado uma única noite com a princesa kraeshiana. Ela não havia feito contato desde o retorno para a quinta, e isso não o incomodava nem um pouco. Amara tinha sido uma distração agradável, nada mais. Mas ninguém precisava saber disso além dele.

— Não pude evitar — Magnus disse. — Amara é irresistível. Temos tanto em comum. Aquela garota é cheia de possibilidades.

Ele esperava que Cleo revidasse, mas ela ficou em silêncio.

— Se está dizendo… — Lucia voltou a franzir a testa. Ela virou para Ioannes. — Quero que Magnus faça parte disso. Acredito que não vai contar nada ao nosso pai.

As palavras de Lucia tocaram seu coração. Ainda se importava com ele, confiava nele, mesmo que o próprio Magnus não conseguisse pensar em muitos motivos para isso.

Ioannes não disse nada, mantendo o olhar fixo no príncipe. Havia algo nos olhos do vigilante que parecia muito mais antigo do que sua aparência jovem.

— Como quiser — ele finalmente respondeu.

Lucia meneou a cabeça e voltou a atenção a Magnus.

— Nosso pai não pode saber. Prometa, Magnus. Ele não pode saber disso.

— Ah, eu prometo — Magnus respondeu. — Nosso pai nunca terá um único cristal agora que sei que eles devem servir a um propósito muito mais importante.

Embora não fosse o propósito em que Lucia acreditava.

Mas primeiro ele precisava ver, provar para si mesmo que aquilo era real. Depois pensaria no que fazer. Se aquela jornada não levasse a nada, ele poderia usar isso como um meio de se livrar de Ioannes, manchar a reputação do vigilante aos olhos do rei. Apenas outro jovem inútil com más intenções em relação à filha do rei.

Ele sabia que Ioannes e Lucia podiam ser extremamente perigosos se provocados ou traídos. E Cleo… bem, também não a subestimava.

— Vamos continuar — Ioannes disse. — Estamos quase lá.

Ioannes e Lucia andavam na frente, e Magnus seguia atrás com Cleo, que caminhava devagar, como se pisasse em vidro quebrado.

— Problema com os sapatos? São apertados demais para caminhar? — ele perguntou, olhando para as finas sandálias douradas que apareciam sob as saias.

Ela cerrou os dentes.

— Nem um pouco.

— Ótimo. Odiaria pensar que sente uma dor constante devido a suas escolhas erradas.

Eles continuaram em silêncio. Magnus tentou ignorar o calor desconfortável e resistiu ao ímpeto de tirar o casaco. E, para ser sincero, suas botas também eram um tanto desconfortáveis.

Era um dia desagradável, mas se tornava infinitamente mais tolerável porque podia levar ao triunfo.

Estavam tão perto, e agora o rei jamais colocaria as mãos no que mais desejava. Aquele único pensamento dava mais prazer a Magnus do que qualquer coisa que tivesse sentido em meses — até mesmo anos.

Enfim, eles chegaram. O Templo de Cleiona já havia sido uma estrutura gigantesca de mármore branco, com pilares grossos e pedras esculpidas com precisão artística — a estrutura mais grandiosa e impressionante que Magnus já vira. Quando esteve ali pela primeira vez, chegou a perder o fôlego.

Agora, não passava de ruínas. A grande estátua da deusa que ficava na frente havia desmoronado durante o terremoto e estava em pedaços. Uma rachadura imensa partira o chão de mármore até o centro. O teto estava quase todo afundado.

O local de seu casamento com Cleo tinha sido abandonado. Onde antes muitos iam rezar, agora só estavam eles quatro.

— Tem certeza que há um cristal aqui? — Magnus perguntou, ainda achando difícil acreditar que pudessem estar tão perto.

— Tenho. — Lucia estendeu a mão, e Magnus notou que ela usava um anel conhecido; o anel que via Cleo usar com frequência. — Usei este anel para despertá-lo neste local de poder. E agora podemos invocá-lo por meio de um ritual.

*O anel*.

Magnus se esforçou para manter a expressão neutra. Phaedra, a vigilante que encontrara em Paelsia, tinha contado a ele sobre um anel que poderia ajudar Lucia a controlar sua magia.

*Era esse*. O coração dele disparou ao se dar conta. Ela o havia encontrado; o anel tinha simplesmente caído em seu colo, quando Magnus nem fazia ideia de onde começar a procurar.

Ele lançou um olhar inquisidor e sombrio para a princesa loira, e Lucia percebeu.

— Cleo me deu o anel — ela disse. — Para me ajudar. Para ajudar a todos.

Todo esse tempo, Cleo estava com o anel. Não podia ser coincidência.

— Ela deu o anel para você?

— Gosto de ajudar quando posso — Cleo disse calmamente.

Ele forçou um sorriso e disse:

— Se puderem nos dar licença por um instante, gostaria de ter uma palavrinha rápida com minha *esposa*.

Lucia olhou para ele, confusa.

— É claro.

Ela então segurou a mão de Ioannes e se afastou, aproximando-se mais da entrada do templo, para dar privacidade ao casal.

Magnus observou as ruínas à sua frente, lembrando, com uma agitação nas entranhas, sua última vez no local. Cleo ficou ao lado dele, tão silenciosa e imóvel quanto a estátua desintegrada da deusa de mesmo nome.

— Sei o que está tentando fazer — Magnus finalmente disse a ela. — E não vai conseguir.

— Não vou conseguir o quê?

Ele lutou contra a frustração. Cleo tinha um jeito próprio de testar sua frieza cuidadosamente construída, diferente de qualquer pessoa que conhecia.

— A Tétrade pertence à minha família, não a você.

— Que estranho. Você não acabou de ouvir Lucia dizer que a Tétrade pertence ao Santuário? E tive a impressão de ouvi-lo dizer que concordava com ela.

— Como se eu acreditasse que está disposta a abrir mão.

— E fazer minha parte para salvar o mundo? Por que não?

— Grave minhas palavras. — Ele chegou mais perto. — Se tentar roubar o cristal, teremos um problema muito sério, nós dois.

Ela suspirou, impaciente.

— Seria um grande inconveniente, considerando que sempre nos demos tão bem.

— Cuidado, princesa, ou as coisas vão acabar muito mal para você.

O olhar dela se transformou em gelo.

— Estou envergonhada por ter acreditado, mesmo que por uma fração de segundo, que você poderia ser algo além do que aparenta.

— O quê?

— Um monstro detestável e egoísta sem bondade no coração.

Ele se segurou para não estremecer, desprezando o fato de que as palavras afiadas daquela garota em particular eram capazes de feri-lo.

— Ouça bem, princesa. Vou dizer uma vez só. Fique longe de qualquer tesouro que possamos encontrar hoje, ou juro que a transformo em cinzas para espalhar ao vento.

Antes que Cleo pudesse reagir, ele saiu andando na direção de Lucia e Ioannes, que aguardavam na entrada do templo. Esperava uma resposta mordaz e sarcástica, mas ela não disse nada.

Magnus pensou que aquele era seu jeito. Quando alguém o pressionava, ele respondia de maneira destrutiva.

— Precisamos entrar — Ioannes disse.

Magnus olhou para o telhado fragmentado e para as vigas quebradas no alto da escada.

— Para isso cair na nossa cabeça?

— Magnus — Lucia disse com severidade. — Vamos fazer o que Ioannes mandar.

A determinação de Lucia em defender o vigilante sem hesitar o irritava profundamente.

— Tudo bem. Então, por favor, mostre o caminho, Ioannes.

O vigilante os conduziu pelos degraus quebrados até a grandiosa entrada. O sol atravessava o telhado danificado. Cleo olhou em volta com o belo rosto tenso.

— E esse ritual? Do que se trata? — Magnus perguntou.

Ioannes puxou uma adaga.

— É um ritual de sangue.

Magnus quase soltou uma gargalhada.

— E não é sempre?

Sem hesitar, Ioannes pressionou a lâmina contra a palma da mão, deixando o sangue escarlate pingar no chão.

Vigilantes sangravam no mesmo tom de vermelho que os mortais. Interessante.

Ioannes se ajoelhou e usou seu sangue para fazer uma marca no chão do templo. Um círculo dentro de outro círculo.

Era o símbolo da terra, elemento associado à magia da deusa Valoria. Magnus conhecia bem.

Quando Ioannes completou o símbolo, Lucia enrolou sua mão com um lenço.

— E agora? — Magnus perguntou.

— É só esperar. — Ioannes franziu o cenho e olhou em volta, analisando o entorno.

— Esperar o quê? — Magnus perguntou, mas os outros estavam em silêncio.

Eles esperaram. Perto dali, um pedaço de mármore do tamanho de um crânio se deslocou de um pilar e caiu no chão. Magnus notou que era esculpido na forma de uma rosa. Ao olhar em volta, confirmou que esculturas em formato de rosa enfeitavam muitas partes do templo. Estranhamente, ele não havia notado esse detalhe até aquele momento, quando tudo estava caindo.

O príncipe olhou com cautela para o teto.

— Quanto tempo precisamos esperar? — ele resmungou.

— Não sei — Ioannes respondeu.

— Pensei que um vigilante sábio e mágico como você saberia essas coisas.

— Não sei de tudo. — Ioannes parecia impaciente, talvez um pouco desesperado, como se esperasse que as coisas acontecessem de outra maneira.

Então, algo chamou a atenção de Magnus. Uma marca em uma área livre atrás de Cleo.

— O que é *aquilo*? — A sensação de aperto nas entranhas bastou para que ele soubesse a resposta para a própria pergunta.

— Não pode ser — Ioannes disse em voz baixa. — *Não pode ser.* Como saberiam?

Desenhado na superfície imaculada havia outro símbolo idêntico ao de Ioannes. O sangue ainda era vermelho e fresco.

Alguém tinha chegado antes.

# 23

# JONAS

## AURANOS

*Só posso torcer para essa mensagem chegar a você a tempo. Deve ir ao Templo de Cleiona o mais rápido possível. Lá, use seu sangue para desenhar o símbolo da terra no chão. Isso vai revelar o cristal da terra. Por mais difícil de acreditar que seja, precisa confiar em mim e fazer o que digo.*

*Invoque o cristal e o mantenha em segurança até nos encontrarmos de novo.*

Jonas, Lysandra e Felix partiram para o templo na manhã seguinte. Jonas quase hesitou diante das ruínas da primeira batalha rebelde, que dera terrivelmente errado. Das duas dúzias de rebeldes que se voluntariaram para se juntar a ele naquele dia, só Jonas tinha conseguido escapar. Se arrastando, na verdade.

Lysandra tocou o ombro dele.

— Jonas, você está bem?

— Perfeitamente bem.

— Por que será que não acredito?

A expressão preocupada de Lysandra o fez sorrir de leve.

— É engraçado…

— O quê?

— Você não costumava olhar para mim como está olhando agora. Sempre parecia querer me matar.

— Eu queria matar você. Ainda quero, de vez em quando. — Lysandra sorriu para ele.

— Andem, vocês dois. — Felix os apressou, já dez passos à frente. — Vamos encontrar o tesouro.

Lysandra segurou o braço de Jonas.

— Tem certeza absoluta de que confia nele?

— Tenho. Apesar das revelações que fez ontem à noite, ele conquistou minha confiança, Lysandra. Repetidas vezes.

Ela assentiu.

— Tudo bem. Se você confia nele, também vou confiar. Sua princesa dourada, por outro lado…

Jonas começou a subir a escada do templo atrás de Lysandra.

— Sei que não gosta de Cleo, mas o fato de ter me pedido para fazer isso por ela… É idiota eu considerar uma honra?

— Não, não é idiota. — Lysandra olhou para ele por sobre o ombro, e seus olhos castanho-claros encontraram os dele. — E o que acontece se acharmos?

Um mês antes, ele não acreditava em vigilantes e nem na Tétrade, mas agora eles podiam fazer toda a diferença do mundo. Tudo por causa de algumas rochas mágicas.

— Sinceramente? Não faço a menor ideia. — Ele sorriu. — Tento não planejar muito adiante.

Quando entraram no templo, o sorriso de Jonas se desfez. Uma onda de lembranças veio por todos os lados, dificultando sua respiração.

Naquele dia, ele estava tão cego e fora tão arrogante. Por um momento breve e ofuscante, assassinar o rei Gaius e o príncipe Magnus e libertar seu povo pareceram uma possibilidade real. Tinha impressão de que poucos guardas protegiam os membros da família real, mas, na verdade, eles estavam disfarçados de convidados do casamento, prontos para massacrar um ataque rebelde.

O sangue daquele dia ainda estava lá, na forma de manchas secas e amarronzadas sobre o claro piso de mármore. O templo estava em ruínas, e cada passo dado produzia mais rachaduras e mais desmoronamentos, como se um movimento errado pudesse destruí-lo por completo. Sua magnificência havia sido maculada. O que costumava ser um local sagrado de adoração da deusa auraniana agora era uma fera perigosa, pronta para consumir intrusos.

— Temos que ser rápidos — Felix disse. — Ou este lugar vai cair na nossa cabeça.

Jonas encontrou um trecho limpo de chão e chutou alguns pedaços de pedra.

Pegou a adaga incrustada de joias e cortou a mão. A dor foi aguda e profunda, mas ele não hesitou. Apertou o punho, e o sangue começou a pingar no chão. Agachou e o espalhou em forma de círculo com outro círculo dentro.

Quando terminou, Jonas levantou, com o estômago se revirando de nervosismo.

— Certo, princesa — ele murmurou. — E agora?

O chão retumbou. Pequenos pedaços de mármore começaram a cair em volta deles.

Lysandra olhou para cima e fez uma careta.

— Você deve ter desencadeado alguma coisa. Este lugar vai desmoronar a qualquer momento.

— Espere. — Felix agarrou o braço de Jonas, apertando o bastante para provocar dor. — Olhe ali.

Ao longo do corredor entre os bancos, manchado pelo sangue dos rebeldes mortos, um feixe estreito de luz brilhava através de um buraco no teto, iluminando um pequeno objeto. Jonas seguiu a luz e encarou o objeto, incrédulo e perplexo.

— Funcionou — Felix disse, sem fôlego. — Não acredito, mas funcionou.

Era uma esfera de obsidiana do tamanho de uma ameixa pequena, tão lisa e polida que refletia a imagem dos três que olhavam para ela.

Ouvindo outras vozes ali perto, Jonas ficou tenso. Agarrou a esfera preta e a enfiou no bolso.

— Vamos sair daqui — ele disse. — Agora.

— Não dá tempo — Lysandra sussurrou com aspereza. — Precisamos nos esconder.

Os três rebeldes se esconderam atrás de um pilar e viram quatro pessoas entrarem.

Eram a princesa Cleo, a princesa Lucia, o príncipe Magnus e outro garoto que Jonas não reconheceu — alto e esguio, com a pele dourada e bronzeada e cabelos castanhos acobreados.

Jonas e seus companheiros prenderam a respiração ao mesmo tempo no local onde se escondiam quando os quatro se aproximaram do centro do templo.

— E esse ritual? Do que se trata? — Magnus perguntou.

O outro garoto puxou uma adaga.

— É um ritual de sangue.

— E não é sempre?

Quando o rapaz se preparou para cortar a mão, Jonas fez um sinal para que Lysandra e Felix o seguissem para fora do templo enquanto os outros estavam

distraídos. Eles desceram os degraus quebrados e continuaram correndo até chegarem ao abrigo da floresta.

— Continuem — Jonas disse. — Precisamos abrir o máximo de distância possível.

Ele queria ter visto a expressão de Magnus quando percebesse que o cristal não estava lá.

— Imagino que não eram amigos seus — Felix disse.

Jonas quase gargalhou.

— Não reconheceu sua alteza, o príncipe Magnus? E a irmã dele, a princesa Lucia?

— E não se esqueça da princesa Cleo — Lysandra acrescentou. — A amada de Jonas.

Felix foi cortando a folhagem grossa com sua espada enquanto abria o caminho.

— Tão bonita quanto dizem por aí.

Lysandra resmungou.

— Pode ser… se for do seu tipo.

— Rica, privilegiada e linda? Com certeza é do meu tipo.

Os rebeldes pararam para descansar em uma clareira, um refúgio tranquilo onde pássaros cantavam e insetos zuniam. Lysandra sentou sobre o tronco de uma árvore caída.

— A pedra simplesmente apareceu. Como magia — Felix disse, sacudindo a cabeça e rindo. — O que não é estranho, considerando que *é* magia. Vamos ver.

O cristal pesava no bolso de Jonas. Ele passou a mão sobre a superfície fria e lisa antes de tirá-lo. A esfera de obsidiana brilhava sob a luz que atravessava a copa densa das árvores.

Jonas balançou a cabeça, surpreso.

— Já roubei muito na vida, mas esta é a primeira rocha mágica que tenho nas mãos.

Lysandra se aproximou mais.

— É linda.

— O que é *aquilo*? — Felix perguntou, chegando perto. — Tem alguma coisa se mexendo lá dentro.

O interior da esfera era ainda mais escuro, onde um filete de fumaça cor de ébano girava em um redemoinho infinito.

Jonas sentiu um tremor.

— É só um palpite, mas… talvez essa seja a magia?

— O que isso faz? — Lysandra perguntou.

— Não tenho a menor ideia.

— Posso ver? — Felix perguntou.

Jonas entregou a pedra, e Felix caminhou até a extremidade da clareira, segurando o cristal no alto para tentar enxergar melhor com a pouca luz.

— É tão incrível — Lysandra disse, segurando e apertando a mão de Jonas. — Não é?

Nossa, ela ficava linda quando sorria. Ele se distraiu por um instante, até que Felix voltou, jogando o cristal para cima e para baixo. E deu de ombros.

— Nem imagino como essa coisa funciona. Alguém sabe como usar magia?

— Não faço ideia, mas acho que é melhor parar de brincar com isso. Pode quebrar. — Jonas estendeu a mão.

Felix colocou a esfera negra sobre a palma dele, mas continuou de olho nela.

— Não sei se você deve simplesmente entregar isso para sua princesa. Tem alguma ideia do quanto pode valer uma coisa dessas? Conheço pessoas, Jonas. Não são *boas* pessoas, naturalmente, mas têm bolsos bem fundos.

— Tentador — Jonas admitiu, apertando a rocha e tentando, de algum modo, sentir sua magia, sem conseguir captar nada. — Mas esses cristais servem a um propósito mais elevado.

— Então quer entregá-lo à sua princesa.

— De novo, ela não é *minha* princesa, mas, sim. Estou inclinado a fazer isso.

Lysandra franziu a testa, com os braços cruzados diante do peito.

— Você disse *cristais*? Existe mais de um cristal?

— Eu disse cristais, não disse?

Ela lançou a ele um olhar severo.

— Tem algo que não nos contou?

Aquele dia já parecia vitorioso, mas a batalha estava apenas começando. Fazia semanas que Jonas não se sentia tão bem.

— A mensagem da princesa não incluía apenas *este* local.

— Você sabe onde encontrar mais, não sabe? — Felix perguntou.

Jonas não conseguiu conter um sorriso.

— Na verdade, sei onde encontrar três, de um total de quatro.

— Onde? — Lysandra perguntou, ofegante.

Jonas jogou o cristal para o alto, apanhou-o e o guardou de novo no bolso.

— Dois estão na nossa terra, Paelsia. Um lugar adequado, acredito eu, para abrigar o poder capaz de massacrar o rei.

# 24

# LUCIA

AURANOS

Se havia uma lição que Lucia aprendera com a mãe, era que qualquer coisa abaixo da perfeição era inaceitável.

A rainha era obcecada por aparências, e sua prioridade era que a filha adotiva estivesse sempre o mais bonita possível. Que fosse uma princesa perfeita. Ela obrigava Lucia a fazer muitos exercícios de memorização quando criança, forçando-a a decorar longas passagens dos Livros de Valoria, além dos estudos regulares. Sempre que os Damora recebiam convidados importantes e nobres locais, Lucia era chamada, como objeto de exposição, para recitar o que havia aprendido. Se alguma vez tropeçasse em uma palavra, ou demorasse para lembrar a frase seguinte, a rainha ficava muito séria, mas não dizia nada.

Não na hora.

— Garota idiota! — a rainha gritava assim que os convidados iam embora. — Você me envergonhou.

— Sinto muito, mãe. Achei que soubesse. Eu… não tive a intenção de esquecer.

— Precisa praticar mais. Não se renda à preguiça. A má impressão recai sobre todos nós. Hoje você não passou de uma decepção.

Palavras tão depreciativas tinham feito Lucia sentir menos afeto por aquela mulher e, aos poucos, começar a odiá-la.

Aquela lição dura, mas importante, permanecera. Perfeição era tudo o que importava, a qualquer custo.

Com o coração atormentado pelo fracasso no templo, Lucia voltou aos seus aposentos para ficar sozinha com seus pensamentos. Ela foi para a varanda e

deixou a brisa quente passear por seus cabelos e sua pele.

O anel em seu dedo — o anel de Cleo — proporcionava apenas uma quantidade modesta de paz. Talvez sem ele ela já tivesse ateado fogo em alguma coisa para extravasar suas frustrações.

Mas o dia ainda não tinha chegado ao fim.

Lucia não estava errada a respeito do templo. O cristal da terra havia sido despertado ali — ela *sabia* disso. Mas tinham chegado tarde demais.

Alguém o roubara antes que eles chegassem.

Mas não fazia sentido. Quem mais possuía a magia para descobrir aonde ir e o que fazer?

Ela queria ir a Paelsia no mesmo instante, reivindicar os cristais do ar e do fogo, mas Ioannes se recusou e a fez prometer que não contaria a Magnus mais nenhum de seus segredos. Ele já sabia demais, Ioannes disse. Além disso, o rei tinha dado permissão para um passeio de um dia, não para uma viagem longa a terras vizinhas perigosas.

Com relutância, Lucia concordou em ficar quieta por um tempo.

*E quem quer que tenha roubado o primeiro cristal também vai chegar antes de você aos outros dois*, disse uma voz desagradável e sinistra dentro dela. *Que bondade sua dar essa vantagem inicial.*

Ioannes a fizera parar antes de localizar o quarto cristal. Dissera a ela para esperar, para se fortalecer e continuar as aulas antes de mobilizar a magia mais profunda necessária para o feitiço de despertar.

Ela também havia concordado com isso. O feitiço tinha sido muito mais intenso do que o previsto, mas ela havia conseguido. Ainda assim, agora Ioannes a fazia duvidar de suas habilidades. Talvez estivesse certo — talvez não estivesse pronta.

Mas, não. Ela *estava* pronta.

Será que poderia despertar o último cristal sozinha?

*Pratique. Faça de novo. Não pare — não ceda à fraqueza. Não me envergonhe, garota idiota.*

Era a voz da mãe, ainda em sua cabeça, depois de todos aqueles anos.

A rainha acreditava que a magia de Lucia era maligna, mas não era. Era pura. Era a essência da vida. Ioannes insistira, e ela estava começando a acreditar.

E agora, com o anel de Eva na mão, finalmente tinha um pouco de controle sobre seu poder. Não era mais sua vítima. Sua magia era parte dela. Sua magia *era* ela.

A constatação lhe deu uma nova força. Fechou as janelas, acendeu uma dúzia de velas e as colocou no meio do chão. Sentindo-se ousada e rebelde, ela sentou, ajeitando a saia e cruzando as pernas. Tirou o anel de ametista do dedo e o analisou com cuidado, em silêncio, depois o girou à sua frente. Exatamente como Ioannes ensinara, ela se concentrou para mantê-lo girando, sem parar.

Ioannes tinha sido apenas seu guia da última vez, seu tutor. Mas sua presença não era necessária. A magia dependia apenas dela.

Com muito foco, criou um mapa de Mítica com magia e luz e o espalhou pelo chão como uma manta aberta para um piquenique.

*Muito bem.*

Lucia se concentrou na peça final da Tétrade — a água-marinha, cristal da água — libertando-se de quaisquer dúvidas ou temores que restassem.

— Onde você está? — ela perguntou em voz alta.

O anel girou pela Estrada Imperial, passando pelo templo em Auranos, pelo cristal do ar, ao sul de Paelsia, e mais a leste na direção das Montanhas Proibidas, onde parou na localização do cristal do fogo. Os cumes das montanhas eram altos, irregulares e assustadores, mesmo naquela representação mágica.

— Não, isso não. Eu já vi tudo isso — ela murmurou.

De repente, as montanhas se iluminaram com um triângulo gigantesco. Ardia como brasa, depois com chamas azuis, laranja e brancas, fazendo Lucia quase perder a concentração.

*Fogo.*

Ela se sentiu especialmente atraída por esse símbolo, chegando tão perto que tinha certeza de que as labaredas a queimariam.

Então, algo a empurrou para trás e a afastou do símbolo de maneira rápida e selvagem, deixando-a tonta. Lucia se esforçou para manter o controle sobre a magia e não perder o mapa. O anel quase parou de girar, mas ela o agarrou de novo com a mente bem a tempo.

Ela se recusava a aceitar o fracasso. Era forte, principalmente agora que tinha o anel. Ia conseguir.

Seus *elementia* a inundaram mais uma vez, tomando conta dela, como uma fera sinistra alongando os membros e afiando as garras. Mas dessa vez ela optou por aceitá-la. Era selvagem e perigosa, mas com o anel como âncora, sabia que iria obedecê-la.

O brilho do mapa voltou a se intensificar, a ponto de seus olhos começarem a arder. O anel que girava correu pela Estrada Imperial até atingir seu ponto mais ao norte.

Ela reconheceu o último local de poder de imediato. O Templo de Valoria, em Limeros.

Antes de partir para Auranos, o templo era como uma segunda casa para Lucia. Ela o frequentava uma vez por semana desde a infância para idolatrar a deusa.

Ficou satisfeita ao descobrir que era a localização do último cristal da Tétrade.

— Cristal da água… eu o desperto — ela sussurrou.

Sobre o mapa, o templo agora estava marcado com o símbolo da água. Duas linhas onduladas paralelas começaram a se agitar, tornando-se mais brilhantes a cada movimento.

Mas a sensação era diferente do que tinha sido com o fogo. Não parecia certo. Ela não conseguia desviar o olhar, que estava fixo no símbolo que brilhava sob o anel de ametista. Lágrimas corriam por seu rosto.

— Chega — ela disse, ofegante. — Como acabo com isso?

Antes, Ioannes a libertara do feitiço. Como faria isso sozinha? Seria capaz? Ou essa luz ardente queimaria seus olhos até cegá-la?

Seu coração disparou, as batidas reverberavam em seus ouvidos. O brilho dolorido diante dos olhos continuava a aumentar, transformando-se em um grito no fundo da garganta…

Então tudo ficou preto.

Não havia mais nenhuma sensação, nenhum sentimento. Apenas o silêncio e a escuridão a cercaram por uma breve eternidade.

Aterrorizada, piscou rapidamente e viu quatro figuras humanas tomando forma diante de seus olhos. Não podiam ser reais; essas figuras tremulavam como o mapa de Mítica. Como se fossem feitas de luz e magia.

*O que está acontecendo?*

Uma das figuras, uma jovem de beleza estonteante com longos cabelos dourados e olhos cor de safira, disse:

— É isso. Devolva-os para mim, Eva. Eu venci. Você perdeu. Não torne tudo mais difícil do que precisa ser.

*Eva.*

Lucia respirou fundo ao ouvir o nome da feiticeira original.

Eva era tão bela quanto a criatura dourada e cintilante, mas tinha cabelos escuros e olhos da cor da meia-noite. Ela balançou a cabeça.

— Você terá que tirá-los de mim.

— Já que insiste. — A criatura dourada acenou para duas garotas próximas, uma de cabelo escuro, outra de cabelo claro. — Peguem-nos.

Havia algo errado com Eva; estava pálida e trêmula. Mas, mesmo ajoelhada no chão diante da mulher dourada, olhava para cima com rebeldia.

As garotas se aproximaram e pegaram os objetos que estavam no chão, na frente de Eva, quatro pequenas esferas de cristal.

Lucia observava em silêncio, perplexa.

— Estão cometendo um erro estúpido. — Eva balançou a cabeça. — Vão se arrepender de seguir as ordens dela.

— Cale a boca, sua tola — gritou a garota de cabelo escuro. — Você queria todo o poder para si.

— Não. Queria protegê-las dele. Mas agora é tarde demais.

Cada garota segurava dois cristais. Eles logo ficaram mais brilhantes nas mãos delas, até arderem como pequenos sóis.

— O que está acontecendo? — perguntou a de cabelo claro, ofegante, olhando para as esferas de âmbar e selenita que segurava.

— Faça parar. — O pânico tomou conta da voz da mulher dourada. — Não! Isso *não pode* acontecer.

— Eu avisei, Melenia. Várias vezes. — Eva cerrou as mãos em punho. — Mas você me ignorou.

Lucia fixou o olhar na criatura dourada, como se a estivesse vendo pela primeira vez.

— Eu… eu não consigo soltar! — gritou a garota de cabelo escuro, que segurava a água-marinha e a obsidiana. — Está doendo!

Melenia correu na direção de Eva e agarrou seu pescoço, cravando os dedos sem piedade.

— Faça parar.

— Não posso. É tarde demais. Foi escolha sua. Lembre-se sempre disso.

— Eu roubei sua magia. Você não tem mais nada. Já deveria estar morta. Esse é o seu fim.

Eva olhou para ela com desdém, mas não tentou se libertar.

— Acha mesmo que é tão fácil? Minha magia é eterna. Meu sangue em suas mãos sela seu destino.

— Eu o quero de volta! — Melenia deu um tapa no rosto de Eva, e o ruído seco fez Lucia se contorcer. — Ele pertence a mim!

Sangue escorria pelo canto da boca de Eva.

— Ele não pertence a ninguém. Nunca pertenceu e nunca pertencerá. Ele a usou, e você permitiu, Melenia. Se eu não o tivesse detido a tempo, ele teria destruído tudo.

Melenia tremia de raiva, com lágrimas escorrendo pelo rosto.

— Eu o amo.

— Esse é o seu maior erro. O amor que sentia por ele não era amor, era obsessão. Amor de verdade tem a ver com sacrifício, não com egoísmo.

As duas garotas começaram a gritar, berros de dor que geravam ondas de solidariedade em Lucia. Mas Eva parecia satisfeita, como se os gritos fossem música para os seus ouvidos.

Os gritos finalmente pararam, e os olhos de Lucia se arregalaram em choque.

Os cristais tinham desaparecido. O que restou foram quatro símbolos gravados na palma das mãos das garotas.

Terra e água.

Fogo e ar.

Lucia mal conseguia respirar. As garotas eram as deusas Valoria e Cleiona…

De repente, antes que tivesse mais tempo para absorver aquela constatação, seu mundo desabou de novo na escuridão. Ela caiu para trás, girando dentro de um poço escuro sem fundo.

— Lucia — disse uma voz na escuridão. — Lucia! Acorde!

Ela tentou agarrar a voz e usá-la para voltar ao mundo real. Segurou firme, até finalmente se dar conta de que estava agarrando o tecido macio de uma camisa.

— Estou aqui. Não vou deixar você sozinha, eu juro — disse a voz.

Magnus? Magnus sempre estava pronto para protegê-la, sempre a animava quando ela se sentia mal, assim como ela sempre tentava fazer por ele.

Lucia se forçou a abrir os olhos e viu que não era Magnus que a segurava. Em vez dele, viu olhos cor de prata observando-a com preocupação.

— Ioannes — ela conseguiu dizer.

Ainda estava no chão, com um monte de velas ao seu redor. Ioannes a segurou junto ao corpo, acariciando seus cabelos e os tirando do rosto.

— Você estava dormindo. Tendo um pesadelo, pelo jeito.

O sonho começava a se perder na memória dela, mas a noção do que havia testemunhado permanecia.

— Sonhei com Melenia — ela disse. — E Eva. E as deusas.

Ele franziu a testa.

— Todas elas? Um sonho e tanto.

— Melenia era… — As palavras morreram em seus lábios. Melenia era má, terrível, manipuladora. Uma assassina.

Mas era também a líder de Ioannes, em quem ele confiava, o motivo por que estava ali. Ela queria devolver a Tétrade ao Santuário pelo bem do mundo.

Lucia não estava pronta para admitir a Ioannes o que havia feito. Apesar de ter certeza de que despertara com sucesso o cristal da água, algo ruim tinha acontecido. Ela sabia o quanto chegara perto de se ferir.

Ioannes ficaria furioso ao saber que ela havia tentado fazer o feitiço sem ele.

Lucia contaria logo, mas não naquele dia. Por enquanto seria seu segredo.

— Por um momento, fiquei preocupado com você — Ioannes disse quando ela ficou em silêncio.

A seriedade na voz dele levou um pequeno sorriso aos lábios de Lucia.

— Você ficou preocupado?

— Muito. Não quero que nada ruim aconteça a você. Você é importante demais para mim, princesa. — Ele se aproximou e roçou os lábios nos dela.

O coração de Lucia se expandiu, e a escuridão que havia dentro dela, todo o medo e o desespero que sentira foram eliminados por um momento de ternura.

— Eu amo você — ele sussurrou. — Não importa o que aconteça, por favor, nunca duvide disso.

Quando ele a beijou mais uma vez, as terríveis lembranças do feitiço e do pesadelo se desfizeram e desapareceram como fumaça.

Dois dias se passaram sem incidentes. Lucia manteve o feitiço clandestino de despertar em segredo, mas resolveu que logo engoliria o orgulho e falaria sobre ele. Aceitaria a fúria de Ioannes diante da decisão apressada de agir sem sua orientação e proteção.

A aula do dia incluía mais roubo de magia. Ioannes insistia nisso, apesar dos protestos dela.

— Estamos perdendo tempo — ela disse. — Precisamos inventar uma desculpa para sair do palácio e invocar os outros cristais. Não podemos esperar mais. Por que você não está preocupado? Alguém pode roubá-los também!

Ele a encarou com paciência.

— Eu *estava* preocupado, princesa. Mas, ontem à noite, Melenia visitou meus sonhos. Contei a ela sobre nosso progresso, sobre o que aconteceu no templo. Sugeri que ela enviasse falcões exploradores para vigiar os outros locais.

— E o que ela disse?

— Ela disse que já tinha feito isso. — Quando Lucia ficou boquiaberta, ele sorriu.

— Então os falcões estão vigiando tudo?

— É o que nós, vigilantes, fazemos.

Lucia pensou um pouco antes de falar de novo.

— Isso significa que ela sabe quem está com o cristal da terra?

Ele confirmou.

— Quem? — Lucia insistiu quando ele não revelou de imediato.

— Jonas Agallon.

Os olhos dela se arregalaram, reconhecendo de imediato o nome.

— O líder rebelde.

Ioannes a observou com calma.

— Você é uma feiticeira, princesa, com muita magia na ponta dos dedos. O que foi roubado pode, e vai, ser recuperado. É por isso que não estou muito preocupado. Você também não deveria estar.

— Mas Jonas pode usar o cristal…

— Primeiro ele teria que descobrir como — ele a interrompeu. — E, confie em mim, princesa, não é tão simples.

*Confie em mim.*

Ela confiava. Apesar da tendência irritante de não revelar informações que achava que podiam preocupá-la, Lucia confiava em Ioannes com toda sua alma e coração.

— Mas quem pode ter contado a Jonas aonde ir e o que fazer? — ela perguntou, meio para si mesma, meio para Ioannes.

— A resposta para essa pergunta é tão difícil? — ele respondeu. — Só três pessoas estavam presentes durante o feitiço do despertar, princesa.

Antes que ela pudesse responder àquela afirmação de revirar o estômago, Cronus apareceu na porta para conduzir Ioannes até sua reunião diária com o rei. Era mais cedo que de costume, mas não parecia estranho que o rei precisasse dele com tanta urgência; o palácio estava extremamente movimentado, com os preparativos para o casamento de uma garota limeriana de família nobre. O pai, lorde Gareth — um dos conselheiros e amigos de maior confiança do rei —

solicitara a honra da presença do rei na cerimônia. Embora não costumasse atender a pedidos tão frívolos, o rei resolvera que o casamento seria uma excelente desculpa para dar uma grande festa e ordenou que tudo fosse organizado rapidamente.

Desde que se mudara para Auranos e assumira seu novo trono dourado, o pai de Lucia parecia agarrar qualquer oportunidade de celebração. Ela não sabia ao certo se era apenas para manter as aparências, uma forma de inflamar ainda mais seus novos súditos, ou se ele realmente gostava dos eventos.

Ioannes se despediu dela, deixando-a andando de um lado para o outro em seus aposentos, com a cabeça girando com tudo o que acabara de ser revelado. De repente, alguém bateu na porta. Ela abriu e viu Cleo.

— Estou interrompendo? — Cleo perguntou.

Por um instante, Lucia ficou sem palavras. Cleo passara a visitá-la todos os dias, pronta para arrastá-la para conversas sobre garotos e a vida em geral. Ela só se interessava por discussões fúteis e longas caminhadas pelo pátio e pelos corredores do palácio. Durante dias depois do presente generoso de Cleo — o anel —, Lucia esteve aberta a isso. Estava feliz e muito aliviada por finalmente ter uma amiga íntima a quem pudesse confiar seus segredos.

Agora não sabia mais o que pensar.

Ela abriu a porta e convidou a princesa para entrar.

— Não está interrompendo nada. Ioannes não está aqui.

Cleo entrou e passou por ela, dando uma olhada nas velas acesas e centenas de flores espalhadas pelo lugar.

— Seu quarto está parecendo mais um cenário romântico do que sala de aula.

— Acredite, as velas e flores são apenas para as aulas.

Cleo levantou uma sobrancelha.

— Que decepcionante.

Lucia observou a outra princesa com cuidado.

— Estou feliz que esteja aqui. Queria mesmo falar com você.

— Então também fico feliz por ter vindo. Em que está pensando?

— Fiz o feitiço de novo, sozinha. Despertei o cristal da água.

Cleo ficou de queixo caído e perguntou a Lucia:

— Onde está?

Que resposta rápida. Tão ávida, tão voraz.

Será que Lucia tinha sido tola de confiar nela, mesmo por um segundo? De pensar que Cleo poderia ser uma amiga de verdade em um reino de inimigos?

As palavras de Ioannes ecoaram em sua cabeça.

*"Você é uma feiticeira, princesa, com ampla magia na ponta dos dedos. O que foi roubado pode, e vai, ser recuperado."*

Ele tinha razão.

— Em Limeros — ela disse. — No Templo de Valoria.

Ela queria ver a reação de Cleo à verdade, ver se podia detectar alguma falsidade. Talvez suas suspeitas estivessem equivocadas. Afinal, quando a princesa poderia ter entrado em contato com um criminoso procurado como Jonas Agallon?

Mas os fatos eram inegáveis — e Lucia tinha sido criada para valorizar fatos e verdades acima de tudo. Apenas duas pessoas além dela mesma conheciam a localização do cristal da terra antes de descobrirem que havia sido roubado.

Apenas duas. E uma delas estava diante dela — uma garota cujo reino e cuja liberdade tinham sido roubados pela família de Lucia.

# 25

# CLEO

AURANOS

O plano de Cleo tinha funcionado à perfeição.

Seu futuro parecia mais promissor do que nunca e, se conseguisse dar um jeito, esse futuro incluiria Lucia. Ela tentara evitar — o plano era apenas fingir —, mas gostava dela. Gostava dela *genuinamente* e valorizava sua amizade.

Nas veias de Lucia não corria o gélido sangue dos Damora, então essa surpreendente consequência era perfeitamente aceitável para Cleo.

Parte dela se sentia mal quando precisava mentir para Lucia, mas era um mal necessário.

O Templo de Valoria. Lar do cristal da água — quarto e último da Tétrade.

Lucia o despertara, e logo ele pertenceria a Cleo.

Ela esperaria até ter notícias de Jonas para mandar Nerissa entregar um bilhete com a novidade. Um pensamento não parava de perturbá-la. Por que ele ainda não tinha mandado notícias sobre seu sucesso no Templo de Cleiona?

*Vai levar tempo,* ela lembrou a si mesma. Revelara os três locais na última mensagem ao rebelde, e Nic ficou chocado quando confessou o que tinha feito.

— Você confia mesmo nele — ele comentara.

— Confio, sim. — Confiar algo tão importante quanto isso a Jonas era um risco que estava disposta a correr. Era um salto de um penhasco alto, e Cleo tinha muita esperança de que a queda fosse suave.

— É incrível — ela agora dizia a Lucia, sacudindo a cabeça. — Seus *elementia*… me deixam impressionada.

— Seu anel faz maravilhas para o meu controle. — Lucia baixou os olhos e ficou observando a ametista, e Cleo sentiu uma profunda pontada de inveja. Não

se tratava apenas de um objeto mágico ligado à Tétrade. O anel pertencera à sua mãe, e seu pai entregara a ela nos últimos momentos de sua vida.

Seu coração doía, mas ela sabia que o anel era apenas mais uma perda que sofreria.

— Fico feliz — ela disse, forçando um sorriso.

Lucia franziu o cenho.

— Você conhecia o poder deste anel antes de Ioannes contar.

Um pesado momento de silêncio criou-se entre as duas princesas enquanto Cleo tentava entender exatamente o que Lucia estava sugerindo. Suas palavras não tinham entonação de pergunta. Eram uma afirmação.

— Claro que não.

— Não minta, Cleo. É muita coincidência para eu acreditar.

Uma rápida sensação de alarme percorreu seu corpo.

— Não estou mentindo.

— Você tem esse anel faz o quê? Alguns meses? O segredo dele a levou a se aproximar de mim com propostas de amizade. Foi assim que soube, antes mesmo de ver com os próprios olhos, que sua presença me traria paz. E utilizou esse conhecimento para me manipular.

O estômago de Cleo revirava ao mesmo tempo que sua mente trabalhava sem parar para encontrar uma forma de escapar daquela situação, apaziguar as preocupações de Lucia. A princesa estava apenas sendo paranoica, o que não era novidade.

Ainda não era o momento de entrar em pânico.

— Lucia — Cleo abriu um grande sorriso. — Como eu poderia saber que possuía um anel mágico? Ele não *me* fornecia nenhuma magia. E, caso não tenha percebido, tenho apenas dezesseis anos. Não conheci Eva pessoalmente, como seu namorado. E por acaso preciso lembrar que dei o anel a você de livre e espontânea vontade assim que soube que poderia ajudar? Agora deixe de ser boba.

— Boba? — A expressão de Lucia ficou sombria. — Garanto que boba é a última coisa que estou sendo agora.

Talvez a hora de entrar em pânico estivesse chegando.

— Vou deixá-la com seus estudos. Certamente está de péssimo humor hoje, e não quero piorar as coisas, especialmente com o casamento hoje à noite. — Ela se virou e abriu a porta.

Mas a porta bateu antes que Cleo pudesse sair.

Devagar, ela se virou para a feiticeira, com o coração batendo com tanta força que dava para ouvir.

— Contei sobre o cristal da água porque queria ver sua reação — Lucia disse com toda a calma. — Achei que pudesse estar errada, mas está em seus olhos. Vejo o quanto quer a Tétrade.

— Não sei do que está falando. Agora, me deixe sair.

— Por quê? Para você alertar Jonas Agallon e mandá-lo para Limeros? Sugiro que ele vista uma pele. Lá é muito frio, mesmo no verão.

Cleo de repente esqueceu como respirar. Lutou para encontrar a voz ou uma desculpa que satisfizesse a garota parada diante dela com os punhos cerrados.

— Você me acusa mas não tem certeza de nada. — Cleo disse em um tom agudo o bastante para quebrar vidro. — E o seu namorado? Nenhuma dúvida foi levantada em relação a ele? Apenas sobre mim? Talvez, em se tratando dele, você seja cega. Ele é muito antigo, não é? Por que daria atenção a uma adolescente, se não fosse para manipular seus poderes para encontrar a Tétrade em benefício próprio?

O ar começou a estalar e tremeluzir ao redor delas, e o anel no dedo de Lucia brilhava com uma forte luz violeta.

Cleo tinha falado demais.

— Lucia — ela disse, segurando as mãos da garota. — Não… — Lucia levantou a mão, lançando-a contra a parede. O golpe arrancou o ar de seus pulmões. Cleo arfava, mas não conseguia encontrar ar suficiente para respirar. Era o próprio ar, pura magia do ar, que Lucia utilizava para imobilizá-la contra a parede, para envolver uma mão invisível em sua garganta e sufocá-la.

Os pés de Cleo saíram do chão enquanto a magia a erguia.

— Odeio mentirosos — Lucia disse. — E isso é tudo o que você faz. Mentir.

O anel resplandecia. Ele deveria ajudar Lucia a controlar sua magia, mas talvez *já estivesse* sob controle. O caos controlado de uma feiticeira.

— Não, por favor! — Cleo suplicou. — Somos amigas! Eu me preocupo com você, Lucia. De verdade!

O vento serpeou violentamente pelo quarto, derrubando tudo em seu caminho. Lucia parou diante dela, com os longos cabelos escuros esvoaçando.

Era um pesadelo ganhando vida — um demônio surgido das terras sombrias para destruir tudo em seu caminho.

— Magnus era meu único amigo neste mundo — Lucia disse. — E agora ele também mente para mim, como meu pai. Como todo mundo.

— Eu não menti para você! Não fiz nada de errado. Nada!

Cleo negaria até o último suspiro. Mesmo que Lucia *soubesse* que o cristal estava com Jonas, não havia como ter certeza de que Cleo contara a ele. Era apenas um jogo de adivinhação, e Cleo se recusava a participar.

Mas também faria seu próprio jogo.

Não importava o que estivesse passando pela cabeça de Lucia naquele momento, nem o que houvesse suscitado esse ato de violência — nada importava. As duas tinham compartilhado momentos de amizade verdadeira, e Cleo sabia que o coração de Lucia não era frio e escuro como o de seu pai. Havia bondade dentro dela.

— Seu pai destruiu minha vida e acabou com a minha família, mas ofereci minha amizade a você mesmo assim. Dei o anel da minha mãe sem esperar nada em troca. Você está errada ao meu respeito. Fui leal a você e juro pela deusa que não contei a ninguém o que fiquei sabendo aqui. Mas se quiser me matar mesmo assim, faça de uma vez.

De repente, o vento desapareceu, e Cleo caiu da parede como uma pedra, machucando os joelhos no chão de mármore. Ela ficou ali, encolhida como uma bola, olhando para a feiticeira com medo.

Não havia piedade nem compreensão no rosto de Lucia. Apenas ódio.

— Saia daqui, sua vadia mentirosa — Lucia disse. Seus punhos começaram a arder com fogo. — Não quero ver seu rosto nunca mais.

Cleo saiu correndo o mais rápido que pôde, tropeçando no corredor na pressa para fugir. Tinha que encontrar Nic e contar a ele sobre a mudança de planos. Precisava entrar em contato com Jonas assim que possível para pegar os outros cristais. E, nesse meio-tempo, esperava que os kraeshianos ainda estivessem interessados em uma aliança.

Cleo secava as lágrimas na velocidade em que escorriam.

— Está tudo bem, princesa? — um guarda perguntou. Ele e outro guarda tinham deixado o posto ao lado dos aposentos de Lucia para acompanhá-la pelo longo corredor.

— Está tudo bem. Muito bem. — Ela olhou para eles com cautela. — Voltem aos seus postos. Não preciso de ajuda.

— Receio que esteja enganada. — O guarda pegou o braço dela. — Você vem conosco.

— O quê? — Ela tentou se soltar. — Tire as mãos de mim agora mesmo!

— Acabou, princesa. — Ele olhou para ela com frieza. — Não vamos mais acatar suas ordens. Não que algum dia tenhamos acatado.

— Me soltem! — Cleo gritou, chutando e se debatendo, lutando para se libertar. Passou os olhos pelo corredor em busca de ajuda, mas não encontrou ninguém. — Seus brutos! Vou contar ao rei sobre esse comportamento!

— Estamos cumprindo ordens do rei.

Ela os encarou, horrorizada, então abaixou a cabeça e fincou os dentes no braço de um guarda até sentir gosto de sangue e ouvir um grito de dor. Cleo se virou e correu, mas o outro guarda a agarrou antes que conseguisse ir muito longe.

— Você teve a chance de nos acompanhar sem resistência — ele disse. — Não diga que não teve.

Segurando a cabeça de Cleo, ele a bateu contra a parede de pedra, e a escuridão recaiu imediatamente sobre ela.

# 26

# LUCIA

## AURANOS

Quando Cleo saiu correndo, Lucia caiu no chão, apoiando-se com as mãos enquanto a frieza que havia dentro dela desaparecia, restando apenas o calor da fúria. Mesmo com o anel, seus *elementia* queimavam no interior de seu corpo. E quanto mais ela resistia, mais doía.

*Você podia tê-la matado*, a magia sussurrou na voz de sua mãe morta.

Não. Ela não podia matar mais ninguém.

*Ela merece. Ela mentiu para você. Todos eles mentem para você e a usam. Não se importam com você. Querem apenas a Tétrade. E você é apenas um meio para conseguirem.*

*O rei vai pegar o que entregar a ele e se livrar de você depois, sem hesitar.*

*Para eles — o rei, Cleo, Magnus — você não passa de uma ferramenta para conseguirem sua magia.*

Cada um desses terríveis pensamentos era como uma adaga em seu coração, porque ela sabia que eram verdade.

E quanto mais se dava conta disso, mais zangada ficava. Ela se levantou e olhou para si mesma, percebendo que estava coberta de fogo, dos pés à cabeça: uma chama azul que, de algum modo, não consumia seu vestido, seus sapatos nem sua pele. Ela olhou para as mãos, em parte fascinada, em parte horrorizada.

Foi até a janela e olhou para o dia perfeito. Concentrou-se até nuvens escuras se acumularem no céu, até então azul — um casamento entre magia de água e ar. Quando veio a tempestade, ela foi até a varanda, apertou bem os olhos e deixou a chuva encharcá-la. Isso extinguiu as chamas, mas não fez nada para afastar a escuridão que se formava dentro dela.

Aquela escuridão que havia começado a consumi-la.

*Devia matar todos eles pelo que fizeram com você.*

Lucia abriu bem os olhos. Por um instante, imaginou-se fazendo exatamente aquilo: utilizando sua magia para destruir as pessoas que diziam amá-la, mas que estavam apenas se aproveitando dela. Por um instante, o pensamento foi reconfortante.

Mas logo ela percebeu o horror que havia nele.

Com os cabelos e o vestido encharcados, ela se afastou da mureta da varanda e saiu correndo pelo quarto, espalhando as flores usadas na aula daquele dia.

Atordoada, saiu do quarto e foi tropeçando pelo corredor, sem se preocupar em ver quem poderia estar por perto. Tinha certeza de que as pessoas estavam estranhando sua desorientação, já que pingava água pelo caminho, mas não se importava.

— Princesa, está tudo bem? — um guarda perguntou quando ela passou por ele.

— Não — ela sussurrou. O homem foi atrás dela para oferecer alguma assistência, mas ela invocou magia do ar e o pressionou contra a parede, o que lhe permitiu escapar sem resistência.

Lucia não sabia ao certo aonde estava indo até chegar ao quarto que tinha sido oferecido a Ioannes, na ala dos empregados. Ela protestara diante da decisão de deixá-lo nos alojamentos dos criados, e não nos aposentos mais suntuosos reservados aos hóspedes, mas ele disse que não se importava. Disse que compreendia e gostava de ficar lá.

Lucia abriu a porta e entrou, tremendo tanto pela água fria que escorria por seu corpo quanto pela magia que fluía logo abaixo de sua pele.

Ela esperou no quarto escuro e tentou não perder o controle, tentou não mergulhar mais em seus poderes por medo do que aconteceria depois.

Finalmente, um feixe de luz das tochas do corredor iluminou o quarto quando Ioannes abriu a porta.

— Lucia, o que está fazendo aqui?

Vê-lo não trouxe o alívio que ela esperava, apenas intensificou a dor que sentia diante do que quase tinha feito.

— Não sei o que há de errado comigo.

As tochas nas paredes começaram a brilhar, distraindo-a por um instante. Ela não havia feito aquilo; Ioannes as acendera com sua magia.

De repente, ele a estava pegando nos braços, com uma máscara de preocupação sobre o belo rosto.

— O que aconteceu?

— Eu quase a matei.

— Quem?

— Cleo. Ela estava mentindo para mim, esse tempo todo. Ela nos traiu. Acreditei de verdade que pudesse ser minha amiga. — Ela respirava com dificuldade, sentindo-se mais magoada do que achou que ficaria com aquela garota falsa. — Mas fui burra demais. Burra demais de confiar nela, mesmo por um instante. Não posso confiar em ninguém!

— Lucia. Olhe para mim. Por favor, tente respirar.

— Eu queria que ela morresse. Queria fazê-la gritar de dor pelo que fez. Sei que é errado, que é horrível. Tão horrível.

— Não — ele disse, sacudindo a cabeça. — Não é errado.

— Como pode dizer isso? Eu estava começando a acreditar que minha magia era boa, mas se ela pode me fazer sentir essa… essa escuridão que mal consigo controlar, mesmo com o anel… como pode estar certo?

— Você precisa parar de duvidar de si mesma. Existem trevas no mundo, é claro, mas há sempre um equilíbrio. Você é uma prova viva desse equilíbrio. Para aceitar o bem, você também tem que aceitar o mal. Se continuar combatendo essa verdade, ela vai acabar com você. — Ele pareceu angustiado. — Droga. Não quero perder você. Não quero perder você nunca. Entendeu?

— Mas, Ioannes…

Ele a puxou para mais perto, segurando o rosto dela com as duas mãos, e a beijou com vontade. Ela ficou sem fôlego, surpresa, depois suspirou aliviada. Era disso que precisava — de seu toque, sua garantia de que tudo estava bem. Sua boca junto à dela em um beijo que nunca terminava, apenas se intensificava cada vez mais.

Era um beijo diferente de qualquer outro entre eles, comparável apenas ao primeiro, nos sonhos dela, que fragmentara todo o mundo inconsciente ao seu redor.

O beijo carregava a mesma paixão do anterior, mas era real, em carne e osso. Dessa vez, dava a sensação de que seu mundo inteiro estava se despedaçando, deixando para trás nada além de Ioannes.

— Por favor — ele sussurrou junto aos lábios dela —, nunca mais duvide de si mesma. Você é perfeita para mim em todos os aspectos. Eu amo você, Lucia. Eu

amo muito você.

Ele a beijou de novo, e ela retribuiu completamente dessa vez, abrindo-se para o brilho forte que havia bem no fundo de si e a ajudava a espantar o resto da escuridão que ainda havia em seu coração.

A sensação era tão boa. Ela queria mais.

Lucia tentou encontrar as amarras da camisa dele, desatando-as para revelar a espiral dourada em seu peito. Estava mais escura do que quando a vira pela primeira vez em sonhos, e depois na sala do trono, parecendo mais uma tatuagem do que a evidência física de sua origem de vigilante. Ela roçou os lábios sobre o símbolo, sentindo a velocidade das batidas de seu coração.

Ioannes respirou fundo, segurando os braços dela, contendo-a.

— Princesa…

Lucia olhou para ele com uma dúvida repentina.

— Quer que eu saia?

Ele soltou uma risada leve.

— Não, não quero que você saia.

— Então quer que eu fique.

— Quero.

Aquela única palavra a satisfez profundamente.

— Por quanto tempo?

Uma sombra tomou conta do rosto dele.

— Aqui neste quarto, sozinha comigo?

Ela confirmou.

— Se dependesse de mim, não queria que fosse embora nunca — ele sussurrou. — Nunca.

Lucia sorriu para ele. Aquelas palavras eram um bálsamo para suas feridas invisíveis, curando-a e renovando sua alegria e esperança.

— Ótimo — ela sussurrou.

Havia confusão e dor no olhar dele, um sofrimento muito grande que ela queria apaziguar. Mas, além do sofrimento, Lucia também via algo mais profundo e infinito, direcionado apenas para ela.

— Tem certeza de que quer isso? — ele perguntou, a voz abafada enquanto Lucia tirava a camisa dele, deixando-a cair no chão. — Você estava tão chateada agora há pouco; não quero que faça nada se não se sente pronta.

— Tenho certeza — ela disse, mais confiante do que já tinha se sentido em relação a qualquer coisa. — E estou pronta.

— Você é tão jovem…

— Sou feita de minha magia, e minha magia é mais antiga que as estrelas. — Ela sorriu, nem um pouco disposta a desistir. — E já esperei o bastante. Eu amo você. Faça amor comigo, Ioannes.

Lucia achou que ele pudesse hesitar mais uma vez, olhar para ela com dúvida ou tentar argumentar mais um pouco. Mas seus olhos prateados apenas se encheram de um desejo infinito quando segurou o rosto dela entre as mãos.

— Como quiser, princesa.

Quando a beijou de novo, não houve comedimento. Assim como os céus se abriram ao comando dela e trouxeram uma tempestade para a temperada Auranos, aquele beijo abriu um portal para uma parte mais profunda, mais lindamente caótica de sua alma.

Ao seu comando, Ioannes era dela… de corpo e alma.

Lucia não podia mentir sobre isso nem para si mesma. Já tinha imaginado como seria estar com Ioannes, mas a imaginação não chegava nem aos pés daquilo.

Sua mãe a alertava com frequência sobre como seria compartilhar o corpo pela primeira vez. Alertara sobre as coisas terríveis que os homens gostavam de fazer com as meninas, com ou sem permissão. Falava sobre como a castidade tinha que ser protegida a todo custo — em especial a castidade de uma princesa.

Que bando de mentiras eram aqueles alertas. O amor fazia toda a diferença — sempre fizera. Não havia nada sujo nem errado no que ela e Ioannes compartilhavam.

Estar com ele por completo, ali, naquele instante, em seu pequeno quarto, no pequeno leito com seu belo corpo dourado cobrindo o dela… tinha sido a perfeição.

Um arrepio agradável percorreu seu corpo quando Ioannes passou o dedo devagar na linha de seu ombro nu. Lucia chegou bem perto dele, a mão sobre seu peito. O toque dele a impedia de se concentrar.

— Fuja comigo — ele sussurrou.

— E para onde iríamos? — ela perguntou, chegando ainda mais perto e roçando o nariz no pescoço dele, passando os lábios por seu pescoço.

— Para onde você quiser.

Ioannes oferecia possibilidades tão incríveis, uma seleção interminável e empolgante delas.

— Meu pai ficaria louco se eu fugisse de casa.

— Sem dúvida.

— Mas também ficaria louco se soubesse que estive aqui com você, assim.

Ele acomodou a mão na curva da cintura dela.

— Acho que a cabeça dele explodiria, na verdade.

Lucia sorriu só de imaginar.

— Cleo quase foi banida por ter feito uma escolha parecida, embora culpe o vinho por ter perdido a castidade. Eu não tenho essa desculpa, não é?

Ele acariciou seus longos cabelos pretos, enrolando um cacho grosso nos dedos e o analisando como se o fascinasse. Mas logo franziu a testa e olhou de novo nos olhos dela.

— Você se arrepende?

Ela o puxou para mais perto, beijando-o mais uma vez.

— Só me arrependo de termos esperado tanto tempo. Faz quase duas semanas que você está aqui. Tanto tempo perdido.

Ele soltou um gemido grave.

— Você *é* perigosa, princesa. Mas isso tem pouco a ver com sua magia.

Ela riu, sentindo-se ao mesmo tempo perversa e feliz. Quem diria que era possível sentir as duas coisas ao mesmo tempo?

— Posso aceitar esse tipo de perigo.

Um cacho cor de bronze caiu sobre a testa dele.

— Preciso lembrá-la de que agora sou mortal. Posso ser assassinado por reis furiosos que encontrarem suas filhas inocentes na cama com o tutor.

Lucia ergueu uma sobrancelha, abrindo mais o sorriso.

— Precisamos garantir que ele nunca descubra.

Ioannes a deitou de costas, segurando seus braços ao lado do corpo.

— Case comigo.

Ela ficou sem fôlego.

— O quê?

— Você ouviu. Se fugirmos e nos casarmos, o rei não poderá dizer muita coisa além de nos parabenizar.

Ioannes não tinha ideia do que — e do quanto — estava pedindo, principalmente considerando como afetaria sua família.

— Meu pai pode matá-lo mesmo assim.

— É um risco que estou disposto a correr. — Ele riu diante da expressão surpresa dela. — O que foi? Você disse que me amava. Acabou de compartilhar seu próprio ser comigo da maneira mais íntima possível, incondicionalmente e sem arrependimentos.

Lucia balançou a cabeça antes que ele entendesse mal sua apreensão.

— Você está certo. Eu amo você… amo mesmo. É que… Tem tanta coisa acontecendo agora… — A cabeça dela flutuava com todos os problemas, todas as dúvidas. — Não consigo esquecer o que aconteceu com Cleo. Eu… eu estou melhor agora, estou, sim. Sei que exagerei. — Uma sombra pairou sobre ela quando Ioannes tocou seu rosto, acariciando-o até o queixo. — Mas ainda não confio em nenhum deles. Sei que querem me usar. Nunca me deixarão ir.

Um vislumbre de preocupação tomou conta do olhar dele.

— Acho que está certa. Existe muita gente capaz de se aproveitar de alguém com suas habilidades, sua profecia. Você precisa ter cuidado.

A confirmação a surpreendeu.

— Ioannes, eu já devia ter contado, mas fiz o feitiço de novo, sozinha, para despertar o último cristal.

Ele ficou muito quieto, e então disse:

— O quê?

— Sei que queria estar lá, mas consegui fazer sozinha. Sem nenhum problema. — Ela mentiu.

Ele ficou sério.

— Eu pedi para você esperar, princesa.

— Sei que pediu. Mas está tudo bem. O feitiço funcionou perfeitamente. O cristal da água está aguardando para ser invocado neste momento.

Ele soltou um longo suspiro, ainda com traços severos no rosto.

— Muito bem, está feito. Me diga onde despertou o cristal.

— No Templo de Valoria. — Ela não viu nenhuma surpresa nos olhos dele, o que confirmou sua certeza. O templo era, sem dúvida, o quarto local de poder de Melenia.

Tudo fazia sentido. Nos mapas que vira seu pai analisar, a Estrada Imperial terminava perto do templo.

— Não houve nenhum desastre lá — Ioannes disse. — Nenhum sangue foi derramado. Mas, mesmo assim, acredita que é esse o lugar.

— Tenho certeza — ela respondeu. Mas logo uma sombra de preocupação se abateu sobre sua confiança. — Compartilhei essa informação com Cleo, para ver

a reação dela. Para ver nos olhos dela a prova de que estava nos traindo.

— E se ela estiver, e seu amigo rebelde, Jonas, reivindicar o cristal?

— Vou roubá-lo de volta. — Assim que disse isso, ela sentiu a verdade de sua convicção. Suas dúvidas desapareceram mais uma vez.

— Ótimo. — Um sorriso apareceu nos lábios dele, antes de ficar pensativo. — O Templo de Valoria é um local excelente para outros acontecimentos importantes, acho.

— Do que está falando?

— É o lugar perfeito para nos casarmos.

Ela não conseguiu deixar de rir de sua persistência. — Você está falando sério, não está?

— É claro que estou. A menos que esteja esperando um noivado oficial com um lorde. Não sei se um reles tutor pode competir com isso.

Ela queria Ioannes mais do que qualquer lorde que pudesse existir.

— Você é impossível.

Ele segurou o rosto dela entre as mãos de novo.

— Diga. Diga que podemos fugir para Limeros hoje para nos casarmos e invocarmos o último cristal. Ninguém precisará ficar sabendo tão cedo.

*Hoje?* Lucia ficou olhando para ele, com um milhão de pensamentos rondando sua cabeça. Um milhão de dúvidas, um milhão de perguntas, tudo girando em uma tempestade confusa.

Mas de uma coisa não tinha dúvida.

— Sim. Eu me caso com você, Ioannes.

# 27

# MAGNUS

## AURANOS

— O rei solicita sua presença.

Cronus estava parado na passagem arqueada da biblioteca do palácio como a sombra avultante de uma montanha. Magnus vasculhava as prateleiras em busca de mais informações sobre a Tétrade e, dadas as recentes alegações sobre sua mãe biológica, também pesquisava um pouco sobre bruxas.

— É mesmo? Imediatamente, ou quando eu quiser?

Cronus cruzou os braços.

— Imediatamente.

— Eu estava brincando, Cronus. — Magnus jogou o livro que estava folheando sobre uma grande pilha no centro de uma longa mesa de carvalho. A bibliotecária, uma mulher pequena e estranha com cabelos bem vermelhos e sobrancelhas arqueadas, os guardaria de volta no lugar certo.

— É claro. Podemos ir, vossa alteza?

— Ah, você foi oficialmente designado para me acompanhar até lá, não foi? Deve ser uma ocasião muito importante.

Cronus olhou para ele.

— Está com um humor peculiar hoje.

— Você acha? — Na verdade, Magnus estava apático. Fervera de raiva durante dois dias inteiros por ter ido até o templo e descoberto que o tesouro tinha sido roubado.

Agora estava tentando se concentrar no que podia controlar. Jurou que vigiaria Ioannes daquele dia em diante. Sabia que o vigilante exilado era responsável pelo cristal desaparecido — só podia ter sido dele. Quem mais poderia ser?

Talvez o rei ainda confiasse em Melenia e no garoto enviado em seu lugar, mas Magnus não. Nem por um único e solitário instante.

— Mostre o caminho — Magnus disse para o capitão da guarda.

Aquele poderia se tornar um bom dia: bastava convencer o rei a separar Ioannes e Lucia até segunda ordem. Mas sua satisfação duraria apenas até a noite, quando seria obrigado a ir com Cleo ao casamento da filha do lorde Gareth.

Se pudesse, ignoraria essa obrigação. Era outra "oportunidade" de socializar com centenas de convidados que provavelmente prefeririam estar em outro lugar. Pelo menos tinham isso em comum.

Quando o trono fosse seu, pensou, não aceitaria dar festas para as filhas de todos os nobres que pedissem com educação. Preferiria privacidade e solidão, uma vida em que discursos públicos fossem raros e anunciados com muita antecedência.

Eles levaram dez minutos para chegar à sala do trono pelos corredores labirínticos do palácio. Magnus nunca diria a ninguém, mas tinha se perdido muitas vezes naquele labirinto até finalmente resolver desenhar um mapa para ajudá-lo a encontrar o caminho.

Todos os corredores eram idênticos. Iluminados por lamparinas, com pisos de mármore ou mosaicos de ladrilho, pinturas e tapeçarias adornando as paredes.

Magnus se concentrou em seus passos, mantendo silêncio ao lado de Cronus até chegarem à sala do trono. Os guardas posicionados do lado de fora abriram as portas para os dois entrarem. Magnus se aproximou da plataforma com um passo rápido e confiante.

— Precisamos conversar sobre o tutor de Lucia — Magnus disparou antes que o rei pudesse dizer uma palavra.

Os guardas fecharam as portas, dando privacidade a eles. Cronus permaneceu na sala depois que o rei fez um sinal para não se retirar.

O rei Gaius olhava para ele com tranquilidade.

— Precisamos?

— Não confio nele.

O rei levantou e desceu os degraus para ficar de frente para Magnus.

— Não estou surpreso que não goste dele, considerando os sentimentos que tem por Lucia. Ele é muito bonito, e ela, apesar de seus poderes, não deixa de ser apenas uma bela jovem.

O peito de Magnus ficou apertado com a menção a seus *sentimentos*.

— Minha preocupação não tem nada a ver com isso.

— Já que está dizendo… Mas não quero falar sobre Ioannes agora. — O rei se serviu de uma bebida. — Mandei um espião a Kraeshia, que relatou que o imperador tem planos de mandar uma frota de navios para nossa costa. Ele pretende nos conquistar. *Me* conquistar.

Magnus ficou com a boca seca só de pensar naquilo. O imperador Cortas, com sua ampla armada, poderia acabar com Mítica em questão de dias, como já fizera com inúmeras outras terras nas duas décadas em que esteve no poder. O exército limeriano era habilidoso e obediente, mas não resistiria a um ataque colossal e organizado.

— Por que agora?

— Porque ele quer o que é meu, claro. — O rei parecia assustadoramente calmo em relação a isso, o que não tranquilizava Magnus nem um pouco. — O que é *nosso*.

— Como podemos derrotá-lo?

— Lucia vai ajudar, mas a magia de uma menina contra a força de milhares, dezenas de milhares? — As pontas de seus dedos ficaram esbranquiçadas quando ele apertou o cálice e tomou um gole de bebida. — Ela é mortal. Uma flecha bem atirada pode acabar com sua vida. Não posso depender apenas dela. E minha paciência está se esgotando no que diz respeito à Tétrade. Ioannes me garante que tudo está saindo conforme o planejado, mas não consigo deixar de me preocupar.

O rei tinha acabado de admitir que estava preocupado. Aquele estava se mostrando um dia realmente memorável.

Magnus lutou consigo mesmo para manter a expressão neutra.

— O que vamos fazer agora?

— Preciso elaborar outros planos, que envolvam mais do que a confiança em Lucia e na Tétrade. Já tenho outra coisa em mente, e quero sua opinião.

— O que é? — Embora tivesse inúmeras críticas ao pai, nisso estavam alinhados. Magnus faria qualquer coisa ao seu alcance para proteger Mítica de invasores.

— Os criados estão dizendo que a princesa Amara esteve em sua cama. É verdade?

Um silêncio desconfortável recaiu sobre eles.

Realmente não havia segredos no palácio. Magnus lançou um olhar para Cronus, cuja expressão permanecia neutra.

— É.

Não havia crítica no olhar do rei, apenas consideração.

— Se eu pudesse oferecer um compromisso entre você e a princesa Amara ao imperador, para convencer o pai dela de que unir nossos reinos através do casamento seria mais fácil do que tomar Mítica à força, ganharia mais tempo para encontrar a Tétrade e acabar com ele primeiro.

Magnus ficou sem expressão até processar a proposta de seu pai. Depois, começou a rir, incapaz de se conter.

O olhar do rei transformou-se em gelo num segundo.

— Está achando graça de alguma coisa?

— *Outro* noivado? — Magnus mal conseguia controlar o riso. — Não pode estar falando sério.

— Por acaso *pareço* não estar falando sério?

Magnus se conteve no mesmo instante, voltando a olhar para o silencioso Cronus, parado como uma estátua, com as mãos nas costas.

— Caso tenha se esquecido, já sou casado com a princesa Cleo. Por ordem sua.

— Esse arranjo pode ser desfeito quando eu quiser.

Magnus soltou um suspiro de frustração.

— Ainda assim, o imperador nunca concordaria com isso.

— A filha dele tem quase dezenove anos e não está casada. Você é filho de um rei e herdeiro do meu trono. Já compartilhou o corpo com ela. Não vejo nenhum motivo para uma recusa.

Como sempre acontecia ao lidar com aquele homem impossível, Magnus se esforçou para manter a compostura.

— Você precisa escutar o que estou dizendo, pai. Confie em mim: se eu acreditasse que esse é um plano sólido, o apoiaria. Mas não é, então não vou apoiar. É uma tentativa frágil de resolver um problema muito grave. Amara não é uma garota ingênua que desmaia ao ver um príncipe. O que tivemos não foi… Bem, acredite, não foi o tipo de conexão que a faria implorar ao pai para se casar comigo. Se o imperador quer Mítica, ele vai tomá-la. Um casamento, como o espetáculo que organizou para o lorde Gareth hoje, seria insignificante para ele. Vá em frente e apresente seu plano ao imperador se está tão determinado, mas não se surpreenda se ele também responder com risadas.

A raiva tomou conta dos olhos do rei, e Magnus achou que ele poderia agredi-lo por dizer o que pensava. Mas o rei Gaius manteve o punho abaixado.

Quase no mesmo instante, a raiva foi substituída por uma aparente contemplação. Seria possível que, pela primeira vez, ele de fato fosse escutar a voz da razão?

— Sei que deve haver uma solução — Magnus disse com calma, recusando-se a abrir mão do pouco terreno conquistado. — Mas não acredito que seja essa.

O rei colocou o cálice vazio sobre uma mesa e voltou aos degraus que levavam ao trono.

— Talvez você tenha razão.

Uma pequena vitória. Mas uma verdadeira surpresa.

— Além do mais — Magnus continuou, ganhando confiança —, o povo de Auranos acharia estranho se você anulasse meu casamento com a princesa logo após apresentarmos uma fachada tão agradável durante a excursão de casamento.

O rei ficou analisando o rosto de Magnus, fazendo-o sentir vergonha, como uma criança flagrada se comportando mal.

— Você desenvolveu sentimentos por Cleiona?

A pergunta era risível, principalmente considerando as brigas recentes e tão desagradáveis com a princesa.

— Ela não passa de um meio para atingir um fim. É tudo o que sempre será para você e para mim.

— Ela se tornou um problema.

— Quando ela *não* foi um problema?

— Um ex-lorde de Auranos, alegando lealdade absoluta a mim, se apresentou hoje mais cedo para me alertar que testemunhou um encontro da princesa Cleiona com Jonas Agallon duas semanas atrás em um templo local. O homem estava no templo para rezar para a deusa, quando viu o líder rebelde entrar, seguido pela princesa. Os dois conversaram em particular e saíram separados. Se a informação não fosse tão crucial, eu mandaria executá-lo na mesma hora por ter demorado tanto para relatar.

Uma crescente sensação de desconforto fechou a garganta de Magnus.

— E você acredita nesse lorde?

— Estou inclinado a considerar a possibilidade de que sua esposa esteja transmitindo informações daqui de dentro aos rebeldes, na tentativa de nos destruir.

— E que provas tem? A palavra de um homem que esperou duas semanas para abrir a boca?

— É o suficiente para me fazer duvidar da inocência dela.

Magnus não era cego em relação a Cleo. Era todo olhos e ouvidos em se tratando daquela garota calculista.

Jonas Agallon. Aquele nome, *sempre* aquele nome. Magnus devia tê-lo matado quando tivera a chance.

— Ela confessou alguma coisa? — ele perguntou.

— Ainda não foi interrogada. Na verdade, quero que você a interrogue, Magnus. Imediatamente.

O pedido era absurdo e fez o estômago de Magnus revirar.

— Quer que eu entre casualmente nos aposentos dela e mencione o rebelde enquanto tomamos chá? Ou talvez eu devesse esperar até a noite, durante o jantar de casamento da filha do lorde Gareth?

— Ela não vai ao casamento. No momento, está detida em uma cela privada no calabouço.

Magnus ficou em silêncio. É claro que ela estava presa. Uma traidora e espiã, mesmo que não comprovada, não poderia perambular livremente por aí.

Ele não sabia por que aquilo o pegara de surpresa — nunca confiara na garota —, mas *isso*? Pensar que ela estava em contato com Jonas sem que ele desconfiasse de nada…

Ou talvez seu pai estivesse apenas sendo paranoico, procurando respostas e aceitando até as mais improváveis.

O rei levou a mão até a cicatriz no rosto do filho, olhando-o intensamente.

— Quero que me mostre sua força hoje, uma força que já sei que tem. Uma força que sei que é comum a nós dois. Estamos juntos nisso. Faça o que for preciso para arrancar as respostas de que preciso daquela língua mentirosa, mas no final das contas não vai importar muito se ela preferir ficar de boca fechada. Uma suspeita de inclinações rebeldes é suficiente para pena de norte. Dei ordens para Cronus executá-la imediatamente depois de seu interrogatório. Finalmente nos livraremos dela.

Um silêncio pesado recaiu sobre a sala. Magnus se esforçou para encontrar a voz.

— Executá-la? Isso é mesmo necessário?

— É, sim. Os cidadãos de Auranos ficarão de luto, mas vão entender que, em se tratando de traição, é a única decisão a tomar. — Ele deu um tapinha no braço de Magnus. — Vá com Cronus. Confio em suas habilidades e em sua força, meu filho. Seu futuro, o futuro de *todos* nós, está em jogo.

E com isso o rei deixou a sala do trono. Magnus ficou ali mais um tempo, refletindo sobre o que fora dito e o que estava sendo exigido dele.

— Alteza? — Cronus o chamou.

O rei tinha dado uma ordem. Não havia espaço para argumentação.

— É melhor não demorarmos. Podemos acabar com isso antes de os convidados do casamento chegarem.

Magnus nunca interrogara um prisioneiro, mas já tinha assistido a alguns interrogatórios. Havia testemunhado os efeitos da tortura. Na maioria das vezes, bastava muito pouco para fazer os prisioneiros revelarem todos os segredos. Para alguns, a simples ameaça de dor era suficiente para entregar a própria mãe, se isso os poupasse de qualquer sofrimento.

Outro guarda os interceptou a caminho do calabouço.

— Capitão — ele disse a Cronus, segurando um pedaço de pergaminho. — Uma criada encontrou isso. Achei que deveria ver imediatamente.

Cronus pegou o pergaminho e passou os olhos pela mensagem.

— Mais alguém viu isto?

— Não, senhor. Trouxe direto para cá.

— Vossa alteza — Cronus disse, virando-se para Magnus. — Precisa ler isto.

Magnus pegou o pedaço de papel da mão de Cronus e começou a ler. Seus batimentos cardíacos dispararam, e o estômago se revirava mais a cada palavra.

*Ioannes e eu estamos fugindo juntos. Por favor, saibam que estou bem, mas não tentem me encontrar. Está tudo bem. Tudo ótimo. Estou mais feliz do que nunca, então, por favor, não fiquem zangados comigo. Amo Ioannes mais do que qualquer coisa neste mundo, e estávamos destinados a isso. Prometo voltar assim que puder.*

*Lucia*

Magnus rasgou o papel ao meio, as mãos trêmulas de raiva. Sabia que alguma coisa estava acontecendo entre os dois, mas não imaginava que avançaria tão rápido a esse ponto inconcebível…

— Mande o maior número de guardas que puder. Vasculhem a cidade e encontrem os dois — ele vociferou. — E, quando encontrarem, façam o favor de me avisar imediatamente, para que eu possa matar o desgraçado.

— Sim, alteza — Cronus disse.

— Não contem ao rei ainda. Esperem até ele fazer o discurso do casamento. Não quero que a decisão imprudente de minha irmã o perturbe até que seja

absolutamente necessário.

Cronus fez um sinal para o outro guarda, que logo se apressou para organizar uma equipe de busca.

Magnus amassou o pergaminho e praguejou baixinho.

— Eu iria com eles, mas tenho outras questões importantes para resolver, não é mesmo?

O tom de voz de Cronus foi enfático:

— Sobre a tarefa em questão, preciso que aceite que o rei deu uma ordem, e farei o que ele mandou. Só existe um fim possível para isso, vossa alteza.

Magnus concordou com um meneio firme de cabeça.

— Não esperava nada diferente de você além de cumprir o que o rei ordenou. Meu pai é muito sortudo de ter um guarda tão leal durante todos esses anos, mesmo que nunca tenha dito isso a você. Agora, não vamos deixar a princesa esperando.

Magnus já tinha ido ao calabouço antes e dado uma boa olhada nos rebeldes presos e em outros ladrões, assassinos e vagabundos que ocupavam as celas daquele buraco fedorento. Mas dessa vez foi conduzido a uma outra área, no fim de um corredor escuro, atrás de uma pesada porta de madeira. O guarda que estava do lado de fora acenou com a cabeça para Cronus e para o príncipe e abriu a porta.

O resto do calabouço cheirava a fossa, mas aquela parte, reservada a prisioneiros de classe superior, tinha apenas o cheiro da serragem espalhada no chão.

A sala circular era surpreendentemente ampla, com cerca de quinze metros de diâmetro. Correntes e outros instrumentos de contenção estavam dispostos ao longo da circunferência. Nas paredes de pedra, havia tochas e lamparinas que lançavam uma luz imprecisa sobre todo o resto.

E lá estava ela. Bem no centro da sala, com as mãos acima da cabeça, os pulsos amarrados por uma corda e presos em um gancho pendurado no teto. Magnus se aproximou, e Cleo levantou o queixo ao vê-lo chegar.

Ele viu sangue no canto da boca da princesa, escorrendo pelo queixo e chegando a manchar o vestido azul-turquesa. Ao caminhar devagar ao redor dela, notou com desagrado que seus cabelos claros também estavam manchados de sangue.

Alguém tinha batido nela com muita força.

— Ela deu muito trabalho quando a trouxeram para cá? — Magnus perguntou ao guarda ao lado dela.

— Sim, alteza. Estou com um ferimento no braço, onde ela me mordeu. Seus dentes são muito afiados.

Magnus não ficou surpreso. A garota lutaria até o fim da vida. Não podia deixar de admirá-la por isso.

— Sem dúvida são.

Cleo continuou olhando para ele, observando-o em silêncio enquanto se movimentava. Magnus se obrigou a olhar para ela não como uma menina — sua *esposa* — com sangue no rosto, mas como sua inimiga. Inimiga do trono de seu pai. De *seu* trono.

Se dependesse dela, todos estariam mortos a essa altura.

— Então, cá estamos. Tem algo a dizer em sua defesa, princesa?

— Exijo ser libertada imediatamente e receber mil pedidos de desculpa — ela disse, de maneira concisa. — Mas duvido que vá fazer isso.

Esse costumava ser o momento em que o prisioneiro começava a implorar por misericórdia. Mas não Cleo.

— E pensar que algumas pessoas dizem que você não é esperta. — Ele tentou ignorar o sangue no rosto dela. — Podemos ir direto ao ponto?

— Seria ótimo.

— Está ajudando os rebeldes?

Cleo olhou feio para ele.

— Seu pai mandou você vir até aqui me interrogar? E você aceitou imediatamente, sabendo que teria a oportunidade de me maltratar?

— Não maltratei você.

— Olhe para mim — ela berrou. — Pode ver com os próprios olhos que os guardas de seu pai estão me tratando com crueldade sem motivo. Tudo o que fiz desde que sua família roubou o trono do meu pai foi tentar me entender com vocês. Fiz o que vocês pediram, para que o povo auraniano não se rebelasse contra vocês, e é assim que me agradecem?

Magnus se perguntou como ela estaria reagindo naquele momento se o rei estivesse ali, e não seu filho.

— Acho que não respondeu minha pergunta, princesa.

— Para que se preocupar com títulos, Magnus? Aqui, neste lugar horrível onde vocês me amarraram para eu não poder mais me defender, de que adianta

fingir que é civilizado?

— Muito bem, *Cleo* — ele se corrigiu. — Mas está errada sobre seu comportamento inocente. Você tem sido um problema desde o princípio. Meu pai deveria ter se livrado de você há meses, e mesmo assim ainda está aqui. Todos os momentos que passou acordada foram dedicados a encontrar uma forma de destruir minha família.

— Nem todos vocês. Eu considerava sua irmã uma amiga até hoje cedo, quando ela tentou me matar.

A menção a Lucia o atingiu como um golpe.

— O que sabe a respeito do que minha irmã fez hoje?

Os olhos dela brilharam.

— Ela é maluca. A magia a deixou louca e paranoica, e Lucia só está procurando uma desculpa para ser violenta com aqueles que se importam com ela.

Incrível. A fachada de amizade continuava.

— Você se considera uma dessas pessoas, não é?

— Eu me considerava, até ela quase me matar enforcada com aquela magia, enquanto seu tutor estava reunido com o rei.

*O quê?* Cleo devia ter estado com Lucia pouco antes da fuga com Ioannes. A ideia da irmã fugindo com aquele vigilante exilado despertava sua fúria como nunca.

— O que você disse hoje para jogá-la tão completamente nos braços dele?

Cleo parecia surpresa.

— Nos braços de Ioannes? Do que está falando? — Então estreitou os olhos como se estivesse compreendendo. — Você fica atormentado por Lucia estar apaixonada por ele e não por você, não é? Que triste.

Ele cerrou a mão direita em punho, com tanta força que suas unhas curtas afundavam dolorosamente na pele.

— Vamos voltar ao assunto em questão. O que você disse aos rebeldes?

— Nada — ela disse. — Não me encontrei com rebelde nenhum. Sou prisioneira neste palácio, tenho sido há meses.

— Errado. Você recebeu permissão para ir ao templo, e lá foi vista com Jonas Agallon, duas semanas atrás.

Ela manteve a expressão firme e determinada, sem tirar os olhos dele nem hesitar.

— É mentira. Quem me viu? Você? O rei? Um guarda?

— Não importa quem a viu.

— É claro que importa. Se alguém está me acusando de algo tão sério, mereço saber seu nome.

Cronus e o outro guarda ficaram em silêncio, observando Magnus se aproximar de Cleo e sussurrar em seu ouvido, alto o bastante apenas para ela escutar.

— Você contou ao rebelde sobre o cristal da terra? Foi por isso que ele não estava lá quando chegamos?

— A última vez que vi Jonas Agallon foi quando fugi de seu acampamento rebelde nas Terras Selvagens, onde ele me manteve prisioneira depois de me sequestrar.

Cleo era muito convincente. Uma mentirosa qualificada. Ele ficou imaginando se fora sempre assim, mesmo antes de seu trono ter sido roubado, ou se era uma habilidade recém-desenvolvida.

Ou talvez estivesse dizendo a verdade, e o rei era o paranoico nessa história, procurando uma desculpa perfeita para se livrar dela de uma vez por todas.

— Você disse que Lucia tentou matar você hoje.

— Ela tentou.

— Por que faria algo assim? Por suspeitar que você estava mais para traidora do que para amiga?

— Lucia fez isso porque não consegue controlar sua magia com *ele* por perto. — Uma nova emoção passou pelos olhos dela com uma intensidade que o surpreendeu. — Mesmo com o anel, ela luta contra a obscuridade dos *elementia*. E eu vejo nos olhos dele, Ioannes gosta dessa luta. E quer que ela perca o controle.

— Você não confia nele.

— Nem por um segundo.

— Ioannes e Lucia fugiram juntos hoje. Imagino que ele a tenha convencido — Magnus afirmou.

Cleo arregalou os olhos.

— O quê? Não, ele não quer se *casar* com ela. Ele… ele a está usando para encontrar o resto da Tétrade. Você é irmão dela. Precisa ajudá-la!

— Não sou irmão dela. Não de verdade. E ela deixou bem claro que não quer nada comigo. — Magnus olhou para trás, para os guardas, depois voltou-se para a princesa imobilizada. — Acho que terminamos nossa conversa. Você não vai me dizer mais nada do que preciso saber.

— Eu sei para onde eles foram — Cleo disse, levantando o queixo. — E não estão aqui na cidade palaciana, nem em nenhuma cidade de Auranos. Me liberte deste lugar e prometo contar.

Ele ficou em silêncio, alternando o olhar entre a serragem a seus pés e a princesa, pesando as opções. Eram poucas e bem distintas.

— Terminou o interrogatório, vossa alteza? — Cronus perguntou, revelando a espada na entrada.

Magnus olhou para Cleo. Os olhos dela foram tomados pelo medo quando se deu conta de como aquilo ia terminar.

— É isso mesmo — ele disse com calma. — Você foi sentenciada à morte pelo rei por suspeita de auxiliar um rebelde. Vamos prosseguir com a execução imediatamente.

Cleo começou a tremer.

— Não, não faça isso. Você é melhor do que isso, Magnus. Não é como seu pai. É capaz de fazer o bem, eu vi em seus olhos. Eu sei, do fundo do coração!

— Do fundo do coração? — Ele riu, e o som seco e quebradiço feriu sua garganta. — São palavras um tanto quanto floreadas para um momento como este, mas devia poupar seu fôlego. Chegou a hora disso tudo acabar.

Assim que as palavras foram ditas, a expressão de Cronus assumiu uma máscara de batalha: seus olhos ficaram frios, viperinos e destituídos de emoção, como no dia da execução de Gregor. Mesmo recebendo ordens para executar uma garota indefesa, de dezesseis anos de idade, ele não hesitou.

O futuro de Mítica, do rei e do próprio Magnus dependia da morte de Cleo, naquele exato momento.

Ela se debatia com os pulsos presos pela corda enquanto Cronus se aproximava, como se tivesse alguma esperança de se libertar. Mas mesmo diante da morte iminente, ela não gritou. Não berrou, não implorou.

Cronus ergueu a espada, preparando-se para cravá-la na fina seda de seu corpete. Seria uma morte rápida, sem muita dor nem sofrimento — finalizada sem demora, em um piscar de olhos, com apenas um instante de dor para suportar.

Mas antes que Cronus pudesse enfiar a lâmina no peito de Cleo, parou por uma mísera fração de segundo.

Porque outra lâmina atingiu seu coração primeiro.

Cronus ficou ofegante, olhando para a ponta da espada que o empalava por trás. Ele largou a própria espada e caiu de joelhos no chão da cela do calabouço.

Magnus retirou a arma, deixando Cronus desabar totalmente enquanto soltava seu último suspiro.

O segundo guarda pegou a arma, mas Magnus chegou até ele primeiro. Sua espada ensanguentada não passou de um lampejo de metal sob a pouca luz da tocha quando o atingiu. O guarda, confuso, caiu em silêncio e estava morto antes mesmo de chegar ao chão.

Magnus, com os músculos tensos e sangue escorrendo da lâmina, analisou o corpo por um instante. Devagar, ele virou e encarou a princesa, que olhava para ele em choque. Um som agudo finalmente escapou de sua garganta quando ele levantou a espada e cortou as cordas sobre a cabeça dela.

Ele agarrou o braço de Cleo e a puxou pela sala, chutando a porta.

— O que você…?

— Cale a boca — ele sussurrou. — Não diga nada.

— Você matou aqueles dois!

Era preciso fazer isso. Aquele dia não teria acabado de outro modo. Ele não tinha escolha. Tinha desobedecido ordens diretas do pai e assassinado o guarda em que o rei mais confiava, que Magnus conhecia desde criança.

A falta de Cronus seria sentida, mas ele tinha que morrer. Não teria obedecido o comando de Magnus de não seguir as ordens do rei para executar Cleo.

Ele fechou a porta para esconder a carnificina que havia lá dentro, e os dois se apressaram pelo corredor estreito e úmido do calabouço.

Poucas pessoas no palácio sabiam quem estava naquela cela privada. Com o casamento prestes a começar, e os criados e guardas correndo para fazer os arranjos de última hora, Magnus imaginou que talvez horas se passariam até que alguém descobrisse a verdade.

Tinha algum tempo. Não muito, mas esperava que fosse suficiente.

Os dois finalmente saíram do calabouço e chegaram do lado de fora. Magnus se virou para Cleo, que olhava para o céu brilhante de fim de tarde como se não esperasse vê-lo de novo.

— Você disse que sabe aonde Lucia e Ioannes foram.

Ela assentiu.

— Devo confessar que é apenas um palpite. Mas tenho certeza de que é certeiro.

— Onde? — Quando ela não respondeu de imediato, ele a segurou pelos braços e quase gritou. — *Onde?*

— Limeros — ela finalmente respondeu.

*Limeros?* Sua terra natal era longe; de navio, seriam dias de viagem.

— Por que Limeros?

Em vez de demonstrar gratidão por salvar sua vida, Cleo fez uma careta para Magnus, com a mesma expressão de desacato de sempre.

— Porque o cristal da água pode ser invocado no Templo de Valoria. Lucia me contou hoje, pouco antes de os guardas me levarem. Se eu estiver certa, e se Ioannes tiver outro interesse em Lucia além de se casar com ela, então devem ter ido para lá. Existe uma maneira melhor de afastá-la da família do que a promessa de fuga para a terra de que ela sente saudades há meses?

Outro cristal descoberto e pronto para ser reivindicado. O instinto de Magnus dizia que Cleo estava certa sobre tudo.

— Então é para lá que nós vamos — ele disse com firmeza. — Para Limeros.

Ela ficou boquiaberta.

— Nós?

— Sim, princesa. *Nós*.

# 28

# NIC

AURANOS

Quinhentos convidados compareceram ao casamento da filha do lorde Gareth, celebrado no palácio auraniano — auranianos importantes que juraram lealdade ao novo rei, além daqueles que vieram de Limeros. O convite para um evento tão importante não podia ser ignorado.

Até mesmo o príncipe Ashur e a princesa Amara estavam entre os convidados da cerimônia da garota sem graça com vestido bordado. Seu novo marido era um rapaz magro, mas bem-apessoado, do norte de Limeros, cuja expressão — Nic não podia deixar de notar de seu posto, na entrada da sala do trono — era de incômodo enquanto faziam os votos.

O banquete seria servido perto do grande salão, e os convidados teriam que se movimentar em massa de um local a outro, supervisionados pelos guardas do palácio.

Nic se aproximou do príncipe e da princesa de Kraeshia quando notou que andavam contra o fluxo da multidão, como salmões nadando contra a corrente.

— Já marcamos presença na cerimônia — Ashur informou um de seus guardas pessoais, de uniforme verde. — Desejamos voltar à quinta. Não há necessidade de estender nossa estadia aqui por mais tempo que o estritamente necessário. É provável que o rei nem perceba que partimos.

— Sim, alteza.

Sem dizer mais nada, nem mesmo olhar na direção de Nic, os kraeshianos saíram discretamente.

Sorte deles.

Nic então foi montar guarda na entrada do grande salão e, cansado, observou os convidados se empanturrando com montes de comida, escutando discursos entediantes e brindando a uma noiva e um noivo com quem não se importavam nem um pouco.

Cleo não estava em lugar nenhum. Pelo menos um deles tinha conseguido evitar o que prometia ser uma noite infinitamente árdua.

O rei Gaius fez seu pronunciamento para a noiva, dizendo que a conhecia desde menina, que a considerava tão importante quanto uma segunda filha. Quando os convidados fizeram um brinde aos recém-casados, Nic sentiu o jantar insosso e engolido às pressas revirar no estômago diante de tamanha falsidade.

Terminado o discurso, o rei desceu da plataforma. Nic viu um guarda abordá-lo, aproximando-se o suficiente para revelar algo em confidência.

No rosto do rei, o sorriso perfeito se transformou em pedra.

Ele saiu do salão sem dizer uma palavra, seguido pelo guarda.

Certamente havia recebido más notícias.

*Ótimo*, Nic pensou, maldoso.

Logo depois, Nic notou vários guardas deixando o posto. Estranho — o casamento continuaria até mais tarde, e o rei havia insistido em proteção extra. Não queria arriscar uma repetição do massacre e da destruição que denegriram o casamento de Cleo e Magnus. Mas por que todos estavam saindo?

Nic logo se deu conta de que era um dos únicos guardas que permaneciam no salão.

— O que está acontecendo? — perguntou a Idas, um dos pouquíssimos guardas que não o tratavam como uma pilha de esterco. Idas não o tratava *bem*, mas, comparado a Burrus e Milo, que continuavam no calabouço por suspeita de auxiliar a fuga dos rebeldes, Idas era o mais próximo de um amigo que Nic tinha ali.

— Um problema — Idas respondeu.

— Que tipo de problema?

— Cronus está morto.

Nic respirou fundo.

— O quê?

— O corpo dele foi encontrado no calabouço, junto com o de outro guarda. Ambos perfurados.

— Quem fez isso?

— Aparentemente, um prisioneiro que conseguiu escapar. Mas nosso trabalho hoje é ficar de olho no casamento. Vamos deixar a caçada aos fugitivos para os outros.

Cronus? *Morto* por um prisioneiro comum? Cronus dera a Nic a impressão de ser quase imortal — um guerreiro habilidoso forjado em aço, aparentemente indestrutível.

Pelo visto, não passava de uma ilusão.

— Pode me fazer um favor? — Idas pediu. — Se por acaso localizar o príncipe Magnus entre os convidados, me avise. O rei vai querer contar a ele sobre Cronus assim que possível.

— Pode deixar.

Idas saiu para cochichar com outro guarda.

Um prisioneiro tinha escapado e conseguido matar dois guardas no processo? Essas coisas não aconteciam. Claro, de vez em quando havia tentativas de fuga — como a dos amigos de Jonas. Mas, até onde Nic sabia, nenhum prisioneiro tinha conseguido escapar do calabouço com sucesso.

Até aquele dia.

Mas quem era esse prisioneiro?

Quando Nic viu mais três guardas saindo do salão, percebeu que sua curiosidade estava aguçada o bastante para fazê-lo largar o posto. Não que importasse. Afinal, quem estava monitorando o trabalho dos guardas naquela noite? Com certeza não era Cronus.

Ninguém prestou atenção quando ele foi na direção da sala do trono. O rei Gaius estava na passagem arqueada, cercado por mais de uma dúzia de guardas.

— … além da busca principal, que deve ser priorizada — o rei disse —, vocês também precisam localizar o príncipe Ashur e a princesa Amara e, com a maior discrição possível para não perturbar o banquete, prendê-los enquanto ainda estão sob este teto. Estão me entendendo?

— Sim, vossa majestade — os homens responderam em coro.

— O imperador pensará duas vezes antes de chegar perto do meu reino quando souber que seus adorados filhos estão à minha mercê.

Nic duvidou do que estava ouvindo. Esperava escutar apenas a reação do rei à morte de Cronus, não uma ordem para prender os kraeshianos.

Não fazia sentido.

Ainda assim… se o rei Gaius acreditava que o imperador de Kraeshia pretendia destruí-lo, transformando Mítica no mais recente de uma longa lista

de reinos conquistados, estava tomando uma atitude inteligente. Talvez a única possível.

No entanto, o rei parecia não saber que os kraeshianos haviam deixado o palácio fazia bem mais de uma hora.

Nic saiu sem ser notado pelo rei. Era apenas mais um guarda no grupo. Mesmo uniforme, mesmas tarefas.

Mas não a mesma lealdade.

Afinal, Nic agora era um rebelde.

Ele queria encontrar Cleo e contar seus planos, mas não havia tempo.

Não demoraria até chegar ao rei a notícia de que Ashur e Amara não estavam mais no palácio. O rei então enviaria guardas direto à quinta para prendê-los.

Nic saiu do palácio sem permissão, sabendo que todas as decisões que tomasse a partir de então mudariam seu futuro. Se para melhor ou para pior, ele não sabia ao certo. Só sabia que possuía essa informação, e que tinha aliados poderosos em potencial que precisavam dela para sobreviver.

Então havia o simples mas terrível pensamento de Ashur aprisionado no calabouço escuro, à mercê do rei, correndo o risco de nunca mais ser solto…

Aquilo não aconteceria. Não se Nic pudesse evitar.

O percurso até a quinta levava uma hora. Até onde sabia, não estava sendo seguido. A escuridão era total quando chegou, exceto pelo brilho da lua no céu noturno.

Ele desceu do cavalo e se aproximou da entrada. Um guarda de uniforme verde parou em seu caminho, com a cara feia demonstrando desdém pelo garoto de vermelho.

— O príncipe já voltou? Preciso falar com ele imediatamente — Nic disse. — Tenho uma mensagem do rei.

Não era mentira, *era* uma mensagem. Embora com certeza não fosse algo que o rei desejasse informar antes da hora.

— Posso entregar a mensagem — o guarda resmungou, estendendo a mão. — Dê aqui.

— É muito importante, muito *particular* para ser escrita. — Nic cruzou os braços. Ele se recusava a ser intimidado por qualquer um naquela noite. — Sou o único que pode transmiti-la.

A expressão severa do guarda logo se transformou em tédio, e ele cedeu, deixando Nic entrar. Uma criada o conduziu ao mesmo pátio onde o príncipe e a

princesa haviam proposto uma aliança, só que agora os belos jardins estavam sob as sombras.

Nic começou a andar de um lado para o outro enquanto milhares de pensamentos e preocupações giravam em sua cabeça — pensamentos e preocupações que ele não se permitira considerar durante o trajeto alimentado pela revolta.

Não demorou até o príncipe Ashur aparecer na extremidade do jardim com um sorriso nos lábios.

— Nic. Acabei de saber de sua chegada. Que surpresa agradável. Pensei que estivesse ocupado demais com o casamento para fazer uma visita.

A boca de Nic ficou seca, e o coração batia mais forte que um martelo.

— Estou ocupado, mas eu queria, não, eu *precisava* ver você.

— Que intrigante. — Ashur olhou para uma criada que esperava na porta. — Traga algo para bebermos.

A criada fez uma reverência e saiu.

— Por favor, sente-se. — Ashur apontou para o estofado de veludo do pátio, em uma área iluminada por tochas. — O guarda me disse que você tem uma mensagem do rei Gaius.

— Sim, é verdade… — Mas então as palavras lhe faltaram.

Traição contra a coroa. Era o que estava prestes a fazer.

Uma língua traiçoeira garantiria sua execução. Ter ido até ali colocava Cleo em perigo? Será que tinha cometido um erro terrível?

Ashur o observava com cuidado, com o rosto sério.

— Sinto que ficar perto de mim o deixa desconfortável, por isso nunca mencionei isso antes, mas o que aconteceu entre nós aquela noite na viela… sei que não foi bem recebido. Quero me desculpar por ter sido tão ousado.

Nic não queria falar sobre aquilo agora. Não sabia ao certo se algum dia gostaria de voltar a tocar no assunto. Mas ainda surgiam dúvidas dentro dele, questões que o atormentavam desde aquela noite e que não conseguia evitar. Não havia tempo para isso, mas ele não pôde deixar de perguntar:

— Por que eu? Por que você… bem, além de querer que eu revelasse o que sei sobre Cleo… essa parte eu entendo. Não é incomum por aqui alguém fazer o necessário para obrigar alguém a falar. Mas dei alguma impressão de que queria…? — Ele hesitou e descobriu que não conseguiria continuar.

Não era *exatamente* essa a razão da visita de Nic naquela noite.

Ele precisava se concentrar. Precisava decidir se contaria a Ashur os planos do rei e torceria para ser a decisão certa, ou se inventaria um recado qualquer e sairia de lá o mais rápido possível antes que alguém notasse sua ausência no palácio.

Mais guardas já deviam estar a caminho.

— Eu não devia ter tocado nesse assunto — Ashur disse, tenso. — Não há motivos para se sentir desconfortável perto de mim. Não quis fazer mal.

Nic suspirou, suas emoções tumultuadas.

— Não acho que queira me fazer mal. E está errado. Não fiquei aborrecido porque você me beijou.

— Não?

*Droga. Já chega disso.*

O rosto de Nic de repente ficou muito quente. Ele estava cansado de ser tímido, temeroso e inseguro. Talvez tivesse sido assim um dia, mas não mais.

Ele olhou bem nos olhos de Ashur.

— Escutei o rei dar ordens para os guardas prenderem você e a princesa Amara. Ele acha que ainda estão no banquete, mas os vi saírem, então vim até aqui avisar. Ele pretende prendê-los no calabouço por tempo indefinido para evitar que seu pai envie uma armada.

Pronto, estava feito.

E agora ele achava que ia vomitar.

— Certo. — Ashur se inclinou na cadeira, aparentemente inabalado pela informação monumental que tinha sido revelada a ele, obrigando Nic a cometer traição. — Por que você me contaria uma coisa dessas?

— Porque odeio o rei — ele respondeu com calma e honestidade. — Porque ele matou minha irmã. Porque destruiu tudo o que amo, e até hoje controla o destino de minha amiga mais querida. Ele é cruel. E precisa ser derrotado.

Ashur o observou com atenção por mais um longo instante, depois meneou a cabeça.

— Você tomou a decisão certa.

— Vocês precisam fugir agora.

— Kraeshianos não fogem. — Ele olhou para Nic com um sorriso calculado. — Jamais.

— Me perdoe por dizer, mas quando os guardas dele chegarem aqui, superando os seus em grande quantidade, vocês serão levados com facilidade. O rei vai vencer.

— Você me subestima. E subestima minha irmã. Sou muito grato, Nic, por vir atrás de nós com esse alerta. — Ele estendeu o braço sobre a mesa e colocou a mão sobre a de Nic. — Mais do que você imagina.

Nic ficou olhando para a mão de Ashur: escura e sem falhas, junto à sua pele clara e sardenta.

— Não precisa agradecer.

Ashur olhou para a porta quando a criada voltou trazendo uma bandeja com um jarro de sidra de maçã e dois cálices de prata. Nic afastou sua mão de Ashur, e ela serviu a bebida sobre a mesa que havia entre os dois. Quando a criada se retirou, outra figura passou por ela.

— Basta dizer seu nome — Ashur disse — e ela aparece como num passe de mágica.

Ao surgir no pátio, Amara olhou para Nic.

— A princesa Cleo decidiu se aliar a nós?

— Não é por isso que estou aqui.

— Não, Amara, Nic está aqui para nos alertar sobre os planos do rei. Era exatamente o que esperávamos. Ele pretende nos capturar hoje à noite.

Ela suspirou, aborrecida.

— Que inconveniente.

Por que nenhum dos irmãos parecia assustado com a possibilidade de passar o resto da vida no calabouço?

Ashur encheu os cálices com sidra e empurrou um na direção de Nic.

— Gostaria de fazer um brinde.

— A quê? — Nic perguntou. Ele ergueu a taça e descobriu que sua mão ainda tremia de ansiedade, apesar do inesperado clima de serenidade absoluta na quinta.

— Tenho uma sugestão — Amara disse. — Vamos beber à princesa Lucia, feiticeira renascida. A garota que nos levará à Tétrade.

O estômago de Nic revirou ao ouvir Amara repetir os mesmos segredos que Cleo havia lhe confiado.

— À princesa Lucia — ele sussurrou.

Ele tomou um pequeno gole da bebida doce.

— Magnus não serviu para nada — Amara disse, irritada. — É uma pena. Eu tinha planos para ele, mas agora terei de modificá-los. Ou ele não sabe de nada, ou não está disposto a compartilhar nenhuma informação.

— Parece típico do príncipe — Nic admitiu.

— Conte mais, Nic. Conte tudo o que sabe sobre a busca da Tétrade. — Amara sentou perto dele, segurou suas mãos, e olhou bem fundo em seus olhos. — O rei é nosso inimigo também. Ele teme nosso pai. Junte-se a nós, e ofereceremos proteção absoluta a você e a Cleo.

Ele já estava no meio do caminho. Podia muito bem continuar.

Depois de tomar um bom gole do cálice, respirou fundo e relatou tudo o que sabia, tudo o que Cleo havia lhe contado — sobre os cristais despertados, o ritual de magia de sangue necessário para reivindicá-los. Quando terminou, sentiu-se purificado.

— Então Cleo ainda não está de posse de nenhum cristal — Amara disse.

— Não, ainda não.

— Entendo. — Ela parecia refletir quando uma criada se aproximou e falou em seu ouvido. — Sim, muito bem. Pode pedir para ele entrar.

— Por favor, vossa graça — Nic falou de novo com Ashur. — Insisto que saia da quinta neste instante.

— Você se preocupa demais — Ashur respondeu com um sorriso.

— E você parece não se preocupar nem um pouco.

— Apenas escolho minhas preocupações com muito cuidado.

Um lampejo vermelho chamou a atenção de Nic. Ele se virou e viu quem tinha aparecido no pátio. Ao levantar, entornou o cálice e derramou o resto da sidra sobre a mesa.

Burrus, seu inimigo, estava parado na sua frente.

— O que está fazendo aqui? — Nic perguntou. — Devia estar no calabouço.

— Não mais — o valentão respondeu.

Uma ideia ocorreu a Nic como um golpe inesperado.

— Você é o prisioneiro que escapou, que matou Cronus. Não é?

Burrus riu.

— Que nada. Fui libertado ontem. Milo ainda está preso, e, por mim, pode apodrecer lá. Agora cale a boca, verme. Não vim aqui falar com você. — Ele olhou para a princesa. — Tenho informações.

— Muito bem — ela disse, com um aceno. — Diga.

Nic observou, em choque, enquanto lentamente se dava conta de algo desagradável.

Os kraeshianos tinham mais de um guarda do rei no bolso.

— No fim da tarde, o príncipe Magnus e a princesa Cleiona foram vistos entrando em um navio com destino a Limeros, seguindo o rastro da princesa

Lucia, que fugiu com seu tutor.

— Limeros? — Ashur disse.

— Sim. Eles saíram às pressas. O que sei é que a princesa Cleo foi acusada de traição e aprisionada hoje mais cedo. Ela seria executada. Mas agora está a bordo de um navio, muito viva.

O mundo de Nic parou.

— O que quer dizer com "ela seria executada"?

— Por acaso falei grego? Você é burro? Ah, é, tinha esquecido que era. — Burrus revirou os olhos. — Princesa Amara, não se preocupe em tentar arrancar informações desse idiota inútil. Contarei tudo o que precisar saber. Pelo valor certo, é claro.

— É claro. — Amara sorriu para o guarda e lhe deu um tapinha no braço. — E fico muito grata por isso. O que mais você sabe?

— Por enquanto, mais nada, princesa.

— Então todos que estão à caça da Tétrade, com exceção do próprio rei, partiram para Limeros. Coincidência, não acha? — Ela olhou para Ashur.

— Não acho que seja coincidência nenhuma — ele respondeu.

— Perdão — Burrus disse —, mas você falou *Tétrade*? O tesouro lendário dos vigilantes?

— Guarda! — Amara gritou. Um instante depois, o guarda da entrada apareceu na passagem arcada.

— Vossa alteza — ele disse.

— Já terminamos com nosso amigo Burrus aqui. Ele sabe demais; não posso deixá-lo ir embora. Leve-o daqui e o mate da maneira mais silenciosa possível.

Burrus não conseguia respirar direito.

— O-o quê? Vossa graça, eu fiz tudo o que me pediu.

— E foi muito útil. Mas agora terminamos nosso assunto.

Dois outros guardas apareceram para ajudar a levar Burrus do pátio enquanto Nic observava, aturdido.

Odiava Burrus com todas as forças, mas nunca imaginaria uma coisa dessas.

Nic percebeu que Amara estava olhando para ele como se considerasse pintar um retrato.

— Diga, meu irmão — ela falou. — Ele teve utilidade para você?

— Alguma — Ashur respondeu. — Mas não tanta quanto eu esperava.

Seu tom de voz era estranhamente frio, deixando Nic muito confuso.

— O que está acontecendo? — ele perguntou.

Amara se levantou e apertou o ombro de Nic.

— Sei que deve ser difícil se dar conta de que as coisas nem sempre são como você acredita que sejam. E sei que meu irmão tem um charme devastador. Ele poderia fazer um javali se apaixonar, se quisesse. Você não foi praticamente desafio nenhum. Foi aquele primeiro beijo proibido que selou seu destino? Fez você sonhar com mais? — Ela se virou para Ashur com um olhar entretido enquanto Nic rangia os dentes em silêncio. — E agora? Devemos matá-lo também?

Nic estava prestes a saltar da mesa quando sentiu a pressão fria do aço afiado no pescoço, e Amara o puxou para perto.

Cleo ficaria tão decepcionada. Ele a havia traído na tentativa de salvá-la, compartilhando informações com aqueles dois. Era tudo culpa dele.

— Não. Ele ainda pode ser útil. — Ashur arrastou a cadeira para perto de Nic. — Se você estiver certa sobre Cleo e os outros, vamos precisar de algo na manga para convencê-la a nos ajudar, não vamos?

— Sim — ela disse depois de um instante. — Acho que tem razão.

Ashur enfiou a mão no bolso da sobreveste e tirou um pequeno frasco de vidro.

— Costumo ter isso à mão, para uma eventualidade.

Amara riu em voz baixa.

— Meu irmão, sempre preparado.

O príncipe levantou o cálice tombado de Nic e o encheu de sidra, depois tirou a rolha do frasco e verteu seu conteúdo.

— É uma poção sonífera. É muito poderosa, mas não tem gosto de nada. Beba, por favor.

Nic ficou olhando para ele, entorpecido pela descrença em sua traição. É claro que Ashur o manipulara o tempo todo. Tinha iniciado o jogo naquela noite na taverna, pretendendo plantar mais sementes aos poucos com o tempo. O príncipe lhe dera apenas o suficiente, um pequeno aperitivo, provando ser um especialista nisso.

— Beba, Nic — Ashur disse com calma. — Ou minha irmã vai cortar sua garganta.

Tremendo de raiva e com a dor da decepção, Nic pegou o cálice, virou-o e tomou tudo em três goles.

*Sinto muito, Cleo.*

— Ótimo. — Ashur acenou com a cabeça enquanto o mundo de Nic começava a escurecer. — Agora, vamos em frente?

# 29

# CLEO

## LIMEROS

Cleo não teve tempo para encontrar Nic e contar o que estava acontecendo antes de fugir do palácio.

Pensar que o amigo não fazia ideia se ela estava viva ou morta lhe causava dor. Ela rezava para que Nic estivesse em segurança. Tinha que se apegar ao fato de que ele era tão esperto quanto leal, de que encontraria uma maneira de sobreviver até se encontrarem de novo.

Sem a companhia de guardas, que podiam avisar ao rei sobre os planos de última hora, o príncipe e a princesa logo chegaram às docas de Porto Real. Depois de oferecer uma quantidade de ouro para um estivador, Magnus ficou sabendo que Lucia e Ioannes tinham passado por lá algumas horas antes e embarcado num navio com destino a Limeros.

Era a confirmação de que precisavam.

Mais ouro garantiu uma viagem para eles, programada para percorrer a costa na direção do reino mais ao norte de Mítica.

O capitão do navio reconheceu Magnus de imediato. O príncipe confidenciou que ele e Cleo estavam indo atrás de Lucia, para evitar que fugisse para se casar com seu tutor, e que a informação deveria permanecer em segredo.

Várias vezes durante a viagem, Cleo tentou encurralar Magnus para uma conversa particular sobre o ocorrido no calabouço, mas, apesar de estarem em um navio pequeno, ele sempre conseguia evitá-la.

Dias depois da partida, o navio chegou ao destino. O capitão pegou o Canal Niveus, que atravessava Limeros na direção leste, e atracou em Pico do Corvo, a maior cidade do reino.

Finalmente. Mais um dia naquele navio lotado, com a companhia apenas de seus pensamentos, e ela enlouqueceria de vez.

Cleo desembarcou e se enrolou ainda mais no manto cinza-escuro, puxando o capuz com beirada de pele para ocultar sua identidade. Sua respiração se condensava em nuvens à sua frente.

Em todos os lugares era pleno verão, mas, em Limeros, o inverno parecia se estender para sempre. Embora à primeira vista fosse lindo, tão imaculado de branco, seria horrível viver em um lugar onde fazia tanto frio o tempo todo.

Tinha acabado de começar a nevar, e o chão estava escorregadio sob a sola lisa dos sapatos de Cleo, feitos para caminhar em lugares muito mais quentes.

— Vamos — Magnus disse. Ele também estava de capuz, cobrindo a maior parte do rosto. Embora tivessem um motivo legítimo para estar em Limeros, seria melhor evitar ao máximo serem reconhecidos.

Quando estavam prestes a seguir viagem, um chamado os interrompeu:

— Príncipe Magnus? Minha nossa! É você mesmo? Aqui? Que prazer voltar a ver você e sua adorável esposa!

O anonimato tinha durado pouco.

Magnus resmungou, diminuindo o passo conforme uma senhora — coberta de pele dos pés à cabeça — se aproximava. Cleo a reconheceu da excursão do casamento. As duas tinham se encontrado rapidamente no palácio limeriano antes do discurso de Magnus, mas ela não conseguia lembrar o nome da mulher. Lembrar o nome dos nobres sempre tinha sido o forte de sua irmã mais velha, não o seu.

— Lady Sophia — Magnus disse, mostrando os dentes em uma tentativa razoável de sorriso. — É um prazer, como sempre.

As bochechas de lady Sophia estavam vermelhas do frio, e seu sorriso era amplo, fazendo rugas se formarem no canto dos olhos.

— Não fazia ideia de que estavam na cidade.

— Acabamos de chegar.

— Para ficar, espero? Ou está tão acostumado aos climas mais quentes de Auranos que abandonou seu verdadeiro lar? — ela perguntou com leveza, sem nenhuma ponta de acusação.

— Eu nunca abandonaria Limeros para sempre.

Magnus parecia muito controlado, mas não podia estar. Os dois haviam sido reconhecidos, e Cleo sabia que era a última coisa que ele queria.

— Onde vão ficar? A noite está caindo e a neve está ficando mais densa. Muitos acreditam que uma tempestade terrível está chegando.

Os céus escuros pareciam, de fato, sinistros. Se uma tempestade se formasse, viajar a pé seria quase impossível.

Cleo se assustou quando lady Sophia pegou suas mãos e as apertou em um cumprimento.

— Princesa! — ela exclamou antes de Cleo conseguir reagir. — Suas mãos estão tão geladas! Vossa alteza, sua esposa está congelando aqui fora! Precisamos levá-la a algum lugar mais quente agora mesmo. Estava visitando minhas irmãs e vou passar a noite em minha quinta aqui na cidade. Por favor, permita-me lhes oferecer a hospitalidade de meu lar. A menos que já tenham outro local em mente?

Cleo não pôde deixar de se encantar com a oferta exuberante e generosa de lady Sophia. E com a iminência de uma tempestade, *onde* Magnus proporia que dormissem? Ao relento, onde se transformariam em blocos de gelo?

— É muita generosidade sua — Cleo afirmou quando Magnus permaneceu em silêncio. Cabia a ela tomar essa decisão. — Sim, é claro, aceitamos sua gentil oferta. Muito obrigada. No entanto, temos que partir ao amanhecer.

— Certamente. — Lady Sophia ficou radiante, depois fez um gesto para seus criados trazerem a carruagem. — Onde estão seus baús?

— Ficarão no navio, por enquanto — Magnus respondeu. O pouco que haviam conseguido pegar antes de partir quase não ocupava espaço. — Trouxe minha esposa aqui para conhecer as lojas locais, e mostrar a ela que os estilistas auranianos não são os únicos capazes de criar vestidos maravilhosos.

Sua *esposa*? Aquela palavra, saída dos lábios de Magnus, sempre provocava um arrepio na garota.

E, Cleo tinha que admitir, ele sabia mentir muito bem — quase tão bem quanto ela mesma.

— É verdade. — Lady Sophia concordou com entusiasmo. — Ah, que divertido! Adoro receber convidados de honra em minha quinta!

Ah, sim. Muito divertido.

A quinta de lady Sophia era muito mais grandiosa do que Cleo esperava. Era tão grande quanto a maioria das quintas da Cidade de Ouro, só que a decoração era bem menos elaborada. Paredes pintadas de branco, poucas obras de arte, pisos lisos não adornados. Mas era confortável.

E aconchegante. Ela tinha esquecido como um exterior frio podia fazer alguém apreciar o calor do lado de dentro. Era um pensamento que nunca havia lhe ocorrido em Auranos, onde lareiras eram usadas apenas para decoração.

Os dois logo foram conduzidos por criados até a sala de jantar, onde se sentaram a uma grande mesa.

— Humm. Senti falta do sabor do *kaana* todos esses meses — Magnus disse durante o jantar, com uma expressão um pouco dura.

— Minha cozinheira se preocupou com isso — lady Sophia disse da outra ponta da longa mesa. — Sei que seu pai ficaria satisfeito em saber que continuamos incluindo a iguaria oficial limeriana na maioria das refeições. O que achou, princesa?

Cleo olhou para a meleca amarelada que adornava seu prato, ao lado de um frango que havia passado do ponto e aspargos molengas. Iguaria limeriana? *Kaana* tinha gosto de alga podre.

— Delicioso — ela respondeu.

— Como está sua irmã, príncipe Magnus? — lady Sophia perguntou enquanto as criadas completavam os cálices com néctar de pêssego.

Magnus limpou o canto da boca com o guardanapo.

— Encantadora, como sempre.

— Ainda não está prometida a ninguém?

Ele ficou sério.

— Pode-se dizer que não.

Era verdade. Casamentos às escondidas dispensavam noivado.

Cleo tentou comer mais um pouco do repulsivo *kaana*, forçando-se a engolir.

— Meu filho Bernardo continua solteiro, acredite se quiser — ela disse, com um sorriso vivaz. — Nunca desistirei de meu sonho de unir nossas famílias pelo matrimônio.

— Nem eu, lady Sophia.

Cleo achou a mulher muito divertida. Ela parecia completamente alienada a tudo e todos ao seu redor. Ainda assim, era totalmente sincera em seus comentários e suas perguntas. Cleo precisava de mais ladies Sophia em sua vida.

O semblante da mulher se transformou de repente, como se uma nuvem encobrisse a luz de seu sol interno.

— Quero oferecer minhas mais profundas condolências pelo falecimento de sua mãe, vossa alteza. A rainha Althea foi uma querida amiga durante muitos

anos e, tenho certeza, uma mãe maravilhosa e dedicada para você e para a princesa Lucia.

Magnus assentiu, rígido, concentrando-se apenas no prato.

— Obrigado pelas gentis palavras. Ela era mesmo uma mulher especial.

Cleo o observou do outro lado da mesa. A menção à rainha fizera surgir uma ponta de sofrimento em seus olhos, mas era algo contido, assim como todo o resto.

Ela ainda acreditava que o mandante da morte da rainha só podia ter sido o rei. Será que Magnus também achava? E, se sim, teria confrontado o pai? Se tivesse, não havia resultado em nada. Ela imaginava que apenas mais mentiras haviam saído dos lábios do rei para dissipar as suspeitas de Magnus.

O rei mentia para conseguir o que queria, para todos e qualquer um.

Cleo só mentia para proteger a si mesma e aqueles com quem se preocupava. E continuaria fazendo isso pelo tempo necessário, sem constrangimento nem remorso.

O que fosse preciso para sobreviver. Sua luta ainda não havia chegado ao fim. Estava longe disso.

— Espero que não considerem muito displicente — lady Sophia disse enquanto acompanhava Cleo e Magnus a seus aposentos. O rosto um pouco enrugado da mulher finalmente começava a mostrar sinais de preocupação, e ela passou as mãos com nervosismo pelo cabelo grisalho ao chegar à porta. — Se eu soubesse que viriam, teria feito preparativos muito mais adequados.

— Não, está perfeito. — Cleo segurou as mãos de lady Sophia e as apertou. — Obrigada pela maravilhosa hospitalidade.

— Fique à vontade, princesa. Volte sempre que quiser! — Lady Sophia ficou radiante. — Boa noite.

— Boa noite.

Ela fechou a porta, deixando-os a sós.

— Isso é absolutamente ridículo — o príncipe resmungou. — Nem devíamos estar aqui. Estamos desperdiçando um tempo precioso.

— Está nevando. — Cleo lembrou a ele.

Ele olhou pela janela.

— Está sempre nevando em Limeros.

— Vamos encontrar Lucia amanhã de manhã. Além disso, tenho certeza de que ela e Ioannes também pararam em algum lugar para se abrigar.

— Sim, muito obrigado por me lembrar que minha irmã está em algum lugar sozinha com *ele*.

Seria ciúme? Ou apenas preocupação com a segurança dela? Cleo não tinha certeza.

— Está ficando tarde. Não quero atrapalhar seu sono de beleza. — Magnus deu uma olhada no quarto, parando ao ver a cama com dossel. — O chão é todo seu.

Ela tinha certeza de que lady Sophia não imaginava que a decisão sobre quem ficaria com a cama era algo que jovens recém-casados teriam que discutir, mas sem dúvida seria um problema.

Quando Cleo não respondeu, Magnus franziu a testa.

— Não vai retrucar, princesa? Estou decepcionado.

Discutir não resolveria nada no momento, e só os faria perder tempo.

— O que vai acontecer amanhã? — ela perguntou.

— É simples. Vamos encontrar Lucia. Vamos impedi-la de cometer o terrível erro de se casar com Ioannes ou ajudá-lo a invocar o cristal. E depois vou matá-lo.

Ela o encarou. Essa era a solução de Magnus para todos os problemas?

— É um pouco precipitado, não acha?

— É mesmo? Ele está usando a Lucia. Sempre esteve, esse tempo todo. Acho que pelo menos nesse ponto concordamos.

— Isso não quer dizer que ele merece morrer.

— Bem, nisso temos que discordar.

Ele estava sendo tão desagradável naquela noite, mais do que de costume, o que já era bastante.

— E o cristal?

— Eu não saio de Limeros sem ele.

— *Você*.

— Sim, eu. O que foi? — Ele inclinou a cabeça. — Achou que ia ganhar o cristal de presente? É meu. Sempre foi meu.

— E do seu pai, você quis dizer.

— Não. Dele não. — Magnus foi até a janela e olhou para fora. — Parece que lady Sophia estava enganada. As nuvens estão indo embora, a neve está parando de cair. E a lua cheia está aparecendo. Ela vai ajudar a iluminar nosso caminho

quando partirmos para o templo hoje à noite. Lady Sophia terá que conviver com minha grosseira falta de consideração por sua hospitalidade.

De repente, Cleo se deu conta de que ela e Magnus finalmente estavam sozinhos, sem ninguém escutando. Privacidade total.

Era hora de chegar à verdade dos fatos.

— Por que fez isso? — Cleo perguntou, com o estômago embrulhado, e não só por causa da refeição que tinha se forçado a engolir para ser educada.

Ele nem se virou.

— Fiz o quê, princesa?

Ela se obrigou a soar confiante, mantendo o queixo elevado.

— Não consigo entender. Estou pensando nisso há dias, e ainda não faz sentido. Com base em seu comportamento ressentido e por mal ter olhado na minha cara desde que saímos de Auranos, só sei com certeza que se arrependeu de salvar minha vida. Claro, por que não se arrependeria? Foi a decisão mais idiota e mais irresponsável que poderia ter tomado, e sei que seu pai nunca vai perdoá-lo.

Magnus se virou e a encarou de frente. Em seu rosto, uma irritante máscara de indiferença, como se estivesse discutindo algo tão sem importância quanto o clima.

— Meu pai me perdoará por qualquer coisa, se lhe for dado tempo suficiente. Os filhos são uma de suas poucas fraquezas. É uma coisa que só percebi recentemente.

Na opinião de Cleo, Magnus superestimava muito a capacidade de perdão do rei.

— Você assassinou Cronus. O rei o valorizava mais do que qualquer outro guarda.

— Eu não tive outra escolha. Ele não pouparia sua vida, mesmo com ordens minhas. Cronus já tinha recebido um comando direto do rei e nunca deixaria de obedecer meu pai. Jamais. E o outro guarda… bem, estava no lugar errado, na hora errada. Teve azar. — Magnus sacudiu a cabeça. — Não quero falar sobre isso.

Para ela, não importava se ele queria ou não falar sobre o assunto. Precisava de respostas e não ia desistir.

— Por mais que seja doloroso admitir, sua vida seria muito melhor se tivesse deixado ele me matar. Nada mais de casamento falso, preocupações de que seus segredos sejam expostos, ameaças ao trono roubado por seu pai.

Ele se concentrou na manga do casaco, tentando pegar um fio invisível como se fosse a tarefa mais importante do mundo.

— Você sabia onde eu poderia encontrar Lucia e o cristal da água. Eu precisava da informação. E, quando voltar com ambos, meu pai vai entender por que fiz o que fiz.

— Só contei do cristal depois.

— Então não tenho mais nenhuma explicação que a satisfaça.

Cleo resmungou.

— Você é a pessoa mais frustrante que conheço.

— Mais frustrante que Jonas Agallon? — Magnus franziu a testa. — Eu o conheci, sabe, então acho difícil acreditar. O rebelde é um tanto quanto frustrante.

Ele ainda acreditava que Cleo tinha se encontrado com Jonas, que ajudara o líder rebelde, apesar das firmes recusas. Ela não podia revelar a verdade agora; não serviria para nada. Suas negociações com os rebeldes seriam seu segredo… e de Nerissa e Nic.

— Você acha que ajudei um rebelde e ainda assim poupou minha vida. Deve querer alguma coisa, alguma coisa além do cristal. Além de minha ajuda para encontrar Lucia.

Os olhos dele foram tomados por uma raiva repentina.

— Por que se importa com Lucia? Você disse que ela tentou matá-la.

Quando esteve nos aposentos de Lucia, Cleo teve certeza de que ia morrer. Não conseguia respirar nem se mexer; estava indefesa diante da fúria da feiticeira. Ainda assim, não conseguia odiar Lucia. Na verdade, sentia muita pena da garota. Havia tanta magia dentro dela, o suficiente para afogá-la se não tomasse cuidado.

— Eu me importo com Lucia. E não quero que nada ruim aconteça com ela. Agora, me responda, Magnus. O que quer de mim?

— Absolutamente nada.

— Então *por quê?* Me dê um bom motivo para não deixar Cronus me matar.

Ao contrário do que ela esperava, Magnus não saiu do quarto, não a arrastou para fora nem bateu a porta. Simplesmente ficou ali parado, com os braços ao lado do corpo, a atenção fixa em alguma coisa na parede, atrás do ombro dela. Seu semblante era de dor, como se não suportasse olhar diretamente para ela.

— Quer mesmo saber? — ele perguntou.

— Sim. Quero muito.

Ele ficou em silêncio por tanto tempo que Cleo não sabia se algum dia ele voltaria a falar.

— A vida toda, tudo o que sempre quis foi ser igual ao meu pai — ele começou a relatar em tom monótono. — Queria seguir seus passos, ser forte. Inteligente. Astuto. Perspicaz. Intimidante. Implacável. Queria ser respeitado e temido. Ter seu poder e sua influência. O que mais haveria para alguém como eu, herdeiro de seu trono? Sem isso a que aspirar, não tenho nada. Não sou nada.

Aquilo não era coisa que se dissesse. Ele fora criado como um príncipe, crescido com privilégios, precisava ter mais autoestima.

— Você está errado.

Ele ergueu a mão para silenciá-la.

— Sempre me disseram que eu parecia com ele, falava como ele… eu, basicamente, *sou* ele. Mas por mais que eu tente, sempre fracasso. Porque, no fundo, nos aspectos em que preciso ser mais forte, sou fraco.

Cleo permaneceu em silêncio, ouvindo com atenção. Quase sem respirar.

— Quer saber por que fiz aquilo? — Suas sobrancelhas escuras se uniram como se só agora se permitisse pensar no assunto. — É bem simples, na verdade. É que, sem sua coragem diante do que aconteceu com você, sem suas tramas constantes pelas minhas costas, sem aquele fogo de ódio e desprezo e *esperança* em seu rosto quando olha para mim… — Ele soltou um suspiro. — Debaixo da sombra que meu pai sempre fez sobre mim, você é a única luz que consigo enxergar. E, custe o que custar, me recuso a deixar essa luz se apagar.

Cleo só conseguiu olhar para Magnus, até que ele fez uma careta e se virou.

— Satisfeita, princesa? Agora pare de me fazer perguntas idiotas.

Assim que o choque começou a passar, um ataque incontrolável de riso escapou da garganta de Cleo. Enquanto a princesa ria, Magnus olhava para ela, e um lampejo de dor passou por seu rosto antes que ele pudesse contê-lo.

— Isso mesmo, princesa. Ria de mim. Afinal, é engraçado.

Ela riu até lágrimas começarem a escorrer por seu rosto, histérica. Respirando fundo, disse:

— É que… Nic disse uma vez…

— O que foi que Nic disse? Pode me contar?

Cleo se recompôs rapidamente quando uma mão invisível agarrou seu pescoço, apertando com força, quase impedindo-a de respirar.

— Que achava que eu estava me apaixonando por você.

Magnus olhou fixamente para ela.

— Que coisa mais idiota para se dizer.

— Eu sei. Porque não estou. Jamais. Como poderia? Odeio você.

No instante seguinte, ela estava beijando Magnus, sem nem ao menos saber quem tinha dado o primeiro passo. Tinha acontecido tão rápido, e não havia como parar. Os lábios dele pressionavam os dela, as mãos de Cleo apressavam-se sob a camisa dele, passeando pelos ombros e subindo para o cabelo. Magnus a puxou para mais perto, até que não houvesse mais nenhum espaço entre os dois.

O beijo era desesperado. Até mesmo violento.

Mas com razão. Fazia muito tempo que uma tensão se formara entre eles, conforme a batalha interna sobre esse garoto que havia destruído sua vida se tornava cada vez mais furiosa dentro dela. Esse garoto que salvara sua vida, que era cruel e gentil, forte e fraco. Que era egoísta e altruísta ao mesmo tempo.

Esse garoto que havia, em um único momento de medo e fraqueza, tirado algo tão especial dela. Cleo sabia que nunca poderia perdoá-lo por isso. Era o garoto com quem fora obrigada a se casar em um templo destruído, cercada por cadáveres e um oceano de sangue.

Era o garoto que agora a beijava sem restrições, como se estivesse morrendo e ela fosse o ar que podia respirar.

Uma batida forte na porta a assustou e a fez se afastar dele. Cleo olhou nos olhos de Magnus e tocou os próprios lábios inchados. Ele retribuiu o olhar, sem nenhuma máscara invisível para encobrir seu estado de choque.

Finalmente, ele se virou e foi até a porta. Abriu-a com tanta força que ela ficou surpresa por não ter quebrado as dobradiças.

A princesa Amara estava na porta, com um sorriso no rosto. Ela olhou para Cleo, atrás de Magnus.

— Interrompi alguma coisa? — ela perguntou. — Peço desculpas, é claro, mas isso não podia esperar.

Cleo demorou um instante para registrar completamente que a princesa estava ali parada, bem na sua frente. Ali, do outro lado de Mítica, na casa de uma mulher que tinham encontrado por acaso.

Não podia ser real.

— O que está fazendo aqui? — Magnus perguntou. — Como nos encontrou?

Ela deu de ombros.

— Tenho muito talento para negociações. As pessoas revelam muitos segredos pela quantia certa de ouro. E aqui estamos. Seria adorável se vocês dois

pudessem me acompanhar até o andar de baixo.

— Que andar de baixo? — Cleo perguntou com cuidado, embora soubesse que não podia ser nada bom.

Sabia que Amara os seguira, assim como tinham seguido Lucia.

— Venham ver.

Cleo não estava gostando daquilo, mas não tinha escolha além de fazer o que a princesa estava pedindo.

No salão central de lady Sophia estavam seis guardas kraeshianos de uniforme verde, juntamente com o príncipe Ashur e… *Nic*?

Lá estava ele, encurvado, as mãos amarradas nas costas.

— Nic! — Cleo tentou se aproximar, mas um guarda estendeu o braço para impedir que chegasse muito perto. — O que fizeram com você? Está tudo bem?

— Cleo — ele conseguiu dizer, olhando com ódio para Ashur e Amara. — Estou vivo, o que já é um começo.

Outro guarda segurava lady Sophia, trêmula e pálida, pelo braço. O coração de Cleo se contorceu pela mulher gentil que não tinha feito nada para merecer um tratamento tão grosseiro.

— O que é isso? — Magnus perguntou com um tom de alerta na voz.

— Mais uma de minhas negociações. — Amara se aproximou de Ashur. — Uma questão que viemos até Limeros para discutir, infelizmente. Não é um lugar que escolheria visitar, se dependesse de mim. Mas aqui estamos.

— Que tipo de negociação?

— Tentamos fazer da maneira agradável. Oferecemos uma aliança a Cleo, mas não podíamos esperar para sempre uma resposta, não é? E, Magnus, fiz o possível para conquistar sua confiança, mas sabia que seu coração não estava presente. Uma pena. Não perco meu tempo nem minha atenção com rapazes que não posso manipular. Acho que até poderia ter conseguido uma poção do amor, mas qual seria a graça disso?

— Estamos todos aqui em busca da mesma coisa — Ashur disse. Seus olhos azul-acinzentados estavam duros e fixos em Cleo. — A Tétrade.

O príncipe era tão frio e calculista quanto a irmã, e ganancioso na mesma medida. Mesmo se Cleo tivesse concordado com os termos deles, não poderia confiar naqueles dois. Assim que conseguissem o que queriam, com certeza a trairiam.

Ela olhou para Nic e observou seu rosto em busca de ferimentos, mas não viu nada. Até os hematomas e cortes da surra terrível que tinha levado dos guardas

tinham desaparecido nesse meio-tempo.

*Sinto muito, Nic*, ela disse em silêncio. *É tudo culpa minha*.

Os kraeshianos sabiam como ele era importante para Cleo. Agora usariam isso sem nenhum escrúpulo para manipulá-la.

— A Tétrade? — Magnus disse. — Sinto decepcioná-los, mas estamos atrás da minha irmã que, num ato insensato, resolveu fugir com seu tutor. Queremos impedir que ela faça algo de que se arrependa para sempre.

— É claro. O tutor. — Amara assentiu. — Primeiro, vamos esclarecer uma coisa: sei o que Lucia é e o que pode fazer. Sei sobre o cristal da terra no Templo de Cleiona, e que vocês não conseguiram chegar a tempo de reivindicá-lo primeiro. Então… podemos prosseguir?

— Nic… — Magnus disse com calma. — Você não é muito bom em guardar segredos, é?

Nic o ignorou.

— Soltem Cleo. Faço o que vocês quiserem.

— Você já cumpriu sua função — Ashur disse com frieza. — Já não tem mais serventia.

— Agora — Amara disse, voltando a sorrir. — Não há por que discutir. Temos certeza de que estão aqui em busca de outro cristal localizado por Lucia. Nós o queremos, e vocês nos levarão até ele.

— Nic vai ficar aqui com essa mulher — Ashur disse, indicando lady Sophia com a cabeça. — Vamos deixar um guarda para vigiá-los e garantir que não causem problemas.

— Falando em guardas — Magnus disse —, também tenho alguns, sabia? Eles devem chegar a qualquer momento.

Cleo olhou para ele, mas ficou em silêncio. Estava blefando. Nenhum guarda os acompanhara de Auranos até ali. Os dois estavam por conta própria, sem proteção.

— Deixe que venham — Amara disse. — Vou oferecer tanto ouro a eles que posso garantir que não me darão motivos para derramar mais sangue do que o necessário esta noite.

A expressão de Magnus se tornou sombria, mas ele não retrucou.

— Vamos logo com isso — Ashur acenou para um guarda.

O guarda colocou a ponta da espada no pescoço de Nic, e Cleo não pôde conter um grito.

— Não! Poupem a vida dele. Por favor.

— Vocês vão nos levar até o cristal? — Ashur perguntou.

Ela estava prestes a falar, a contar tudo para salvar seu amigo, mas Magnus falou primeiro.

— Muito bem. Saímos assim que amanhecer — ele afirmou.

— Não — Ashur respondeu. — Vamos sair agora. Só precisamos saber para onde.

O olhar de Magnus era afiado o bastante para matar, mas ele não disse nada.

Amara fez sinal para o guarda que estava com Nic.

— Corte o pescoço dele.

— Não, espere! — Cleo berrou. — Não o machuque, por favor! O Templo de Valoria, é lá que está o cristal. Mas saibam que não temos nenhuma garantia de que Lucia já não tenha chegado lá e o invocado.

— É um risco que estamos dispostos a correr. — Ashur acenou para o guarda, que finalmente soltou Nic.

Ela teve que contar, teve que revelar o que queriam saber. A vida de Nic valia mais do que um cristal.

— Então vamos indo. — Amara foi até Magnus, estendeu o braço para tocar seu queixo e puxou seu rosto para baixo até olhar em seus olhos.

— Não subestime o que estou disposta a fazer para conseguir o que quero. E o que quero é a Tétrade. Mesmo um quarto dela serve por enquanto. Eu mataria para conseguir. Entendeu?

— Ah, sim, princesa — ele respondeu por entre os dentes. — Entendo mais do que imagina.

Amara olhou feio para Cleo.

— Viu como seria muito melhor ter me recebido como amiga?

— Prefiro receber um porco coberto de furúnculos — Cleo respondeu. — Seria uma alternativa mais agradável do que você.

Amara riu, depois apontou para o guarda que segurava lady Sophia.

— Você fica. Os outros nos acompanham. E Cleo, Magnus… se vocês se comportarem, pode ser que vivam para ver o nascer do sol.

# 30

# JONAS

## PAELSIA

Imediatamente depois de reivindicar o cristal da terra em nome da princesa, Jonas, Lysandra e Felix se concentraram nos outros dois.

Jonas ainda não tinha enviado nenhuma mensagem para Cleo. Queria ter os três cristais em mãos para mostrar a ela que era digno de confiança.

E ainda não sabia ao certo por que se importava tanto em provar seu valor a ela.

A invocação do cristal do ar no complexo abandonado do chefe Basilius correu tão bem quanto a anterior, no templo, embora o complexo guardasse lembranças igualmente dolorosas. Foi ali que os escravos paelsianos se rebelaram contra os violentos guardas limerianos, desencadeando um massacre poucos momentos antes de um furacão assolar a terra árida.

Aquilo tinha ficado no passado. Jonas sabia que precisava se concentrar no futuro.

Dentro do complexo, trilhas de terra levaram a um labirinto de pequenas casinhas de pedra, com a grande quinta do chefe no centro. Eles optaram por desenhar o símbolo na clareira onde costumavam ocorrer as fogueiras, os banquetes e as diversões noturnas do chefe.

— Quero fazer desta vez — Felix insistiu.

Ele segurou a lâmina junto ao antebraço, fez um corte superficial e o estendeu, deixando o sangue pingar no solo seco e rachado. Espalhou o líquido com a ponta dos dedos para criar o símbolo de uma espiral, depois se levantou e enrolou o braço com um pedaço de tecido.

Lysandra apertou o ombro de Jonas quando veio uma brisa, envolvendo-os em um redemoinho repentino que fez Jonas perder o fôlego.

— Ali. — Lysandra apontou para onde ficava a fogueira do chefe, agora apenas um círculo queimado no centro da clareira.

Uma pequena esfera apareceu, refletindo o sol em sua superfície branca e perolada.

Selenita.

O cristal do ar.

Olhar para o cristal se assemelhava ao doce sabor da vitória após tantos fracassos amargos.

Felix pegou o cristal sem hesitar, sorrindo de orelha a orelha.

— Legal.

Ele jogou na direção de Jonas, que apanhou a esfera e olhou para sua superfície lisa. Como o cristal da terra, havia uma ponta de escuridão em seu interior, girando em um ciclo infinito.

Lysandra olhou para Jonas.

— E então, para onde vamos agora?

— Para as montanhas — Jonas respondeu, mais determinado do que nunca.

Jonas os conduziu por um trecho da Estrada de Sangue até o campo de trabalho que atacara com seu grupo de rebeldes à sombra nefasta das Montanhas Proibidas, um campo que já havia sido desmontado, sem nada que lembrasse a derrota esmagadora além do chão queimado ao redor da estrada.

Ali, Lysandra insistiu em usar seu sangue para desenhar o símbolo do fogo.

Mas nada aconteceu.

Jonas tentou, depois Felix.

Nada.

— Parece que alguém chegou primeiro desta vez — Felix comentou.

Mas quem? Jonas ainda não estava pronto para desistir. Precisavam continuar tentando. E foi o que fizeram, ali no árido e deserto leste de Paelsia, durante dois dias antes de extinguirem todas as outras opções. Os rebeldes finalmente desistiram e voltaram a Auranos, decepcionados com o fracasso.

Dois dos três cristais, Jonas pensou. Teria que bastar.

Jonas sabia que não podiam continuar usando a Sapo de Prata como ponto de encontro. Mas precisava fazer uma última visita para ver se novas mensagens

tinham chegado durante a semana de ausência.

— Estou faminto — Felix disse ao abrir a porta principal. — Vamos ficar para comer. Há uma boa mesa isolada naquele canto escuro. Só fiquem de capuz, vocês dois.

— Usar capuz dentro de uma taverna não vai parecer nem um pouco suspeito, não é? — Lysandra respondeu.

Jonas não pretendia concordar com a ideia, mas a taverna estava quase vazia, exceto por duas mesas ocupadas por clientes embriagados e distraídos.

Eles comeriam, depois iriam embora.

— Vamos ficar de frente para a parede — Jonas disse, abrindo um sorriso. — Felix, que não tem a sorte de ser tão famoso quanto Lys e eu, pode ser nosso vigia.

Lysandra agora podia ser reconhecida por qualquer um que tivesse chegado perto o bastante para ver seu rosto no dia da quase execução. E era a segunda vez que iam à taverna como um trio.

— Posso fazer isso com prazer — Felix sentou e fez sinal para o atendente do bar lhes servir uma bebida. — Hoje precisamos conversar sobre o que vamos fazer com os dois cristais, agora que voltamos para Auranos. Podemos ganhar ouro para a vida toda com essas duas pedrinhas lindas.

— Mesmo não sabendo como funcionam.

— É uma pequena inconveniência — Felix concordou.

Eles haviam inspecionado os dois cristais durante horas, tentando descobrir como utilizar sua magia. Só servira para fazê-los perder tempo e energia.

Jonas não duvidava do que eram, mas acessar sua magia estava além de suas capacidades.

Mas não via problema nisso. Só porque acreditava em magia não significava que queria ter algo a ver com ela.

Não estava ansioso pela conversa com Felix. Sabia que a discussão sobre vender os cristais a um dos contatos misteriosos de Felix ou entregá-los à princesa Cleo não seria exatamente uma conversa, mas um debate acalorado.

Jonas passou a mão nos dois cristais que estavam em uma bolsinha de couro amarrada em seu pulso. As pedras não sairiam de sua vista, nem por um instante.

O destino delas seria uma decisão sua, e de mais ninguém.

Galyn, dono da taverna e amigo dos rebeldes, trouxe as bebidas: três cervejas e nenhum vinho, o que agradou Lysandra.

— Bem-vindos de novo — Galyn disse em voz baixa. — Que bom revê-los.

— É bom ver você também. — Era um alívio encontrar o rapaz mais jovem e corpulento em vez do pai, Bruno, de cabelos brancos e voz muito alta. — Algum recado para mim?

Galyn sacudiu a cabeça.

— Nenhum, embora sua bela e jovem amiga tenha vindo várias vezes nos últimos dias. Com os recentes rumores que escutei sobre os acontecimentos na Cidade de Ouro, tenho certeza de que ela tem novas informações para transmitir, mas não deixou nenhuma mensagem comigo.

Jonas ficou olhando para ele.

— Que acontecimentos recentes?

Galyn baixou ainda mais a voz.

— Ao que parece, a princesa Lucia fugiu do palácio com o tutor. O rei está furioso, revirando todas as cidades e vilas do reino para encontrá-la.

— Então a decisão romântica e tola da princesa vai resultar em dor e morte para muitos — Lysandra disse, sentindo repulsa. — As decisões egoístas dessa realeza fútil sempre me enojam.

Ninguém disse nada para discordar.

— O palácio está um caos — Galyn continuou. — Por causa disso e, também, pelo desaparecimento do príncipe Magnus e da princesa Cleiona.

Jonas ficou sem voz de repente.

— O que quer dizer com *desaparecimento*? — Felix perguntou.

— Dizem os rumores que os dois desapareceram sem deixar rastros. Alguns afirmam que o rei ficou louco e condenou os dois, o próprio herdeiro e a esposa, à morte. Sinceramente, não duvido disso.

Cleo estava desaparecida… talvez morta? Não podia ser.

Será que tinha sido descoberta como espiã? A princesa mandara duas mensagens a ele, a segunda havia apenas uma semana. Seu desaparecimento poderia estar relacionado a isso?

Jonas precisava saber mais. Se fosse verdade, e se ela ainda estivesse viva, precisava encontrá-la.

Ele levantou da mesa.

— Sente-se — Felix disse.

Sua garganta estava apertada e dolorida.

— Preciso ir.

— Agora não.

— O quê?

— Alguém acabou de entrar e tenho certeza de que vai querer falar com ela.

Jonas virou, espiou pela borda do capuz e viu Nerissa adentrando a taverna. Ela passou os olhos pelo estabelecimento, com um grande alívio no rosto ao identificá-lo. A garota se aproximou rapidamente da mesa deles ao mesmo tempo que Galyn pediu licença e se retirou.

— Graças à deusa você está aqui — ela disse, segurando as mãos de Jonas.

O coração dele disparou.

— Acabei de saber da princesa… que está desaparecida. É verdade?

— Posso falar com você em particular?

Jonas estava prestes a protestar, alegar que qualquer coisa poderia ser dita na frente de seus amigos, mas conteve a língua. Afinal, outras pessoas podiam estar escutando.

— Vá — Lysandra disse. — E não demore.

Ele saiu com Nerissa da área principal da taverna e foi em direção à escadaria que dava para a pousada.

— É isolado o bastante. — Ela olhou para a pequena alcova com nervosismo.

— É verdade essa história da princesa Cleo? — Jonas perguntou.

— Ela foi embora, Jonas. Ninguém sabe para onde.

— E o príncipe Magnus?

— Ele também. É um mistério, mas o que eu sei é o seguinte: dois guardas foram assassinados no calabouço, inclusive o capitão. Aconteceu quando estavam a serviço… vigiando Cleo, que tinha sido aprisionada pelo rei por traição.

O mundo ficou embaçado e escurecido diante dos olhos de Jonas.

— E agora ela e o rapaz com quem foi forçada a se casar desapareceram?

— Sim.

— E o rei? Como reagiu a isso?

— Não tenho como saber. Ele está isolado. Mas ouvi dizer que teme que o príncipe Magnus tenha sido levado como refém, ou assassinado por quem ajudou a princesa a fugir. E Jonas… bem, *você* foi apontado como principal suspeito.

Qualquer outro dia, teria achado graça. Lá estava ele, acusado de mais um crime que não cometera.

O rosto de Nerissa estava pálido, preocupado.

— Não posso ficar, Jonas. E não poderei encontrá-lo de novo por um tempo. Estão suspeitando de todos no palácio.

— Obrigado por compartilhar o que sabe. Sei como isso é perigoso para você. — A mente dele estava confusa, sem saber como processar a informação. Ele chegara a odiar a princesa acima de tudo… mas, agora, viu seu mundo de pernas para o ar ao pensar que Cleo podia estar correndo perigo, que *ainda* estava correndo perigo, e ele não podia fazer nada para ajudar.

Nerissa segurou o braço dele, chamando sua atenção de volta ao presente.

— Tenho mais uma coisa para contar.

— O que é?

— É sobre seu novo amigo, Felix.

— Felix? — Jonas franziu a testa, tentando se concentrar. — O que tem ele?

— Nosso primeiro encontro me passou uma má impressão.

— Eu pensei que vocês tivessem se dado bem.

— Eu conheço os homens, Jonas. Sei quando estão escondendo alguma coisa. E vi isso nos olhos dele. Também vi que você confiava nele, o que me preocupou. Então dei uma investigada, e descobri algumas coisas. — Ela hesitou. — Você não vai gostar.

Jonas olhou bem fundo nos olhos dela, preparando-se para mais más notícias.

— Pode dizer — ele pediu.

Nerissa compartilhou a informação com ele e foi embora no mesmo instante.

Jonas voltou à taverna e passou os olhos pelo grande salão. Felix estava no bar, falando com Galyn. Lysandra ainda estava sentada à mesa no canto escuro, olhando para a parede e tomando goles da caneca de cerveja.

— Lys — ele a chamou. Ela olhou para Jonas, que fez um sinal para que o acompanhasse.

Ele a levou até a alcova onde havia conversado com Nerissa, só que dessa vez subiu a escadaria. Encontrou um quarto vazio no segundo andar e entrou com Lysandra, fechando a porta.

Ela olhou para ele com preocupação.

— O que aconteceu? Nerissa trouxe más notícias sobre a princesa?

— Sim, mas não posso pensar nisso agora. Temos um problema mais imediato.

— O que é?

— Nerissa não confia em Felix.

— Então somos duas — ela disse, mas depois fez uma careta. — Desculpe, sei que passou a considerá-lo um amigo de verdade. Preciso aprender a respeitar isso. E até que ele não é tão desagradável quanto pensei.

Ele suspirou.

— Ele trabalha para o rei Gaius.

Lysandra o encarou, chocada.

— O quê?

Ela pareceu tão surpresa quanto Jonas tinha se sentido quando Nerissa contara a ele.

— Ele disse que foi criado por um grupo de assassinos cruéis que trabalhavam para um chefe rico, não é? Bem, esse chefe rico era o rei. Ele é um assassino de aluguel do Rei Sanguinário. — A raiva de Jonas começara a se formar aos poucos, mas logo se transformou em algo praticamente tangível, algo em que podia se agarrar. — Foi assim que ele me encontrou. Cinco semanas atrás, tinha ido ao palácio receber sua última missão: me localizar e levar minha cabeça ao rei.

— Espere. Mas… mas ele não fez isso. Você esteve com ele esse tempo todo, e Felix não tentou nenhuma vez, certo? — Lysandra segurou os braços de Jonas. — Talvez ela esteja errada.

Ele estava furioso consigo mesmo por ter sido idiota o bastante para confiar em alguém que mal conhecia.

A informação de Nerissa havia reverberado dentro dele. Finalmente conseguira preencher as lacunas que estava tentando ignorar sobre o novo amigo.

Jonas acreditava em Nerissa.

— Ele está esperando alguma coisa. — Jonas sacudiu a cabeça. — Agora que tenho os cristais… Cleo me disse que o rei está atrás da Tétrade… atrás da magia. É esse seu objetivo. Tem ideia de quanto o rei pagaria por um desses cristais? E sabe o que fará com esse tipo de poder se descobrir como utilizá-lo?

— Jonas, por favor, se acalme. Perder a cabeça não vai ajudar.

— Bela escolha de palavras. — Ele resmungou e esfregou as mãos no rosto. — Você tinha razão em não confiar nele. Você sentiu algo, não é? Algo *estranho*.

— Senti. Mas… bem, preciso admitir que não confio nas pessoas com facilidade.

— Nem eu. Não normalmente. Maldição, não tenho tempo para lidar com isso. Preciso ir atrás da princesa…

— Esqueça a princesa por um minuto. O que vamos fazer agora, com Felix? Vamos confrontá-lo?

Jonas começou a andar de um lado para o outro no quarto.

— Vou confrontá-lo, mas não agora.

— Por quê? O que está esperando?

Ele olhou nos olhos dela.

— Porque primeiro preciso que você vá embora.

Ela olhou para ele, confusa.

— Por que eu faria isso?

Seria ótimo se uma vez, pelo menos uma vez, alguém fizesse o que ele pedia sem discutir.

— Porque ele é perigoso.

— *Eu* também sou perigosa, caso tenha se esquecido.

Lysandra precisava de uma justificativa, mas não havia muito tempo para convencê-la.

— Vou dizer o que acho. Estou preocupado com você desde que escapou do palácio. Não quero colocar sua recuperação em risco. Sei o que aconteceu. Foi… foi difícil para você. E seu irmão… — O maxilar dele ficou tenso. — Sei que vai precisar de um tempo para ficar bem.

Ela olhou para ele.

— Estou bem.

— Não está.

Seu rosto corou, e os olhos brilhavam de raiva.

— Estou, sim. Estou *bem*. Pare de me tratar como uma flor delicada porque eu nunca, nenhuma vez na vida, fui uma. Você não precisa me proteger. Posso enfrentar o Felix com você, ao seu lado. E se tentar algo contra você, vou matá-lo.

Ela ficava tão linda quando estava irritada desse jeito.

— Você nunca para de discutir, não é?

Ela rosnou de frustração.

— Não vou a lugar nenhum, e você não pode me obrigar…

Ele segurou o rosto dela entre as mãos, empurrou-a contra a parede e pressionou os lábios contra os dela. As emoções dele estavam à flor da pele, e naquele momento ela estava tão feroz, tão linda…

Jonas não conseguiu resistir. Fazia séculos que queria beijá-la, na verdade. E foi tão bom quanto tinha imaginado.

Lysandra agarrou a camisa dele como se quisesse empurrá-lo para longe, mas, em vez disso, passou as mãos por seus ombros e o puxou para mais perto, retribuindo o beijo e, por um instante, fazendo-o esquecer de tudo, exceto do sabor salgado e doce de seus lábios.

Quando se afastaram, Jonas estava ofegante, certo de que seu rosto estava tão vermelho quanto o dela.

— Não esperava por isso — ela sussurrou.

— Então somos dois.

— Bem, não muda nada. Não vou sair do seu lado.

— Tudo bem. — Ele passou os dedos pelos longos cabelos escuros de Lysandra, com a mente agitada. — Vamos confrontar Felix juntos. Dois contra um, estamos em vantagem.

— É mesmo?

As palavras cortaram como uma faca o momento compartilhado pelos dois. O corpo de Lysandra ficou tenso, e ambos olharam para a entrada. Encostado no batente da porta, agora aberta, estava Felix, de braços cruzados.

— Podem me confrontar — ele disse, sem uma pitada de humor na voz ou nos olhos. — O que estão esperando?

A raiva voltou, ardente como fogo diante dos olhos de Jonas.

— Por onde devo começar?

— Pode pular o resumo. Ouvi tudo pela porta. Percebi que meus dois amigos tinham desaparecido de repente, então fui procurá-los. E aqui estão vocês.

Jonas se afastou de Lysandra, se amaldiçoando por baixar a guarda. As paredes eram finas como papel; devia ter sido mais cuidadoso.

— Você mentiu para mim — Jonas vociferou.

— Nunca menti. Omiti a verdade? Talvez um pouco.

O olhar presunçoso nos olhos de Felix era suficiente para inflamar Jonas. Ele atacou, agarrando os braços do garoto e o empurrando para fora do quarto, no corredor.

Felix se desvencilhou com facilidade e deu um soco na cara de Jonas. Ele cambaleou, caindo no chão, mas Felix o agarrou pela camisa e o botou de pé.

— Vou matar você — Jonas bufou.

— Quero ver você tentar. Apesar de todos os rumores sobre você, nunca fiquei muito impressionado com suas táticas de combate. Eu, por outro lado? Nível profissional.

— Acho que é por isso que o rei o quer por perto.

— É, acho que sim.

Jonas olhou para ele com repulsa.

— Nerissa me contou que todos que são contratados pelo Rei Sanguinário têm uma marca para mostrar a quem são leais.

— Adorável Nerissa, cheia de adoráveis informações, não é? — Felix levantou a manga esquerda da túnica, e o olhar de Jonas recaiu sobre seu antebraço, onde havia uma tatuagem familiar, mas em que nunca tinha prestado muita atenção. Marcas na pele não eram raras em paelsianos.

Eram duas serpentes entrelaçadas.

— Serpentes para uma serpente — Jonas disse, com a boca seca. — Que apropriado.

— Parem — Lysandra gritou. — Vocês dois.

— Não — Felix disse, olhando para ela com frieza. — Jonas começou, e vou terminar. Não poderia ser diferente. Na verdade, estou surpreso por ter demorado tanto.

A presunção havia desaparecido, substituída pelo que Jonas via como uma dolorosa decepção.

Sem dizer mais uma palavra, Felix empurrou Jonas pela escadaria. Ele tropeçou e caiu, sem conseguir se equilibrar até ir parar no chão, batendo as costas. Jonas se levantou e cambaleou para dentro da taverna, seguido por Felix.

Jonas pegou a adaga, mas Felix chegou primeiro. Ele derrubou a arma e acertou Jonas no rosto enquanto tentava ficar de pé, depois lhe deu um soco forte no estômago. Jonas cuspiu sangue e viu que mal podia respirar; o ar tinha sido totalmente expulso de seus pulmões.

Lysandra desceu as escadas correndo, com uma faca na mão, mas Felix virou e a agarrou pelo pescoço, empurrando-a de costas sobre uma mesa.

Jonas tentou levantar, mas encontrou o joelho de Felix pressionado contra seu peito e a lâmina dele em sua garganta.

— Então aqui estamos — Felix disse. — Meu segredo foi descoberto. Que pena. Gosto de mantê-los em segredo.

— Eu confiei em você — Jonas gemeu.

— Confiança é uma via de mão dupla, amigo.

— Então me mate de uma vez.

— Você parou para pensar por um instante que talvez eu não seja tão ruim quanto pensa?

— Você trabalha para o rei.

— Eu *trabalhava* para o rei. Fiz muitas coisas ruins para o rei, na verdade, e fui bem pago por todas elas. Desde os onze anos de idade mato por ele. Eu era um menino gracioso. Podia entrar em muitos lugares onde seus outros assassinos não podiam. As coisas funcionavam à perfeição em Limeros, sem problemas. Mas tudo mudou depois da guerra. *Eu* mudei.

Jonas olhava com decepção — quase mágoa — para o garoto que passara a chamar de amigo.

— É mesmo?

— Eu contei como cresci, só não falei onde, ou quem era meu chefe. Nunca tive amigos. Fui criado para não confiar em ninguém, a menos que fizessem parte de meu clã. Passei a odiar aquelas pessoas. — O semblante de Felix parecia assombrado. — Recebi minha última missão do rei, rastrear você e me infiltrar em seu pequeno grupo de rebeldes. Mas, pasmem, quando o encontrei, você não tinha grupo. Estava sozinho como eu. Pode me chamar de louco, mas decidi mudar naquela mesma hora. Senti que era o momento certo para iniciar meu caminho de redenção.

Jonas franziu a testa, sem saber no que acreditar.

— É isso mesmo. Eu não pretendia trair nem matar você. — A voz de Felix estava cheia de convicção. — Mas no instante em que ouve algo que não gosta, *você* me trai, *você* decide me matar. Sem pensar duas vezes. Não me parece um amigo de verdade.

Jonas olhou para Lysandra e ficou consternado ao ver que ela estava inconsciente no chão. Felix acompanhou sua linha de visão.

— Eu não pretendia empurrá-la com tanta força. Mas às vezes machucamos as pessoas que amamos. A vida é assim.

Então ele afundou a adaga no ombro de Jonas, prendendo-o ao chão. Jonas gritou.

— Não se preocupe, você não vai morrer. Só vai sentir que vai. — Felix arrancou a bolsinha de couro amarrada no pulso de Jonas e pegou os cristais. Segurou-os como se os pesasse para determinar seu valor em ouro antes de fechar os dedos sobre a selenita.

— Meu sangue, meu cristal. É justo. — Ele jogou a esfera de obsidiana para Jonas; ela caiu pesadamente sobre seu peito e rolou para o lado. — Já terminamos aqui.

Jonas observou através de uma cortina de dor Felix se virar e sair da taverna sem olhar para trás.

Lysandra gemeu e começou a se mexer. Galyn surgiu de trás do bar e correu para ajudá-la a se levantar.

Jonas ficou imobilizado, literalmente preso ao chão, até Lysandra ajudá-lo a retirar a adaga de Felix e fazer um curativo sobre o ferimento.

— Está tudo bem — ela disse, angustiada. — Estamos melhor sem ele.

Jonas não tinha tanta certeza disso. Confiança era uma coisa frágil. E, naquele momento, não conseguia confiar nem em si mesmo.

Tinha aprendido algumas lições dolorosas, mas muito importantes, naquela noite.

A primeira era que estava em apuros.

A segunda, que amigos verdadeiros eram raros. E aqueles com passado sombrio nem sempre ansiavam por um futuro sombrio.

Podia ter dado a Felix uma chance de se explicar, dado a ele o benefício da dúvida depois das várias demonstrações de lealdade.

Agora parecia que Felix não era o único pronto a conquistar sua redenção.

# 31

# IOANNES

## LIMEROS

Ainda que muitas lembranças de Ioannes estivessem nebulosas desde que Melenia lançara o feitiço de obediência, uma continuava clara e cristalina: uma noite estrelada em Paelsia quando, em forma de falcão, ele viu duas irmãs usando magia reforçada por sangue e morte para roubar uma criança recém-nascida do berço.

Viu as duas fugindo para a floresta escura, com o pequeno bebê enrolado em panos. Então, logo em seguida, viu uma irmã trair a outra para entregar a criança ao homem que havia lhe dado a missão, um homem que ela pensava amar — um homem que um dia seria rei.

A bruxa era jovem e tola, disposta a fazer coisas horríveis por amor — até mesmo matar a própria irmã.

Mas o que Ioannes lembrava com mais intensidade era o momento em que olhou para o rosto do bebê, imaginando se o que as bruxas diziam podia ser verdade: que aquela criança inocente era a feiticeira renascida, depois de tantos anos de espera.

Em seu coração, soube que era verdade. E foi por isso que continuou visitando a criança durante anos, para vê-la crescer e se tornar a garota bela, poderosa e perigosa que era agora.

Na noite em que Lucia foi tirada de sua mãe verdadeira, Ioannes prometeu a si mesmo que sempre estaria por perto para protegê-la. Na época, pretendia fazê-lo de corpo e alma.

Agora, estavam juntos em Limeros. Lucia segurava firme sua mão enquanto se aproximavam do templo.

— Ah, Ioannes. — Sua respiração condensava no ar frio quando falava. — Senti tanta falta deste lugar.

Ioannes não tinha muitas coisas boas a dizer sobre Valoria, então guardou seus pensamentos para si. Valoria acreditava que suas opiniões eram melhores que as de todos os outros, pouco importando se ninguém mais concordasse. Torcia o nariz para qualquer coisa que tornasse a vida, mortal ou imortal, mais interessante, até mesmo ler fábulas ou cantar. Cleiona era o extremo oposto: uma criatura frívola e vaidosa, que se preocupava apenas com sua própria diversão.

Não era uma surpresa que os reinos fundados por elas tivessem evoluído para refletir seus respectivos valores.

Agigantando-se à entrada do templo havia uma estátua de Valoria, lançando um olhar de julgamento sobre todos que entravam. Seus braços estavam erguidos e, na palma das mãos, estavam gravados os símbolos dos elementos que representava: terra e água.

Embora o lugar perdesse em comparação à grandiosidade do Templo de Cleiona, que tinha facilmente seis vezes o seu tamanho, ainda era muito impressionante. Era cheio de blocos de granito com linhas perfeitas, ângulos exatos, cantos vivos, sem nada que parecesse pomposo ou fora do lugar. Nada extraordinário ou decorativo. O templo era imaculado em todos os sentidos e ficava aberto dia e noite para qualquer um.

Mas Melenia tinha sentido um grande poder no local — como acontecera nos outros três.

Ele pensou que levaria meses, não semanas, para chegar até ali.

Tudo aconteceu muito mais rápido do que podia ter imaginado.

Dentro, no centro do chão negro de granito, erguia-se uma enorme coluna de fogo. Era de certa forma irônico, já que Cleiona era considerada a deusa desse elemento. Mas, em Limeros, ele era necessário simplesmente para evitar a morte por congelamento.

O fogo, Ioannes notou, queimava no meio de uma larga piscina retangular de águas rasas, e era alimentado com regularidade por criados do templo vestindo mantos vermelhos.

Havia poucas pessoas ali naquela noite — provavelmente por conta tanto da nevasca quanto do horário avançado. Ele e Lucia já haviam garantido um quarto em uma pousada próxima, mantendo a identidade dela em segredo.

Assim que as nuvens se dissiparam e a lua brilhante passou a iluminar a paisagem gélida quase tão bem quanto o sol, a princesa praticamente o arrastou

para lá, empolgada para mostrar o que tinha sido uma parte tão importante de sua vida antes da mudança para Auranos.

Ioannes tentou andar rápido, mas, ainda que a ferida causada por Xanthus estivesse se curando bem, sua perna ainda atrapalhava. Era um lembrete duro de sua mortalidade.

Lucia o puxou pelo corredor até o altar. Lá, apertou as mãos dele e olhou-o nos olhos.

— É aqui que vamos nos casar — ela disse, com um largo sorriso iluminando os olhos azuis como o céu.

— Aqui? — Ele levantou a sobrancelha e olhou em volta. — Não sei ao certo se princesas que fugiram de casa deveriam se casar em lugares públicos como este, pelo menos se quiserem manter segredo.

— Talvez não queira manter segredo. Talvez queira que todos saibam… até meu pai. — Ela o beijou, abraçando-o e puxando-o para perto. — Ele vai entender. Vai, sim.

Ele se perguntou se o rei estava tão comprometido em encontrar a Tétrade a ponto de aprovar esse casamento para garantir seu sucesso. Não tinha muita certeza disso. O último encontro dos dois havia terminado bem, mas o rei estava ansioso e impaciente por não haver progresso e o tempo estar se esgotando.

Se ele ao menos soubesse a verdade.

— E seu irmão? — Ioannes perguntou.

— É mais provável que ele seja um problema. — Mas o sorriso dela ainda estava intacto quando se afastou. — Magnus vai aceitar meu amor por você. Ele compreende o amor, quer admita ou não. Verá em meus olhos que é verdadeiro e não pode ser mudado. Sempre foi meu destino ficar com você.

Sentindo o coração como um peso morto em seu peito, ele tocou a face dela, tentando gravar a imagem em sua memória.

Lucia, por fim, franziu a sobrancelha.

— Por que parece tão triste?

Ele balançou a cabeça.

— Não estou triste.

— Então essa é sua expressão de felicidade? Preciso dizer que me deixa um pouco preocupada. Não está pensando duas vezes, está?

Duas, três, quatro… um milhão. Sobre cada decisão que tomara, cada segredo que mantinha.

— Não quanto a você.

— Bom. Sei como somos diferentes. E sei que não o conheço há tanto tempo assim…

*Conheço você desde que nasceu*, ele pensou. *Vigiei você. Eu a protegi dos outros. Esperei quase dezessete anos.*

— … Mas é o certo — ela prosseguiu. — Nunca estive tão certa sobre algo na minha vida.

Ioannes pegou sua mão, esfregando a enorme ametista de seu anel com o dedo. Lembrou-se de ter visto o mesmo anel na mão de Eva. No fim das contas, considerando todo o seu poder, não tinha sido capaz de ajudar a feiticeira original contra sua maior inimiga.

Nos primeiros sonhos que compartilharam, Ioannes dissera a Lucia que Eva havia morrido por ter se apaixonado pelo garoto errado. Mas era mentira. O amor, pelo menos o amor que Eva havia experimentado, não teve nada a ver com o destino da feiticeira.

Era um pensamento tão irônico agora.

Lucia olhou para o teto abobadado e para os poucos fiéis sentados nos duros bancos de madeira. Depois voltou os olhos para o fogo que queimava para manter os visitantes protegidos do frio constante do lado de fora.

— Podemos reivindicar o cristal aqui? Agora? — ela perguntou.

— Ainda não.

Ela franziu a testa.

— Como assim, *ainda não*? É por causa das testemunhas?

— Não. É preciso dar um último passo aqui. Não houve magia de sangue nem desastre elementar. Não será feito na ordem correta, mas ainda assim deve ser feito. Este lugar — ele olhou em volta, agitado — é a âncora. É onde tudo deve terminar. E o fim desencadeará o início.

Ela riu daquele discurso enigmático.

— Não entendi.

— Queria ter explicado tudo a você, mas é impossível. — Ele passou a mão no peito. — Mas aqui estamos. Aqui é onde o destino nos esperou por todos esses séculos.

Lucia o observou com paciência, como se suas divagações a divertissem.

— O que precisamos fazer, então, para aceitar esse destino?

Ela estava muito curiosa, insaciável. Ioannes se perguntava como teria sido ser seu tutor de verdade, ajudá-la com sua magia nos anos vindouros.

— O sangue é o centro de tudo, princesa. Sangue é magia. É a chave de tudo, a chave da vida, a chave da morte, a chave da liberdade, a chave do aprisionamento.

Ela gargalhou, o que o surpreendeu, e se inclinou para beijá-lo.

— Você está sério hoje, não é? Não se preocupe, um pouco de sangue não me assusta.

Ele gostaria de sentir o mesmo. Seu peito doía mais a cada momento de hesitação, as marcas invisíveis que o prendiam à vontade de Melenia, controlando-o dia e noite.

— Ela está me forçando a fazer isso. Por favor, entenda… não é minha escolha.

O sorriso dela desapareceu, e sua expressão se tornou sombria.

— Está tudo bem, o que quer que o esteja atormentando. Estou aqui. — Ela então o abraçou, envolvendo seus ombros com os braços para trazê-lo para perto. — Vamos resolver tudo isso juntos e…

A princesa gemeu no instante em que a adaga atingiu seu estômago.

— Sinto muito, Lucia — Ioannes sussurrou. — Não sou eu. É algo mais poderoso, e está me controlando.

E puxou a lâmina. Ela cambaleou para trás e caiu de joelhos, tocando o ferimento e observando, em choque, seus dedos ensanguentados. O sangue jorrava do corte, ensopando seu vestido e formando uma poça no chão do templo.

Nos outros locais, foi preciso uma enorme quantidade de sangue para provocar o efeito necessário — um tornado, um terremoto, um incêndio. O sangue dos escravos derramado sobre a estrada que foram forçados a construir. O sangue das batalhas contra os rebeldes em um templo e nas montanhas. O sangue derramado de tantos mortais, em três ocasiões diferentes, para desencadear três desastres elementares.

Destino. Todas as vezes.

Mas o sangue de uma feiticeira era mais poderoso que o de uma centena de mortais comuns.

Melenia tinha esperado milhares de anos por aquele momento. Com o sangue de Lucia derramado — ali, naquele instante —, o véu entre os mundos finalmente se dissiparia o bastante para alguém tão poderoso quanto a anciã escapar de sua prisão e reivindicar o que mais desejava.

Em meio a essa névoa de horror, Ioannes escutou os gritos dos que testemunharam o ato de violência. Eles correram para fora do templo, deixando-o sozinho com Lucia.

Não havia nenhum herói ali para salvá-la.

Apenas um vilão, que um dia fora imortal, segurando uma adaga.

Sob o feitiço de Melenia, cada pensamento rebelde que tinha, ou palavra que dizia, lhe causava dor — mas não era nada comparado à dor que sentia ao ver Lucia sofrer daquela maneira, suportando uma dor que era mais do que apenas física.

— O quê… — Lucia ofegava. — O que está… por que fez isso? Ioannes… por quê?

De repente, uma tempestade de neve se formou, provocada pelo sangue de Lucia, e desabou sobre o Templo de Valoria, quebrando todas as janelas. Pingentes de gelo, afiados como espadas e rápidos como relâmpagos, voando através das janelas quebradas, alguns fincando no chão, outros se estilhaçando em milhares de pedaços com o choque.

Ioannes apenas ficou ali parado, tremendo em silêncio enquanto observava Lucia sangrar. Ela o encarou com dor e confusão estampadas no rosto pálido.

Não havia fúria nem acusação, apenas confusão.

Enquanto isso, a violenta tempestade bombardeava o templo. Ele não tinha dúvida de que qualquer um que tivesse saído já estava morto. Não houve tempo o bastante para procurar abrigo antes de a ventania atacar. Seus corpos seriam encontrados em volta do templo, congelados e cravados de lascas de gelo.

Mas a morte deles era insignificante. Apenas Lucia importava.

Melenia estava certa sobre muitas coisas. Mas não sobre tudo.

Lucia poderia destruí-lo com um pensamento, mas não usou seus *elementia* contra ele para se defender. Naquele momento, era apenas uma garota traída pela pessoa que amava.

Ioannes se ajoelhou perto dela e a segurou pelos ombros, esforçando-se para falar apesar da dor que ameaçava reprimir a verdade.

— Esse ferimento não vai matá-la, mas o próximo vai. Você precisa se defender de mim enquanto ainda tem chance.

Seu olhar angustiado procurava o dele.

— Ioannes… pare com isso…

— A missão está gravada na minha própria pele, Lucia. Melenia me forçou a obedecer seus comandos e não posso parar, posso apenas adiar o inevitável. —

Cada palavra parecia uma facada em sua garganta. — Melenia quer você morta, aqui e agora.

— Por quê?

— Seu sangue tem a mesma magia do sangue de Eva, poderosa o bastante para prendê-la, poderosa o bastante para libertá-la. Ela não quer que a Tétrade seja devolvida ao Santuário. Ela a quer para si e planejou isso, esperou por isso, por milênios.

Os olhos dela ficavam mais arregalados a cada palavra que ouvia.

— Você mentiu para mim. — Ela respirava com dificuldade. — Como pôde? Confiei em você!

Foi preciso juntar toda a sua força para resistir à ordem remota de trespassar o coração de Lucia com sua lâmina e tirar de vez sua vida. O feitiço de obediência de Melenia queimava em seu corpo, mas ele resistia. Precisava haver outra opção…

Ioannes agarrou a lâmina. Suas mãos tremiam com violência.

— Você precisa me matar.

Ela sacudiu a cabeça.

— O quê? Não! Você… você disse que esse ferimento não vai me matar. Ainda estou viva, estou aqui. Por favor, qualquer que seja o feitiço que ela lançou sobre você… precisa resistir a ele!

— Estou tentando — ele disparou as palavras por entre os dentes. Mas era uma tarefa impossível.

Melenia venceria, como sempre soube que aconteceria.

Sua força o abandonara, sua pequena fagulha de controle desaparecia. Tudo dentro dele gritava para que acabasse com isso, matasse Lucia e terminasse tudo. Mas ele ainda lutava.

— Ela vai fazer qualquer coisa para libertá-lo — ele disse. — Acredita que o ama, e para ela isso justifica qualquer coisa.

— O quê? Quem…? Melenia? Não me importa quem ela ama. Eu amo *você*. De qualquer jeito. Eu amo você, Ioannes.

— Por que não faz o que digo e se defende de mim?

— Porque isso não é uma aula sobre *elementia* — ela sussurrou. — E você não é meu tutor. É o homem que amo e não vou desistir de você!

Lucia acreditava que ainda havia uma escolha, ainda tinha esperança de um futuro com ele.

Ioannes queria que ela estivesse certa.

Era tão bela, essa jovem que roubou seu coração. Tão bela e tão corajosa, mesmo depois de ter feito tanto para que o odiasse.

— Você ainda não entendeu. Ela já venceu. Agora resta apenas saber quem vai sobreviver até amanhã: você ou eu. E juro que será você.

Depois disso, ele segurou o cabo da adaga com mais força e, com cada gota de sua força e vontade restantes, fincou a lâmina no próprio coração.

— Não! — Lucia gritou. — Ioannes! Não!

A dor era intensa, mas diferente da que sentia por resistir ao feitiço de Melenia. Essa dor finalmente o libertaria do feitiço que o escravizara.

A espiral dourada em seu peito começou a brilhar mais forte sob o sangue que agora a cobria. Seu sangue se misturou ao de Lucia, e a tempestade finalmente começou a se acalmar.

Ela o puxou para perto de si, as lágrimas escorrendo pelo rosto.

— Eu amo você — Ioannes disse. — E sinto muito por não ter sido mais forte.

Ela balançou a cabeça, pressionando o ferimento dele. Suas mãos começaram a brilhar. Estava tentando curá-lo.

Isso quase o fez sorrir. Lucia já sabia que magia terrena não poderia curar um vigilante exilado — nem a magia dele, nem a dela. E, mesmo assim, estava tentando.

Um choro trêmulo escapou de sua garganta.

— Não pode me deixar. Preciso de você.

Por fim, depois de tanto tempo sob o controle de Melenia, sua mente estava livre da influência dela. Significava que tinha pouco tempo, mas usaria esse tempo para ajudar a garota que amava.

Ele a puxou para perto.

— Por favor, escute. Escute com muita atenção…

As lágrimas dela, quentes e salgadas, caíam sobre a pele dele quando começou a falar, mas o calor que elas tinham não conseguia aplacar o frio que rapidamente se espalhava por seu corpo. Durante toda sua longa vida, ele tentara imaginar como seria o momento da morte, se algum dia chegasse. Nunca pensara que seria tolo o bastante para deixar o Santuário, para arriscar sua imortalidade por uma garota.

Mas, por aquela garota, arriscaria tudo com prazer.

E antes que a morte finalmente o clamasse, beijou-a uma última vez e contou o que ela precisava saber sobre o que estava prestes a acontecer.

# 32

# MAGNUS

## LIMEROS

Como se a viagem a Limeros já não tivesse trazido problemas suficientes, o fato de os kraeshianos serem tão manipuladores quanto seu pai acreditava trouxe uma nova leva deles. No caminho até o templo, Magnus ficou imaginando como os mataria.

Devagar, ele pensou. Bem devagar.

— Já chegamos? — Amara perguntou ao irmão. Sua voz, em geral doce, beirava a impaciência.

— Não deve demorar muito — Ashur respondeu.

Magnus não deixou de notar que o condutor da carruagem escolhera uma rota cheia de desvios para chegar ao templo depois que Ashur informou o destino a ele. Estavam demorando quase o dobro do tempo normal para chegar lá.

O tempo ocioso durante a viagem foi suficiente para refletir sobre essa situação infeliz, mas não para descobrir como sair dela.

Ele queria ter percebido antes como Amara era uma ameaça, mas estava distraído com sua beleza e franqueza revigorante. Certamente não era o primeiro a cometer esse erro.

Cleo estava sentada de frente para ele na carruagem, com as mãos no colo, observando em silêncio a paisagem coberta de neve que passava pela janela. Por fora, estava muito serena, mas Magnus tinha certeza de que uma tempestade se formava dentro de sua cabeça. Ela nunca deixaria que matassem Nic, sabia disso. Ele nem a culpava por ter contado sobre o templo sob tanta pressão.

Bem, ele a culpava *um pouco*. Mas o que estava feito estava feito.

Finalmente chegaram ao templo. Magnus saiu da carruagem e hesitou, chocado. Uma tempestade de neve de uma magnitude nunca vista assolava o lugar. Grossas lascas de gelo se projetavam do solo. Corpos, alguns cortados perfeitamente ao meio pelas gigantescas lâminas de gelo, estavam espalhados por todos os cantos. Sangue, negro como nanquim, manchava o chão congelado.

Cleo olhava à sua volta horrorizada.

— O que aconteceu aqui?

Amara inspecionou a cena com as mãos na cintura.

— Um desastre elementar, ao que parece. Prefiro pensar nisso como um bom sinal de que estamos no lugar certo.

Magnus agachou perto de um corpo e tateou a garganta do homem, que tinha congelado até quase petrificar. Foi o suficiente para perceber que aquilo não era recente. Pelo menos uma hora se passara desde sua morte.

O céu estava escuro mas sem nuvens, com nada além da brilhante lua cheia iluminando a cena sanguinolenta à sua frente enquanto o resto de Limeros dormia.

— Vamos entrar? — Ashur perguntou, enérgico.

Magnus hesitou, e um guarda o empurrou para a frente. Suas mãos coçavam de vontade de ter uma arma, mas todas haviam sido tiradas dele na quinta de lady Sophia.

Ao entrar, viu que o gelo também penetrara as paredes do templo. O chão estava coberto por uma camada fria e cristalina, que começava a derreter em alguns lugares.

O guarda voltou a empurrá-lo enquanto andavam pelo corredor.

— Cuidado — Magnus rosnou —, ou farei questão de matá-lo primeiro.

O guarda riu.

— Veremos, moleque.

*Moleque?* Aquele subalterno kraeshiano nem se preocupou em usar seu título real. Era um insulto maior que todos os outros.

Magnus *com certeza* o mataria primeiro.

Mas ele esqueceu completamente o guarda insolente quando notou uma assustadora quantidade de sangue formando uma poça no chão de granito preto, perto do altar.

Não havia nenhum corpo ali. Apenas sangue, iluminado pelo fogo eterno que continuava a queimar no centro do edifício antigo.

A primeira coisa que veio à sua mente foi Lucia.

*Onde está você, minha irmã?*

— Então, aqui estamos — Magnus disse, esforçando-se para parecer calmo e totalmente no controle da situação. — Bem-vindos ao Templo de Valoria.

Amara olhou em volta, indiferente.

— Tenho certeza de que parecia melhor antes da tempestade.

— Não muito.

Cleo se protegia do frio com os braços cruzados, como se nem mesmo seu pesado manto fosse capaz de afastá-lo. Ela olhou fixamente para Magnus, que logo desviou o olhar.

— Magnus — Amara disse —, você devia ter mais orgulho de sua terra natal. Meu pai sempre disse que os limerianos são, em sua maioria, virtuosos e muito bem-educados. Ao menos o rei Gaius conseguiu controlar seu povo com sucesso por meio do medo e da intimidação.

— Medo e intimidação são táticas que funcionam muito bem com aqueles que se deixam assustar e intimidar.

Ashur ficou em silêncio, permitindo que sua irmã falasse. Ele parecia muito mais perturbado do que ela pelos cadáveres do lado de fora.

— Nada a dizer, príncipe Ashur? — Magnus perguntou.

Ashur esboçou um sorriso contido.

— Na verdade, não. Prefiro observar por enquanto.

— Esse é o meu irmão. — Amara olhou para ele com carinho. — Um observador. Um vigilante. Sempre brinquei, dizendo que a qualquer momento criaria asas e sairia voando para se juntar aos seus amigos no Santuário.

Que observação mais desagradável.

— De qualquer forma — Magnus começou a dizer —, é aqui que Lucia acha que o cristal da água está. Vamos começar a procurar. Pode levar a noite toda.

A noite toda era tempo mais do que suficiente para encontrar um meio de roubar uma arma e acabar com qualquer um que estivesse em seu caminho — começando pelo guarda insolente.

— Sim — Cleo prontamente concordou com seu estratagema. — É como um agradável jogo de esconde-esconde.

Ele quase riu alto quando ouviu aquilo. Sim, um jogo *muito* agradável.

— Tenho uma ideia melhor. — Amara sinalizou com a cabeça para o guarda, que agarrou Cleo e fez um corte na palma de sua mão com uma adaga afiada.

Ela deu um grito agudo, puxando a mão de volta.

Magnus conteve o ímpeto de se libertar e correr até ela. Estava acompanhado por dois guardas, um de cada lado, que não hesitariam em cortar sua garganta.

— Já conhecemos o ritual de sangue — disse Amara. — Então, por favor, não desperdice meu tempo.

Cleo arregalou os olhos.

— Como você descobriu…?

Magnus não precisou pensar muito. A resposta para essa pergunta estava lá atrás, na quinta de lady Sophia.

Graças à princesa, Nic sabia demais. E ele tinha dificuldade em manter a boca fechada. No entanto, para ser justo, Magnus mal podia imaginar a que nível de tortura ou ameaça os kraeshianos o haviam submetido para obter as respostas de que precisavam.

— Não me deixe esperando — Amara disse, batendo o pé. — Ou ordenarei ao guarda que está na quinta que me traga seu melhor amigo ruivo, pedaço por pedaço.

Cleo trocou mais um olhar com Magnus, breve e cheio de aflição, e então se ajoelhou e afastou algumas lascas de gelo para liberar uma pequena área. Respirou fundo, deixou seu sangue pingar no chão e começou a desenhar o símbolo da água: duas linhas onduladas paralelas.

Era o fim do plano de ganhar tempo para descobrir como sair daquela situação.

— Pronto. — Cleo terminou o desenho e se levantou, encarando os kraeshianos.

Amara olhou ao redor do templo, ansiosa, como se esperasse que o teto se abrisse para a magia entrar.

Mas nada aconteceu.

— Quanto tempo demora? — Amara perguntou com a voz carregada de impaciência.

— Não sei — Cleo respondeu, também impaciente. — Tem alguma outra coisa para fazer esta noite? Odiaria atrapalhar um compromisso.

O humor da princesa kraeshiana azedou.

— Chegou a gostar de mim algum dia, Cleo? Ou apenas fingiu ser minha amiga na esperança de ser salva do completo desastre que sua vida havia se tornado?

— Apesar de quaisquer promessas e propostas que tenha feito, nunca pude ignorar a sensação que me acometia sempre que estava por perto… como se

aranhas andassem sobre minha pele. Eu sabia que não podia confiar em você.

— Ou talvez apenas sentisse ciúmes por causa de minha… *conexão* com Magnus. Não gosta de como sou determinada para conseguir o que quero.

— Determinada? Não. Patética e carente? Está mais para isso.

— Basta, vocês duas — disse Ashur.

— Ainda não, meu irmão. Cleo devia me respeitar por ter exatamente o que falta nela: a força para conseguir o que quero, não importa o quanto custe. Se eu fosse ela, não me submeteria e aceitaria a derrota sem lutar. Seria consumida pela vingança, noite e dia, esperando por qualquer chance de mudar minha situação. Oferecemos essa chance a você, e você a ignorou.

— Então é verdade que houve propostas de aliança entre vocês três em uma tentativa de destruir meu pai — disse Magnus.

Ele não podia dizer que estava surpreso, mas as circunstâncias lhe colocavam numa posição ainda mais desagradável, como um estranho no ninho.

— Seu pai é insignificante no plano maior das coisas — disse Ashur. — Mal vale um breve pensamento.

— Acho que ele discordaria — disse Magnus. — Na verdade, tenho certeza disso.

— Onde está? — Amara resmungou. — Por que o cristal ainda não se revelou? Quanto mais devemos esperar?

Cleo se manteve impassível.

— Não tenho a menor ideia.

De repente, um brilho colorido no chão saltou aos olhos de Magnus. No granito negro, entre dois bancos, viu uma mancha vermelha.

Ele respirou fundo.

Era outro símbolo da água, desenhado com sangue. Devia ter sido Lucia, beneficiando-se da vantagem de ter saído antes.

Seria o sangue dela? Será que estava bem? Feliz com o garoto que pensava amar? Ou ele apenas a manipulara para conseguir o que queria?

Seria impossível saber ao certo até reencontrá-la.

A reação de Magnus a essa descoberta atraiu a atenção de Amara. Ela seguiu seu olhar até o símbolo e ficou furiosa imediatamente.

— Sua irmã, não é? Lucia pegou o cristal.

— Não foi Lucia — outra voz falou do lado oposto ao altar, e um vulto encapuzado surgiu das sombras. — Fui eu.

O jovem tirou o capuz e, por um breve momento, Magnus teve certeza de que seria Jonas Agallon.

Mas, em vez do rosto presunçoso do rebelde Jonas, viu uma mecha de cabelo ruivo desgrenhado.

Nic estendeu a mão para mostrar a pequena esfera de água-marinha — da mesma cor dos olhos de Cleo — que segurava.

Cleo olhou para ele totalmente chocada.

— Nic! Como… como isso é possível?

— Guardas, capturem-no — Amara rosnou. — Matem-no. Tomem o cristal.

— Não — o príncipe Ashur disse com firmeza antes que os guardas se movessem. — Não façam isso. E se algum de vocês seguir as ordens de minha irmã pelo resto da noite, vai se arrepender amargamente.

*Inesperado,* Magnus pensou. *Muito inesperado.*

Nic avançou, olhando de soslaio para Cleo, ainda em choque.

Magnus entendeu tão pouco da situação quanto Cleo. O garoto tinha sido amarrado e deixado sob a supervisão de um guarda. Um guarda instruído a matá-lo se causasse qualquer problema.

Magnus decidiu ali, naquele momento, que não subestimaria mais Nicolo Cassian.

# 33

# NIC

QUATRO DIAS ANTES

Nic lutava contra a espessa fumaça da inconsciência, esforçando-se para atravessar uma teia de sonhos e pesadelos e encontrar seu caminho de volta ao mundo desperto. Depois do que pareceu uma eternidade, por fim abriu os olhos.

O sono induzido pela poção não foi um cochilo normal. Foi mais pesado, profundo, e ele imaginou que a morte deveria ser assim.

Mas ainda estava vivo. Por enquanto, pelo menos.

E tinha uma dor de cabeça infernal.

Ele levantou e descobriu que dormia num catre num quartinho escuro. Foi até uma janela à direita e, ignorando o fato de sua cabeça estar rodando, suspirou com o cenário do lado de fora. Água negra — estendendo-se até onde a vista alcançava — sob o manto escuro da noite.

— Estamos a caminho de Limeros — uma voz baixa falou.

Ele se virou e encontrou Ashur de pé nas sombras. Sem pensar, Nic o atacou. Tentou acertar um soco no rosto perfeito do príncipe, mas Ashur segurou seu braço e o torceu, dobrando-o atrás das costas com força suficiente para fazê-lo ofegar de dor.

— Silêncio, seu tolo — Ashur sussurrou. — Ela vai ouvir.

— Vai quebrar meu braço.

— Não se ficar em silêncio.

— Está bem.

Ashur demorou mais um pouco para soltar Nic, que se virou e acertou um soco em seu queixo. A cabeça do príncipe virou violentamente para o lado, mas ele não tentou revidar. Apenas esfregou o queixo, com uma careta.

— Mereci isso.

Nic o encarou, o punho doendo e ainda cerrado.

— Vou matar você.

— Não vai, não. Não depois de ouvir o que tenho a dizer.

— Ouvir? — Nic gritou. — Por quê? Tem mais mentiras para contar?

Ashur tampou a boca de Nic com a mão e o empurrou contra a parede, demonstrando ferocidade e raiva.

— Se ela souber que está acordado e causando problemas, vai mandar alguém colocá-lo para dormir de novo. Para sempre, se possível. Só está vivo agora porque a convenci de que precisávamos de você.

Nic empurrou a mão dele para longe.

— Que útil. Muito obrigado. — Desta vez, no entanto, manteve a voz baixa, pouco mais do que um sussurro.

Ashur fez um gesto positivo com a cabeça.

— Assim está melhor.

— Faço tudo para agradar.

— Sei que me odeia.

— Você me enganou, drogou e depois me jogou em um navio contra a minha vontade. Acho que tenho todos os motivos para odiá-lo. Teria entregado você de bandeja para o rei Gaius se soubesse quem era de verdade.

— Minha irmã é ambiciosa, e não a subestimo nem por um instante. Nunca compartilhamos nenhum interesse até pouco tempo atrás. Sempre fui mais explorador que ela, e minhas explorações me levaram às lendas de Mítica. Acabei fascinado por elas, o bastante para vir até aqui investigá-las.

Nic fitou-o, aborrecido.

— Vai me contar toda a história da sua vida? Parece que tenho tempo para ouvi-la, não é? Trancado aqui neste navio…

Ashur olhou para ele, perturbado, e sentou numa cadeira. Era o único móvel do quarto além do desconfortável catre que Nic já conhecia bem.

— Precisa ouvir o que tenho a dizer, porque vai ajudá-lo a tomar uma decisão.

— Que decisão?

— Se quer ou não me ajudar.

Nic riu, soltando um som seco e sem humor, mesmo a seus ouvidos.

— Você me usou. Se divertiu com o hilário jogo "engane o Nic", que funcionou perfeitamente.

— Não foi um jogo para mim — Ashur suspirou. — Pelo menos nem tudo foi.

— Fale. Diga o que precisa dizer e depois me deixe em paz. Ou me mate. Um ou outro. — Ele não devia dar ideias para o príncipe. Talvez fosse melhor para ele apenas calar a boca e escutar.

— A magia roubada por Kraeshia em suas muitas conquistas não interessa a Amara. Mas não demorou muito para que ela se interessasse pela Tétrade. Fui um idiota por contar a ela sobre isso, ou sobre as lendas dos vigilantes. Mas contei tudo. Acho que eu estava só procurando alguém para conversar, já que nosso pai não tinha tempo para mim, e nossos irmãos pareciam sempre ocupados comandando a armada para conquistar a glória, ou presidindo o tribunal quando estavam em Kraeshia. Amara ouvia com cuidado e atenção, mas eu não sabia que ela levava tudo a sério até chegar aqui com um plano para encontrar a Tétrade, sem se importar com o que precisaria fazer.

— E aqui estamos — Nic disse com desgosto. — Vocês dois formam uma equipe fantástica.

— Não, não somos uma equipe. Não aprovo as táticas dela. Estou bastante enojado pela forma como deseja o poder.

Era difícil acreditar nisso, para dizer o mínimo.

— E para que *você* quer os cristais? Para decorar uma prateleira vazia?

— É mais uma questão de como acho que se deve lidar com eles. A Tétrade é perigosa, coletiva e individualmente. Meu objetivo é manter esses cristais longe dos que abusariam de seu poder.

— Se está dizendo…

Ashur teve a ousadia de rir, o que irritou muito Nic.

— O que está achando engraçado? — ele perguntou.

— Você.

— Ótimo. Era justamente disso que eu precisava agora: a confirmação de que ainda posso ser uma fonte de entretenimento, mesmo depois de ficar inconsciente por… quanto tempo foi?

— Quase dois dias.

— Dois dias. Isso explica minha sede. — Nic passou a mão no cabelo, sabendo que devia estar desgrenhado. — Já que é tão nobre assim…

Uma sombra se abateu sobre o rosto de Ashur.

— Nunca disse que era nobre. Fiz coisas imperdoáveis no passado, mas agora sou diferente. Estou tentando melhorar.

Ele queria continuar discutindo, mas o príncipe na verdade estava conseguindo convencê-lo. Odiava seu desejo de acreditar que Ashur estava tentando compensar as ações da irmã, mas isso não mudava nada.

Nic precisava ver Cleo de novo. Faria o que fosse preciso para sobreviver. Precisava garantir que ela estava bem.

— Por que não deixa a princesa Amara me matar? — perguntou.

— Você não pode morrer. — Ashur olhou para ele como se fosse uma sugestão maluca. — Não vou permitir. Eu disse como é importante para mim. Não estava mentindo, Nic.

Ele buscou mentira no rosto de Ashur, mas encontrou apenas sinceridade.

— Como posso voltar a acreditar em qualquer coisa que diz?

— Me dê uma chance, e provarei que sou digno do seu perdão. Tenho um plano para deter Amara, para mostrar a ela que o que está fazendo é errado. Vai funcionar. Ela confia em mim, ainda que eu não sinta o mesmo.

— *Confiança* parece ser um problema comum quando se trata de você.

Outro sorriso surgiu nos lábios de Ashur, mas desapareceu em um instante.

— Sei que fechei uma porta para nós quando estávamos começando a abri-la, e me arrependo disso acima de tudo.

Nic ficou em silêncio, com medo de falar. Falar o deixava vulnerável. Parecendo estúpido. Especialmente com o príncipe, por alguma razão.

— Vou trazer algo para você comer e beber. Está precisando. — O príncipe se levantou da cadeira e parou por um momento na porta. Olhou para trás. — Saiba que não pretendia beijá-lo naquela noite. Só queria conversar com você. Só isso.

Nic balançou a cabeça.

— Não sei o que dizer sobre isso.

— Alguma coisa em você chamou minha atenção; sua tristeza, sua vulnerabilidade, e tomei uma decisão insensata. Nos dias seguintes, tive certeza de que o deixara enojado.

Nic ficou confuso. Muito confuso.

Mas não sentiu nojo.

Ashur olhou nos olhos dele.

— Quando tudo isso acabar, pedirei seu perdão. Mas não agora. Sei que é muito cedo. Mas prometo não voltar a decepcioná-lo.

As palavras faltavam a Nic, até que finalmente encontrou algumas.

— E o que devo fazer nesse meio-tempo? Fingir que estou dormindo?

— Não. Amara não é boba. Vai saber que está acordado. Mas fique em silêncio e não chame atenção. Vou voltar para deixá-lo a par de meu plano. Ou, pelo menos, da parte que posso contar.

— Tudo bem.

Ashur fez uma pausa.

— Também quero fazer outra pergunta quando tudo isso acabar.

— Qual?

O sorriso de Ashur retornou.

— Vai ter que esperar para descobrir.

— É importante?

— Muito.

Ele saiu do quarto e fechou a porta.

Uma inesperada fagulha de esperança surgiu no peito de Nic.

— Então acho que vou esperar para ver.

# 34

# CLEO

LIMEROS

Nic estava com o cristal. Era real. Um componente da lendária Tétrade estava ali, ao alcance de Cleo, e era tão bonito quanto ela imaginava.

— O que significa isso, Ashur? — O tom de Amara estava calmo, mas sua expressão era tão fria quanto os fragmentos congelados espalhados pelo templo.

— Nunca me interessei pela violência, minha irmã — ele disse. — Exceto quando absolutamente necessário. É nesse ponto que é mais parecida com o nosso pai do que eu jamais seria. Se ele soubesse que existe um cristal, reduziria este reino a pó para encontrá-lo, e mataria qualquer um que atravessasse seu caminho. É parecida demais com ele, mesmo que ele se recuse a aceitar.

Estavam trabalhando juntos, Nic e Ashur. O pensamento era por si só um alívio para Cleo, bem quando achava que tudo estava perdido. Olhou de relance para Magnus e viu que ele estava concentrado no confronto, com os punhos cerrados.

Amara parecia prestes a espumar de raiva.

— Não matei ninguém que não tenha se oposto diretamente a nós ou nos ameaçado. Mas não entendo. Como Nic chegou aqui antes? Estava amarrado!

— Amarrado… e com a adaga que dei a ele no navio.

Ela bufou.

— E o guarda?

— Tomei a liberdade de colocar um pouco de poção sonífera no frasco que sempre carrega. E também pedi ao condutor que nos trouxesse pelo caminho mais longo para garantir que Nic chegaria primeiro.

— A confiança que tem em seu produtor de poções nunca deixa de me surpreender.

— Ele é habilidoso, minha irmã. Muito mais do que imagina.

Amara o encarou, incrédula e enojada.

— Tudo isso para quê, Ashur? Para que esse criadinho pegue o cristal para você, como o leal lacaio que o treinou para ser?

Leal lacaio? Cleo olhou para Nic assustada, e ele respondeu com um olhar de repulsa e um sinal negativo com a cabeça, tentando refutar a alegação de Amara.

Ashur deu um passo à frente, aproximando-se do calor do fogo, onde a neve e o gelo derretidos formavam uma poça.

— Aquele cristal não deve ficar comigo, nem com nenhum outro mortal, e, principalmente, não com nosso pai. Ele já tem poder mais do que suficiente.

— Mas eu o quero — ela disse.

— Não. Essa magia deve ficar aqui, trancada a sete chaves. É perigosa demais para ser levada a qualquer outro lugar.

Amara olhou para o irmão como se o visse com clareza pela primeira vez na vida.

— Você é insano, sabia? Não tinha ideia de que era assim. Considerava-o irresponsável e desregrado, mas achava que podia ser engenhoso e astuto quando a situação exigisse. Gostava disso, mas agora foi engenhoso e astuto comigo. Achei que fôssemos mais parecidos.

— Estava errada.

Cleo permaneceu totalmente imóvel. Era verdade? Ele de fato se opunha à irmã em sua sede de poder?

Só de pensar em Amara tendo acesso à Tétrade, mesmo que apenas um dos componentes, Cleo se sentia mal. A garota era imprevisível, e naquela noite tinha mostrado que também era implacável.

— Só para constar — Nic falou, segurando firme o cristal enquanto se aproximava de Ashur —, e para responder a uma acusação anterior, não sou lacaio de ninguém. Mas estou ajudando o príncipe Ashur, e ele, por sua vez, também nos ajudou, Cleo. Pensei que estivesse me usando ou traindo, mas está do nosso lado. Nada disso seria possível sem ele.

— Não é uma graça? — Amara disse, ríspida. — Meu irmão, você nutre sentimentos de verdade por ele, no fim das contas. Não fazia ideia disso. Me enganou mesmo. Tudo por um guarda auraniano inútil que não serve nem para limpar suas botas.

*Sentimentos de verdade?* Nic havia contado a Cleo sobre o confuso beijo do príncipe. Talvez aquela confusão tivesse aberto o caminho para algo… mais?

Nic desviou o olhar.

Ashur estreitou os olhos.

— Desista, Amara. Você perdeu. Acabou. Ponha um fim nessa loucura.

Ela balançou a cabeça e começou a rir.

— Claro. Está certo. Eu estava fora de controle. Precisava de alguém que me sacudisse desse jeito, para mostrar que o caminho que havia escolhido era errado. — Ela soltou um suspiro trêmulo e se aproximou, então pegou a manga da camisa dele e olhou para seu rosto. — Sinto muito.

Cleo assistia descrente enquanto Amara abraçava o irmão.

— Você continua tentando me enganar — Ashur murmurou. — Mas não é tão fácil assim, minha irmã.

— Está errado. É fácil demais.

O metal reluziu em seu punho quando Amara puxou uma adaga das dobras de seu manto. Antes que Cleo pudesse gritar, ou mesmo respirar, Amara a cravou no peito de Ashur.

— Você escolheu esse destino — ela disse enquanto girava a lâmina com força. — Adeus, meu irmão.

Ashur agarrou os braços da irmã, empurrando-a para longe. Tirou a adaga do peito grunhindo de dor, e então caiu pesadamente de joelhos.

— Não! — Nic gritou, correndo para o lado de Ashur.

Amara sinalizou para o guarda, que acertou um soco no rosto de Nic. Ele caiu e deixou escapar o cristal, que rolou para longe pelo chão.

Amara se abaixou e o pegou.

Nic, com sangue escorrendo do nariz, arrastou-se para pressionar o ferimento no peito de Ashur com as mãos.

Cleo e Magnus assistiam, aterrorizados.

Ashur agarrou o manto de Nic, manchando-o com seu sangue.

— Lembre-se do que eu disse a você. Era verdade.

— Não vou esquecer — Nic sussurrou, com a voz falhando. — Prometo que não.

Ashur tombou sobre ele, com os olhos vazios e sem vida.

Tremendo, Cleo observava Amara com cuidado para identificar qualquer reação ao fato de ter acabado de matar o próprio irmão. Seu rosto estava impassível; o maxilar, firme.

— O imperador não vai gostar disso — Magnus disse, falando baixinho.

Amara soltou um pesado suspiro.

— É verdade, não vai. Quando eu contar que seu filho mais novo foi assassinado pelo herdeiro do rei Gaius, vai querer vingança. — Ela olhou de relance para Cleo, que devolvia um olhar de choque e nojo. — Vingança como deve ser, rápida e impiedosa, sem deixar nada para trás além de ossos. Agora, se me derem licença, preciso retornar a Kraeshia, onde poderei chorar a morte de meu irmão ao lado de meu povo. Mas obrigada por me guiarem até isto.

Amara guardou a esfera de água-marinha dentro do manto e apontou para três de seus guardas.

— Fiquem aqui e matem todos. Queimem os corpos. Não deixem nada para trás que possa indicar que um dia estivemos aqui. E vocês — ela gesticulou para os demais —, venham comigo.

Ela passou tão perto de Magnus que, por um instante, Cleo pensou que ele poderia se mover e quebrar o pescoço dela, mas não o fez. Aquilo, Cleo pensou, era uma pena. Sua tendência a recorrer à violência para resolver os problemas seria perfeitamente aceitável naquela ocasião.

Ela se virou e viu Nic segurando o corpo sem vida de Ashur nos braços. Nic não se mexia, mal respirava, o rosto congelado na expressão de dor e perda.

O coração de Cleo doía por ele.

Nic sofria pela morte do príncipe, mas não teria que sofrer por muito tempo.

A princesa já havia ordenado a seus guardas para garantirem que os três tivessem o mesmo destino do príncipe Ashur.

# 35

# MAGNUS

LIMEROS

— Tudo bem — Magnus disse, tão calmo quanto possível, depois que Amara e dois de seus guardas deixaram o templo. — É hora de negociar. Pretendo sair daqui com vida, então a única questão é: quanto ouro isso vai me custar?

O guarda que o havia empurrado e chamado de moleque se aproximou, examinando-o como se fosse cocô grudado na sola de sua bota.

— Ouro?

— Sim. Pelo que conheço dos kraeshianos, gostam de um estilo de vida cheio de excessos, como os auranianos. Meu pai é rei. Tem muito ouro. Posso fazer uma boa quantia chegar às suas mãos.

— Por vocês três?

— Amara ordenou que nos matassem e queimassem os corpos. Há corpos do lado de fora que substituiriam os nossos de maneira satisfatória.

— Proposta interessante. Mas não vai acontecer.

Magnus ficou muito sério.

— Ela acabou de matar o próprio irmão e pretende colocar a culpa em mim. Acha mesmo que vai poupar a vida de qualquer um que tenha testemunhado?

— Ela precisa de nós.

— Amara não precisa de ninguém. Agora que conseguiu aquele cristal, já tem tudo o que veio buscar. Não podemos permitir que entre em um navio com ele. Não podemos permitir que saia de Limeros.

Magnus atraiu a atenção de todos os três guardas. Fora de seu campo de visão, Cleo se aproximou devagar de Nic e se ajoelhou para recolher a adaga descartada por Amara.

Ela não estava ajudando em nada. Cleo podia ter muitas habilidades secretas, mas Magnus podia apostar que a fina arte do manuseio de armas não era uma delas.

De repente, seus movimentos chamaram a atenção de um guarda, que a agarrou e tirou a adaga de sua mão com um golpe. Ele a atingiu com força no rosto, fazendo-a gritar e cambalear para trás. Ela caiu sobre o altar, batendo a cabeça em uma quina.

Magnus precisou de toda a sua força de vontade para não sair do lugar. Precisava esperar o momento certo.

Os outros dois guardas viraram para olhar para ela, rindo.

Magnus agiu. Agarrou o braço de um dos guardas, aproveitando o momento de surpresa para roubar sua espada e fincá-la no tronco do kraeshiano.

Funcionou melhor do que o esperado. Pelo menos até o punho de outro guarda acertar seu queixo, fazendo sua cabeça girar e seus dentes baterem. Ele soltou a espada, que caiu no chão com grande estardalhaço. Magnus se esquivou a tempo de escapar da lâmina. Durante a nova tentativa do guarda de matá-lo com a espada, Magnus segurou o metal entre as mãos. Cortou sua pele, mas conseguiu usar o cabo para acertar o estômago do guarda, arrancando assim a espada das mãos dele.

Sem hesitação, Magnus girou e perfurou a garganta do guarda.

Então alguma coisa atingiu a lateral de sua cabeça, e ele caiu no chão com o braço em um ângulo estranho. Quando desabou, escutou o som horrível de algo se partindo e uma dor insuportável no braço.

Ele estava prestes a levantar de novo, mas o guarda — o mesmo que o havia empurrado mais cedo — surgiu sobre seu corpo, pressionando a ponta da espada contra seu peito.

— Não levante — o guarda rosnou. — E largue a arma.

Magnus soltou a espada ensanguentada.

— Note que não o matei primeiro, como prometi que faria — ele disse.

— Não, não matou. E eu também não matei você, ainda.

— Está esperando um convite especial?

O guarda olhou para ele com desprezo depois de ver de relance seus dois colegas caídos.

— Acho que pode estar certo a respeito da princesa Amara. Ela não me deixará vivo depois do que vi aqui hoje.

Magnus ainda não estava morto, o que significava que havia chance de negociação.

— Fico feliz por estar certo sobre alguma coisa esta noite. De verdade.

— Onde estão os outros cristais?

Magnus rangeu os dentes.

— Quer os cristais, então?

— Não dou importância para ouro. Ouro pode ser roubado, gasto, perdido. Aqueles cristais… são um poder que pode ser útil para mim.

Tudo o que Magnus sabia sobre os cristais com absoluta certeza era que pertenciam apenas a uma pessoa: ele mesmo. No entanto, aquele guarda não precisava saber disso.

— Certamente posso levá-lo até o próximo local, já que pediu com tanta educação.

O guarda o golpeou com a espada.

— Onde?

— Eu digo, e você me mata. Não parece um bom negócio. — Sem contar que Magnus não tinha ideia de onde estavam os outros dois cristais.

O rosto do guarda revelou uma expressão de cobiça.

— Eu poderia matá-la, sabia? A princesa Amara. Poderia embarcar naquele navio, roubar o cristal, e jogar o corpo dela no mar.

— Recomendo com entusiasmo que tente fazer isso. Vá. Parta agora, enquanto ainda tem uma chance de alcançar o séquito dela.

— Primeiro preciso cuidar de vocês três. Não sabem de nada que possa me ajudar. Não têm utilidade para mim.

O braço que Magnus costumava usar para empunhar a espada estava muito machucado, provavelmente quebrado. Ele não tinha uma arma. Estava deitado com uma lâmina pressionada contra o coração.

Tinha lutado até que bem. Infelizmente, fora derrotado, e sua vida seria o preço a pagar por isso.

Naquele momento, mais tarde… que diferença faria no final?

Magnus mentira para Cleo. Assim que o rei descobrisse o que havia feito — matado Cronus para salvar a vida da garota —, sua confiança em Magnus seria quebrada para sempre. A cicatriz em seu rosto era uma lembrança constante do que acontecia quando desagradava o pai. Ele a ganhara como punição quando era apenas um garoto inocente, ainda que travesso. Como homem, era totalmente responsável por suas ações, e outra cicatriz era o mínimo que esperava receber.

Não se arrependia de seus atos, mas o que tinha feito não era apenas um ato desleal; era um ato de traição.

E ele sabia muito bem que a pena para traição era a morte.

— Vá em frente, então — gritou. — O que está esperando?

— Nada. — O guarda olhou para ele. — Imagine só que sorte a minha, ser o responsável por matar o herdeiro do Rei Sanguinário. Que honra.

Mas então um braço envolveu o guarda e uma lâmina já ensanguentada cortou sua garganta, criando um enorme jato vermelho que espirrou em seu uniforme verde.

O guarda soltou a espada, cambaleou para trás e pressionou a ferida aberta em sua garganta com a mão, desabando de lado como uma montanha pesada e convulsionante.

Cleo largou a adaga, que caiu no chão liso e gelado fazendo barulho.

— Isso — ela disse, com a voz rouca e trêmula — nos deixa quites. Certo?

Magnus olhou para ela, completamente atordoado.

— Certo.

Os dois se entreolharam por mais um instante, e depois ela correu para Nic, que assistia a tudo do outro lado do templo em estado de choque. Ele a puxou para perto de si, dando-lhe um abraço apertado.

Parecia que Magnus tinha escapado da morte no exato momento em que estava pronto para aceitá-la.

Que inesperado.

Ele levantou usando o braço que não estava ferido e olhou para a princesa.

— Precisamos encontrar Lucia. E recuperar aquele cristal que Amara levou.

Nic olhou para o corpo de Ashur uma última e dolorosa vez, e então ele e Cleo deixaram o templo. Magnus observou quando a princesa passou por ele, agora mais irritado do que antes.

— O que foi? — ela perguntou.

— Nada — ele resmungou em resposta. — Pare de perder tempo. Vamos.

Magnus percebeu uma coisa terrível. Uma coisa que sabia que não causaria nada além de dor e sofrimento daquele dia em diante.

Mas era impossível evitar.

Estava apaixonado por ela.

# 36

# LUCIA

## LIMEROS

Lucia gastou até a última moeda em uma carruagem para chegar ao palácio limeriano. Seu verdadeiro lar. No caminho, usou a magia da terra para curar o próprio ferimento. A dor causada por ele agora era apenas uma lembrança. Ela podia se curar, mas não conseguira salvar Ioannes.

*Eu tentei*, ela pensou. *Nunca me esforcei tanto por alguma coisa antes. Sinto muito por ter falhado.*

Quando chegou ao palácio estava quase amanhecendo.

As torres negras de granito se estendiam até o céu — preto sobre preto. Ela passou pelo palácio, ignorando a acolhida que poderia lhe oferecer, e andou pelas trilhas escuras que serpenteavam pelo jardim calmo e silencioso, tão diferente daquele vívido e cheio de luz do palácio auraniano.

Tão diferentes um do outro, mas incrivelmente belos, cada um a seu modo.

Sentiu vontade de ir até o penhasco com vista para o Mar Prateado, agora iluminado apenas pelo luar. Parou na beirada e olhou para a água negra e reluzente que batia contra a praia rochosa abaixo.

Segurava a adaga de Ioannes ao lado do corpo. Ainda estava coberta com seu sangue.

O corpo dele desaparecera de seus braços em um lampejo de luz instantes depois de sua morte. Se isso não tivesse acontecido, nunca teria deixado o templo; teria ficado ali ao seu lado por toda a eternidade. Mas não havia mais nada para ela naquele lugar.

Pouco antes de seu último suspiro, Ioannes tinha pedido que ela fosse para aquele lugar e esperasse.

E foi o que fez.

De repente, ouviu passos na neve atrás dela, anunciando que alguém se aproximava. Mas Lucia não se virou. Concentrou-se na água, no horizonte distante, enquanto a lua se escondia cada vez mais.

— Mas que noite — disse uma voz feminina, calma e melodiosa.

— É mesmo.

— Sabe quem sou, não?

Esperando ver um monstro rastejante atrás dela, Lucia se virou e encarou a mulher que havia destruído tudo. Em vez disso, encontrou a mesma beleza dourada daquela visão assustadora do passado.

Os olhos de Melenia pareciam safiras com espirais de ouro derretido. Eram hipnóticos. Ela usava um vestido de platina e cristal. A pele brilhava, e o cabelo era uma cascata de ouro, emoldurada pela escuridão absoluta atrás dela.

Sua beleza era tão intensa — tão irreal — que era aterrorizante.

— Tenho certeza de que está com muita raiva de mim — disse Melenia, desviando o olhar na direção da adaga na mão de Lucia. — Mas qualquer tentativa de se vingar será em vão. Sou imortal, até mesmo aqui, agora que a parede entre nossos mundos finalmente enfraqueceu. Essa arma não funcionará comigo.

Uma névoa pairava ao redor de Lucia, uma névoa de dor e pesar. Mal conseguia enxergar através dela, mas tinha que tentar.

— Ela não é para você.

— Que bom ouvir isso. Mesmo assim, entendo como se sente. Estou certa de que Ioannes falou muito a meu respeito, mas não deve acreditar em nada.

— Você queria que ele me matasse.

— Queria que fizesse você sangrar. Seu sangue é poderoso, tão poderoso que quebrou a maldição que me manteve naquela prisão por tanto tempo. Agora deixei o Santuário pela primeira vez em mil anos, graças a você.

Lucia segurou o cabo da adaga com mais força.

— Que bom para você.

Melenia sorriu.

— Sei como é amar alguém, sentir tanto sua falta que parece que seu coração vai se partir.

— Já sentiu isso?

— Sim. Por séculos. Mas logo estarei com meu amado de novo.

— Foi por isso que fez tudo aquilo; por ele. Por isso Ioannes está morto. Por isso centenas morreram para lavar seu caminho com sangue. Tudo para você reencontrar seu amor perdido. Com o cristal do fogo.

Um brilho de surpresa acendeu os belos olhos da imortal.

— Ioannes foi mais transparente do que eu esperava, afinal.

A voz moribunda do rapaz que amava ecoava nos ouvidos de Lucia.

*Os cristais não são a verdadeira magia da Tétrade, princesa. A magia está presa dentro deles. Um espírito elementar está aprisionado dentro de cada esfera. Esse é o nosso segredo. Era isso que guardávamos. Era isso que protegíamos do mundo… e do que protegíamos o mundo.*

O olhar de Melenia se tornou mais sério, mas o sorriso permanecia.

— Fazemos o que for preciso pelo verdadeiro amor.

*O deus do fogo, o mais poderoso dos quatro da Tétrade, preso em uma esfera âmbar,* Ioannes havia sussurrado a ela. *Para libertá-lo, Melenia destruiria o mundo.*

Lucia sentiu um arrepio.

— Não, você está errada. O verdadeiro amor não é egoísta.

— Sua opinião foi registrada. Agora, há apenas uma coisa atravessando meu caminho para reencontrar meu amado depois de tanto tempo.

— Eu — disse Lucia.

— Infelizmente, sim. Sabia que Ioannes não conseguiria matá-la. Vi nos olhos dele; não importava o quanto usasse minha magia. Vi que o amor dele por você era verdadeiro. Garota de sorte. A maioria das pessoas nunca vive um amor tão profundo. Imagine só: aquele rapaz escolheu tirar a própria vida para não dar fim à sua.

A tristeza cegou Lucia por um instante até reunir forças para afastá-la.

— Como vai acabar comigo? — Lucia perguntou, a voz de novo desanimada.

— Assim como matei Eva. Roubei sua magia e também sua imortalidade… se bem que você já é mortal. Deve ser uma tarefa muito mais fácil, mas igualmente gratificante. Agora — ela disse, mantendo o sorriso cheio de ódio firme no rosto —, vamos acabar logo com isso.

Algo chamou a atenção de Melenia, e ela olhou no mesmo instante para o chão, à esquerda de Lucia.

— Esse sangue é seu? — ela disse.

— Sim — Lucia respondeu.

Melenia então olhou para o chão coberto de neve e viu o símbolo que Lucia havia desenhado com o próprio sangue. Um triângulo — o símbolo do fogo.

O sorriso de Melenia desapareceu, e seus olhos se arregalaram.

— O que você fez?

— Ioannes disse que eu podia desenhar esse símbolo em qualquer lugar para invocá-lo, agora que foi despertado. Cabe a ele decidir se deseja obedecer.

Os olhos de Melenia exploraram os arredores freneticamente, até notar um vulto se aproximando do penhasco.

— É você — conseguiu dizer, com a voz falhando. — É você mesmo.

O vulto era alto e usava um manto. Lucia não conseguia ver seu rosto, mas sabia quem era. A menor das emoções encontrou um caminho até seu coração, atravessando a tristeza entorpecedora que sentia.

Medo.

O vulto retirou o capuz e revelou cabelos loiro-escuros e olhos cor de âmbar. Era tão bonito quanto Ioannes — de uma forma sobrenatural. Todos os vigilantes eram belos e eternamente jovens, Ioannes dissera a ela.

Mas aquele jovem não era um vigilante.

Melenia pareceu confusa ao perceber que ele não ia correr em sua direção para tomá-la nos braços.

— Melenia — ele disse, aproximando-se e percorrendo-a rapidamente com os olhos. — Você conseguiu. Meus parabéns.

Por fim, seu sorriso voltou, e ela se aproximou dele, mas deixou a mão desabar ao lado do corpo antes de tocá-lo.

— Por milhares de anos esperei, meu amor. Fiz tudo o que pude para tornar esta noite possível.

— E sou grato por isso. Muito grato. — Ele estendeu a mão. Melenia encurtou a distância entre eles, e seus lábios tocaram os dele. Ela logo deu um passo para trás com uma expressão confusa.

— Você não retribuiu meu beijo.

— Não, não retribuí.

Ela pareceu se recompor, colocando sua perfeição resplandecente de volta no lugar, como se a rejeição de alguém que tinha esperado milhares de anos para beijar não a tivesse incomodado nem um pouco.

Lucia assistia, fascinada. Uma mulher antiga, poderosa e bela — o mais próximo de uma deusa que já havia visto — rejeitada por seu amado era uma visão no mínimo estranha.

Melenia acreditava mesmo que tudo aconteceria exatamente como queria?

O rapaz voltou o olhar para Lucia. Ela suspirou diante da intensidade de seus olhos cor de âmbar.

— Também preciso agradecer a você.

— Não agradeça.

— Mas devo agradecer. Estou livre por sua causa. O poder de uma feiticeira, no corpo de uma garota mortal… que extraordinário. — Ele passou os olhos por ela. — Você e eu, temos isso em comum.

— Não temos, não.

— Temos, sim. Ambos queremos aceitar quem somos; ambos queremos parar de ser usados e descartados ao bel-prazer dos outros. Ambos queremos desesperadamente ter controle sobre nosso destino, e nos vingar de nossos inimigos.

Lucia não respondeu. Estava tão surpresa que concordou com tudo o que ele disse.

— Infelizmente — ele continuou —, ainda há obstáculos no meu caminho para a liberdade absoluta, e limites para o poder que tenho no momento.

— Cuidei da maioria desses obstáculos — disse Melenia. — Dos anciãos, apenas Timotheus ainda vive.

— E você, é claro. Assim, há dois anciãos com o poder de me aprisionar mais uma vez. Dois a mais do que eu gostaria.

O rosto de Melenia foi tomado pela confusão e, depois, por um lampejo de dor, como se tivesse ficado profundamente magoada com o que ele havia dito.

As coisas de fato não estavam acontecendo como Melenia tinha planejado. Se fosse outra noite, e fosse outra a vida perdida, Lucia talvez tivesse se deleitado com aquilo.

— Eu amo você — disse Melenia, irritada. Como se essas palavras tivessem importância para alguém como ele. — Matei por você. E fiz tudo para que fosse libertado e pudéssemos ficar juntos de novo.

— E agradeço por isso — o jovem disse. Parecia não ter mais de vinte anos, mas Lucia sabia que não era possível calcular sua idade.

Ele era eterno.

— Quando ela se for, vamos conversar. Vamos conversar sobre tudo isso — Melenia virou-se para encarar Lucia, com uma expressão horrível no rosto, e o punho em chamas.

Então usaria magia do fogo para matá-la.

Parecia apropriado.

Lucia olhou para sua própria mão e a estendeu. Invocou o fogo de Melenia para si.

Melenia perdeu o fôlego quando Lucia roubou sua magia.

— O quê?

Ioannes tinha enfatizado essa lição e, na época, ela não entendera bem o motivo. Praticamente desde sua chegada, Lucia não compreendia por que ele era tão rígido, treinando-a até deixá-la exausta e frustrada.

Agora sabia que era para torná-la capaz de fazer isso.

Melenia estendeu a mão para formar uma lança de gelo, mas Lucia viu e a derreteu com um único pensamento.

— Pare com isso — Melenia gritou.

Então Lucia deu um passo à frente, agarrou o pescoço dela e olhou dentro de seus olhos cor de safira.

*Ouça com bastante atenção*, Ioannes dissera, em seus braços, momentos antes de desaparecer para sempre. *Melenia virá atrás de você. Tentará matá-la, pois é a única com magia suficiente para derrotá-la. Ela rouba a magia de outros vigilantes para ficar mais poderosa. Você pode fazer o mesmo. Quando a magia dela tiver sido drenada, será temporariamente mortal.*

Melenia mais uma vez invocou sua magia, e Lucia tornou a roubá-la com um pensamento. O medo revelou-se no olhar da anciã quando Lucia concentrou toda a sua força e, usando o que Ioannes tinha ensinado, drenou tanta magia — terra, ar, água e fogo — quanto pôde daquela criatura bela, porém maligna.

As mãos de Lucia brilhavam com uma energia dourada. Ela não se incomodava mais com o vento gelado e as ferroadas da neve que caía. Um calor percorria suas veias, e todo o seu corpo cantava com os *elementia* de Melenia.

Quando tomou o máximo possível, Melenia começou a tremer.

— Poupe-me — ela sussurrou, olhando fixamente para o jovem que não moveu um dedo para salvá-la. — Meu amor, por favor, poupe-me…

— Mate-a — ele disse, sinalizando para Lucia com a cabeça.

Lucia fincou a adaga no coração da vigilante, retirando a lâmina em seguida.

Tinha mentido. A adaga era para ela, no fim das contas.

Melenia olhou para o ferimento que jorrava sangue como se estivesse hipnotizada de tão incrédula. Então estendeu a mão trêmula na direção do rapaz.

Ele se afastou.

— Mas eu amo você — ela sussurrou.

— E eu odeio você.

Ela o encarou, aterrorizada.

— Por que me odeia, se fiz tudo por você?

— Ajudou a me manter escravizado, Melenia. Não sou escravo de ninguém. Nunca fui. E nunca voltarei a ser.

Enquanto ele lançava um olhar assustador e furioso, Melenia deu um passo cambaleante para trás, tropeçou e caiu do penhasco. Apenas segundos antes de atingir a água, seu corpo desapareceu em um brilhante clarão, iluminando a impiedosa paisagem ao redor deles por um longo e fulgurante momento.

Lucia soltou a adaga, com o olhar fixo na água negra ao pé do penhasco.

Parecia importante testemunhar a morte de uma vigilante antiga e poderosa. Não era a primeira vez que matava uma pessoa — a primeira tinha sido a maldosa Sabina. Havia sido tomada pela culpa que sentia devido àquele momento de fúria incontrolável.

Naquela noite, suas emoções estavam muito mais contidas. Melenia merecia a morte, e Lucia se permitiu sentir apenas uma ponta de satisfação por ter sido sua executora.

Pouco depois, olhou para o deus do fogo que havia invocado com seu próprio sangue.

— Vai me matar? — perguntou, surpresa que tal pensamento não a deixasse mais morrendo de medo.

— Não — ele respondeu apenas. — Preciso de sua ajuda.

— Minha ajuda? — A ideia era ridícula. — Por que alguém como você precisaria da *minha* ajuda?

— Porque você pode me ajudar. — Ele apontou com a cabeça para a água lá embaixo. — Tem o poder de destruir aqueles que querem me controlar. E nunca mais quero ser controlado nem preso de novo.

Ela ficou em silêncio, com o coração disparado.

— Minhas irmãs e meu irmão também estão nestas terras, perdidos, no momento. Não são fortes como eu. Não conseguem assumir uma forma mortal com tanta facilidade. Estão à mercê de quem os encontrar. Precisamos localizá-los e mantê-los a salvo.

Esse talvez fosse seu destino. Estar ali, ao amanhecer, com o sangue de dois vigilantes em suas mãos. Melenia e Ioannes. Odiava uma. Amava o outro.

Não havia mais ninguém no mundo em quem confiasse, ninguém que não quisesse usá-la por causa de sua magia e descartá-la assim que tivesse terminado.

Sem Ioannes, não havia ninguém para guiá-la ou ensiná-la.

A magia queimava dentro dela, o anel brilhava em seu dedo, mas, apesar de toda dor e todo sofrimento daquela noite, nunca se sentira tão poderosa em sua vida inteira.

— Você vai me ajudar? — o rapaz perguntou mais uma vez quando o silêncio se abateu sobre eles.

Ele era perigoso, Lucia podia sentir no fundo da alma. A liberdade daquele deus elementar seria forjada de dor, morte e fogo.

— Sim — ela disse.

Essa única palavra selou seu destino.

E ali, nos íngremes penhascos de Limeros, estava pronta para ver o mundo queimar.

# AGRADECIMENTOS

Minha profunda gratidão a Elizabeth Tingue, minha maravilhosa editora, e Ben Schrank, meu fantástico publisher. À incrível equipe da Penguin Teen: Laura Arnold, Erin Berger, Elizabeth Zajac, Jessica Shoffel, Anna Jarzab e Casey McIntyre, para citar apenas alguns nomes. Todo autor devia ser sortudo o bastante para ter a oportunidade de trabalhar com vocês. Um agradecimento artístico a Emily Osborne e Shane Rebenschied, que se superaram mais uma vez com a impressionante capa. Queria ficar olhando para ela o dia todo! Milhões de agradecimentos à equipe da Penguin Canada. E obrigada, como sempre, ao meu agente incrível, Jim McCarthy.

Agradeço a minha extraordinária família e a meus amigos, que sempre me apoiam ao vivo ou on-line.

E obrigada, obrigada, aos fabulosos leitores que acolheram a série A Queda dos Reinos. Espero sinceramente que tenham se divertido com o terceiro volume desta história épica!



SHANON FUJIOKA

MORGAN RHODES vive em Ontário, no Canadá. Quando criança, queria ser princesa. Mas não qualquer princesa; queria ser uma daquelas que sabem usar espadas e que salvam seus reinos de dragões furiosos e bruxos maus. No final, ela se tornou escritora — o que é tão bom quanto ser princesa, e bem menos perigoso. Além de escrever, Morgan gosta de fotografar, viajar, assistir a reality shows, e é leitora voraz de todos os tipos de livro.

Você pode segui-la no Twitter:
@morganrhodesya.

Copyright © by 2014 Penguin Group USA
Todos os direitos reservados, inclusive o de reprodução total ou parcial em qualquer meio.
Edição publicada mediante acordo com Razorbill, uma divisão do Penguin Young Readers Group, membro do Penguin Group (USA) LLC, uma empresa da Penguin Random House.
O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL Gathering Darkness
CAPA Emily Osborne
ARTE DE CAPA Shane Rebenschied
PREPARAÇÃO Alyne Azuma
REVISÃO Larissa Lino Barbosa e Renato Potenza Rodrigues
ISBN 978-85-438-0215-2

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone (11) 3707-3500
Fax (11) 3707-3501
www.seguinte.com.br
www.facebook.com/editoraseguinte
contato@seguinte.com.br